

# O CRISTIANISMO ESOTÉRICO

ou

## OS MISTÉRIOS MENORES

**ANNIE BESANT**

3ª Impressão

The Theosophical Publishing House Adyar, Chennai (Madras), Índia

Reimpresso em 1914

\*\*\*

	<u><a href="#">Prefácio</a></u>
<b>CAPÍTULO I</b>	<u><a href="#">O Lado Oculto das Religiões</a></u>
<b>CAPÍTULO II</b>	<u><a href="#">O Lado Oculto do Cristianismo</a></u>
<b>CAPÍTULO III</b>	<u><a href="#">O Lado Oculto do Cristianismo – Conclusão</a></u>
<b>CAPÍTULO IV</b>	<u><a href="#">O Cristo Histórico</a></u>
<b>CAPÍTULO V</b>	<u><a href="#">O Cristo Mítico</a></u>
<b>CAPÍTULO VI</b>	<u><a href="#">O Cristo Místico</a></u>
<b>CAPÍTULO VII</b>	<u><a href="#">A Expição dos Pecados</a></u>
<b>CAPÍTULO VIII</b>	<u><a href="#">Ressurreição e Ascensão</a></u>
<b>CAPÍTULO IX</b>	<u><a href="#">A Trindade</a></u>
<b>CAPÍTULO X</b>	<u><a href="#">A Oração</a></u>
<b>CAPÍTULO XI</b>	<u><a href="#">O Perdão dos Pecados</a></u>
<b>CAPÍTULO XII</b>	<u><a href="#">Os Sacramentos</a></u>
<b>CAPÍTULO XIII</b>	<u><a href="#">Os Sacramentos - Continuação</a></u>
<b>CAPÍTULO XIV</b>	<u><a href="#">Revelação</a></u>

“Ao procedermos à contemplação dos mistérios do conhecimento, havemos de aderir à celebrada e venerável regra da tradição, começando pela origem do universo, apresentando aqueles pontos da contemplação física que é necessário termos como base, e removendo quaisquer obstáculos que possam haver no caminho; de modo que o ouvido possa ser preparado para a recepção da tradição da Gnose, sendo limpo de ervas daninhas o solo e preparado para o plantio do vinhedo; pois há um conflito antes do conflito, e mistérios antes dos mistérios”. *São Clemente de Alexandria*

“Que a amostra baste para os que tem ouvidos. Pois não se requer desvelar o mistério, mas apenas indicar o que é suficiente”. *São Clemente de Alexandria*

“Quem tiver ouvidos, que ouça”. *São Mateus*

## PREFÁCIO

O objetivo deste livro é sugerir certas linhas de pensamento sobre as profundas verdades subjacentes ao Cristianismo, verdades geralmente consideradas de modo superficial, e mui freqüentemente negadas. O generoso desejo de dividir com todos o que é precioso, de disseminar amplamente verdades inestimáveis, de não excluir ninguém da iluminação do conhecimento, resultou em um zelo indiscriminado que vulgarizou o Cristianismo, e tem apresentado seus ensinamentos sob uma forma que freqüentemente repele o coração e aliena o intelecto. O mandamento de “pregar o Evangelho a todas as criaturas” (*Marcos*, XVI, 15) – embora reconhecidamente de autenticidade duvidosa – tem sido interpretado como proibindo o ensino da Gnose só a poucos, e aparentemente ignorou o dito menos popular do mesmo Grande Instrutor: “Não deis o que é santo aos cães, nem lanceis vossas pérolas aos porcos” (*Mateus*, VII, 6).

Este sentimentalismo espúrio – que se recusa a reconhecer as desigualdades óbvias de inteligência e moralidade, e por isso rebaixa o ensino do altamente evoluído para o nível alcançável pelo menos evoluído, sacrificando o mais elevado ao menos elevado de um modo que prejudica a ambos – não tinha lugar no viril bom senso dos Cristãos primitivos. São Clemente de Alexandria diz incisivamente, após aludir aos Mistérios: “Mesmo agora eu receio, como é dito, ‘lançar as pérolas aos porcos, para que não as pisoteiem, e se voltem contra nós e nos despedacem’. Pois é difícil exhibir as palavras realmente puras e transparentes a respeito da verdadeira Luz aos ouvintes suínos e despreparados” (Clemente de Alexandria, *Stromata*, livro I, XII – *Clarke’s Ante-Nicene Christian Library*).

Se o verdadeiro conhecimento, a Gnose, há de formar parte novamente dos ensinamentos Cristãos, só poderá sê-lo com as antigas restrições, e a idéia de o rebaixarmos às capacidades dos menos evoluídos deve definitivamente ser abandonada.. Somente pelo ensino acima do nível de compreensão do pouco evoluído pode ser aberto o caminho para uma restauração do conhecimento arcano, e o estudo dos Mistérios Menores deve preceder o dos Maiores. Os Maiores jamais serão publicados através de livros; eles só podem ser transmitidos de Mestre a discípulo, “da boca para o ouvido”. Mas os Mistérios Menores, que são o desvelar parcial de verdades profundas, podem ser restaurados agora mesmo, e um volume como este tenciona delineá-los, e apresentar a *natureza* dos ensinamentos que devem ser dominados. “Onde só são dadas sugestões, a tranqüila meditação sobre as verdades sugeridas com discrição faz que seus contornos se tornem visíveis, e a luz mais clara obtida com a meditação continuada aos poucos as apresentará mais

completamente. Pois a meditação aquieta a mente inferior, sempre engajada no pensamento sobre objetos externos, e só quando a mente inferior fica tranqüila ela pode então ser iluminada pelo Espírito. O conhecimento das verdades espirituais deve ser obtido assim, a partir de dentro, e não de fora, do Espírito divino cujo templo nós somos” (*I Coríntios*, III, 16), e não de um Instrutor externo. Estas coisas são “discernidas espiritualmente” por aquele divino Espírito interior, aquela “mente de Cristo” da qual fala o Apóstolo (*ibid.*, II, 14-16), e esta luz interna é lançada sobre a mente inferior.

Este é o caminho da Sabedoria Divina, da verdadeira TEOSOFIA. Ela não é, como alguns pensam, uma versão diluída do Hinduísmo, ou do Budismo, ou do Taoísmo, ou de qualquer religião particular. Ela é tão verdadeiramente Cristianismo Esotérico como é Budismo Esotérico, e pertence igualmente a todas as religiões, e a nenhuma com exclusividade. Esta é a fonte das sugestões feitas neste pequeno volume, para o auxílio daqueles que buscam a Luz – aquela “verdadeira Luz que ilumina todos os homens que vêm ao mundo” (*João*, I, 9), embora a maioria ainda não tenha aberto seus olhos para ela. Ela não traz a Luz. Apenas diz: “Vêde a Luz!”. Assim ouvimos. Ela apela somente aos poucos que anseiam por mais do que os ensinamentos exotéricos lhes dão. Pois ela não é dirigida para aqueles que estão satisfeitos com os ensinamentos exotéricos, pois por que o pão deveria ser forçado aos que não têm fome? Para aqueles que têm fome, possa ela provar-se pão, e não pedra.

## CAPÍTULO I

### O Lado Oculto das Religiões

Muitos, talvez a maioria, que virem o título deste livro, de imediato objetarão, e negarão que haja qualquer coisa valiosa que possa ser descrita corretamente como “Cristianismo Esotérico”. Existe uma idéia amplamente disseminada, e além disso muito popular, de que não existe essa coisa de um ensino oculto em conexão com o Cristianismo, e que “Os Mistérios”, sejam Menores ou Maiores, foram uma instituição puramente Pagã. O próprio nome dos “Mistérios de Jesus”, tão familiar aos ouvidos dos Cristãos dos primeiros séculos, soaria com um choque de surpresa nos de seus sucessores modernos, e, se mencionado como denotando uma instituição especial e definida na Igreja Primitiva, provocaria um sorriso de incredulidade. Na verdade tem se tornado um motivo de gracejos que o Cristianismo não possua segredos, que o que quer que tenha a dizer o diz para todos, e o que quer que tenha a ensinar, ensina para todos. Suas verdades são supostas ser tão simples que “um caminhante, embora tolo, não possa enganar-se com elas”, e o “Evangelho simples” se tornou uma frase feita.

É necessário, portanto, provar claramente que pelo menos na Igreja Primitiva o Cristianismo não ficava nem uma vírgula atrás das outras grandes religiões no fato de possuir um lado oculto, e que ele guardava, como tesouro inestimável, os segredos revelados em seus Mistérios somente a uns poucos escolhidos. Mas antes de fazermos isto será bom considerarmos toda a questão do lado oculto das religiões, e averiguarmos por que um tal lado deve existir se uma religião há de ser forte e estável; pois assim sua existência no Cristianismo parecerá uma conclusão natural, e as referências a ele nos escritos dos Padres Cristãos parecerão simples e naturais em vez de surpreendentes e ininteligíveis. Como um fato histórico, a existência deste esoterismo é demonstrável; mas pode ser demonstrado também que intelectualmente é uma necessidade.

A primeira questão que devemos responder é: Qual é o objetivo das religiões? Elas são dadas ao mundo por homens mais sábios do que as massas do povo ao qual são outorgadas, e têm o propósito de estimular a

evolução humana. A fim de fazer isto efetivamente elas devem atingir os indivíduos e influenciá-los. Mas os homens não estão todos no mesmo nível de evolução, a evolução poderia ser figurada como uma escala progressiva, com homens em todos os estágios. Os mais altamente evoluídos estão muito acima dos menos evoluídos, tanto em inteligência como em caráter; as suas capacidades de entender e de agir também variam em cada estágio. Portanto, é inútil dar a todos o mesmo ensino religioso; aquilo que ajudaria o homem intelectualizado seria inteiramente ininteligível para o estúpido, enquanto que aquilo que lançaria o santo em êxtase deixaria o criminoso inabalado. Se, por outro lado, o ensinamento adequado para auxiliar o não inteligente é intoleravelmente cru e tosco para o filósofo, enquanto que aquilo que redime o criminoso é completamente inútil para o santo. Mesmo assim todos os tipos (de pessoas) precisam de religião, de modo que cada um possa se alçar a uma vida mais elevada do que aquela que está levando, e nenhum tipo ou nível deve ser sacrificado a nenhum outro. A religião deve ser tão graduada como a evolução, senão falhará em seu objetivo.

A seguir vem a questão: De que modo as religiões procuram estimular a evolução humana? As religiões buscam desenvolver as naturezas moral e intelectual, e auxiliar a natureza espiritual a desabrochar. Considerando o homem como um ser complexo, elas procuram tocá-lo em todos os pontos de sua constituição, e portanto trazer mensagens adequadas para cada um, ensinamentos adequados às mais diversas necessidades humanas. Os ensinamentos devem portanto ser adaptados a cada mente e coração a que são endereçados. Se uma religião não alcança e adentra a inteligência, se ela não purifica e inspira as emoções, terá falhado em seu objetivo, até onde isso envolver a pessoa buscada.

Ela assim não apenas se dirige à inteligência e às emoções, mas procura, como foi dito, estimular o desabrochar da natureza espiritual. Ela responde àquele impulso interno que existe na humanidade, e que está sempre impulsionando a raça para diante. Pois fundo no coração de todos – amiúde suplantada por situações transitórias, amiúde submersa debaixo de interesses e ansiedades prementes – existe uma contínua busca por Deus. “Assim como o cervo busca pelas fontes d’água, assim busca” (*Salmos*, XIII, 1) a humanidade por Deus. A busca às vezes é interrompida durante algum tempo, e o anelo parece desaparecer. Fases são recorrentes na civilização e no pensamento, daí que este grito do Espírito humano pelo Divino – buscando sua fonte assim como a água busca seu nível, para tomar um exemplo de Giordano Bruno – este anelo do Espírito humano por aquilo que lhe é semelhante no universo, da parte pelo todo, parece aquietar-se, parece ter-se desvanecido; não obstante o anelo reaparece e o Espírito lança o mesmo grito. Sufocado por algum tempo, aparentemente destruído, mesmo que a tendência do momento possa ser esta, ele se ergue de novo e novamente com persistência imorredoura, repete-se sempre e sempre, não importa quantas vezes tenha silenciado; e assim prova-se constituir uma tendência inerente à natureza humana, e portanto uma parte constituinte inerradicável. Aqueles que declaram triunfantes “Ora!, está morto!” o encontram face a face de novo, e com a mesma vitalidade. Aqueles que edificam sem dar-lhe espaço vêem seus edifícios tão bem construídos derrocar como se abalados por um terremoto. Aqueles que o sufocam encontram as mais brutas superstições seguirem-se à negação. É tanto uma parte integral da humanidade, que o homem *terá* alguma resposta aos seus questionamentos; antes uma resposta falsa do que nenhuma. Se ele não puder encontrar a verdade religiosa, ele abraçará o erro religioso antes do que ficar sem religião alguma, e aceitará os ideais mais toscos e incongruentes do que admitir a inexistência do ideal.

A religião, assim, satisfaz esta ânsia, e tomando conta do constituinte humano que lhe dá surgimento, o treina, fortalece, purifica e guia em direção ao seu fim próprio – a união do Espírito humano com o divino, de modo “que Deus possa ser tudo em todos” (*I Coríntios*, XV, 28).

A próxima pergunta com que nos deparamos neste estudo é: Qual a origem das religiões? A isto foram dadas duas respostas nos tempos modernos – a da Mitologia Comparada e a da Religião Comparada. Ambas respaldam suas respostas em uma única base comum de fatos admitidos. A pesquisa provou irrefutavelmente que as religiões do mundo são marcadamente semelhantes nos seus ensinamentos principais, na existência de Fundadores que apresentam poderes sobre-humanos e extraordinária elevação moral, nos seus preceitos éticos, no seu uso de meios para entrar em contato com os mundos invisíveis, e nos símbolos pelos quais expressam suas crenças principais. Esta similaridade, chegando em muitos casos até a identidade, prova – de acordo com ambas escolas – uma origem comum.

Mas sobre a natureza desta origem comum as duas escolas estão em litígio. Os Mitologistas Comparados pretendem que a origem comum seja a ignorância comum, e que as mais elevadas doutrinas religiosas sejam simplesmente expressões refinadas das crenças cruas e bárbaras dos selvagens, dos homens primitivos, a respeito de si mesmos e do seu ambiente. O animismo, o fetichismo, o culto à natureza, o culto ao sol – estes são os constituintes do barro primevo do qual brotou o esplêndido lírio da religião. Um Krishna, um Buda, um Lao-Tsé, um Jesus, são altamente civilizados, mas descendentes diretos do curandeiro dançante do selvagem. Deus é uma fotografia compósita dos inumeráveis Deuses, os quais são personificações das forças da natureza. E assim por diante. E é tudo resumido na frase: as religiões são ramos de um tronco único – a ignorância humana.

A Religião Comparada considera, por outro lado, que todas as religiões sejam originadas dos ensinamentos dos Homens Divinos, que dão a diferentes nações do mundo, de tempos em tempos, as partes das verdades fundamentais da religião que os povos são capazes de receber, ensinando sempre a mesma moralidade, inculcando o uso de meios similares, empregando os mesmos símbolos significativos. As religiões selvagens – animismo e o resto – são degenerações, resultados da decadência, distorcidos e atrofiados descendentes das verdadeiras crenças religiosas. O culto ao sol e as formas puras de culto à natureza foram, em seus dias, nobres religiões, altamente alegóricas, mas cheias de verdade e conhecimento profundos. Os grandes Instrutores – como é proclamado pelos Hinduístas, Budistas, por alguns que estudam a Religião Comparada, como os Teosofistas – formam uma Fraternidade perene de homens que se elevaram para além da humanidade, que aparecem em certas épocas para iluminar o mundo, e que são os guardiães espirituais da raça humana. Esta visão pode ser resumida na frase: “As religiões são ramos de um tronco único – a Sabedoria Divina”.

Esta Sabedoria Divina é chamada de Sabedoria, Gnose, Teosofia, e alguns, em diferentes eras do mundo, desejaram enfatizar assim sua crença nesta unidade das religiões preferindo o nome eclético de Teosofia, antes do que qualquer designação mais estreita.

O valor relativo dos argumentos das duas escolas opostas deve ser julgado pela reunião das evidências apresentadas por cada uma. A aparição de uma forma degenerada de uma idéia nobre pode semelhar-se muito ao produto refinado de uma idéia grosseira, e o único método de discernir entre degeneração e evolução seria o exame, se possível, de formas ancestrais intermediárias e remotas. A evidência trazida pelos crentes na Sabedoria é deste tipo. Eles alegam que os Fundadores das religiões, a julgar pelo registro de seus ensinamentos, estavam muito acima do nível médio da humanidade; que as Escrituras das religiões contêm preceitos morais, ideais sublimes, aspirações poéticas, profundas asserções filosóficas, dos quais sequer se aproximam em beleza e elevação os escritos posteriores nas mesmas religiões – isto é, que o antigo é mais elevado do que o novo, em vez de o novo ser mais elevado que o antigo -; que não pode ser

demonstrado nenhum caso do processo de refinamento e melhoramento suposto ser a fonte das religiões atuais, enquanto que podem ser apresentados muitos casos de degeneração de ensinamentos puros; que mesmo entre os selvagens, se suas religiões foram cuidadosamente estudadas, muitos traços de idéias elevadas podem ser encontrados, idéias que obviamente estão acima da capacidade dos próprios selvagens em produzi-las.

Esta última idéia foi desenvolvida por Andrew Lang, que – a julgar pelo seu livro *The Making of Religion* – deveria ser classificado como adepto da Religião Comparada antes do que da Mitologia Comparada. Ele aponta para a existência de uma tradição comum, a qual, alega ele, não pode ter sido desenvolvida pelos selvagens por si mesmos, sendo homens cujas crenças ordinárias são do tipo mais tosco e cujas mentes são pouco desenvolvidas. Ele mostra, debaixo de crenças brutas e visões degradadas, elevadas tradições de um caráter sublime, chegando mesmo a tratar da natureza do Ser Divino e Suas relações com os homens. As deidades adoradas são, em sua maior parte, verdadeiros demônios, mas por trás, para além de todos eles, existe uma tênue mas gloriosa Presença acima de tudo, raramente ou nunca nomeada, mas sussurrada como sendo a fonte de tudo, como poder, amor e bondade, terna demais para despertar terror, boa demais para requerer preces. Tais idéias manifestamente não podem ter sido concebidas pelos selvagens onde são encontradas, e elas permanecem como testemunhos eloqüentes da revelação feita por algum grande Instrutor – do qual geralmente é detectável um vestígio de tradição – que era Filho da Sabedoria, e que comunicou alguns de seus ensinamentos em uma era há muito passada.

A razão, e na verdade a justificação, da visão dos que assumem a Mitologia Comparada é patente. Eles encontram em todas as direções formas inferiores de fé religiosa, existindo entre tribos selvagens. Isto foi visto como acompanhamento da falta geral de civilização. Considerando os homens civilizados evoluindo dos não civilizados, o que seria mais natural do que considerar a religião civilizada derivando da religião não civilizada? É a primeira idéia óbvia. Só um estudo posterior e mais profundo pode mostrar que os selvagens de hoje não são nossos protótipos ancestrais, mas são a prole degenerada de grandes raças civilizadas do passado, e que o homem em sua infância não foi deixado crescer sem treinamento, mas foi cuidado e educado pelos mais velhos, de quem ele recebeu sua primeira orientação tanto em religião como em civilização. Esta visão está sendo substanciada por fatos tais como aqueles abordados por Lang, e logo suscitará a pergunta: “Quem foram estes mais velhos, dos quais são encontradas tradições em todo lugar?”

Ainda prosseguindo em nossa pesquisa, passamos à próxima questão: A que povos as religiões foram dadas? E aqui de imediato chegamos a uma dificuldade com a qual todo Fundador de religião deve lidar, aquela já mencionada envolvendo o objetivo primário da própria religião, a estimulação da evolução humana, com seu corolário de que todos os graus da humanidade em evolução devem ser considerados por Ele. Homens em todos os estágios de evolução, do mais bárbaro ao mais desenvolvido; são encontrados homens de elevada inteligência, mas também de mentalidade a mais subdesenvolvida; em um local existe uma civilização altamente desenvolvida e complexa, em outro, uma política crua e simples. Mesmo dentro de cada civilização encontramos os tipos mais variados – o mais ignorante e o mais educado, o mais pensativo e o mais relaxado, o mais espiritual e o mais brutal; mesmo assim cada um destes tipos deve ser alcançado, e cada um deve ser ajudado no estágio em que estiver. Se a evolução for uma verdade, esta dificuldade é inevitável, e deve ser enfrentada e superada pelo Instrutor divino, senão Sua obra será um fracasso. Se o homem está evoluindo como tudo em seu redor está evoluindo, estas diferentes de desenvolvimento, estes variados graus de inteligência devem ser uma característica da humanidade em toda parte, e devem receber atenção em cada religião do mundo.

Assim somos trazidos face a face à evidência de que não pode haver só um e o mesmo ensino religioso sequer para uma só nação, muito menos para uma civilização que seja, ou para o mundo todo. Se houver apenas um ensino, um grande número daqueles a quem seria endereçada escapariam inteiramente à sua influência. Se for conformada àqueles cuja inteligência é limitada, cuja moralidade é elementar, cujas percepções são obtusas, de modo que possa ajudá-los e treiná-los, capacitando-os assim a evoluir, seria uma religião completamente inadequada para aqueles homens, vivendo na mesma civilização, que têm percepções morais finas e delicadas, inteligência brilhante e sutil, e uma espiritualidade em evolução. Mas se, por outro lado, esta última classe há de ser auxiliada, se à inteligência há de ser dada uma filosofia que possa ser considerada admirável, se as delicadas percepções morais hão de ser ainda mais refinadas, se à natureza espiritual que desperta há de ser possibilitado que frutifique até a plenitude, então a religião deve ser tão espiritual, tão intelectual, e tão moral, que quando for pregada à primeira classe não tocará suas mentes ou seus corações, para eles será como um rosário de frases sem sentido, incapazes de suscitar sua inteligência latente, ou de dar-lhes qualquer padrão de conduta que os ajude a evoluir para uma moralidade mais pura.

Olhando, então, para estes fatos a respeito da religião, considerando seu objetivo, seus meios, sua origem, a natureza e variadas necessidades dos povos a quem foi endereçada, reconhecendo a evolução das faculdades espirituais, intelectuais e morais no homem, e a necessidade de cada homem por um treinamento tal que lhe seja adequado para o estágio de evolução em que chegou, somos conduzidos à absoluta necessidade de um ensinamento religioso variado e graduado tal que atenda a estas diferentes necessidades e ajude a cada homem em sua própria posição.

Existe ainda uma outra razão pela qual o ensinamento esotérico é desejável a respeito de certas classes de verdades. Este é eminentemente o fato a respeito desta classe que “conhecimento é poder”. A promulgação pública de uma filosofia profundamente intelectual, suficiente para treinar um intelecto altamente desenvolvido e atrair a adesão de uma mente excelsa, não pode prejudicar ninguém. Pode ser pregada sem hesitação, pois não atrai o ignorante, que se afastará dela considerando-a seca, rígida e desinteressante. Mas existem ensinamentos que tratam da constituição da natureza, explicam leis recônditas, e lançam luz sobre processos ocultos, cujo conhecimento dá controle sobre energias naturais, e capacitam seu possuidor a dirigir estas energias para certos fins, do mesmo modo que o químico lida com a produção de compostos químicos. Tal conhecimento pode ser bastante útil para homens altamente evoluídos, e pode aumentar seu poder de servir a raça. Mas se este conhecimento fosse publicado ao mundo, poderia ser e seria mal empregado, assim como o conhecimento de venenos sutis foi mal empregado na Idade Média pelos Borgia e por outros. Passaria às mãos de pessoas de poderoso intelecto, mas de desejos descontrolados, homens movidos por instintos separatistas, procurando o lucro para seus eus separados e descuidados do bem comum. Eles seriam atraídos pela idéia de ganhar poderes que os colocariam acima do nível geral, e poriam a humanidade à sua mercê, e correriam para adquirir o conhecimento que exalta seus possuidores a uma posição super-humana. Com esta posse, eles se tornariam ainda mais egoístas e confirmados em sua separatividade, seu orgulho seria alimentado e seu senso de distanciamento intensificado, e assim eles inevitavelmente seriam levados pela estrada que leva ao diabolismo, a Senda da Mão Esquerda, cuja meta é o isolamento e não a união. E não só eles sofreriam em sua natureza interna, mas também se tornariam uma ameaça à Sociedade, que já sofre o suficiente nas mãos de homens cujo intelecto é mais evoluído que sua consciência. Disto emerge a necessidade de ocultar certos ensinamentos daqueles que, moralmente, ainda não estão prontos para recebê-los; e esta necessidade pesa sobre todo Instrutor capaz de transmitir este conhecimento. Ele deseja dá-lo àqueles que usarão para o bem comum, para estimular a evolução humana, os poderes que o conhecimento confere; mas ele deseja igualmente não ter parte alguma no dá-lo àqueles que o usariam para seu próprio engrandecimento à custa dos outros.

Tampouco isso é um assunto teórico, de acordo com os Registros Ocultos, que dão detalhes dos eventos aludidos no Gênesis VI et seq. Este conhecimento, naqueles antigos dias e no continente de Atlantis, foi dado sem nenhum requisito rígido a respeito da elevação moral, pureza e altruísmo dos candidatos. Aqueles que eram intelectualmente qualificados eram ensinados, assim como aos homens são ensinadas as ciências comuns nos dias modernos. A publicidade que ora é exigida tão imperiosamente foi dada então, com o resultado de que os homens se tornaram gigantes em conhecimento mas também gigantes no mal, até que a Terra gemeu debaixo de seus opressores e o grito de uma humanidade arrasada ecoou através dos mundos. Então sucedeu-se a destruição de Atlantis, o afundamento daquele vasto continente debaixo das águas do oceano, do que alguns detalhes são dados nas Escrituras Hebraicas através da história de Noé e o dilúvio, e, nas Escrituras Hindus, na história do Manu Vaivasvata.

Desde aquela experiência do perigo de permitir-se mãos impuras tocar no conhecimento que é poder, os grandes Instrutores impuseram rígidas condições sobre pureza, altruísmo e autocontrole para todos os candidatos àquela instrução. Eles terminantemente recusam transmitir conhecimento deste tipo a quem quer que seja que não se sujeite a uma rígida disciplina, planejada para eliminar a separatividade de sentimento e interesses. Eles avaliam a força moral do candidato ainda mais do que seu desenvolvimento intelectual, pois o próprio conhecimento desenvolverá o intelecto, enquanto ele coloca um freio sobre a natureza moral. É muito melhor que os Grandes sejam acusados pelo ignorante, por Seu suposto egoísmo em reter o conhecimento, do que Eles terem de precipitar o mundo em outra catástrofe Atlante.

Apresentamos muita teoria sobre a necessidade de um lado oculto em todas as religiões. Quando da teoria passamos aos fatos, naturalmente perguntamos: Este lado oculto existiu no passado, formando parte das religiões do mundo? A resposta deve ser uma imediata e convicta afirmativa; todas as grandes religiões têm alegado possuir um ensinamento oculto, e têm declarado que ele é o repositório do conhecimento místico - ou oculto - teórico, e ainda mais do prático. A explicação mística de ensino popular era pública, e a expunha como alegoria, dando a asserções e histórias cruas e irracionais um significado que o intelecto pudesse aceitar. Por trás deste misticismo teórico, assim como por trás do popular, existia além o misticismo prático, um ensino espiritual oculto, que só era concedido sob condições muito definidas, condições conhecidas e divulgadas, que deviam ser preenchidas por todos os candidatos. São Clemente de Alexandria menciona esta divisão dos Mistérios. Ele diz que depois da purificação “há os Mistérios Menores, que têm alguma base de instrução e de preparação preliminar para o que vem depois, e os Grandes Mistérios, através dos quais nada resta para aprender do universo, mas só para contemplar e compreender a natureza e as coisas” (*Stromata*, livro V, cap. XI. *Ante-Nicene Christian Library (A.-N.C.L)*, vol. XII).

Esta posição não pode ser considerada controversa a respeito das antigas religiões. Os Mistérios do Egito eram a glória daquela terra antiga, e os mais nobres filhos da Grécia, como Platão, foram para Saís e para Tebas para serem iniciados pelos Instrutores de Sabedoria egípcios. Os Mistérios Mitraicos dos persas, os Mistérios Órficos e Báquicos e mais tarde os semiMistérios Eleusinos dos gregos, os Mistérios da Samotrácia, Cítia, Caldéia, de nome são familiares, senão pelo menos como frases feitas. Mesmo nas formas extremamente diluídas dos Mistérios Eleusinos, seu valor é mui altamente louvado pelos mais eminentes homens da Grécia, como Píndaro, Sófocles, Isócrates, Plutarco, e Platão. Eles eram considerados especialmente úteis com relação à existência pós-morte, e o iniciado aprendia aquilo que garantiria sua futura felicidade. Sopater alegou ainda que a Iniciação estabelecia uma afinidade da alma com a Natureza divina, e no exotérico *Hino a Deméter* são feitas referências veladas ao santo infante, Iacchus, e à sua morte e ressurreição, assim como eram apresentadas nos Mistérios (vide o artigo “Mistérios”, *Encyclopaedia*



*Britannica*, 9ª ed. inglesa).

De Jâmblico, o grande teurgo dos séculos III e IV, muito pode ser aprendido sobre o objetivo dos Mistérios. Teurgia era magia, “a última parte da ciência sacerdotal” (Psellus, citado por T. Taylor em *Iamblicus on the Mysteries*, p.343, nota na p. 23, 2ª ed.) e era praticada nos Grandes Mistérios para evocar a aparição de Seres superiores. A teoria sobre onde se baseiam estes Mistérios pode ser apresentada brevemente da seguinte forma: Existe UM, antes de todos os seres, imóvel, habitando na solidão de Sua própria unidade. D'AQUELE surge o Deus Supremo, o Auto-engendrado, a Bondade, a Fonte de todas as coisas, a Raiz, o Deus dos Deuses, a Causa Primordial, desdobrando-Se em Luz (*Iamblicus*, sic ante, p. 301). D'Ele brota o Mundo Inteligível, ou universo ideal, a Mente Universal, *Nous*, e os Deuses incorpóreos ou inteligíveis relacionados a ela. Dali surge a Alma Mundial, a que pertencem “as formas intelectuais divinas que existem junto dos corpos visíveis dos Deuses” (Ibid., p. 72). Então derivam várias hierarquias de seres super-humanos, Arcanjos Arcontes (Regentes) ou Cosmocratores, Anjos, Gênios [*Daimons*, no original – NT], etc. O Homem é um ser de ordem inferior, aliado àqueles em sua natureza, e capaz de conhecê-los; seu conhecimento era adquirido nos Mistérios, e conduzia à união com Deus (O artigo *Mysteries* da *Enc. Britannica* tem a seguinte continuação no ensinamento de Plotino [204-206 dC]: “O UM [o deus Supremo citado antes] é exaltado acima de nous e das idéias; transcende toda a existência e não é cognoscível pela razão. Permanecendo Ele mesmo em repouso, como que irradia de sua própria plenitude uma imagem de Si mesmo, chamada nous, e que constitui o sistema de idéias do mundo inteligível. A alma por sua vez é a imagem ou produto de nous, e a alma por seu movimento toma matéria corpórea. A alma deste modo olha para dois caminhos – para nous, de onde se origina, e para a vida material, que é seu próprio produto. O esforço ético consiste em repudiar o sensível; a existência material é em si um estranhamento em relação a Deus... Para atingir sua meta última, o próprio pensamento deve ser deixado para trás, pois o pensamento é uma forma de movimento, e o desejo da alma é pelo descanso imóvel que pertence ao UM. A união com a deidade transcendente não é tanto conhecimento ou visão, mas êxtase, coalescência, *contato*. O Neoplatonismo é assim antes de tudo um sistema de completo racionalismo; é pressuposto, em outras palavras, que a razão seja capaz de mapear todo o sistema das coisas. Mas, porquanto Deus seja afirmado estar além da razão, o misticismo se torna de certo modo o necessário complemento do todo-abrangente racionalismo último. O sistema culmina em um ato místico”). Nos Mistérios estas doutrinas eram expostas, “a progressão do UM, e a regressão de todas as coisas para o UM, e a completa supremacia do UM” (*Iamblichus*, sic ante, p. 73), e, mais ainda, estes diferentes Seres eram evocados, e apareciam, algumas vezes para ensinar, algumas vezes, por Sua mera presença, para elevar e purificar. “Os Deuses”, diz Jâmblico, “sendo benevolentes e propícios, concediam sua luz aos teurgos com abundância generosíssima, chamando as almas deles para cima, para si mesmos, buscando que se unissem a si mesmos, e acostumando-as, enquanto ainda estando em corpos, a ser separadas dos corpos, e ser levadas diretamente ao seu princípio eterno e inteligível” (Ibid., pp. 55-56). Pois “a alma, tendo uma vida dupla, uma em conjunção ao corpo, mas outra separada de todos os corpos” (Ibid., pp. 118-119), e “é muitíssimo necessário aprender a separá-la do corpo, para que ela possa unir-se aos Deuses por sua parte intelectual e divina, e aprender os genuínos princípios do conhecimento, e as verdades do mundo inteligível” (*Iamblichus*, pp. 118-119). “A presença dos Deuses, em verdade, concede-nos saúde de corpo, virtude de alma, pureza de intelecto e, numa palavra, eleva tudo em nós até sua própria natureza. Ela (a presença dos Deuses) exhibe o que não é corpo como corpo aos olhos da alma” (Ibid., pp. 95-100). Quando os Deuses aparecem, a alma recebe “uma liberação das paixões, uma perfeição transcendente, e uma energia inteiramente mais excelente, e participa do amor divino e de uma imensa alegria” (Ibid. p. 101). “Com isso ganhamos uma vida divina, e somos tornados em realidade divinos” (ibid., p. 330).

O ponto culminante dos Mistérios era quando o Iniciado se tornava um deus, seja pela união com um Ser divino fora de si, seja pela percepção do Eu divino em si. Isso era chamado êxtase, e era um estado que o Yogi indiano chamaria Samadhi, sendo posto em transe o corpo denso e a alma liberta efetuando sua própria união com o Grande Ser. Este “êxtase não é propriamente falando uma faculdade, é um estado da alma, que a transforma de tal modo que então ela percebe o que antes estava oculto de si. O estado não era permanente antes que nossa união com Deus fosse irrevogável; aqui, na vida terrena, o êxtase não passa de um instante... O homem pode cessar de ser homem, e passar a ser Deus; mas o homem não pode ser Deus e homem ao mesmo tempo”(G.R.S.Mead, *Plotinus*, p. 42-43). Plotino declara ter atingido este estado “somente três vezes”.

Também Proclo ensinou que a única salvação da alma era retornar à sua forma intelectual, e assim escapar do “ciclo de geração, das peregrinações multiplicadas”, e atingir o verdadeiro Ser, “a energia simples e uniforme do período de igualdade [*sameness*, no original – NT], em vez do movimento abundantemente errante do período em que é caracterizada pela diferença”. Esta é a vida procurada pelos iniciados por Orfeu nos Mistérios de Baco e Prosérpina, e este é o resultado da prática das virtudes purificativas, ou catárticas (*Iamblichus*, p. 364, nota na p. 134).

Estas virtudes eram necessárias para os Grandes Mistérios, já que estavam relacionadas à purificação do corpo sutil, no qual a alma atuava quando fora do corpo denso. As virtudes políticas ou práticas pertenciam à vida comum dos homens, e era requerido que existissem em certo grau antes que ele pudesse ser candidato mesmo para uma Escola tal como a descrita antes. Então vinham as virtudes catárticas, pelas quais o corpo sutil, o das emoções e da mente inferior, era purificado; em terceiro lugar vinham as virtudes intelectuais, pertencendo ao Augoeides, ou a forma luminosa do intelecto; em quarto, as contemplativas, ou paradigmáticas, pelas quais era realizada a união com deus. Porfírio escreve: “Aquele que age de acordo com as virtudes práticas é um homem digno; mas o que age de acordo com as virtudes purificativas é um homem angélico, ou também um gênio [*daimon*, no original – NT] bom. Aquele que atua de acordo só com as virtudes intelectuais é um Deus; mas o que age de acordo com as virtudes paradigmáticas é o Pai dos Deuses” (G.R.S. Mead, *Orpheus*, pp. 285-286).

Também era dada muita instrução nos Mistérios pelas hierarquia angélica e outras, e de Pitágoras, o grande instrutor que foi iniciado na Índia, e que deu “o conhecimento das coisas que são” aos seus discípulos eleitos, é dito ter possuído um conhecimento tal de música que ele podia usá-la para controlar as mais selvagens paixões dos homens, e para iluminar suas mentes. São dados exemplos disto por Jâmblico em sua *Vida de Pitágoras*. Parece provável que o título de Teodidacto [“ensinado por Deus” - NT], dado a Amônio Saccas, o mestre de Plotino, se referia menos à sublimidade de seus ensinamentos do que à divina instrução por ele recebida nos Mistérios.

Alguns dos símbolos usados são explicados por Jâmblico (*Iamblicus*, p. 864, nota na p. 134) que diz para Porfírio remover de seu pensamento na imagem da coisa simbolizada e chegar em seu significado intelectual. Assim “lodo” significa tudo o que é corpóreo e material; o “Deus sentado sobre o lótus” significava que Deus transcendia tanto o lodo quanto o intelecto, simbolizado pelo lótus, e estava estabelecido em Si mesmo, estando sentado. Seu domínio sobre o mundo era figurado na expressão “navegando em um barco”, e assim por diante (Ibid., p. 205 et seq). Sobre este uso dos símbolos Proclo assinala que “o método Órfico almejava a revelação das coisas divinas por meio de símbolos, um método comum a todos os escritores sobre a sabedoria divina” (G.R.S. Mead, *Orpheus*, p. 59).

A Escola Pitagórica na Magna Grécia foi fechada no final do século VI aC, devido à perseguição do poder civil, mas outras comunidades existiam, preservando a tradição sagrada (Ibid., p. 30). Mead declara que Platão a intelectualizara a fim de protegê-la de uma crescente profanação, e os ritos Eleusinos preservaram algumas de suas formas, tendo perdido sua substância. Os Neoplatônicos herdaram de Pitágoras e Platão, e seus trabalhos deveriam ser estudados por aqueles que percebiam algo da grandeza e beleza preservadas para o mundo nos Mistérios.

A Escola Pitagórica em si serve como um protótipo da disciplina aplicada. Sobre isto Mead fornece muitos detalhes interessantes (G.R.S.Mead, *Orpheus*, p. 263 e 271) e assinala: “Os autores da antigüidade concordam que esta disciplina havia conseguido produzir os mais altos exemplos, não só da mais pura castidade e sentimento, mas também uma simplicidade de modos, uma delicadeza e um gosto por buscas sérias, que não tinha paralelo. Isto é admitido até mesmo pelos escritores Cristãos”. A Escola tinha discípulos externos, liderando a vida familiar e social, e a citação acima se refere a eles. Na Escola interna havia três graus – o primeiro, dos Ouvintes, que estudavam por dois anos em silêncio, fazendo o melhor possível para dominar os ensinamentos; o segundo era dos Mathematici, onde era ensinada a geometria e a música, a natureza do número, da forma, da cor e do som; o terceiro grau era dos Physici, que dominavam a cosmogonia e a metafísica. Isto levava aos verdadeiros Mistérios. Os candidatos à Escola deveria ser “de uma reputação imaculada e de uma disposição tranqüila”.

A estreita identidade entre os métodos e objetivos seguidos nestes diversos Mistérios e aqueles do Yoga na Índia é patente até ao observador mais superficial. Não é, contudo, necessário supormos que as nações da antigüidade beberam na Índia; todas beberam de uma única fonte, a Grande Loja da Ásia Central, que enviava seus Iniciados a todas as terras. Todos eles ensinavam as mesmas doutrinas, seguiam os mesmos métodos, conduzindo aos mesmos fins. Mas havia muita intercomunicação entre os Iniciados de todas as nações, e havia uma linguagem comum e um simbolismo comum. Deste modo Pitágoras esteve entre os Indianos, e recebeu na Índia uma alta Iniciação, e Apolônio de Tyana mais tarde seguir suas pegadas. Muito indianas em sua forma assim como em seu pensamento foram as palavras de Plotino no seu leito de morte: “Agora procuro levar de volta o Eu em mim ao Eu de tudo” (G.R.S.Mead, *Plotinus*).

Entre os Hinduístas o dever de ensinar o conhecimento supremo só ao digno era estritamente enfatizado. “O mais profundo mistério da culminação do conhecimento... não deve ser declarado a alguém que não seja um filho ou um discípulo, e a quem não é tranqüilo de mente” (*Shvetâshvataropanihad*, VI, 22). Novamente, depois de um resumo de Yoga, lemos: “Levantai! Despertai! Tendo encontrado os Grandes Seres, ouvi! O caminho é tão difícil de andar como se fora a fina lâmina de uma navalha. Assim diz o sábio” (*Kathopanishad*, III, 14). O Mestre é necessário, pois o ensinamento escrito sozinho não basta. A “culminação do conhecimento” é conhecer a Deus – e não apenas acreditar; é se tornar uno com Deus – não somente adorá-lo à distância. O homem deve conhecer a realidade da Existência divina, e então conhecer – não apenas vagamente acreditar ou ter esperança – que seu Eu mais profundo é uno com Deus, e que o objetivo da vida é perceber [*realise* no original – pode ser entendido tanto como *perceber* como no sentido de *realizar, levar a cabo* – NT] esta unidade. A menos que a religião possa guiar um homem até esta realização, será somente “como um sino que toca ou um guizo que retine” (*I Coríntios*, VI, 17).

Também foi dito que o homem deveria aprender a deixar o corpo denso: “Que um homem a separe (a alma) com firmeza de seu próprio corpo, como o cerne do talo de capim de seu invólucro” (*Kathopanishad*, VI, 17). E foi escrito: “No mais elevado corpo dourado reside o Brahman imaculado, imutável; Ele é a radiosa, branca

Luz das luzes, conhecida dos que conhecem o Eu” (*Mundakopanishad*, II, II, 9). “Quando o vidente vir o Criador dourado, o Senhor, o Espírito, cujo seio é Brahman, então, tendo arrojado de si mérito e demérito, imaculado, o sábio atinge a mais elevada união” (Ibid., III, I, 3).

Tampouco estavam os Hebreus desprovidos de seu conhecimento secreto e suas Escolas de Iniciação. A companhia dos profetas em Naioth, presidida por Samuel (*I Samuel*, XIX, 20) formava uma destas Escolas, e o ensinamento oral era transmitido por eles. Escolas similares existiam em Bethel e Jericó (II Reis, II, 2, 5) e na *Concordância* de Cruden (*Verbetes Escola*) há a seguinte nota interessante: “As Escolas ou Colégios dos profetas são as primeiras (escolas) de que temos qualquer notícia na Escritura; onde os filhos dos profetas, isto é, seus discípulos, viviam nos exercícios de uma vida retirada e austera, em estudo e meditação, e na leitura da lei de Deus... Estas Escolas, ou Sociedades, dos profetas foram sucedidas pelas Sinagogas”. A *Kabbala*, que contém os ensinamentos semipúblicos, é, na forma que subsiste hoje, uma compilação moderna, parte da qual é trabalho do Rabbi Moisés de Leão, que morreu em 1305. Ela consiste de cinco livros, *Bahir*, *Zohar*, *Sepher Sephiroth*, *Sepher Yetzirah*, e *Asch Metzareth*, e é dito ter sido transmitida oralmente desde tempos muito antigos — como antigüidade, é reconhecida historicamente. O Dr. Wynn Westcott diz que “a tradição Hebraica atribui às partes mais antigas do *Zohar* uma data que anteceda a construção do segundo Templo”; e é dito que o Rabbi Simeão ben Jochai colocou por escrito partes dele no primeiro século depois de Cristo. O *Sepher Yetzirah* é mencionado por Saadjah Gaon, que morreu em 940 dC, como sendo “muito antigo” (Dr. Wynn Westcott, *Sepher Yetzirah*, p. 9). Algumas partes do ensinamento oral foram incorporadas à *Kabbala* na forma em que ela se encontra hoje, mas a verdadeira sabedoria arcaica dos Hebreus permanece sob guarda de alguns poucos dos verdadeiros filhos de Israel.

Breve como é este esboço, é contudo suficiente para demonstrar a existência de um lado oculto nas religiões do mundo além do Cristianismo, e podemos agora examinar a questão de se o Cristianismo foi uma exceção a esta regra universal.

## CAPÍTULO II

### O Lado Oculto do Cristianismo

#### a) O Testemunho das Escrituras

Tendo visto que as religiões do passado reivindicaram uníssonas ter um lado oculto, ser custódias de “Mistérios”, e que esta reivindicação foi endossada pela busca de Iniciação pelos homens mais eminentes, devemos agora averiguar se o Cristianismo fica fora deste círculo de religiões, sozinho sem uma Gnose, oferecendo ao mundo uma fé simples e não um conhecimento profundo. Se for assim, seria em verdade um fato triste e lamentável, provando ser o Cristianismo apenas destinado a uma só classe, e não a todos os tipos de seres humanos. Mas que isto não é assim, seremos capazes de provar além da possibilidade de dúvida racional.

E esta prova é a coisa que a Cristandade mais urgentemente necessita nestes tempos, pois até a própria flor da Cristandade está perecendo por falta de conhecimento. Se o ensino esotérico puder ser restabelecido e angariar estudantes pacientes e dedicados, não demorará muito para que o lado oculto também seja restaurado. Discípulos dos Mistérios Menores se tornarão candidatos aos Maiores, e com a reobtenção do conhecimento voltará também a autoridade do ensinamento. E de fato a necessidade é grande. Pois, olhando

para o mundo em volta de nós, descobrimos que a religião no Ocidente está sofrendo da mesma dificuldade que teoricamente nós deveríamos esperar encontrar. O Cristianismo, tendo perdido seu ensino místico e esotérico, está perdendo terreno entre grande número das pessoas mais altamente educadas, e a revivescência parcial durante os últimos anos é coincidente com a reintrodução de alguns ensinamentos místicos. É patente para todo estudante nos últimos 40 anos do século passado (o século XIX), que multidões de pessoas inteligentes e de alta moralidade tenham se desviado para fora das igrejas, porque os ensinamentos que recebiam lá ultrajavam sua inteligência e chocavam seu senso moral. É inútil pretender que o agnosticismo disseminado deste período tenha suas raízes seja na falta de moralidade ou na deliberada perversidade de mente. Qualquer um que estudar com cuidado o fenômeno logo admitirá que homens de poderoso intelecto foram levados para fora do Cristianismo pela crueza das idéias religiosas apresentadas, as contradições nos ensinamentos das autoridades, nas concepções sobre Deus, o homem e o universo, que nenhuma inteligência treinada poderia chegar a admitir. Nem pode ser dito que qualquer tipo de degradação moral esteja na raiz da revolta contra os dogmas da Igreja. Os rebeldes não eram ruins demais para a sua religião. Ao contrário, foi a religião que ficou ruim demais para eles. A rebelião contra o Cristianismo popular foi devida ao despertar e crescimento da consciência; foi a consciência que se revoltou, assim como a inteligência, contra ensinamentos desonrosos tanto para Deus quanto para o homem, que representavam Deus como um tirano, e o homem como sendo essencialmente mau, obtendo a salvação por submissão escrava.

A razão para esta revolta jaz no gradual rebaixamento do ensinamento Cristão para uma alegada simplicidade, para que o mais ignorante pudesse ser capaz de compreendê-lo. Os religiosos Protestantes assertaram sonoramente que nada deveria ser pregado exceto aquilo que pudesse ser compreendido, que a glória do Evangelho está em sua simplicidade, e que a criança e o inculto deveriam ser capazes de entendê-lo e aplicá-lo à vida. Bastante verdadeiro, se com isto se quisesse dizer que existem algumas verdades religiosas que todos podem entender, e que a religião falha se deixa o mais inferior, o mais ignorante, o mais estúpido, de fora de sua influência elevadora. Mas falso, completamente falso, se com isso se quiser dizer que a religião não tem verdades que o ignorante não possa compreender, que é uma coisa tão pobre e limitada a ponto de não ter nada para ensinar que esteja acima do pensamento do não inteligente ou acima do nível moral do degradado. Falso, fatalmente falso, se este for seu sentido; pois à medida que esta visão se espalha, ocupando os púlpitos e sendo proclamada nas igrejas, muitos homens e mulheres nobres, cujos corações quase se partem quando rompem sua ligação que os une à sua antiga fé, saem das igrejas, e deixam seus lugares ser preenchidos pelos hipócrita e pelo ignorante. Eles ou passam para um estado de agnosticismo passivo, ou – se são jovens e entusiastas – para uma condição de agressão ativa, não acreditando que aquilo que poderia ser a coisa mais elevada ultraje tanto o intelecto como a consciência, e preferem a honestidade de uma descrença aberta ao embotamento do intelecto e da consciência sob imposição de uma autoridade em quem não reconhecem nada que seja divino.

Neste estudo do pensamento de nosso tempo vemos que a questão de um ensinamento oculto em conexão com o Cristianismo se torna de importância vital. O Cristianismo há de sobreviver como a religião do Ocidente? Viverá através dos séculos futuros, e continuará a ter uma parte na formação do pensamento das raças ocidentais em evolução? Se há de viver, deve recuperar o conhecimento que perdeu, e ter de novo seus místicos e seus ensinamentos ocultos; deve mais uma vez colocar-se como uma autoridade ensinando as verdades espirituais, revestido da única autoridade que vale alguma coisa, a autoridade do conhecimento. Se estes ensinamentos forem recuperados, sua influência logo será vista nas novas e mais amplas concepções da verdade; dogmas, que agora parecem apenas meras cascas e plumas, deverão novamente ser apresentações de partes das realidades fundamentais. Em primeiro lugar, o Cristianismo reaparecerá no

“Lugar Santo”, no Templo, de modo que todos que sejam capazes de receber suas linhas de pensamento divulgado em público; e em segundo lugar, o Cristianismo Oculto descerá outra vez ao Ádito, residindo detrás do véu que guarda o “Santo dos Santos”, para dentro do qual só os Iniciados podem passar. Então novamente o ensinamento oculto estará ao alcance daqueles que se qualificarem para recebê-lo, de acordo com as antigas regras, aqueles que desejam nos dias de hoje enfrentar as antigas exigências, feitas a todos os que não de alegrar-se em conhecer a realidade e a verdade das coisas espirituais.

Mais uma vez voltemos nossos olhos para a história, para vermos se o Cristianismo foi único entre as religiões em não possuir nenhum conhecimento interno, ou se assemelhou-se a todas as outras possuindo este tesouro oculto. Este problema é uma questão de evidência, não de teoria, e deve ser decidido pela autoridade dos documentos existentes e não pelo mero “assim se diz” dos Cristãos modernos.

É fato que tanto o *Novo Testamento* e os escritos da Igreja Primitiva fazem as mesmas declarações sobre a posse de tais ensinamentos pela Igreja, e sabemos a partir deles do fato da existência dos Mistérios – chamados Mistérios de Jesus, ou Mistério do Reino –, das condições impostas aos candidatos, algo da natureza geral dos ensinamentos dados, e outros detalhes. Certas passagens no *Novo Testamento* ficariam inteiramente obscuras, não fosse pela luz lançada neles pelas declarações definidas dos Padres e Bispos da Igreja, mas debaixo daquela luz elas se tornam claras e inteligíveis.

Teria na verdade sido estranho se fosse diferente, quando consideramos as linhas do pensamento religioso que influenciaram o Cristianismo primitivo. Aliado aos hebreus, os persas, os gregos, tinto pelos antigos credos da Índia, profundamente colorido pelo pensamento sírio e egípcio, este último ramo do grande tronco religioso não poderia fazer outra coisa senão reafirmar as antigas tradições, colocando ao alcance das raças ocidentais todo o tesouro das tradições antigas. “A fé antigamente confiada aos Santos” teria na verdade sido esvaziada deste valor principal se, quando transmitida para o Ocidente, a pérola do ensinamento esotérico tivesse sido escamoteada.

A primeira evidência a ser examinada é a do Novo Testamento. Para nossos propósitos podemos colocar de lado todas as enfadonhas questões das diferentes redações e dos diferentes autores, que só podem ser julgadas por eruditos. A erudição crítica tem muito a dizer sobre a idade dos manuscritos, sobre a autenticidade dos documentos, e assim por diante. Podemos aceitar as Escrituras canônicas como demonstração do que era acreditado na Igreja Primitiva a respeito do ensino de Cristo e de Seus seguidores imediatos, e ver o que elas dizem sobre a existência de um ensinamento secreto transmitido somente a uns poucos. Tendo visto as palavras postas na boca do próprio Jesus, e consideradas pela Igreja como de suprema autoridade, olharemos para os escritos do grande apóstolo São Paulo; então consideraremos as declarações feitas por aqueles que herdaram a tradição apostólica e guiaram a Igreja durante os primeiros séculos. Ao longo desta ininterrupta linha de tradição e testemunho escrito pode ser estabelecida a proposição de que o Cristianismo tinha um lado oculto. Veremos ainda que os Mistérios Menores de interpretação mística podem ser acompanhados através dos séculos até o início do século XIX, e que embora já não houvesse Escolas de Misticismo reconhecidas como preparatórias para a iniciação depois do desaparecimento dos Mistérios, ainda assim grandes Místicos, de tempos em tempos, alcançaram os degraus inferiores do êxtase por seus próprios esforços contínuos, auxiliados sem dúvida pelos Instrutores invisíveis.

As palavras do próprio Mestre são claras e definidas, e foram, como veremos, citadas por Orígenes como referentes ao ensinamento secreto preservado na Igreja. “E quando estava sozinho, aqueles que estavam

com Ele, os doze, faziam-Lhe perguntas sobre as parábolas. E Ele lhes disse: ‘A vós é dado conhecer o mistério do Reino de Deus, mas a eles que estão de fora, todas estas coisas são dadas em parábolas’ “. E mais adiante: “Com muitas parábolas semelhantes Ele pregava a palavra à multidão, pois só assim podiam ouvir. Mas sem parábolas Ele não lhes falava; e quando eles estavam sozinhos Ele explicava todas as coisas aos Seus discípulos” (*Marcos*, IV, 10, 11, 33, 34. Vide também *Mateus*, XIII, 11, 34, 36, e *Lucas*, VIII, 10). Percebam as significativas palavras “quando estavam sozinhos”, e a frase “aqueles que estão de fora”. Também na versão de São Mateus: “Jesus despediu a multidão, e entrou na casa; e Seus discípulos foram com Ele”. Estes ensinamentos dados “na casa”, os significados mais recônditos de Suas instruções, considera-se que eram transmitidos de instrutor a instrutor. O Evangelho dá, note-se, as explicações místicas alegóricas, aquilo que chamamos Os Mistérios Menores, mas o significado mais profundo diz-se ter sido dado somente aos iniciados.

Novamente, Jesus diz até mesmo aos Seus apóstolos: “Eu ainda tenho muitas coisas para vos dizer, mas ainda não sois capazes de as receber” (*João*, XVI, 12). Algumas delas provavelmente foram ditas depois de Sua morte, quando Ele foi visto pelos discípulos “falando das coisas pertencentes ao Reino de Deus” (*Atos*, 1, 3). Nenhuma delas foi registrada publicamente, mas quem pode acreditar que foram deixadas de lado ou esquecidas, e não preservadas como algo inestimável? Havia uma tradição na Igreja que Ele visitou Seus apóstolos durante um considerável período após Sua morte, para dar-lhes instrução – um fato a que faremos menção mais tarde – e no famoso tratado Gnóstico *Pistis Sophia*, lemos: “chegou-se a dizer que, depois de ressuscitar dos mortos, Jesus passou onze anos falando com Seus discípulos e instruindo-os” (loc. cit., trad. G.R.S. Mead, I, I, 1). Então vem a frase, que muitos gostam de amenizar e explicar evasivamente: “Não deis o que é santo aos cães, nem lanceis vossas pérolas ao porcos” (*Mateus*, VII, 6) – um preceito que é de aplicação geral, na verdade, mas foi considerado pela Igreja Primitiva referir-se aos ensinamentos secretos. Deveria ser lembrado que as palavras não tinham a mesma dureza naqueles dias como têm agora, pois a palavra “cães” – significando o vulgo, o profano – era aplicada por aqueles de um determinado círculo a todos os que eram de fora de seu grupo, seja por uma sociedade ou associação, ou por uma nação – como pelos Judeus a respeito dos Gentios (assim como sobre as mulheres gregas: “Não é lícito tirar o pão das crianças e jogá-lo para os cães” – *Marcos*, VII, 27). Algumas vezes era usada para designar aqueles que estavam fora do círculo dos Iniciados, e a encontramos aplicada neste sentido na Igreja Primitiva; aqueles que, não tendo sido iniciados nos Mistérios, eram considerados como fora do “Reino de Deus”, ou da “Israel espiritual”, e tinham este nome aplicado a eles.

Havia diversos nomes, além do termo “O Mistério”, ou “Os Mistérios”, usados para designar o círculo sagrado de Iniciados ou ligados à Iniciação: “O Reino”. “O Reino de Deus”, “O Reino dos Céus”, “A Vereda Estreita”, “A Porta Estreita”, “O Perfeito”, “O Salvo”, “Vida Eterna”, “Vida”, “O Segundo Nascimento”, “O Pequenininho”, “A Criancinha”. O significado é tornado claro pelo uso destas palavras nos primeiros escritos Cristãos, e em alguns casos fora do círculo Cristão. Assim, o termo “O Perfeito” era usado pelos Essênios, que tinham três graus em suas comunidades: os Neófitos, os Irmãos, e os Perfeitos – sendo estes os Iniciados; e é empregado geralmente neste sentido nos antigos escritos. “A Criancinha” era o nome comum para um candidato recém iniciado, isto é, aquele que recém teve seu “segundo nascimento”.

Quando passamos a conhecer este uso, muitas passagens de outro modo obscuras e rudes se tornam inteligíveis. “Então um disse-lhe: Senhor, serão poucos os salvos? E Ele respondeu-lhes: Esforçai-vos para entrar pela porta estreita; pois digo-vos, muitos procurarão entrar e não serão capazes” (*Lucas*, XIII, 23, 24). Se isto for aplicado, do modo Protestante usual, à salvação do fogo eterno do inferno, a afirmação se torna incrível, chocante. Não se pode supor que nenhum Salvador do mundo possa afirmar que muitos procurarão

evitar o inferno e entrar no céu, mas não serão capazes de fazê-lo. Mas se aplicado à estreita porta de entrada na Iniciação e sua conseqüente salvação do renascimento, é perfeitamente verdadeiro e natural. E novamente: “Entrai pela porta estreita; pois larga é a porta e amplo é o caminho que conduz à destruição, e muitos serão os que andarão neles; porque estreita é a porta e apertado é o caminho que conduz à vida; e poucos o encontrarão” (*Mateus*, VII, 13, 14). A advertência que se segue imediatamente contra os falsos profetas, os mestres dos Mistérios tenebrosos, é muito própria em relação a aquilo. Nenhum estudante pode esquecer o som familiar destas palavras usadas no mesmo sentido em outras passagens. A “antiga vereda estreita” é familiar a todos; a senda “tão difícil de trilhar como se fosse o fio de uma navalha” (*Kathopanishad*, II, IV, 10, 11) já mencionado; a perambulação “de morte em morte” daqueles que seguem o florido caminho dos desejos, daqueles que não conhecem Deus; pois só se tornam imortais e escapam da bocarra da morte, da repetida destruição, aqueles homens que eliminaram todos os desejos (*Brhadâranjakopanishad*, IV, IV, 7). A alusão à morte, é claro, é feita aos repetidos nascimentos da alma na existência material grosseira, considerada sempre como “morte” quando comparada à “vida” dos mundos mais elevados e sutis.

Esta “Porta Estreita” era o portal da Iniciação, através dele o candidato entrava no “Reino”. E sempre foi e deve ser verdadeiro que somente uns poucos podem passar por aquele portal, embora miríades – uma excepcionalmente “grande multidão, que ninguém poderia contar” (*Apocalipse*, VII, 9), e não uns poucos – adentrem a felicidade do mundo celeste. Assim também falou um outro grande Instrutor, há quase três mil anos atrás: “Dentre milhares de homens talvez só um se esforce pela perfeição; dentre os milhares que a obtém talvez só um Me conheça em essência” (*Bhagavad Gita*, VII, 3). Pois são poucos os Iniciados em cada geração, são a flor da humanidade; mas nenhuma frase terrível de condenação eterna é pronunciada nesta declaração sobre a vasta maioria da raça humana. Como Proclo ensinou (vide ante, p. 23), os salvos são os que escapam do ciclo da geração, ao qual está atada a humanidade.

Em conexão a isto podemos lembrar da história do jovem que veio a Jesus, e chamando-lhe de “Bom Mestre”, perguntou como ele poderia obter a vida eterna – a bem reconhecida liberação dos renascimentos através do conhecimento de Deus (deve ser lembrado que os Judeus acreditavam que todas as almas imperfeitas voltavam para viver novamente na Terra). Sua primeira resposta foi o preceito exotérico usual: “Observa os mandamentos”. Mas quando o jovem respondeu: “Todas estas coisas eu tenho observado desde minha juventude”, então, para aquela consciência livre de toda a transgressão, veio a resposta do verdadeiro Mestre: “Se queres ser perfeito, vai e vende tudo o que tens, e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus, depois vem e segue-Me”. “Se queres ser perfeito”, ser um membro do reino, devem ser abraçadas a pobreza e a obediência. E então para os seus próprios discípulos Jesus explica que dificilmente um homem rico pode entrar no Reino dos Céus, sendo tal entrada mais difícil que um camelo passar pelo buraco de uma agulha; pelos homens esta entrada não poderia ocorrer, por Deus todas as coisas são possíveis (*Mateus*, XIX, 16-26). Somente Deus no homem pode ultrapassar aquela barreira. Este texto tem sido explicado de várias maneiras, sendo obviamente impossível conseguí-lo tomando seu significado superficial, que um homem rico não pode entrar em um estado de felicidade pós-morte. Neste estado entram tanto o rico como o pobre, e as práticas universais dos Cristãos mostram que eles nem por um momento acreditam que a riqueza impeça sua felicidade após a morte. Mas se o significado real de “Reino dos Céus” for aplicado, temos a expressão de um fato simples e direto. Pois aquele conhecimento de Deus que é Vida Eterna (*João*, XVII, 3) não pode ser obtido até que tudo o que for terreno seja abandonado, não pode ser aprendido até que tudo tenha sido sacrificado. O homem deve desistir não só da riqueza terrena, que daí em diante pode passar por suas mãos só para administrá-la, mas ele deve desistir também de sua riqueza interna, até onde ele a guardar como sua contra o mundo; antes que ele seja desnudado não poderá passar pela porta estreita. Este tem sido sempre um requisito para a Iniciação, e o voto do candidato tem sido sempre “pobreza, obediência, castidade”.



O “segundo nascimento” é um outro termo bem conhecido para Iniciação; mesmo hoje na Índia as castas mais elevadas são chamadas “duas vezes nascidas”, e a cerimônia que os torna duas vezes nascidos é uma cerimônia de Iniciação – na verdade mera simulação, nos dias de hoje, mas segue “o padrão das coisas que está no céu” (*Hebreus*, IX, 23). Quando Jesus está se dirigindo a Nicodemos, Ele fala que “a não ser que um homem nasça duas vezes, não pode ver o Reino de Deus”, e este nascimento é dito como sendo aquele “da água do Espírito” (*João*, III, 3, 5); esta é a primeira Iniciação; uma ulterior é a “do Espírito Santo e do fogo” (*Mateus*, III, 11), o batismo do Iniciado em sua maturidade, assim como a primeira é a do nascimento, que o recebe como “uma Criancinha” que entra no Reino (*ibid.*, XVIII, 3). Quão totalmente familiares eram estas imagens entre os místicos dos Judeus é indicado pela surpresa demonstrada por Jesus quando Nicodemos se embaraçava com Sua fraseologia mística: “Tu és um mestre de Israel e não conheces estas coisas?” (*João*, III, 10).

Um outro preceito de Jesus que permanece como “um ditado rude” para seus seguidores é: “Sêde perfeitos, assim como vosso Pai no céu é perfeito” (*Mateus*, V, 48). O Cristão comum sabe que possivelmente não conseguirá obedecer a este mandamento; cheio como está com as fragilidades e fraquezas humanas, como poderá ser perfeito como Deus é perfeito? Vendo a impossibilidade da meta posta diante dele, ele discretamente a põe de lado, e não pensa mais nisso. Mas vista como o esforço coroador de muitas vidas de melhoras constantes, como o triunfo do Deus interno sobre a natureza inferior, a meta parece então dentro do alcance, e lembramos as palavras de Porfírio, sobre como o homem que atinge as “virtudes paradigmáticas é o Pai dos Deuses” (vide ante, p. 24) e que nos Mistérios aquelas virtudes são adquiridas.

São Paulo segue nas pegadas de seu Mestre, e fala exatamente do mesmo sentido, mas com uma explicitude e clareza maiores, como poderia ser esperado a partir de seu trabalho organizador na Igreja. O estudante deveria ler com atenção os capítulos II e III, e o versículo 1 do capítulo V da *Primeira Epístola aos Coríntios*, lembrando, à medida que lê, que as palavras são endereçadas aos membros batizados e comungantes da Igreja, membros plenos no sentido moderno, embora, descritos como bebês e carnis pelo Apóstolo. Eles não eram catecúmenos ou neófitos, mas homens e mulheres que estava em plena posse de todos os privilégios e responsabilidades como membros da Igreja, reconhecidos pelo Apóstolo como estando apartados do mundo, e dos quais não esperava que se portassem como homens do mundo. Eles estavam, de fato, de posse de tudo o que a Igreja moderna dá aos seus membros. Resumamos as palavras do Apóstolo:

“Eu venho a vós trazendo o testemunho divino, e não vos enganando com sabedoria humana, mas venho com o poder do Espírito. Em verdade ‘falamos sabedoria entre os que são perfeitos, mas não é sabedoria humana’. Falamos da sabedoria de Deus em mistério, mesmo a sabedoria oculta, que Deus ordenou antes que o mundo existisse, a qual nem os príncipes deste mundo conhecem. As coisas daquela sabedoria estão além do entendimento dos homens, ‘mas Deus as revela a eles por Seu Espírito... as coisas íntimas de Deus’, ‘ensinadas pelo Espírito Santo’ (Note-se como isto se alinha com a promessa de Jesus em *João*, XVI, 12-14: “Eu tenho ainda muitas coisas a vos dizer, mas ainda não as podeis suportar. Porém quando Ele, o Espírito da Verdade, vier, Ele vos guiará em toda a verdade... Ele vos mostrará as coisas do porvir... Ele as receberá de Mim e as mostrará a vós”). Estas são coisas espirituais, a serem discernidas somente pelos homens espirituais, em quem está a mente de Cristo. ‘E Eu, irmãos, não vos poderia falar como falo aos espirituais, mas falo como aos carnis até mesmo para os bebês em Cristo... Eles não eram capazes de o suportar, como vós não o suportaríeis ainda. Pois sois ainda carnis’. Como um mestre-construtor [um outro termo técnico nos Mistérios] Eu deixei as fundações’ e ‘vós sois o Templo de Deus, e o Espírito de Deus habita em vós’. ‘Que um homem nos considere assim, como ministros de Cristo, e guardiães dos Mistérios de Deus’ “.

Alguém pode ler esta passagem – e tudo o que foi dito no resumo é para enfatizar os pontos importantes – sem reconhecer o fato de que o Apóstolo possuía uma sabedoria divina dada nos Mistérios, que seus seguidores coríntios ainda não eram capazes de receber? E notem a recorrência de termos técnicos: a “sabedoria”, a “sabedoria de Deus em mistério”, a “sabedoria oculta”, conhecida somente pelos homens “espirituais”, falada somente entre os “perfeitos”, sabedoria da qual eram excluídos os não-“espirituais”, os “bebês em Cristo”, e só conhecida dos “mestres construtores”, os “guardiães dos Mistérios de Deus”.

Repetidas vezes ele se refere a estes Mistérios. Escrevendo aos Cristãos de Éfeso ele diz que “pela revelação”, pelo desvelamento, tinha sido feito “saber dos Mistérios”, e daí seu “conhecimento dos mistérios de Cristo”; todos podiam saber sobre a “irmandade dos Mistérios” (*Efésios*, III, 3, 4, 9). Sobre este Mistério, ele repete aos colossenses que foi “feito ministro”, “o Mistério que esteve ocultos das idades e das gerações, mas que agora era tornado manifesto aos Seus santos”; não ao mundo, nem mesmo aos Cristãos, mas somente aos Santos. Para eles era revelada “a glória deste Mistério”; e o que era isso? “Cristo *em vós*” – uma frase significativa, que veremos, logo, pertencer à vida do Iniciado; assim finalmente todo homem deve aprender a sabedoria, e se tornar “perfeito em Cristo Jesus” (*Colossenses*, i, 23, 25-28. Mas São Clemente, em seu *Stromata*, traduz “todo homem” como “o homem todo”. Vide o Livro V, cap. X). A estes Colossenses ele ordena orar “para que Deus nos abra a porta da profecia, para falar o Mistério de Cristo” (*Colossenses*, IV, 3), uma passagem à qual São Clemente se refere como sendo uma em que o Apóstolo “revela claramente que o conhecimento não pertence a todos” (Clemente de Alexandria, *Stromata*, Livro V, cap. X; A.-N.C.L. Alguns ditos adicionais dos Apóstolos serão encontrados nas citações de Clemente, mostrando qual significado tinham para as mentes daqueles que sucederam os Apóstolos, e que viviam na mesma atmosfera de pensamento). Da mesma forma também escreve ao seu bem-amado Timóteo, ordenando-lhe selecionar seus diáconos dentre aqueles que “mantinham o Mistério da fé em uma consciência pura”, aquele “grande Mistério da Piedade”, que ele havia aprendido (*I Timóteo*, III, 9, 16), cujo conhecimento era necessário para os instrutores da Igreja.

Porém São Timóteo está em uma posição importante como representante da geração seguinte de instrutores Cristãos. Ele foi discípulo de São Paulo, e foi indicado por ele para guiar e dirigir uma porção da Igreja. Ele havia sido, sabemos, iniciado nos Mistérios pelo próprio São Paulo, e é feita referência a isto, e os termos técnicos mais uma vez servem como chave. “Esta função te delego, meu filho Timóteo, de acordo com as profecias que foram feitas sobre ti” (*I Timóteo*, I, 18), a bênção solene do Iniciador, que admitia o candidato; mas o Iniciador não estava sozinho: “Não descureis o dom que está em vós, o qual vos foi dado pela profecia, abandonando o Presbitério” (*ibid.*, IV, 14) dos Irmãos Maiores. E ele lhe adverte preservar aquela “vida eterna, à qual também fostes chamado, e professastes um bom voto diante de muitas testemunhas” (*ibid.*, VI, 13) – o voto do novo Iniciado prestado na presença dos Irmãos Maiores e da assembleia dos Iniciados. O conhecimento dado então era a incumbência sagrada sobre a qual São Paulo fazia tanta ênfase: “Oh Timóteo, preserva aquilo que te foi confiado” (*ibid.* 20) – e não o conhecimento comumente possuído pelos Cristãos, a respeito do qual não havia obrigação nenhuma sobre São Timóteo, mas o depósito sagrado confiado a ele como Iniciado, e essencial ao bem da Igreja. São Paulo mais tarde volta a isto, enfatizando a suprema importância do assunto de um modo que teria sido exagerado se o conhecimento fosse a propriedade comum dos homens Cristãos: “Guarda bem a forma das sérias palavras que ouvistes de mim... Aquela boa coisa que te foi confiada, guarda-a pelo Espírito Santo que reside em nós” (*II Timóteo*, I, 13,14) – uma adjuração tão séria quanto seria possível por lábios humanos. Mais ainda, era seu dever prover a devida transmissão deste depósito sagrado, para que pudesse transmitido ao futuro, e a Igreja nunca fosse deixada sem Instrutores: “As coisas que ouvistes de mim entre muitas testemunhas” – os ensinamentos orais

sagrados dados na assembléia dos Iniciados, que testemunhava a precisão da transmissão – “confia o mesmo a homens dignos, que sejam também capazes de ensinar aos outros” (Ibid., II, 2).

O conhecimento – ou, se preferirmos o termo, a suposição – de que a Igreja possuía estes ensinamentos ocultos lança uma torrente de luz sobre estas diversas passagens de São Paulo sobre si mesmo, e quando as reunimos, temos um perfil da evolução do Iniciado. São Paulo diz que embora ele já estivesse entre os perfeitos, os Iniciados – pois ele diz: “Que nós, portanto, que somos perfeitos, tenhamos esta mentalidade” – ele ainda não tinha “atingido”, ainda não era em verdade inteiramente “perfeito”, pois ainda não havia recebido Cristo, ele ainda não havia atingido o “alto chamado de Deus em Cristo”, “o poder de Sua ressurreição, e a companhia de Seus sofrimentos, sendo tornado conforme à Sua morte”; e ele estava tentando, diz, “se por algum meio puder alcançar a ressurreição dos mortos” (*Filipenses*, III, 8, 10-12, 14, 15). Pois esta era a Iniciação que libertava, que fazia do Iniciado um Mestre perfeito, o Cristo Ressurrecto, libertando-o finalmente dos “mortos”, da humanidade presa ao ciclo da geração, dos laços que atavam a alma à matéria grosseira. Novamente aqui temos um número de termos técnicos, e mesmo o leitor superficial deveria perceber que a “ressurreição dos mortos” mencionada aqui não poderia ser a ressurreição comum dos modernos Cristãos, suposta ser inevitável para todos os homens, e portanto não requerendo obviamente nenhuma luta especial da parte de ninguém para conseguí-la. De fato a própria palavra “conseguir” estaria fora de lugar ao referir-se a uma experiência humana universal e inevitável. São Paulo não poderia evitar *esta* ressurreição, de acordo com o ponto de vista dos Cristãos modernos. Qual seria então a ressurreição a ser conseguida para a qual ele estava fazendo tão estrênuos esforços? Uma vez mais a única resposta vem dos Mistérios. Neles o Iniciado se aproximava da Iniciação que libertava do ciclo do renascimento, o ciclo da geração, era chamado de “o Cristo sofredor”, ele compartilhava dos sofrimentos do Salvador do mundo, era crucificado misticamente, “tornado conforme à Sua morte”, e então conseguia a ressurreição, a companhia do Cristo glorificado, e, depois, a morte já não tinha poder sobre ele (Apocalipse, I, 18. “Eu sou Aquele que vive, esteve morto e ressurgiu, e vive eternamente. Amen”). Este era o “prêmio” em direção ao qual o Apóstolo estava se esforçando, e ele urge “todos os que são perfeitos”, *não o crente comum*, para que também se esforcem deste modo. Que não se contentem com o que já obtiveram até então, mas que se esforcem por mais.

Esta semelhança com Cristo do Iniciado, de fato, é o próprio trabalho dos Mistérios Maiores, como veremos em maior detalhe quando estudarmos “O Cristo Místico”. O Iniciado já não devia ver o Cristo como fora de si mesmo. “Embora tenhamos conhecido o Cristo na carne, deste modo já não o conhecemos” (*II Coríntios*, V, 16).

O crente comum havia sido “revestido de Cristo, assim como todos de vós que fostes batizados em Cristo se revestiram de Cristo” (*Gálatas*, III, 27). Então eles se tronavam os “bebês em Cristo”, a quem já se fez referência, e Cristo era o Salvador de quem eles buscavam ajuda, conhecendo-O “na carne”. Mas quando eles haviam vencido a natureza inferior e já não eram “carnais”, então eles entrariam em um caminho mais elevado, e se tornariam eles mesmo Cristo. Isto que ele mesmo já havia conseguido era o desejo do Apóstolo para os seus seguidores. “Meus filhos, de quem sofro as dores do parto até que Cristo seja formado *em vós*” (*Gálatas*, IV, 19). Ele já era seu pai espiritual, “tendo-vos gerado através do evangelho” (*I Coríntios*, IV, 15). Mas agora ele era como aquele que gera “novamente”, como se fosse sua mãe para levá-los ao segundo nascimento. Então o Cristo Infante, a Santa Criança, nascia na alma, “o homem oculto no coração” (*I Pedro*, III, 4), e o Iniciado se tornava assim “a Criancinha”; daí por diante ele devia viver em sua pessoa a vida do Cristo, até que se trinasse o “homem perfeito”, crescendo “até a medida da plena estatura de Cristo” (*Efésios*, IV, 13). Então ele, como São Paulo estava fazendo, repetia em sua própria carne os sofrimentos de Cristo (*Colossenses*, I, 24) e sempre tinha “junto a si a morte do Senhor Jesus”, para que pudesse dizer com

verdade “sou crucificado com Cristo; não obstante eu vivo; embora não seja eu, mas é Cristo que vive em mim” (*Gálatas*, II, 20). Assim o Apóstolo estava ele mesmo sofrendo; assim ele descrevia si próprio. E quando a luta termina, quão diferente é o tom calmo de triunfo sobre árduos esforços dos primeiros anos: “Agora estou pronto para ser oferecido, e o tempo de minha partida está próximo. Eu lutei a boa luta, terminei minha carreira, guardei a fé; por isso me espera uma coroa de justiça” (*II Timóteo*, IV, 6-8). Esta era a coroa dada “a ele que vencera”, de quem é dito pelo Cristo Ressurrecto: “Eu farei dele um pilar no Templo de meu Deus; e dali não sairá mais” (*Apocalipse*, III, 12). Pois após a “Ressurreição” o Iniciado se tornava o Homem Perfeito, o Mestre, e já não sai do Templo, mas dali serve e guia os mundos.

Pode ser bom assinalar, antes de encermos este capítulo, que o próprio São Paulo sanciona o uso do ensinamento teórico místico na explicação dos eventos históricos registrados nas escrituras. A história escrita ali não é considerada por ele um mero registro de fatos, que ocorreram no plano físico. Verdadeiro místico, ele via nos eventos físicos as sombras das verdades universais sempre ocorrendo nos mundos mais altos e internos, e sabia que os eventos escolhidos para serem preservados nos escritos ocultos eram aqueles mais típicos, cuja explicação serviria à instrução humana. Assim ele toma a história de Abraão, Sarai, Hagar, Ismael e Isaac, e dizendo que “aquelas coisas são alegorias”, ele passa a dar a interpretação mística (*Gálatas*, IV, 22-31). Referindo-se à fuga dos israelitas do Egito, ele fala do Mar Vermelho como um batismo, do maná e da água como comida e bebida espirituais, da rocha de onde a água fluiu como sendo o Cristo (*I Coríntios*, X, 1-4). Ele vê o grande mistério da união de Cristo com Sua Igreja na relação de marido e mulher, e fala dos Cristãos como sendo a carne e os ossos do corpo de Cristo (*Efésios*, V, 23-32). O autor desta Epístola aos Hebreus alegoriza todo o sistema de culto Judeu. No Templo ele vê um espelho do Templo celeste, no Sumo Sacerdote ele vê Cristo, nos sacrifícios vê a doação do Filho imaculado; os sacerdotes do Templo não passam de “exemplos e sombras das coisas celestes”, do sacerdócio celeste servindo no “verdadeiro tabernáculo”. Uma alegoria muito elaborada é assim desenvolvida nos capítulos III a X, e o escritor alega que o Espírito Santo significava assim o sentido mais profundo; tudo era “uma imagem para esta época”.

Nesta visão dos escritos sagrados não é alegado que os eventos registrados não tenham tido lugar, mas apenas que sua ocorrência física era coisa de menor importância. Uma explicação como esta é o desvelar dos Mistérios Menores, o ensinamento místico que é permitido dar ao mundo. Não é, como muitos imaginam, um mero jogo de imaginação, mas é a atividade de uma verdadeira intuição, vendo os protótipos nos céus, e não somente as sombras lançadas por eles na tela do tempo terreno.

## CAPÍTULO III

### O Lado Oculto do Cristianismo – Conclusão

#### b) O Testemunho da Igreja

Enquanto possa ocorrer que alguns estejam querendo admitir a posse pelo Apóstolo e seus sucessores imediatos de um conhecimento das coisas espirituais mais profundo do que o que era corrente entre as massas dos crentes em seu redor, poucos provavelmente desejarão dar o próximo passo, e, deixando este círculo enfeitado, aceitar os Mistérios da Igreja Primitiva como o depositário de seus ensinamentos sagrados. Mesmo que tenhamos São Paulo fazendo os preparativos para a transmissão do ensino não escrito, iniciando ele mesmo a São Timóteo, e instruindo São Timóteo para que por sua vez iniciasse outros,

os quais o dariam a ainda outros, depois deles. Vemos assim um arranjo de quatro gerações sucessivas de instrutores, citadas nas mesmas Escrituras, e eles com muita folga sobrepujariam os escritores da Igreja Primitiva que testemunham a existência dos Mistérios. Pois entre eles há discípulos dos próprios Apóstolos, embora as declarações mais definitivas sejam daqueles afastados dos Apóstolos por um instrutor intermediário. Porém, assim que iniciamos o estudo dos escritos da Igreja Primitiva, se nos deparam os fatos de que existem alusões que são inteligíveis apenas considerando a existência dos Mistérios, e depois declarações de que os Mistérios realmente existem. Isto poderia, é claro, ser esperado, analisando as condições em que o *Novo Testamento* deixa o assunto, mas causa satisfação descobrir que os fatos correspondem às expectativas.

As primeiras testemunhas são aqueles chamados Padres Apostólicos, os discípulos dos Apóstolos; mas demasiado pouco subsiste de seus escritos, e mesmo o que resta é questionado. Quando não são escritas controversamente, as declarações não são tão categóricas como as dos escritores posteriores. Suas cartas são para o encorajamento dos crentes. Policarpo, Bispo de Smirna, e, juntamente com Inácio, discípulo de São João (*The Martyrdom of Ignatius*, vol. I, cap. III – Os texto utilizados provêm da *Ante-Nicene Christian Library*, de Clarke, um utilíssimo compêndio de antigüidades Cristãs. O número do volume é o seu número na série), expressa a esperança de que seus correspondentes sejam “bem versados nas sagradas Escrituras e que nada lhes seja oculto; mas para mim este privilégio ainda não foi outorgado” (Ibid., *The Epistle of Polycarp*, cap. XII). – escrevendo, aparentemente, antes de alcançar a Iniciação plena. Barnabé fala em comunicar “alguma porção do que eu mesmo recebi” (Ibid., *The Epistle of Barnabas*, cap. I) e depois de expor a Lei misticamente, declara que “nós, então, entendendo corretamente Seus mandamentos, os explicamos do modo como o Senhor pretendeu que significassem” (Ibid., cap. X). Inácio, Bispo de Antióquia, um discípulo de São João (Ibid., *The Martyrdom of Ignatius*, cap. I), fala de si mesmo como “ainda não sendo perfeito em Jesus Cristo. Pois só agora iniciei a ser um discípulo, e falo a vós como a meus condiscípulos” (Ibid., *Epistle of Ignatius to the Ephesians*, cap. III), e fala deles como “iniciados nos mistérios do Evangelho com Paulo, o santo, o martirizado” (Ibid., cap. XII). Mais uma vez ele diz: “Poderia eu não vos escrever coisas mais cheias de mistério? Mas temo em fazê-lo, podendo prejudicar-vos, a vós que sois apenas bebês. Perdoai-me a este respeito, pois não sendo capazes de receber todo seu peso, sérieis sufocados por elas. Pois mesmo eu, embora ligado (por Cristo) e sendo capaz de entender coisas celestiais, as ordens angélicas, e os diferentes tipos de anjos e hierarquias, a diferença entre tronos e potestades, a grandiosidade dos éons, e a preeminência dos querubins e serafins, a sublimidade do Espírito, o reino do Senhor, e acima de tudo a incomparável majestade de Deus Todo-poderoso – embora eu conheça estas coisas, ainda não sou de modo algum perfeito, nem sou um discípulo da estatura de Paulo ou Pedro” (Ibid., *To the Trallians*, vol. 2). Esta passagem é interessante, ao indicar que a organização das hierarquias celestes era um dos assuntos sobre os quais era dada instrução nos Mistérios. Novamente ele fala do Sumo Sacerdote, do Hierofante, “a quem foi confiado o Santo dos Santos, e quem sozinho foi informado dos segredos de Deus” (Ibid., *To the Philadelphians*, cap. IX).

Passamos a seguir para São Clemente de Alexandria e seu discípulo Orígenes, os dois escritores dos séculos II e III que mais nos contam sobre os Mistérios na Igreja Primitiva; embora a atmosfera geral seja cheia de alusões místicas, os dois são claros e categóricos em suas asserções de que os Mistérios eram uma instituição reconhecida.

São Clemente foi um discípulo de Panteno, e fala dele e de dois outros, ditos ser provavelmente Tatiano e Teódoto, como “preservando a tradição da doutrina bendita derivada diretamente dos santos Apóstolos Pedro, Tiago, João e Paulo” (Clemente de Alexandria, *Stromata*, livro I, cap., I – *A.-N.C.L.*, vol. IV), assim seu elo com

os próprios Apóstolos tem apenas um intermediário. Ele foi o diretor da Escola Catequética de Alexandria em 189 dC, e morreu cerca de 220 dC. Orígenes nasceu em torno de 185 dC, foi seu discípulo, e é, talvez, o mais instruído dos Padres, e um homem da mais rara beleza moral. Estas são as testemunhas de quem recebemos o mais importante registro da existência de Mistérios definidos na Igreja Primitiva.

Os *Stromata*, ou *Miscelânea*, de São Clemente, são nossa fonte de informação sobre os Mistérios naquela sua época. Ele mesmo fala destes escritos como uma “miscelânea de notas Gnósticas, de acordo com a verdadeira filosofia” (*Stromata*, livro I, cap. XXVIII – *A.-N.C.Lib.*, vol. IV), e as descreve também como memorandos dos ensinamentos que ele mesmo recebera de Panteno. A passagem é instrutiva: “O Senhor... permitiu-nos comunicar aqueles Divinos Mistérios, e aquela santa luz, àqueles capazes de os receber. Ele certamente não revela à multidão o que não pertence à multidão, mas aos poucos que Ele sabe que lhes pertencem, que são capazes de recebê-los e ser moldados de acordo com eles. Mas coisas secretas são confiadas á voz, e não ao escrito, como é o caso com Deus. E se alguém diz (parece que mesmo naquele tempo havia alguns que objetavam de alguma verdade ser ensinada secretamente!) que está escrito ‘Não há nada escrito que não seja revelado, nem oculto que não seja descoberto’, que também ouça de nós, que àquele que ouve secretamente, mesmo o que é secreto será manifesto. Isto é o que foi predito por aquele oráculo. E para aquele que é capaz de conservar em segredo o que lhe é transmitido, o que é velado lhe será descoberto como verdade; e o que está oculto da maioria aparecerá manifesto aos poucos... Os Mistérios são confiados misticamente, para o que é falado possa estar na boca do que fala; não em sua voz, mas em seu entendimento... O escrito destes meus memoranda, bem o sei, é fraco quando comparado com aquele espírito, que é cheio de graça, o qual eu tive o privilégio de ouvir. Mas será uma imagem para recordar o arquétipo àquele que foi tocado com o Tirso”. O Tirso, podemos assinalar, era a vareta levada pelos Iniciados, e os candidatos eram tocados com ela durante a cerimônia de Iniciação. Tinha uma significação mística, simbolizando a medula espinhal e a glândula pineal nos Mistérios Menores, e um Bastão, conhecido dos Ocultistas, nos Maiores. Dizer, portanto, “àqueles que foram tocados com o Tirso”, era exatamente o mesmo que dizer, “àquele que foi iniciado nos Mistérios”. Clemente prossegue: “Nós professamos não explicar coisas secretas suficientemente – longe disto – mas apenas recordá-las à memória, se tivermos esquecido algum detalhe, ou com o intuito de não esquecer. Muitas coisas, sei bem, nos escapam, na da passagem do tempo, e que deixamos de lado sem as escrever... Há coisas então de que não guardamos memória alguma; pois o poder que estava nos homens benditos era grande”. Uma experiência freqüente daqueles ensinados pelos Grandes Seres, pois Sua presença estimula e torna ativos poderes que normalmente estão latentes, e que o discípulo, desassistido, não pode evocar. “Também há coisas que permanecem de todo não registradas; que agora nos fogem; e outras que estão confusas, tendo se desvanecido na própria mente, uma vez que tal tarefa não é simples para os inexperientes; estas eu reavivo em meus comentários. Algumas coisas eu omito de propósito, exercitando uma sábia seleção, receando escrever o que eu evitei falar; não para enganar – pois seria errado – mas temendo por meus leitores, para que não tropecem tomando-as num sentido equívoco; e, como diz o ditado, estaríamos ‘dando uma espada para uma criança’. Pois é impossível que o que fosse escrito não fosse percebido (se tornasse sabido), assim permanece impublicado por mim. Mas sendo sempre circunspecto, usando apenas uma voz, a do escrito, (as coisas escritas) não respondem nada para aquele que faz perguntas além do que foi escrito; pois elas requerem necessariamente a ajuda de alguém, seja de quem escreveu, ou de outro que seguiu em seus passos. Meu tratado esconde certas coisas; em outras se demora; outras apenas menciona. Ele tenta falar discretamente, exhibir secretamente, e demonstrar silenciosamente” (Ibid., livro I, cap. I).

Esta passagem, se apenas ela existisse, seria suficiente para confirmar a existência de um ensinamento secreto na Igreja Primitiva. Mas de modo algum é um espécimen isolado. No capítulo XII do mesmo livro I,

sob o título “*Os Mistérios da Fé não devem ser divulgados a todos*”, Clemente declara que, uma vez que outros além do sábio podem chegar a ver sua obra, “é obrigatório portanto ocultar em um Mistério a sabedoria enunciada, que o Filho de Deus ensinou”. Língua purificada de quem fala, ouvido purificado de quem ouve, isto era necessário. “Tais foram as restrições no caminho de minha escrita. E mesmo agora eu temo, como se diz, de ‘lançar as pérolas aos porcos, para que não as calquem sob seus pés e se voltem contra nós e nos despedacem’. Pois é difícil exhibir as palavras realmente puras e transparentes a respeito da verdadeira luz aos ouvidos suínos e destreinados. Pois dificilmente haveria coisas que pudessem ser mais ridículas do que estas para a multidão; nem, por outro lado, qualquer assunto poderia ser mais admirável ou mais inspirador para aqueles de natureza nobre. Mas o sábio não profere com sua boca o que discute em concílio. Mas o que ouvis no ouvido, disse o Senhor, ‘proclamai acima das casas’, fazendo com que recebam as tradições sagradas do verdadeiro conhecimento, e expondo-as alto e conspicuamente; e já que ‘ouvimos no ouvido’, então as entregarmos a outros é obrigatório; mas não nos agrada comunicar a todos sem distinção o que lhes é dito em parábolas. Mas só existe um esboço em nossos memoranda, os quais têm a verdade esparsa e difusa, para que possa escapar da atenção daqueles que apanham sementes como gralhas; mas quando elas encontram um homem que as acolhe bem cada uma delas germinará e produzirá grão”.

Clemente poderia ter acrescentado que “proclamar acima das casas” era proclamar ou expor na assembléia dos Perfeitos, dos Iniciados, e de modo algum bradá-las para os homens nas ruas.

Novamente ele diz que aqueles que são “ainda cegos e surdos, não tendo entendimento, ou a visão clara e penetrante da alma contemplativa... devem ficar de fora do coro divino... Por conseguinte, em concordância com o método de ocultação, o Verbo verdadeiramente sagrado, verdadeiramente divino e necessário para nós, depositado no escrínio da verdade, era indicado, pelos egípcios, pelo que eles chamavam de *adyta*, e os Hebreus, de *véu*. Somente os consagrados... eram autorizados a ter-lhe acesso. Pois Platão também ensinou que não é lícito para ‘o impuro tocar no que é puro. Por isso as profecias e oráculos são proferidos em enigmas, e os Mistérios não são exibidos de imediato e em amplitude a todos, mas somente depois de certas purificações e instruções prévias” (Ibid., livro V, cap. IV). Ele então discorre longamente sobre os Símbolos, expondo os Pitagóricos, os Hebreus, Egípcios, e então assinala que o ignorante e o inculto falham em entendê-los. “Mas o Gnóstico compreende. Pois não é desejado que todas as coisas sejam expostas indiscriminada e completamente a todos, nem que os benefícios da sabedoria sejam comunicados àqueles que nem em sonho se purificaram na alma (pois não é permitido entregar a qualquer arrivista o que foi procurado com tantos esforços laboriosos); nem serão expostos ao profano os Mistérios da Palavra”. Os Pitagóricos e Platão, Zenão e Aristóteles tinham ensinamentos exotéricos e esotéricos. Os filósofos estabeleceram os Mistérios, pois “não seria mais benéfico para a santa e bendita contemplação das realidades serem ocultas?” (Ibid., cap. IX). Os Apóstolos também aprovavam “o velamento dos Mistérios da Fé”. “pois existe uma instrução para os perfeitos”, à qual se alude em *Colossenses*, 9-11 e 25-27. “Tanto é que, por outro lado, então, existem os Mistérios que estavam ocultos até o tempo dos Apóstolos, e foram pregados por eles assim como foram recebidos do Senhor, e, ocultos no *Antigo Testamento*, foram manifestos aos santos. E, por outro lado, há ‘as riquezas da glória do mistérios entre os Gentios’, que é a fé e esperança em Cristo; o que em outra parte ele chama de “o fundamento”. Ele cita São Paulo para demonstrar que este “conhecimento não pertence a todos”, e diz, referindo-se a Hebreus V e VI, que “certamente existem entre os Hebreus algumas coisas transmitidas oralmente”; e então se refere a São Barnabé, que fala de Deus, “que colocou em nossos corações a sabedoria e o entendimento de seus segredos”, e diz que “é dado a poucos entender estas coisas”, como se apresentando “um traço de tradição Gnóstica”. “Portanto a instrução que revela coisas ocultas é chamada de iluminação, assim como é somente o instrutor que levanta a tampa da arca” (Ibid., livro V, cap. X). Referindo-se mais a São Paulo, ele comenta sua declaração em *Romanos* de que

ele “virá na plenitude da bênção de Cristo” (loc. cit., XX, 29), e diz que ele significa com isto “o dom espiritual e a interpretação Gnóstica, que ao estar presente deseja transmitir a eles como ‘a plenitude de Cristo, de acordo com a revelação do Mistérios selado nas eras da eternidade, mas agora manifesto pelas Escrituras proféticas’ (Ibid., XVI, e 25-26; a versão citada difere em palavras, mas não em sentido, da Edição Inglesa Autorizada)... Mas apenas a uns poucos dentre eles é mostrado o que são estas coisas que o Mistério contém. Corretamente, então, Platão, nas cartas tratando de Deus, diz: ‘Devemos nos expressar em enigmas; para que se por qualquer acaso o escrito, por terra ou por mar, cair nas mãos de alguém, este permaneça ignorante’ (*Stromata*, livro V, cap. X).

Depois de muito exame dos escritores gregos, e uma investigação na filosofia, São Clemente declara que a Gnose “transmitida e revelada pelo Filho de Deus é sabedoria... E a Gnose em si é aquilo que continuou pela transmissão a uns poucos, tendo sido transmitida oralmente pelos Apóstolos” (Ibid., livro VI, cap. VII). É feita uma exposição muito alentada da vida do Gnóstico, do Iniciado, e São Clemente a conclui dizendo: “Que isto baste para aqueles que têm ouvidos. Pois não é preciso desvelar o mistério, mas apenas indicar o que baste, para aqueles que são partícipes no conhecimento, para traze-lo de novo à mente” (Ibid., livro VII, cap. XIV).

Considerando a Escritura como consistindo de alegorias e símbolos, e como escondendo o sentido a fim de estimular a indagação e para preservar o ignorante do perigo (ibid., livro VI, cap. XV), São Clemente naturalmente confinou a instrução superior aos mais cultos. “Nosso Gnóstico será profundamente culto” (Ibid., livro VI, cap. X), diz ele. “Pois o Gnóstico deve ser erudito” (ibid., livro VI, cap. VII). Aqueles que adquiriram desenvoltura através de treinamento prévio poderiam dominar o conhecimento mais profundo, pois embora “um homem possa ser um crente sem estudo, também declaramos que é impossível para um homem sem estudo compreender as coisas que são expostas na doutrina” (Ibid., livro I, cap. VI). “Alguns que se imaginam naturalmente dotados não desejam se aproximar da filosofia ou da lógica; antes não desejam aprender a ciência natural. Eles requerem apenas a fé pobre... Assim também eu chamo de verdadeiramente erudito aquele que leva tudo à base da verdade – para que, da geometria, da música, da gramática e da própria filosofia, selecionando o que é útil, preserve a fé contra assaltos. Quão necessário é, para o que deseja compartilhar do conhecimento de Deus, tratar dos assuntos intelectuais através da filosofia” (ibid., cap. IX). “O Gnóstico se vale dos ramos do conhecimento como exercícios preparatórios auxiliares” (Ibid., livro VI, cap. X). Quão longe estava São Clemente de pensar que o ensinamento do Cristianismo devesse ser medido pela ignorância do inculto. “Aquele que é familiarizado com todos os tipos de sabedoria será preeminentemente um Gnóstico” (Ibid., livro I, cap. XIII). Assim enquanto acolhe o ignorante e o pecador, e encontra no Evangelho o que atende às suas necessidades, considera que somente o culto e o puro seriam candidatos adequados para os Mistérios. “O Apóstolo, distintamente da perfeição Gnóstica, chama a fé comum de *fundamento*, e algumas vezes de *leite*” (*Stromata*, vol. XII, livro V, cap. IV), mas sobre aquele fundamento devia ser erguido o edifício da Gnose, e o alimento próprio de homens devia suceder ao dos bebês. Não há nenhuma intolerância ou complacência na distinção que ele faz, mas apenas um calmo e sábio reconhecimento dos fatos.

Mesmo o candidato bem preparado, o discípulo culto e treinado, só poderiam esperar avançar passo a passo nas profundas verdades desveladas nos Mistérios. Isto aparece claramente em seus comentários sobre a visão de Hermas, onde ele também dá algumas sugestões sobre o método de ler-se obras ocultas. “Não deu também o Poder, que apareceu a Hermas na Visão, sob a forma da Igreja, para transcrição o livro que ele desejava que fosse conhecido dos eleitos? E isto, ele diz, ele transcreveu ao papel, não sabendo como completar as sílabas. E isto significa que a Escritura é clara para todos, quando tomada ao pé da letra; e que isto é a fé que ocupa o lugar dos rudimentos. Daí é empregada também a expressão figurada ‘leitura de acordo com a letra’, enquanto que nós entendemos que a interpretação gnóstica das Escrituras, quando a fé



chegou a um grau avançado, é comparada com a leitura de acordo com as sílabas... Porém aquilo o Salvador ensinou os Apóstolos, a interpretação oral dos escritos (Escrituras) foi dada também a nós, inscrita pelo poder de Deus nos corações renovados, de acordo com a renovação do livro. Assim aqueles de grande reputação entre os gregos dedicam o fruto da romãzeira a Hermes, a quem chamam de fala, por conta de sua interpretação. Pois a fala oculta muito... Portanto não é apenas àqueles que lêem com simplicidade que a aquisição da verdade é tão difícil, mas a história de Moisés ensina que nem mesmo àqueles cuja prerrogativa é o conhecimento da verdade a sua contemplação é desvelada completamente; assim como os hebreus foram acostumados a contemplar a glória de Moisés, e os profetas de Israel as visões dos anjos, assim também nós nos tornamos capazes de olhar os esplendores da verdade face a face” (Ibid., livro VI, cap. XV).

Poderiam ser dadas ainda outras referências, mas estas serão suficientes para estabelecer o fato de que São Clemente sabia da existência dos Mistérios no seio da Igreja, havia sido iniciado neles, e escreveu para o benefício daqueles que também haviam sido iniciados.

A testemunha seguinte é o discípulo Orígenes, aquela brilhantíssima luz de erudição, coragem, santidade, devoção, brandura e zelo, cujas obras permanecem como minas de ouro onde o estudante pode garimpar os tesouros da sabedoria.

Em sua famosa controvérsia contra Celso, foram feitos ataques ao Cristianismo que suscitaram uma defesa da posição Cristã onde foram feitas freqüentes referências aos ensinamentos secretos (*Contra Celsus*, livro I. Este livro é encontrado no volume X da *A.-N.C.Lib.* Os livros restantes estão no volume XXIII).

Celso alegou, como argumento de seu ataque, que o Cristianismo era um sistema secreto, e Orígenes refuta isto dizendo que conquanto certas doutrinas fossem secretas, muitas outras eram públicas, e que este sistema de ensinamentos exotéricos e esotéricos, adotado no Cristianismo, era também de uso geral entre os filósofos. O leitor notará, na passagem abaixo, a distinção feita entre a ressurreição de Jesus, considerada sob uma luz histórica, e o “mistério da ressurreição”:

“Acima de tudo, uma vez que ele (Celso) freqüentemente chama a doutrina Cristã de sistema secreto (de fé), devemos confutá-lo também neste ponto, uma vez que quase todo o mundo está mais familiarizado com aquilo que os Cristãos pregam do que com as opiniões favoritas dos filósofos. Pois quem desconhece a declaração de que Jesus nasceu de uma virgem, e que foi crucificado, e que Sua ressurreição é um artigo de fé, e que é esperado um juízo final, no qual os maus serão punidos de acordo com suas faltas, e os justos serão devidamente recompensados? Mesmo assim, o Mistério da ressurreição, não sendo compreendido, é feito objeto de ridículo entre os descrentes. Nestas circunstâncias, falar da doutrina Cristã como sendo um sistema secreto é um completo absurdo. Mas que deva haver certas doutrinas, não descobertas à multidão, que o são depois que o profano é ensinado, não é uma peculiaridade apenas do Cristianismo, mas também de sistemas filosóficos nos quais certas verdades são exotéricas e outras são esotéricas. Alguns dos ouvintes de Pitágoras se contentavam com seu *ipse dixit*, enquanto que outros eram ensinados em segredo naquelas doutrinas que não eram consideradas próprias para serem comunicadas aos ouvidos profanos e insuficientemente preparados. Além disso, todos os Mistérios que são celebrados em toda a Grécia e em todos os países bárbaros, embora mantidos em segredo, não sofrem de nenhum descrédito, de modo que é vão que ele procure caluniar as doutrinas secretas do Cristianismo, constatando-se que ele não compreende corretamente sua natureza” (*Origen against Celsus*, livro I, cap. VII – *A.-N.C.Lib.*, vol. X).

É impossível negar que nesta importante passagem Orígenes nitidamente coloca os Mistérios Cristãos na mesma categoria dos do mundo Pagão, e invoca que aquilo que não é considerado como um descrédito em relação a outras religiões não deveria constituir motivo de ataque quando encontrado no Cristianismo.

Ainda escrevendo contra Celso, ele declara que os ensinamentos secretos de Jesus foram preservados na Igreja, e se refere especificamente às explicações que Ele deu a Seus discípulos a respeito de Suas parábolas, ao responder á comparação de Celso entre “os Mistérios internos da Igreja de Deus” e o culto egípcio aos animais. “Ainda não falei da observância de tudo o que está escrito nos Evangelhos, cada um dos quais contém muita doutrina difícil de ser entendida, não apenas pela multidão, mas mesmo por alguns dos mais inteligentes, incluindo uma profundíssima explicação das parábolas que Jesus aplicava ‘àqueles de fora’, ao mesmo tempo reservando a exibição de seu pleno significado àqueles que haviam passado pelo estágio do ensino exotérico, e que vinham a Ele em privado na casa. E quando estes passam a entendê-la, admiram a razão pela qual alguns são ditos ser ‘de fora’ e outros ‘de casa’ (*Origen against Celsus*, livro I, cap. VII).

E ele se refere discretamente à “montanha” de onde Jesus ascendeu, e de onde Ele desceu para auxiliar “aqueles que eram incapazes de segui-Lo para onde foram os Seus discípulos”. A alusão é à “Montanha da Iniciação”, uma frase mística bem conhecida, do mesmo modo que Moisés fez o Tabernáculo segundo o modelo “mostrado a ti no monte” (*Êxodo*, XX, 40; XXVI, 30, e compare-se com *Hebreus*, VIII, 5, e IX, 25). Orígenes se refere novamente a isto mais tarde, dizendo que Jesus mostrou-se bem diferente, em sua aparência real quando estava na “Montanha”, daqueles que O viram e não podiam “seguí-Lo tão alto” (*Origen against Celsus*, livro IV, cap. XVI).

Igualmente em seu comentário sobre o Evangelho de Mateus, capítulo XV, tratando do episódio da mulher sírio-fenícia, Orígenes assinala: “E talvez, também, das palavras de Jesus existam alguns pães que são passíveis de serem dados somente aos mais racionais, como se fosse a crianças; e outras haja como se fossem migalhas da mansão e mesa dos bem-nascidos, que podem ser usadas por algumas almas semelhantes a cães”.

A Celso, que lamentava que pecadores fossem trazidos para dentro da Igreja, Orígenes responde dizendo que a Igreja tinha o remédio para os que estavam doentes, mas também o estudo e conhecimento das coisas divinas para aqueles que estavam sãos. Os pecadores eram ensinados a não pecar, e somente quando era visto que havia sido feito progresso, e os homens estivessem “purificados pela Palavra”, “então, e não antes, nós os convidamos à participação em nossos Mistérios. Pois nós falamos sabedoria entre os que são perfeitos” (*Origen against Celsus*, livro III, cap. LIX). Os pecadores vêm para serem curados: “Pois existe na divindade do Verbo alguns auxílios para a cura dos que estão doentes... (Existem) outros, ainda, que ao puro de alma e corpo exibem a ‘revelação do Mistério, que foi mantido secreto desde que o mundo começou, mas que agora foi feito manifesto pelas Escrituras dos profetas’, e ‘pelo aparecimento de Nosso Senhor Jesus Cristo’, cuja ‘aparição’ é manifesta a cada um dos que são perfeitos, e que ilumina a razão no verdadeiro conhecimento das coisas” (*Origen against Celsus*, livro III, cap. LXI). Tais aparições de Seres divinos tinham lugar, como vimos, nos Mistérios Pagãos, e aqueles da Igreja tinham igualmente visitantes gloriosos. “Deus, o Verbo”, ele diz, “foi enviado como um médico para os pecadores, mas como um Instrutor dos Mistérios Divinos para aqueles que já são puros, e que não pecam mais” (*Ibid.*, cap. LXII). “A sabedoria não entrará na alma de um homem vil, nem irá residir em um corpo que está imerso no pecado”; daí que estes ensinamentos elevados são dados apenas àqueles que são “atletas na piedade e em todas as virtudes”.

Os Cristãos não admitiam o impuro neste conhecimento, mas diziam: “Quem quer que haja limpado as mãos, e, portanto, ergue mãos limpas para Deus... que venha a nós... quem quer que seja puro não somente de todo aviltamento, mas também do que é considerado como transgressões menores, que seja intrepidamente iniciado nos Mistérios de Jesus, que são feitos propriamente conhecidos somente aos santos e aos puros”. Também assim, antes que a cerimônia de Iniciação começasse, aquele que atuava como Iniciador, de acordo com os preceitos de Jesus, o Hierofante, fazia a significativa proclamação “àqueles que foram purificados no coração: Aquele cuja alma desde há muito tempo não tem consciência de nenhum mal, especialmente desde que sujeitou-se à cura pelo Verbo, que este ouça as doutrinas que eram ditas em privado por Jesus a Seus genuínos discípulos”. Esta era a abertura das portas da “Iniciação, dos que já estavam purificados, para os sagrados Mistérios” (*Origen against Celsus*, livro III, cap. LX). Só estes poderiam aprender as realidades dos mundos invisíveis, e poderiam entrar nos recintos sagrados onde, como antigamente, os anjos eram os instrutores, e onde o conhecimento era dado pela visão e não pelas palavras. É impossível não perceber o tom diferente destes Cristãos em relação aos seus sucessores modernos. Para aqueles a perfeita pureza de vida, a prática da virtude, o cumprimento da Lei divina em cada detalhe na conduta exterior, a perfeição da justiça, eram – assim como para os Pagãos – somente o início do caminho ao invés de seu final. Hoje em dia considera-se que a religião completou gloriosamente seu objetivo quando produz um Santo; assim foi aos Santos que devotou suas mais altas energias, e, tomando os puros de coração, levava-os à Visão Beatífica.

O mesmo fato do ensinamento secreto aparece novamente quando Orígenes discute os argumentos de Celso sobre a sabedoria de preservar costumes ancestrais, baseada na crença de que “as várias regiões da Terra foram desde o início entregues a diferentes Espíritos superintendentes, e foram assim distribuídas entre certos Poderes diretores, e deste modo a administração do mundo é levada adiante” (*Origen against Celsus*, livro V, cap. XXV – *A.-N.C.Libr.*, vol. XXIII).

Tendo Orígenes condenado as deduções de Celso, prossegue: “Mas como imaginamos ser provável que alguns daqueles acostumados a investigações mais profundas se deparem com este tratado, arrisquemos a deixar algumas considerações de um tipo mais profundo, com uma visão mística e secreta a respeito da distribuição original das várias regiões da Terra entre diferentes Espíritos superintendentes” (*Ibid.*, cap. XXVIII). Ele diz que Celso havia entendido mal as razões mais profundas a respeito do arranjo dos assuntos terrenos, algumas das quais são abordadas mesmo na história grega. Então ele cita o *Deuteronômio*, XXXII, 8-9: “Quando o Altíssimo dividiu as nações, quando Ele dispersou os filhos de Adão, estabeleceu os limites dos povos de acordo com o número dos Anjos de Deus; e a porção do Senhor foi Seu povo Jacó, e Israel a linhagem de Sua herança”. Este é o fraseado da edição Septuaginta, não a da Inglesa Autorizada, mas é muito sugestivo de que o título de “Senhor” fosse atribuído ao Anjo Regente dos Judeus, apenas, e não ao “Altíssimo”, isto é, Deus. Esta visão desapareceu, pela ignorância, e disto deriva a inadequação de muitas das declarações que se referem ao “Senhor”, quando são transferidas ao “Altíssimo”, como por exemplo em *Juizes*, I, 19 [“O Senhor estava com Judá, e ele conquistou a montanha, porém não pôde despojar os habitantes da planície, que possuíam carruagens de ferro” – NT].

Orígenes então relata a história da Torre de Babel, e continua: “Mas muito poderia ser dito sobre estes assuntos, e coisas de tipo místico, como o que segue: ‘É bom ocultar o segredo de um rei’, *Tobias*, XII, 7, ‘a fim de que a doutrina da entrada das almas nos corpos (porém não a da transmigração de um corpo para outro) não seja divulgada ao entendimento comum, nem o que é santo dado aos cães, nem pérolas jogadas aos porcos. Pois tal procedimento seria ímpio, sendo equivalente a uma traição das declarações misteriosas da sabedoria de Deus... É suficiente, contudo, representar no estilo de uma narrativa histórica, com uma vestimenta de história, o que é planejado para veicular um significado secreto, para que aqueles que têm

capacidade desenvolvam por si mesmos tudo o que se relaciona ao assunto” (*Origen against Celsus*, livro V, cap. XXIX – *A.-N.C.Libr.*, vol. XXIII). Ele então expõe mais completamente a história da Torre de Babel, e escreve: “Porém, a seguir, se alguém tiver capacidade, que entenda aquilo que assume a forma de história, e que contém algumas coisas que são literalmente verdade, embora ao mesmo tempo veicule um significado mais profundo...” (Ibid., cap. XXXI).

Depois de tentar mostrar que o “Senhor” era mais poderoso do que os outros Espíritos superintendentes de diferentes partes da Terra, e que ele enviou seu povo para ser punido vivendo debaixo do domínio de outros poderes, e depois alinou-os com todas as nações menos favorecidas que podiam ser reunidas, Orígenes conclui dizendo: “como observamos previamente, estas declarações devem ser entendidas como sendo feitas por nós com um sentido oculto, indicando os erros daqueles que asseveram...” (Ibid., cap. XXXII) como o fez Celso.

Depois de assinalar que “o objetivo do Cristianismo é que nos tornemos sábios” (Ibid., cap. XIV), Orígenes prossegue: “Se consultamos os livros escritos depois do tempo de Jesus, veremos que aquelas multidões de crentes que ouviram as parábolas são, como se diz, ‘de fora’, e dignos apenas das doutrinas exotéricas, enquanto que os discípulos aprendem em privado a explicação das parábolas. Pois privadamente Jesus descerrou todas as coisas aos Seus discípulos, estimando acima das multidões aqueles que desejavam conhecer Sua sabedoria. E Ele promete àqueles que acreditam n’Ele torná-los homens sábios e escribas... E Paulo também em seu catálogo dos ‘Charismata’ outorgados por Deus, colocou em primeiro lugar ‘a Palavra da sabedoria’, e em segundo, como sendo-lhe inferior, a ‘palavra do conhecimento’, mas em terceiro, e mais abaixo, a ‘fé’. E porque ele considerava ‘a palavra’ mais alto do que os poderes miraculosos, ele por esta razão coloca a ‘operação de milagres’ e os ‘dons de cura’ em um lugar mais baixo do que os dons da ‘Palavra’” (Ibid., cap. XLVI).

O Evangelho em verdade ajudava o ignorante, “mas não é impedimento algum para o conhecimento de Deus, antes é uma assistência, ter sido educado, e ter estudado as melhores opiniões, e ser sábio” (Ibid., caps. XLVII e LIV). Assim, para o inculto, “eu tento melhorá-lo também com o melhor de minha habilidade, embora eu não deseje construir a comunidade Cristã a partir de tais materiais. Pois eu busco de preferência os que são mais sagazes e argutos, porque são capazes de compreender o significado dos ditos mais difíceis” (Ibid., cap. LXXIV). Aqui expusemos claramente a antiga idéia Cristã, inteiramente de acordo com as considerações apresentadas no Capítulo I deste livro. No Cristianismo existe espaço para o ignorante, mas ele não foi planejado *somente* para estes, e tem ensinamentos mais profundos para os “sagazes e argutos”.

É para estes últimos que ele tem grande empenho em mostrar que as Escrituras Cristãs e Judaicas têm significados ocultos, velados debaixo de histórias cujo significado exterior ele repele como absurdos, aludindo à serpente e a árvore da vida, e “as outras declarações que se seguem, que poderiam em si conduzir um leitor cândido a ver que todas estas coisas têm, não impropriamente, um significado alegórico” (Ibid., livro IV, cap. XXXIX). Muitos capítulos são devotados a estes sentidos alegóricos e místicos, escondidos debaixo das palavras do Velho e do Novo Testamentos, e ele alega que Moisés, como os Egípcios, contou histórias que ocultavam o significado” (*Origen against Celsus*, livro I, cap. XVII e outros – *A.-N.C.Libr.*, vol X). “Aquele que lida candidamente com as histórias” – este é o cânone geral de interpretação de Orígenes – “e deseje se preservar de ser confundido por elas, exercitará seu julgamento sobre a quais declarações dará seu consentimento, e o que aceitará figuradamente, procurando descobrir a intenção dos autores destas invenções, e contra quais declarações ele preservará suas crenças, como tendo sido escritas para a gratificação de certos indivíduos. E dissemos isto como antecipação a respeito de toda a história relatada nos

Evangelhos a respeito de Jesus” (Ibid., cap. XIII). Uma grande parte de seu Livro IV é tomada por ilustrações das explicações místicas das histórias das Escrituras, e qualquer um que deseje seguir o assunto pode lê-lo.

No *De Principiis*, Orígenes dá como sendo o ensinamento recebido da Igreja “que as escrituras foram escritas pelo Espírito de Deus, e tendo um significado, não apenas aquele aparente á primeira vista, mas também um outro, que escapa da percepção da maioria. Pois aquelas (palavras) que são escritas são as formas de certos Mistérios, e as imagens das coisas divinas. A este respeito existe uma única opinião em toda a Igreja, de que toda a lei é em verdade espiritual; mas que o significado espiritual que a lei veicula não é conhecido de todos, mas só àqueles em quem a graça do espírito Santo é outorgada na palavra da sabedoria e do conhecimento” (*De Principiis*, prefácio, p. 8 – *A.-N.C.Libr.*, vol. X). Aqueles que lembram o que já foi citado verão na “Palavra de sabedoria” e na “palavra do conhecimento” as duas instruções místicas típicas, a espiritual e a intelectual.

NO Livro IV de *De Principiis*, Orígenes explica longamente suas concepções sobre a interpretação da Escritura. Ela tem um “corpo”, que é “o senso histórico e comum”; uma “alma”, um significado figurado a ser descoberto pelo exercício do intelecto; e um “espírito”, um sentido interno e espiritual, a ser conhecido somente por aqueles que têm “a mente de Cristo”. Ele considera que coisas incongruentes e impossíveis são inseridas na história para estimular um leitor inteligente, e compeli-lo a buscar uma explicação mais profunda, enquanto que as pessoas simples a lerão sem perceber as dificuldades (Ibid., cap. I).

O Cardeal Newman, em seu *Arians of the Fourth Century*, faz certas declarações interessantes sobre a *Disciplina Arcani*, mas, com o ceticismo profunda e indelevelmente enraizado do século XIX, ele não pode acreditar de todo nas “riquezas da glória do Mistério”, ou provavelmente nem por um momento concebeu a possibilidade da existência de tais esplêndidas realidades. Mesmo sendo ele um crente em Jesus, e as palavras da promessa de Jesus sendo claras e definidas: “Eu não vos deixarei sem conforto; Eu virei a vós. Ainda um pouco mais, e o mundo já não Me verá; mas vós me vereis: porque Eu vivo, e viverei. Naquele dia deveis saber que Eu estou no meu Pai, e vós em Mim, e Eu em vós” (João, XIV, 18-20). A promessa foi amplamente cumprida, pois Ele veio a eles e os ensinou em Seus Mistérios; lá eles O viram, embora o mundo já não O visse, e reconheceram o Cristo neles, e sua vida como a do Cristo.

O cardeal Newman reconhece uma tradição secreta, transmitida desde os Apóstolos, mas ele considera que consistia das doutrinas Cristãs, mais tarde divulgadas, esquecendo que aqueles que eram informados de que ainda não estavam prontos para recebê-la (a doutrina secreta) não eram pagãos, nem mesmo catecúmenos, mas membros plenos e comungantes da Igreja Cristã. Assim ele diz que esta tradição secreta foi mais tarde (divulgada com autoridade e perpetuada sob a forma de símbolos”, e foi corporificada “nos credos dos primeiros Concílios” (Loc. cit., cap. I, seq. III, p. 55). Mas como as doutrinas nos credos são encontráveis nos Evangelhos e nas Epístolas, esta posição é completamente insustentável, tudo isto já tendo sido divulgado ao mundo amplamente; e os membros da Igreja certamente estavam instruídos de tudo a respeito de todas elas. As repetidas declarações a respeito do sigilo se tornam sem sentido se explicadas desta forma. O Cardeal, entretanto, diz que o que quer que “não tenha sido autenticado desta forma, seja informação profética ou comentário sobre as antigas dispensações, é, pelas circunstâncias do caso, perdido para a Igreja” (Loc. cit., cap. I, seq., III, pp. 55-56). Isto é muito provável, de fato é certamente verdadeiro, até onde interessa à Igreja, mas não obstante é recuperável.

Comentando sobre Irineu, que em sua obra *Contra as Heresias* dá muita ênfase sobre a existência de uma

Tradição Apostólica na Igreja, o Cardeal escreve: “Ele então passa a falar da clareza e poder de persuasão das tradições preservadas na Igreja, como contendo a verdadeira sabedoria dos perfeitos, da qual fala São Paulo, e à qual pretendem os Gnósticos. E, na verdade, (mesmo) sem provas formais da existência e da autoridade nos primeiros tempos de uma Tradição Apostólica, é claro que deve ter havido uma tal tradição, supondo que os Apóstolos conversassem, e seus amigos tivessem lembranças, como outros homens. É de todo inconcebível que eles não tivessem sido levados a arranjar as séries de doutrinas reveladas mais sistematicamente do que as registram nas Escrituras, assim que seus seguidores foram expostos aos ataques e más interpretações dos heréticos; a menos que tenham sido proibidos disto, uma suposição que não se sustenta. Suas declarações surgidas nestas circunstâncias obviamente seriam preservadas, juntamente com os outros segredos, mas que eram verdades de menor importância, aos quais São Paulo parece aludir, e que os primeiros escritores mais ou menos reconhecem, seja a respeito dos modelos da Igreja Judaica, ou dos destinos futuros da Cristã. E tais recordações dos ensinamentos apostólicos evidentemente seriam imperativas sobre a fé daqueles que eram instruídos nelas; a menos que se possa supor que, embora provindo de instrutores inspirados, não fossem de origem divina” (Ibid., pp. 54,55). Em uma parte da seção que trata do método alegórico, ele escreve em referência ao sacrifício de Isaac, etc, como sendo “típico da revelação do Novo Testamento”: “Em reforço a esta declaração, seja observado que parece ter havido (‘parece ter havido’ é uma expressão algo fraca, depois do que é dito sobre Clemente e Orígenes, dos quais algumas citações são dadas no texto) na Igreja uma explicação tradicional destes modelos históricos, derivada dos Apóstolos, mas mantidas entre as doutrinas secretas, por serem perigosas à maioria dos ouvintes; e certamente São Paulo, na *Epístola aos Hebreus*, nos dá um exemplo desta tradição, tanto como existente quanto como secreta (mesmo sendo mostrado ser de origem Judaica), quando, primeiro provando-se e questionando a fé de seus irmãos, comunica, não sem hesitação, a visão evangélica da passagem sobre Melquisedec, do modo como foi introduzida no livro do Gênesis” (Ibid., p. 62).

As convulsões sociais e políticas que acompanharam a morte do Império Romano agora começavam a torturar sua vasta moldura, e mesmo os Cristãos foram colhidos no torvelinho dos interesses egoístas em combate. Ainda encontraremos referências esparsas ao conhecimento especial concedido aos líderes e instrutores da Igreja, conhecimento das hierarquias celeste, instruções dadas por anjos, e assim por diante. Mas a ausência de discípulos aceitáveis fez com que os Mistérios se extinguissem como uma instituição cuja existência era reconhecida publicamente, e o ensinamento passou a ser dado mais e mais secretamente àquelas almas mais e mais raras, que pela cultura, pureza e devoção se mostravam capazes de recebê-lo. Já não havia escolas onde os ensinamentos preliminares fossem dados, e com seu desaparecimento “a porta foi fechada”.

Não obstante pode-se detectar duas correntes na Cristandade, as quais tiveram suas fontes nos Mistérios desaparecidos. Uma era a corrente do aprendizado místico, fluindo da Sabedoria, da Gnose transmitida nos Mistérios; outra era a corrente da contemplação mística, igualmente parte da Gnose, conduzindo ao êxtase, à visão espiritual. Esta última, contudo, divorciada do conhecimento, raramente atingiu o verdadeiro êxtase, e tendeu ou a correr desenfreada para as regiões mais baixas dos mundos invisíveis, ou perder-se entre uma variegada multidão de formas sutis superfísicas, visíveis como aparições objetivas à visão oculta – forçada prematuramente por jejuns, vigílias e atenção concentrada – mas em sua maioria nascidas dos pensamentos e emoções do vidente. Mesmo quando as formas observadas não eram pensamentos externalizados, eram vistas através de uma atmosfera distorcedora de idéias e crenças preconcebidas, e assim tornadas largamente indignas de crédito. Não obstante, algumas das visões foram verdadeiramente de coisas celestiais, e Jesus realmente apareceu de tempos em tempos aos Seus amantes devotados, e anjos algumas vezes iluminaram com sua presença a cela do monge e da freira, a solitude do devoto apaixonado e do paciente

buscador de Deus. Negar a possibilidade de tais experiências seria amputar na própria raiz aquilo “que tem sido acreditado com mais certeza” em todas as religiões, e é conhecido dos ocultistas – a intercomunicação entre Espíritos encerrados na carne e aqueles revestidos de vestimentas mais sutis, o contato de mente com mente através das barreiras da matéria, o desabrochar da divindade no homem, o conhecimento seguro de uma vida além dos portões da morte.

Olhando pelos séculos não vemos tempo algum em que a Cristandade estivesse de todo privada de mistérios. “Foi provavelmente em torno do final do século V, bem na época em que a antiga filosofia estava morrendo na Escola de Atenas, que a filosofia especulativa do Neoplatonismo estabeleceu-se definitivamente no pensamento Cristão através das falsificações literárias do Pseudo-Dionísio. As doutrinas do Cristianismo estavam naquela altura tão firmemente estabelecidas que a Igreja poderia encarar uma interpretação simbólica ou mística delas sem ansiedade. O autor da *Theologica Mystica* e de outras obras atribuídas ao Areopagita passa, assim, a desenvolver as doutrinas de Proclo sem muita modificação em um sistema de Cristianismo esotérico. Deus é o Ser inominável e supra-essencial, acima da própria bondade. Daí a ‘teologia negativa’, que sobe da criatura até Deus retirando um após outro todos os atributos determinados, e que nos conduz para mais perto da verdade. O retorno para Deus é a consumação de todas as coisas e a meta indicada pelo ensino Cristão. As mesmas doutrinas foram pregadas com maior fervor eclesiástico por Máximo, o Confessor (580-622). Máximo representa quase a última atividade especulativa da Igreja grega, mas a influência dos escritos do Pseudo-Dionísio foi transmitida para o Ocidente no século IX por Erígena, em cujo espírito especulativo tiveram origem tanto o escolasticismo quanto o misticismo da Idade Média. Erígena traduziu Dionísio para o latim junto com os comentários de Máximo, e seu sistema é essencialmente baseado no deles. É adotada a teologia negativa, e Deus é considerado um Ser sem atributos, acima de todas as categorias, e portanto não impropriamente chamado de Nada. Fora deste Nada ou essência incompreensível é criado eternamente o mundo das idéias ou causas primordiais. Este é o Verbo ou Filho de Deus, em quem existem todas as coisas, até onde possuam existência substancial. Toda a existência é uma teofania, e como Deus é o início de todas as coisas, também é seu final. Erígena ensina o resgate de todas as coisas sob a forma da *adunatio* ou *deificatio* Dionisiana. Estas são as linhas gerais permanentes do que pode ser chamado a filosofia do misticismo nos tempos Cristãos, e é notável a escassez de variação com que são repetidas de era em era” (Artigo sobre *Misticism*, in *Encyclopaedia Britannica*).

No século XI Bernardo de Claraval (1091-1153) e Hugo de São Victor continuaram a tradição mística, com Richard de São Victor no século seguinte, e São Boaventura, o Doutor Seráfico, e o grande Tomás de Aquino (1227-1274) no século XIII. Tomás de Aquino domina a Europa da Idade Média, pela força de seu caráter não menos do que por sua erudição e piedade. Ele estabelece a “Revelação” como uma fonte de conhecimento, sendo a Escritura e a tradição os dois canais por onde corre, e a influência, perceptível em seus escritos, do Pseudo-Dionísio o conecta aos Neoplatônicos. A segunda fonte é a Razão, e aqui os canais são a filosofia Platônica e os métodos de Aristóteles – este uma aliança que não fez bem ao Cristianismo, pois Aristóteles se tornou um obstáculo para o progresso do pensamento superior, o que se evidencia nas lutas de Giordano Bruno, o Pitagórico. Tomás de Aquino foi canonizado em 1323, e o grande Dominicano permanece como um modelo da união da teologia e da filosofia – o anelo de sua vida. Eles pertencem à grande Igreja da Europa ocidental, e sustentam sua reivindicação de ser considerada a transmissora da tocha santa do ensinamento místico. Em torno dela também se disseminaram muitas seitas, julgadas heréticas, mas que continham tradições verdadeiras do sagrado conhecimento secreto, como os Cátaros e muitos outros, perseguidos por uma Igreja ciumenta de sua autoridade, temerosa de que as pérolas santas passassem à custódia profana. Também naquele século Santa Elisabeth da Hungria rebrilha com doçura e pureza, enquanto que Eckhart (1260-1329) prova ser um digno herdeiro das Escolas Alexandrinas. Eckhart ensinou que “a Divindade é a

Essência (*Wesen*) absoluta, incognoscível não só pelos homens, mas também por Si mesmo; Ela é escuridão e absoluta indeterminação, *Nicht*, em contraste a *Icht*, ou existência definida e cognoscível. Mas é a potencialidade de todas as coisas, e Sua natureza, num processo triádico, passa à consciência de Si como o Deus trino. A criação não é um ato temporal, mas uma necessidade eterna da natureza divina”. Eckhart se compraz em dizer que “eu sou necessário para Deus, assim como Deus é necessário para mim. Em meu conhecimento e amor Deus conhece e ama a Si mesmo” (*Verbete Mysticism; Encyclopaedia Britannica*).

Eckhart é seguido, no século XIV, por John Tauler e Nicolas de Basel, “o amigo de Deus em Oberland”. Deles nasceu a Sociedade dos Amigos de Deus, verdadeiros místicos e seguidores da antiga tradição. Mead assinala que Tomás de Aquino, Tauler e Eckhart seguiram o Pseudo-Dionísio, que seguiu Plotino, Jámblico e Proclo, que por sua vez seguiram Platão e Pitágoras (Mead, *Orpheus*, pp. 53-54). Deste modo são interligados os seguidores da Sabedoria em todas as eras. Foi provavelmente um “Amigo” o autor da *Die Deutsche Theologie*, um livro de devoção mística, que teve o curioso destino de ser aprovado por Schaupitz, o Vigário-Geral da ordem Agostiniana, que foi recomendado a Lutero e pelo próprio Lutero, que o publicou em 1516, como um livro que deveria estar logo depois da Bíblia e dos escritos de Santo Agostinho de Hipona. Um outro “Amigo” foi Ruysbroeck, cuja influência em Groot foi devida à fundação dos Irmãos do Quinhão Comum ou da Vida Comum – uma Sociedade que deve permanecer sempre memorável, já que tinha entre seus membros aquele príncipe dos místicos, Thomas a Kempis (1380-1471), o autor da imortal *Imitação de Cristo*.

No século XV o lado mais puramente intelectual do misticismo desponta mais fortemente do que o extático – tão dominante nestas sociedades do século XIV – e temos o Cardeal Nicolau de Cusa, junto com Giordano Bruno, o martirizado cavaleiro errante da filosofia, e Paracelso, o caluniadíssimo cientista, que retirou seu conhecimento diretamente das fontes orientais originais, em vez de através de canais gregos.

O século XVI presenciou o nascimento de Jacob Böhme (1575-1624), o “remendão inspirado”, verdadeiramente um Iniciado em obscurecimento, dolorosamente perseguido por homens não iluminados; e então veio Santa Teresa, a oprimidíssima e sofredora mística espanhola; e São João da Cruz, uma flama ardente de intensa devoção; e São Francisco de Sales. Roma foi sábia ao canonizá-los, mais sábia que a Reforma, que perseguiu Böhme, mas o espírito da Reforma foi sempre intensamente antimístico, e onde quer que seu alento tenha passado as formosas flores do misticismo murcharam como debaixo do Sirocco.

Assim, embora tendo apoiado, canonizando, uma Teresa morta, depois de tê-la atormentado amargamente em vida, a Igreja procedeu pior com Madame de Guyon (1648-1717), uma verdadeira mística, e com Miguel de Molinos (1627-1696), digno de sentar-se ao lado de São João da Cruz, que continuou no século XVII a alta devoção do místico, transformada em uma forma peculiarmente passiva – o Quietismo.

Neste mesmo século surgiu a escola dos Platônicos em Cambridge, de quem Henry More (1614-1687) pode servir como exemplo eminente; também Thomas Vaughan, e Robert Fludd, o Rosacruz; e lá foi formada ainda a Sociedade dos Filadelfos, e vemos William Law (1686-1761) ativo no século XVIII, e ultrapassando Saint-Martin (1743-1803), cujos escritos fascinaram tantos estudantes do século XIX (Aqui devo prestar reconhecimento ao artigo *Mysticism* da *Encyclopaedia Britannica*, embora esta publicação não possa de modo algum ser responsabilizada pelas opiniões expressas).

Nem devemos omitir Christian Rosenkreutz (morto em 1484), cuja mística Sociedade da Rosa e da Cruz, aparecida em 1614, tinha verdadeiro conhecimento, e cujo espírito renasceu no “Conde de Saint-Germain”, a



misteriosa figura que apareceu e desapareceu na melancolia, iluminada por lúgubres lampejos, do final do século XVIII. Também místicos foram alguns Quakers, a muito perseguida seita dos Amigos, procurando a iluminação da Luz Interior, e ouvindo sempre a Voz Interior. E houve muitos outros místicos, “de quem o mundo não foi digno”, como a completamente adorável e sábia Mãe Juliana de Norwich, do século XIV, jóias da Cristandade, escassamente conhecidas, mas justificando o Cristianismo diante do mundo.

Assim, ao mesmo tempo em que saudamos reverentes estas Crianças da Luz, espalhadas pelos séculos, somos forçados a reconhecer nelas a ausência daquela união de intelecto agudo e alta devoção que seriam fundidos pelo treinamento nos Mistérios, e enquanto nos maravilhamos de que tenham se alçado tão alto, não podemos senão desejar que tivessem seus raros dons sido desenvolvidos debaixo da magnífica *disciplina arcani*.

Alphonse Louis Constant, mais conhecido por seu pseudônimo Eliphas Levi, expressou muito bem a perda dos Mistérios, e a necessidade de sua reinstalação. “Um grande infortúnio se abateu sobre a Cristandade. A traição dos Mistérios pelos falsos Gnósticos – pois Gnósticos, isto é, *aqueles que sabem*, eram os Iniciados do Cristianismo primitivo – fizeram com que a Gnose fosse rejeitada, e alienaram a Igreja das supremas verdades da Kabbala, que contém todos os segredos da teologia transcendental... Que a ciência mais absoluta, que a mais excelsa razão, se tornem uma vez mais o patrimônio dos líderes dos povos; que a arte sacerdotal e a arte régia tomem o duplo cetro das antigas iniciações, e o mundo social será uma vez mais tirado de seu caos. Chega de queimar as imagens, basta de derrubar os templos; templos e imagens são necessários para os homens; mas expulsem os mercenários da casa de oração; que o cego deixe de ser o líder para os cegos, reconstrua-se a hierarquia de inteligência e santidade, e reconheçam somente aqueles que sabem como instrutores dos que crêem” (*The Mysteries of Magic*, trad. para o inglês de A.E.Waite, pp 58 e 60).

Retomarão as Igrejas de hoje o ensinamento místico, os Mistérios Menores, preparando assim seus filhos para o restabelecimento dos Mistérios Maiores, atraindo mais uma vez o Anjos para ensinar, e tendo como Hierofante o Divino Mestre, Jesus? Da resposta a esta pergunta depende o futuro do Cristianismo.

## CAPÍTULO IV

### O Cristo Histórico

Já falamos, no capítulo I, sobre as identidades que existem em todas as religiões do mundo, e vimos que de um estudo destas identidades de crenças, simbolismos, ritos, cerimônias, histórias e festivais comemorativos nasceu uma escola moderna que relaciona tudo isto a uma fonte comum na ignorância humana, e em uma explicação primitiva dos fenômenos naturais. A partir destas identidades foram forjadas armas para atacar cada religião por sua vez, e os mais efetivos ataques ao Cristianismo e à existência histórica de seu Fundador obtiveram suas armas naquela fonte. Passando agora ao estudo da vida de Cristo, dos ritos do Cristianismo, seus sacramentos, suas doutrinas, seria fatal ignorarmos os fatos reunidos pela Mitologia Comparada. Entendidos corretamente, eles podem ser úteis, em vez de daninhos. Vimos que os Apóstolos e seus sucessores trataram mui livremente o Antigo Testamento como tendo um sentido alegórico e místico muito mais importante do que o histórico, embora de modo algum negando-o, e não tiveram escrúpulos em instruir o crente culto de que alguns relatos que eram aparentemente históricos fossem em verdade puramente alegóricos. Ali, talvez, seja mais necessário entender isto do que ao estudarmos a história de Jesus,

cognominado de Cristo, pois quando não desenredamos as linhas emaranhadas, e vemos onde os símbolos foram tomados como eventos, alegorias como histórias, perdemos a maior parte da instrutividade da narrativa e muito de sua finíssima beleza. Não podemos insistir demais no fato de que o Cristianismo ganha, e não perde, quando o conhecimento é acrescentado à fé e à virtude, de acordo com a injunção apostólica (II Pedro, I, 5). Os homens temem que o Cristianismo seja enfraquecido quando a razão o analisa, e que seja “perigoso” admitir que eventos imaginados serem históricos têm o significado mais profundo no terreno mítico ou místico. Ao contrário, ele é fortalecido, e o estudante descobre, com alegria, que a pérola de grande valor brilha com um lustro mais puro e claro quando a camada de ignorância é removida e as suas muitas cores são vistas.

Hoje em dia há duas escolas de pensamento, acerbamente opostas entre si, disputando em torno da história do grande Instrutor Hebreu. De acordo com uma escola não há nada exceto mitos e lendas nos registros de Sua vida – mitos e lendas que foram dados como explicação de certos fenômenos naturais, resquícios de um modo figurativo de se ensinar os fatos da natureza, de imprimir nas mentes dos incultos certas classificações abrangentes dos eventos naturais que são importantes em si, e que se prestavam à instrução moral. Os que ratificam esta visão formam uma escola bem definida à qual pertencem muitos homens de alta educação e poderosa inteligência, e em torno deles se reúnem multidões de menos instruídos, que enfatizam com veemência crua os elementos mais destrutivos dos seus pronunciamentos. A esta escola se opõe a dos crentes no Cristianismo ortodoxo, que declaram que toda a narrativa de Jesus é histórica, não adulterada pela lenda ou pelo mito. Eles sustentam que esta narrativa não é nada mais do que a história da vida de um homem nascido há dezenove séculos atrás na Palestina, que passou por todas as experiências registradas nos Evangelhos, e eles negam que a narrativa tenha qualquer significação além daquela de uma vida divina e humana. Estas duas escolas permanecem em antagonismo direto, uma asseverando que tudo é lenda, a outra declarando que tudo é história. Entre elas existem muitas variantes de opinião geralmente rotuladas de “livre-pensamento”, que consideram a narrativa da vida como parcialmente legendária e parcialmente histórica, mas não oferecem nenhum método definido e racional de interpretação, e nenhuma explicação adequada para o complexo todo. E também encontramos, dentro do âmbito da Igreja Cristã, um número grande e sempre crescente de Cristãos fiéis e devotos de inteligência refinada, homens e mulheres que são aplicados em sua fé e religiosos em suas aspirações, mas que vêm na narrativa Evangélica mais do que a história de um simples Homem Divino. Eles alegam – defendendo sua posição contra as Escrituras reveladas – que a história de Cristo tem um significado mais profundo e importante do que aquele que jaz na superfície; conquanto sustentem o caráter histórico de Jesus, ao mesmo tempo declaram que O CRISTO é mais que o homem Jesus, e que tem um significado místico. Em apoio a esta posição eles indicam certas frases que são usadas por São Paulo: “Meus filhos, de quem sofro as dores do parto até que Cristo esteja formado em vós” (*Gálatas*, IV, 19); aqui São Paulo obviamente não pode se referir a um Jesus histórico, mas a alguma projeção [*forth-putting*, no original – NT] da alma humana que para ele é a formação de Cristo no seu interior. Novamente o mesmo instrutor declara que embora ele tenha conhecido Cristo na carne, dali em diante ele já não o conheceria assim (*II Coríntios*, V, 16); obviamente implicando que embora conhecendo o Cristo de carne – Jesus – havia uma concepção superior à qual chegara que lançava o Cristo histórico na sombra. Esta é a visão que muitos estão procurando hoje em dia, e – confrontados com os fatos da Religião Comparada, perplexos pelas contradições dos Evangelhos, confusos pelos problemas que eles não podem resolver enquanto ficarem presos ao mero significado superficial de sua escritura – então gritam desesperados que a letra mata mas o espírito vivifica, e procuram descobrir algum significado mais profundo e vasto em uma história que é tão velha quanto as religiões do mundo, e tem sempre servido como o verdadeiro cerne e vida para cada religião na qual reapareceu. Estes infatigáveis pensadores, demasiado desconectados e indefinidos para serem considerados uma escola, parecem estender uma mão, de um lado, para aqueles que imaginam tudo ser uma lenda, pedindo-lhes para aceitarem uma base histórica; de outro lado, dizem a seus irmãos

Cristãos que existe um perigo crescente em se aferrar a um significado literal e exclusivo, o qual já não pode ser defeso diante do conhecimento crescente desta época, e pondo a perder inteiramente o significado espiritual. Há um perigo de perder-se “a história do Cristo” junto com aquele pensamento sobre o Cristo que tem sido o sustento e a inspiração de milhões de vidas nobres no Oriente e no Ocidente, embora o Cristo seja chamado por outros nomes e adorado sob outras formas; um perigo de que a pérola de grande valor se perca para nós, e o homem seja completamente empobrecido para sempre.

O que é preciso, a fim de que este perigo possa ser evitado, é desemaranhar as diferentes linhas na história do Cristo, e colocá-las lado a lado – a linha da história, a linha da lenda, a linha do misticismo. Elas se misturaram numa só linha, para grande prejuízo daquele que pensa, e desemaranhando-as veremos que a história se torna mais, e não menos, valiosa quando se acrescenta a ela o conhecimento, e que aqui, como em tudo que pertence basicamente à verdade, quanto mais brilhante é luz lançada, maior é a beleza que se desvela.

Estudaremos primeiro o Cristo histórico; depois o Cristo mítico, e enfim o Cristo místico. E veremos que elementos retirados de todos eles constituem o Jesus Cristo das Igrejas. Todos eles entram na composição da Figura patética e grandiosa que domina os pensamentos e as emoções da Cristandade, o Homem das Dores, o Salvador, o Amante e o Senhor dos Homens.

### **O Cristo Histórico ou Jesus, o Curador e Instrutor**

A linha da história de vida de Jesus é uma que pode ser separada sem grande dificuldade das outras com que se mesclou. Podemos aqui muito bem auxiliar nosso estudo com referência àqueles registros do passado que peritos podem confirmar por si mesmos, e a partir dos quais certos detalhes a respeito do Instrutor Hebreu foram transmitidos ao mundo por H.P. Blavatsky e por outros peritos em investigação oculta. Mas nas mentes de muitos pode surgir um óbice quando essa palavra “perito” é aplicada em conexão ao ocultismo. Embora signifique simplesmente uma pessoa que por estudo especial, por treinamento especial, acumulou um tipo especial de conhecimento, e desenvolveu poderes que o capacitam a dar uma opinião fundamentada em seu conhecimento pessoal a respeito do assunto com que está lidando. Assim como falamos de Huxley como um perito em Biologia, assim como falamos de Senior Wrangler como um perito em Matemática, ou de Lyell como um perito em geologia, então podemos muito bem chamar de perito em ocultismo um homem que primeiro dominou intelectualmente certas teorias fundamentais sobre a constituição do homem e do universo, e segundo desenvolveu em si mesmo os poderes que existem latentes em todos – e são passíveis de serem desenvolvidos por aqueles que se aplicam aos estudos apropriados – capacidades que o habilitam a examinar por si mesmo os mais obscuros processos da natureza. Assim como um homem pode nascer com uma faculdade matemática, e treinando esta faculdade ano após ano ele pode aumentar imensamente sua capacidade matemática, do mesmo modo um homem pode nascer com certas faculdades em si, faculdades pertencentes à Alma, que podem ser desenvolvidas pelo treino e pela disciplina. Quando, tendo desenvolvido estas faculdades, ele as aplica ao estudo do mundo invisível, um tal homem se trona um perito na Ciência Oculta, e um tal homem pode à sua vontade confirmar os registros a que me referi. Esta confirmação está tão fora do alcance da pessoa comum quanto um livro matemático escrito nos símbolos da matemática avançada está fora do alcance daqueles destreinados na ciência matemática. Não há nada de exclusivo no conhecimento a não ser até onde cada ciência é exclusiva; aqueles que nascem com uma faculdade, e a adestram, podem dominar sua respectiva ciência, enquanto que aqueles que iniciam a vida sem qualquer faculdade, ou os que não a desenvolvem se a possuem, devem se contentar em permanecer na ignorância. Estas são as regras por toda parte a respeito da obtenção de conhecimento, tanto no Ocultismo como em

qualquer ciência.

Os registros ocultos em parte endossam a história contada nos Evangelhos, e em parte a refutam; eles nos apresentam a vida, e assim nos capacitam a separá-la dos mitos que se lhe estão entretecidos.

A criança cujo nome foi traduzido como Jesus nasceu na Palestina em 105 aC, durante o consulado de Publius Rutilius Rufus e Gnaeus Mallius Maximus. Seus pais eram de boa linhagem, mas pobres, e ele foi educado no conhecimento das escrituras Hebraicas. Sua fervorosa devoção e uma gravidade precoce levaram seus pais a dedicá-lo à vida religiosa e ascética, e logo após uma visita a Jerusalém, na qual a extraordinária inteligência e avidez por conhecimento do jovem foram demonstrados em sua busca pelos doutores do Templo, ele foi enviado para ser treinado em uma comunidade Essênica no sul do deserto da Judéia. Chegando aos dezenove anos, foi para o mosteiro Essênio perto do Monte Serbal, um mosteiro que era muito visitado pelos eruditos que viajavam da Pérsia e Índia para o Egito, e onde havia sido reunida uma magnífica biblioteca de obras ocultas – muitas delas indianas da região Trans-himalaica. Desta séde de conhecimento místico ele passou mais tarde para o Egito. Ele foi completamente instruído nos ensinamentos secretos que eram a verdadeira fonte da vida entre os Essênios, e foi iniciado no Egito como um discípulo daquela Loja sublime de onde saíram todos os Fundadores de todas as grandes religiões. Pois o Egito havia permanecido como um dos centros mundiais dos verdadeiros Mistérios, dos quais todos os Mistérios semipúblicos são o pálido e distante reflexo. Os Mistérios mencionados na história como Egípcios eram as sombras das verdadeiras coisas “no Monte”, e lá o jovem hebreu recebeu a consagração solene que o preparou para o Real Sacerdócio que mais tarde ele obteria. Tão sobre-humanamente puro e tão pleno de devoção era ele, que em sua graciosa maturidade pairava conspicuamente acima dos severos e algo fanáticos ascetas entre os quais havia sido treinado, espalhando nos austeros Judeus ao seu redor a fragrância de uma sabedoria gentil e terna, como uma rosa estranhamente plantada em um deserto espalharia seu aroma na aridez à volta. A bela e majestosa graça de sua branca pureza permanecia em seu redor como um halo feito de radioso luar, e suas palavras, embora escassas, eram sempre doces e amáveis, trazendo mesmo o mais rude para uma temporária gentileza, e o mais rígido para uma efêmera suavidade. Assim ele viveu por vinte e nove anos de vida mortal, crescendo de graça em graça.

Esta pureza e devoção sobre-humanas aprontaram o homem Jesus, o discípulo, para tornar-se o templo de um poder superior, de uma poderosa Presença interna. O tempo havia chegado para uma daquelas manifestações divinas que de era em era ocorrem para o auxílio da humanidade, quando um novo impulso é necessário para estimular a evolução espiritual da humanidade, quando uma nova civilização está prestes a despontar. O mundo do Ocidente estava então no seio do tempo, pronto para nascer, e a sub-raça Teutônica devia receber o cetro do império das mãos fraquejantes de Roma. Antes que ela iniciasse sua jornada deveria aparecer um Salvador do Mundo, para permanecer abençoando ao lado do berço do Hércules infante.

Estava para encarnar sobre a Terra um poderoso “Filho de Deus”, um Instrutor supremo, “cheio de graça e verdade” (João, I, 14), um Ser em quem a Sabedoria Divina residia em plena medida, que era verdadeiramente “o Verbo” encarnado, Luz e Vida em abundante riqueza, uma verdadeira Fonte das Águas da Vida. Senhor de Compaixão e Sabedoria – tal era Seu nome – e de Sua morada nos Lugares Secretos veio Ele para o mundo dos homens.

Para Ele era necessário um tabernáculo terreno, uma forma humana, o corpo de um homem, e quem mais pronto para emprestar seu corpo em alegre e anelante serviço Àquele diante de quem os Anjos e homens se

curvam na mais humilde reverência, como este Hebreu dos hebreus, este o mais puro e mais nobre dentre os “Perfeitos”, cujo corpo imaculado e mente impecável era o melhor que a humanidade poderia oferecer? O homem Jesus entregou-se em um sacrifício voluntário, “ofereceu-se sem mácula” ao Senhor do Amor, que tomou aquela forma pura como tabernáculo, e lá residiu por três anos de vida mortal.

Esta época é assinalada nas tradições reunidas nos Evangelhos como a do Batismo de Jesus, quando o Espírito foi visto “descendo dos céus como uma pomba, e ficou sobre Ele” (Ibid., I, 32), e uma voz celestial proclamou-O como Seu Filho muito amado, a quem os homens deveriam ouvir. Em verdade Ele era o Filho bem-amado de quem o Pai se comprazia (*Mateus*, III, 17), e daquele tempo em diante “Jesus começou a pregar” (Ibid., IV, 17), e este foi o mistério assombroso, “Deus manifesto na carne” (I *Timóteo*, III, 16) – não só n’Ele estava Deus, pois: “Não está escrito em vossa lei, ‘Eu disse: Vós sois Deuses’? Se a Lei chama Deuses a quem a palavra de Deus foi dirigida, e a Escritura não pode ser ignorada, dissei d’Ele, a quem o Pai santificou e enviou ao mundo, ‘Tu blasfemas’, porque Eu disse ‘Eu sou o Filho de Deus’ ?” (João, X, 34-36). Verdadeiramente todos os homens são Deuses, no que tange ao Espírito neles, mas não em todos a Divindade está manifesta como n’Aquele bem-amado Filho do Altíssimo.

A esta Presença manifesta o nome “o Cristo” pode ser dado corretamente, e foi Ele quem viveu e se moveu sob a forma do homem Jesus através das colinas e planícies da Palestina, ensinando, curando doenças, e reunindo em Seu redor como discípulos umas poucas almas dentre as mais avançadas. O raro charme de Seu régio amor, derramando-se d’Ele como raios de um sol, atraiu para em torno a Si os sofredores, os fatigados e os oprimidos, e a magia sutilmente terna de Sua gentil sabedoria, purificava, enobrecia e aliviava as vidas que entravam em contato com a Sua. Com parábolas e imagens luminosas Ele ensinou as multidões incultas que se aglomeravam à Sua volta, e usando os poderes do Espírito livre, curava muitas doenças com a palavra ou o toque, fortalecendo as energias magnéticas que eram de Seu corpo puro com a força irresistível de Sua vida interior. Rejeitado pelos Seus irmãos Essênios onde primeiramente trabalhou – cujos argumentos contra Sua vida proposta de trabalho amoroso são resumidas na história da tentação – porque ele levava às multidões a sabedoria espiritual que eles consideravam o tesouro de que mais se orgulhavam, e o mais secreto, e porque Seu amor todo-abrangente atraía para seu círculo o pária e o degradado – sempre amante no mais baixo como no mais alto, o Eu Divino – Ele viu se juntando em Seu redor muito rapidamente as negras nuvens do ódio e da suspeita. Os doutores e regentes da nação logo passaram a encará-Lo com inveja e raiva; Sua espiritualidade era uma censura constante para seu materialismo, Seu poder, uma constante, embora silenciosa, exposição de sua fraqueza. Mal três anos haviam se passado desde Seu batismo quando a tempestade que se formava irrompeu, e o corpo humano de Jesus pagou o preço por abrigar a gloriosa Presença de um Instrutor mais que humano.

O pequeno grupo de discípulos eleitos que Ele havia escolhido como repositórios de Seus ensinamentos foi assim privado da presença física de Seu Mestre antes que houvessem assimilado Suas instruções, mas eram almas de um tipo elevado e avançado, prontas para aprender a sabedoria, a aptas para transmiti-la para homens menos evoluídos. O mais receptivo de todos era o “discípulo que Jesus amava”, jovem, ávido e ardente, profundamente devoto de Seu Mestre, e compartilhando de Seu espírito de amor todo-abrangente. Ele representou, através do século que se seguiu à partida física do Cristo, o espírito da devoção mística que buscava o êxtase, a visão e a união com o Divino, enquanto que o grande Apóstolo tardio, São Paulo, representou o lado sabedoria dos Mistérios.

O Mestre não esqueceu Sua promessa de vir a eles depois que o mundo O tivesse perdido de vista (*João*, XIV, 18-19), e por cerca de cinqüenta anos Ele os visitou em Seu corpo espiritual sutil, continuando os

ensinamentos que havia iniciado enquanto estava com eles, e treinando-os num conhecimento das verdades ocultas. Eles viviam juntos, em sua maior parte, em um local retirado nos limites da Judéia, não atraindo nenhuma atenção entre as muitas comunidades aparentemente similares da época, estudando as profundas verdades que Ele ensinava e adquirindo “os dons do Espírito”.

Estas instruções internas, começadas durante Sua vida física entre eles e desenvolvidas depois de Ele deixar o corpo, formaram a base dos “Mistérios de Jesus”, que vimos na primitiva História da Igreja, e deram a vida interna que foi o núcleo em torno do qual se juntaram os materiais heterogêneos que formaram o Cristianismo eclesiástico.

No admirável fragmento chamado *Pistis Sophia*, temos um documento do maior interesse a respeito dos ensinamentos ocultos, escrito pelo famoso Valentino. Nele é dito que durante os onze anos imediatamente depois de Sua morte Jesus instruiu Seus discípulos até “a região dos primeiros estatutos somente, e até as regiões do primeiro mistério, o mistério dentro do véu” (Valentinus, *Pistis Sophia*, livro I, 1; trad., de G.R.S. Mead,). Eles não haviam aprendido até a distribuição das ordens angélicas, das quais fala Inácio. Então Jesus, estando “no Monte” com Seus discípulos, e tendo recebido Sua Vestimenta mística, o conhecimento de todas as regiões e das Palavras de Poder que as franqueiam, ensinou mais Seus discípulos, prometendo: “Eu vos aperfeiçoarei em toda perfeição, dos mistérios do interior até os mistérios do exterior: Eu vos encherei do Espírito, para que sejais chamados de espirituais, perfeitos em todas as perfeições” (Ibid., 60). E Ele os ensinou sobre Sophia, a Sabedoria, e sua queda na matéria em sua tentativa de se elevar até o Altíssimo, e de seus gritos para a Luz na qual ela havia confiado, e sobre o envio de Jesus para redimi-la do caos, e sobre sua coroação com Sua luz, e sua libertação da escravidão. E Ele lhes falou mais sobre o Mistério mais excelso, o inefável, o mais simples e claro de todos, a ser conhecido somente pelos que renunciaram completamente ao mundo (Ibid., livro II, 218), através de cujo conhecimento os homens se tornam Cristos, pois “tais homens são eu mesmo, e eu sou estes homens”, pois Cristo é aquele Mistério mais excelso (Ibid., 230). Sabendo isto, os homens são “transformados em pura luz e são trazidos para dentro da luz” (Ibid., 357). E ele executou para eles a grande cerimônia da Iniciação, o batismo “que conduz à região da verdade e à região da luz”, e ordenou-lhes celebrá-la para outros que fossem dignos: “Mas ocultai este mistério, não o deis a todos os homens, mas só àqueles que farão todas as coisas que vos disse em meus mandamentos” (Ibid., 377).

Desde então, estando plenamente instruídos, os apóstolos saíram a pregar, sempre auxiliados por seu Mestre.

Além disso, estes mesmos discípulos e seus primeiros colegas escreveram de memória todos os ditos públicos e parábolas do Mestre que haviam ouvido, e reuniram com grande zelo quaisquer relatos que puderam encontrar, registrando também estes, e divulgando-os todos entre aqueles que gradualmente se associavam à sua pequena comunidade. Foram feitas várias coleções, qualquer membro escrevendo o que ele mesmo lembrava, e adicionando seleções de relatos alheios. Os ensinamentos internos, dados por Cristo aos Seus eleitos, não foram registrados, mas eram ensinados oralmente àqueles julgados dignos de os receber, para estudantes que formavam pequenas comunidades para levar uma vida retirada, e que ficavam em contato com o corpo central.

O Cristo histórico é, pois, um Ser glorioso pertencente à grande hierarquia espiritual que guia a evolução espiritual da humanidade, e que usou por cerca de três anos o corpo humano do discípulo Jesus; que passou o último destes três anos ensinando publicamente através da Judéia e da Samaria; que foi um curador de

doenças e operou outras obras ocultas admiráveis; que reuniu em torno de Si um pequeno grupo de discípulos a quem instruiu nas verdades mais profundas da vida espiritual; que atraiu homens para Si pelo amor singular, pela ternura e pela rica sabedoria que transpiravam de Sua Pessoa; e que finalmente foi votado à morte por blasfêmia, por ensinar a Divindade inerente de Si mesmo e de todos os homens. Ele veio para dar um novo impulso à vida espiritual do mundo; para restabelecer os ensinamentos internos referentes à vida espiritual; para indicar novamente a antiga senda estreita; para proclamar a existência do “Reino dos Céus”, da Iniciação que admite àquele conhecimento de Deus que é a vida eterna; e para admitir uns poucos a este Reino que seriam capazes de ensiná-lo a outros. Em torno desta Figura gloriosa se reuniram os mitos que O ligaram à longa linhagem de Seus predecessores, os mitos que em alegorias contam a história de todas as vidas que à d’Ele se assemelham, pois elas simbolizam a obra do Logos no Cosmos e a mais elevada evolução da alma humana individual.

Mas não devemos supor que a obra do Cristo em prol de Seus seguidores encerrou depois que Ele estabeleceu os Mistérios, ou ficou confinada a raras aparições ali. Aquele poderoso Ser que utilizou o corpo de Jesus como veículo, e cujo cuidado vigilante se estende sobre toda a evolução espiritual da quinta raça da humanidade, depositou nas fortes mãos do santo discípulo que lhe rendera o corpo o cuidado pela Igreja nascente. Aperfeiçoando sua evolução humana, Jesus se tornou um dos Mestres de Sabedoria, e tomou a Cristandade sob Sua especial responsabilidade, sempre procurando guiá-la nas linhas certas, protegê-la, guardá-la e nutri-la. Ele era o Hierofante nos Mistérios Cristãos, o Instrutor direto dos Iniciados. Sua foi a inspiração que manteve acesa a Gnose na Igreja, até que a crescente massa de ignorância se tornou tão grande que mesmo Seu alento não poderia alimentar a chama suficientemente para que evitar sua extinção. Seu é o paciente labor com que alma após alma fortalecida persevera através das trevas, e acalenta dentro de si mesma a centelha do anelo místico, a sede de encontrar o deus Oculto. Seu é o constante derramar de verdade em cada cérebro pronto a recebê-la, para que mão após mão estendida através dos séculos passe a tocha do conhecimento, que assim jamais se extinguiu. Sua era a Forma que ficava ao lado de cada patíbulo e em meio às chamas da fogueira, consolando Seus confessores e Seus mártires, amenizando as dores de suas penas, e enchendo seus corações com Sua paz. Seu foi o impulso que falou através do trovão de Savonarola, que guiou a calma sabedoria de Erasmo, que inspirou a profunda ética de intoxicado por deus Spinoza. Sua foi a energia que impeliu Roger Bacon, Galileu e Paracelso em suas pesquisas da natureza. Sua foi a beleza que deslumbrou Fra Angelico e Raphael e Leonardo da Vinci, que inspirou o gênio de Michelangelo, que brilhou diante dos olhos de Murillo, e que deu o poder que erigiu as maravilhas do mundo, o Duomo de Milão, San Marco em Veneza, a Catedral de Florença. Sua foi a melodia que se ouve nas missas de Mozart, nas sonatas de Beethoven, nos oratórios de Haendel, nas fugas de Bach, no austero esplendor de Brahms. Sua é a presença que confortou os místicos solitários, os ocultistas perseguidos, os pacientes buscadores da verdade. Pela persuasão e pela ameaça, pela eloquência de um São Francisco e nos chistes de um Voltaire, pela doce submissão de um Thomas a Kempis, e na robusta virilidade de um Lutero, Ele procurou instruir e despertar, ganhar para a santidade ou atizar para longe do mal. Através dos longos séculos Ele tem se esforçado e trabalhado, e, mesmo com todo o enorme peso do Cristianismo para levar, jamais deixou descuidado ou desconsolado um só coração humano que tenha lhe clamado por ajuda. E agora Ele está tentando devolver em benefício da Cristandade uma parte da copiosa torrente de Sabedoria derramada para a renovação do mundo, e está buscando pelas Igrejas alguns que tenham ouvidos para ouvir a Sabedoria, e os que respondam ao Seu apelo por mensageiros que a levem ao seu rebanho; “Eis-me aqui; envia-me”.

## CAPITULO V

## O Cristo Mítico

Já vimos que o uso que se faz da Religião Comparada contra a Religião, e alguns de seus ataques mais destrutivos têm sido levantados contra o Cristo. Seu nascimento de uma Virgem no “Natal”, a matança dos Inocentes, Seus milagres e Seus ensinamentos, Sua crucificação, ressurreição e ascensão – todos estes eventos na história de Sua vida são assinalados na história de outras vidas, e Sua existência histórica é questionada com base nestas identidades. Até onde se relaciona aos milagres e ensinamentos, podemos brevemente descartar os primeiros reconhecendo que os maiores Instrutores operaram obras que, no plano físico, aparecem como milagres à visão de seus contemporâneos, mas são sabidos pelos ocultistas serem realizados pelo exercício de poderes possuídos por todos os Iniciados acima de certo nível. Os ensinamentos que Ele deu também podem ser considerados não-originais; mas onde o estudante de Mitologia Comparada imagina ter provado que ninguém é inspirado divinamente ao demonstrar que saíram dos lábios de Manu, dos lábios de Buda, dos lábios de Jesus, ensinamentos morais similares, o ocultista diz que certamente Jesus deve ter repetido os ensinamentos de Seus predecessores, uma vez que foi um mensageiro da mesma Loja. As verdades profundas a respeito do Espírito divino e humano eram tão verdadeiras milhares de anos antes que Jesus tivesse nascido na Palestina quanto depois de Ele ter nascido, e dizer que o mundo foi deixado sem este ensinamento, e que o homem foi deixado na escuridão moral desde sua origem até vinte séculos atrás é dizer que houve uma humanidade sem um Instrutor, filhos sem um Pai, almas humanas gritando por luz no meio da treva que não lhes dá resposta alguma – uma concepção tão blasfema sobre Deus quanto é desesperante para o homem, uma concepção contradita pela aparição de cada Sábio, pela grandiosa literatura, pelas nobres vidas nas milhares de eras antes que Cristo aparecesse.

Reconhecendo então em Jesus o grande mestre do Ocidente, o principal Mensageiro da Loja para o mundo ocidental, devemos enfrentar a dificuldade que arruinou a crença n’Ele nas mentes de tantos: Por que os festivais que comemoram os eventos na vida de Jesus são encontrados nas religiões pré-Cristãs, e nelas comemoram eventos idênticos das vidas de outros Instrutores?

A Mitologia Comparada, que atraiu a atenção pública para esta questão nos tempos modernos, pode ser dita ter um século de idade, datando do aparecimento da *Histoire Abrégée de différents Cults*, de Dulaure, da *Origens de tous les Cultes*, de Dupuis, do *Hindu Pantheon*, de Moor, e do *Anacalypsis*, de Godfrey Higgins. Estas obras foram seguidas por uma enxurrada de outras, ficando mais científicas e rigorosas em suas compilações e comparações dos fatos, até que se tornou impossível para qualquer pessoa educada sequer duvidar das identidades e similaridades que existem em todas as direções. Não se encontrará nestes dias qualquer Cristão que esteja preparado para argumentar que os símbolos, ritos e cerimônias Cristãos são únicos – exceto, talvez, entre os ignorantes.

Aqui ainda temos simplicidade de crença aliada à ignorância dos fatos; mas fora desta última classe não encontramos nem mesmo o mais devoto Cristão alegando que o Cristianismo não tem muito em comum com credos mais antigos que ele mesmo. Mas é bem sabido que nos primeiros séculos “depois de Cristo” estas semelhanças eram admitidas por todos, e que a Mitologia Comparada moderna só está repetindo com grande precisão o que era reconhecido universalmente na Igreja Primitiva. Justino Mártir, por exemplo, povoa suas páginas com referências às religiões de seu tempo, e se um atacante moderno do Cristianismo citasse alguns casos onde os ensinamentos Cristãos são idênticos aos de religiões mais antigas, ele não poderia encontrar guias melhores do que os apologistas do segundo século. Eles citam ensinamentos, histórias e símbolos Pagãos, advogando que a própria identidade dos ensinamentos, histórias e símbolos Cristãos com aqueles



deveria prevenir a rejeição apriorística destes por serem considerados em si incríveis. É dada na verdade uma razão curiosa para esta identidade, que dificilmente encontrará seguidores nos dias de hoje. Diz Justino Mártir: “Os que transmitem os mitos que os poetas criaram não aduzem nenhuma prova para os jovens que os aprendem; e passamos a demonstrar que eles foram elaborados sob a influência de demônios maus, para enganar e perder a raça humana. Pois tendo ouvido ser proclamado pelos profetas que Cristo havia de vir, e que os homens maus haviam de ser punidos pelo fogo, enviaram muitos que seriam chamados filhos de Júpiter, com a impressão de que eles seriam capazes de produzir nos homens a idéia de que as coisas ditas a respeito de Cristo eram meras fábulas maravilhosas, como as coisas que foram ditas pelos poetas”. “E os demônios, em verdade, tendo ouvido sobre esta purificação publicada pelo profeta, instigaram aqueles que entram em seus templos, e estão prestes a se aproximarem dali com libações e holocaustos, a espargirem a si mesmos [com água, referência à prática dos Cristãos de usar a água benta para a purificação prévia quando da entrada na igreja, prática empregada também por religiões Pagãs em seus templos – NT]; e eles os fazem ainda se lavarem inteiramente quando partem” (Justin Martyr, *First Apology*, §§ LIV, LXII e LXVI; *A.-N.C.Lib.*, vol. II). “Pois eu mesmo, quando descobri os malignos artifícios que os maus espíritos lançaram em volta das doutrinas divinas dos Cristãos, para impedir que outros se lhe juntassem, ri” (Justin Martyr, *Second Apology*, § XIII; *A.-N.C.Lib.*, vol. II).

Estas identidades foram consideradas então como a obra de demônios, cópias dos originais Cristãos, e circularam largamente no mundo pré-Cristão com o intuito de prejudicar a recepção da verdade quando ela viesse. Há uma certa dificuldade em aceitarmos as declarações mais antigas como cópias e as mais tardias como originais, mas sem disputar com Justino Mártir se as cópias precederam os originais ou os originais às cópias, podemos nos contentar em aceitar seu testemunho sobre a existência destas identidades entre a fé que florescia no império Romano de seu tempo e a nova religião a qual ele estava engajado em defender.

Tertuliano fala de modo igualmente explícito, levantando a objeção feita em seus dias também ao Cristianismo, de que “as nações que são alheias ao entendimento dos poderes espirituais, atribuem aos seus ídolos a dotação da mesma eficácia às águas”. “E de fato eles o fazem”, ele responde muito francamente, “mas estes se iludem com águas inócuas. Pois a ablução é o canal através do qual eles são iniciados em certos ritos sacros de alguns Ísis ou Mitras notórios; e eles honram os próprios Deuses com abluções... Eles são batizados nos jogos Apolíneos ou Eleusinos, e presumem que o efeito de seus atos é a regeneração e remissão de seus pecados devidos aos seus perjúrios. De fato, reconhecemos aqui também o zelo dos diabos ao rivalizarem com as coisas de Deus, quando os encontramos praticando também o batismo em seus súditos” (Tertulian, *On Baptism*, cap. V; *A.-N.C.Lib.*, vol VII). Pare resolvermos estas dificuldades devemos estudar o Cristo Mítico, o Cristo dos mitos ou lendas solares, sendo estes mitos as formas figuradas nas quais certas verdades profundas foram dadas ao mundo.

Mas um “mito” de modo algum é o que a maioria das pessoas imagina que seja – uma mera história fantástica erguida sobre uma base factual, ou mesmo inteiramente à parte dos fatos. Um mito é muito mais verdadeiro do que uma história, pois uma história só conta um relato das sombras, enquanto que um mito conta um relato das substâncias que produzem as sombras. Assim no alto como embaixo; e *primeiro* no alto, e depois embaixo. Existem certos grandes princípios de acordo com os quais nosso grande sistema é construído; há certas leis através das quais estes princípios são desenvolvidos em detalhe; há certos seres que encarnam os princípios e cujas atividades são as leis; existem hostes de seres inferiores que atuam como veículos para estas atividades, como agentes, como instrumentos; existem os Egos dos homens misturados a tudo isto, cumprindo sua parte no grande drama cósmico. Estes trabalhadores multivariados nos mundos invisíveis lançam suas sombras na matéria física, e estas sombras são as “coisas” – os corpos, os objetos, que

constituem o universo físico. Estas sombras só dão uma idéia pobre dos objetos que as originam, assim como o que chamamos de sombras aqui embaixo só dão uma idéia pobre dos objetos que as lançam; elas são meros contornos, com uma negrura uniforme em vez de detalhes, e só possuem largura e altura, mas não profundidade.

A história é um relato, muito imperfeito e freqüentemente distorcido, da dança das sombras no mundo-sombra da matéria física. Qualquer um que tenha assistido a um teatro de sombras chinesas, e comparou o que acontece detrás da tela de projeção com os movimentos das sombras na tela, pode ter uma vívida idéia da natureza ilusória das ações-sombras, e pode elaborar daí diversas analogias de modo nenhum enganosas (O estudante poderia ler o relato de Platão sobre a “Caverna” e seus habitantes, lembrando que Platão foi um Iniciado: Platão, *República*, livro VII).

O mito é um relato dos movimentos daqueles que lançam as sombras, e a linguagem na qual o relato é dado é o que se chama linguagem de símbolos. Assim como temos palavras para designar as coisas – assim como a palavra “mesa” é um símbolo para um artigo reconhecido de certo tipo – igualmente o símbolo designa objetos nos planos superiores. São um alfabeto pictórico, usado por todos os elaboradores de mitos, e cada símbolo tem seu significado determinado. Um símbolo é usado para significar um certo objeto assim como as palavras são usadas aqui embaixo para distinguir uma coisa da outra, de modo que é necessário um conhecimento dos símbolos para a leitura de um mito. Pois os contadores originais de todos os mitos são sempre Iniciados, que estão acostumados a usar a linguagem simbólica, e que, é claro, usam os símbolos em seus significados convencionados.

Um símbolo tem um significado principal, e depois vários outros significados subsidiários relacionados àquele significado principal. Por exemplo, o Sol é o símbolo do Logos; este é o significado principal ou primário. Mas também funciona aplicado para uma encarnação do Logos, ou para qualquer um dos grandes Mensageiros que O representam na época, como os embaixadores representam seu Rei. Grandes Iniciados que são enviados em missões especiais para encarnar entre os homens e viver com eles durante algum tempo como regentes ou Instrutores seriam designados pelo símbolo do Sol; pois embora este não seja seu símbolo em um sentido individual, é seu em virtude de seu ofício.

Todos aqueles que são designados por este símbolo têm certas características, passam por certas situações e desempenham certas atividades durante suas vidas na Terra. O Sol é a sombra física, ou corpo, como é chamado, do Logos, daí que seu curso anual na natureza reflete Sua atividade, no modo parcial através do qual uma sombra representa a atividade do objeto que a lança. O Logos, “o Filho de Deus”, descendo à matéria, tem como sombra o curso anual do Sol, e o Mito Solar o relata. Daí, mais uma vez, uma encarnação do Logos, ou um de Seus altos embaixadores, também apresentará esta atividade, como sombra, em Seu corpo de homem. Assim é necessário que surjam identidades nas histórias de vida destes embaixadores. De fato, a ausência destas identidades de imediato indicaria que esta pessoa em questão não era um embaixador pleno, e que sua missão era de um caráter inferior.

O Mito Solar, então, é uma história que primariamente representa a atividade do Logos, ou Verbo, no cosmo; secundariamente, representa a vida de alguém que seja uma encarnação do Logos, ou seja um de Seus embaixadores. O Herói do mito é usualmente representado como um Deus, ou Semideus, e sua vida, como será compreendido pelo que já se disse, deve ser ordenada de acordo com o curso do Sol, como sombra do Logos. A parte do curso vivida durante a vida humana é a que recai entre o solstício de inverno e o zênite do

verão. O Herói nasce no solstício de inverno, morre no equinócio de primavera, e, vencendo a morte, ascendo aos céus.

As seguintes notas são interessantes neste sentido, por olharem o mito de um modo mais genérico, como uma alegoria, figurando verdades internas: “Alfred de Vigny disse que a lenda é mais freqüentemente verdadeira do que a história, porque a lenda reconta não atos que são amiúde incompletos e abortivos, mas o gênio em si do grande homem e das grandes nações. É principalmente em relação ao Evangelho que este belo pensamento é aplicável, pois o Evangelho não é meramente a narração do que sucedeu; é a narração sublime do que é e sempre será. O Salvador do mundo será sempre adorado pelos reis da inteligência, representados pelos Magos; multiplicará sempre o pão eucarístico, para alimentar e confortar nossas almas; virá a nós caminhando sobre as águas, sempre estenderá Suas mãos e nos fará atravessar as cristas das ondas; sempre curará nossas intemperanças e dará luz para nossos olhos; sempre aparecerá aos Seus fiéis, luminoso e transfigurado sobre o Tabor, interpretando a lei de Moisés e moderando o zelo de Elias” (Eliphas Levi, *The Mysteries of Magic*, p. 48).

Veremos que os mitos são muito estreitamente associados aos Mistérios, pois parte dos Mistérios consistia em apresentar imagens vivas das ocorrências nos mundos superiores que se tornaram corporificadas nos mitos. De fato nos Pseudomistérios, fragmentos mutilados das imagens vivas dos Mistérios verdadeiros eram representados por atores que apresentavam um drama, e muitos mitos secundários são estes dramas colocados em palavras.

As linhas gerais da história do Deus Sol são muito nítidas, sendo a movimentada vida do Deus Sol estendida pelos seis primeiros meses do ano solar, sendo os outros seis empregados na proteção e preservação gerais. Ele sempre nasce no solstício de inverno, depois do dia mais curto do ano, na meia-noite do dia 24 de dezembro [isto no hemisfério norte – NT], quando o signo da Virgem está se elevando no horizonte; nascendo na elevação deste signo, nasce sempre de uma virgem, e ela permanece sempre virgem depois de ter dado à luz a seu Filho Solar, assim como a Virgem Celeste permanece intacta e imaculada quando o Sol emerge dela nos céus. Ele é fraco e frágil como uma criança, nascido quando os dias são mais curtos e as noites mais longas – estamos ao norte da linha equatorial – rodeado de perigos em sua infância, e o reino das trevas muito maior que o seu em seus primeiros dias. Mas ele sobrevive a todos os perigos que o ameaçam, e o dia aumenta sua duração à medida que se aproxima o equinócio da primavera, até que chega o tempo do traspasse, a crucificação, cuja data varia a cada ano. O Deus Sol algumas vezes é figurado dentro do círculo do horizonte, com a cabeça e pés tocando o círculo ao norte e ao sul, e as mãos estendidas tocando o leste e o oeste – “Ele foi crucificado”. Depois disto ele se ergue triunfante e ascende ao céu, e colhe o grão e a vinha, dando sua própria vida para eles para fazer sua substância a através deles para os seus adoradores. O Deus que nasce no início do dia 25 de dezembro é sempre crucificado no equinócio da primavera, e sempre dá sua vida como alimento aos seus adoradores – estas são as mais salientes características do Deus Sol. A fixidez da data de nascimento e a variabilidade da data de morte são cheias de significado, quando lembramos que uma é uma posição solar fixa e a outra é variável. A “Páscoa” é um evento móvel, calculado pelas posições relativas do sol e da lua, um modo impossível de se fixar ano após ano o aniversário de um evento histórico, mas um modo muito natural e na verdade inevitável de calcular um festival solar. Estas datas móveis não apontam para a história de um homem, para a do Herói de um mito solar.

Estes eventos são reproduzidos nas vidas dos vários Deuses Solares, e a antigüidade é pródiga em ilustrações deles. A Ísis do Egito, como nossa Maria de Belém, foi Nossa Senhora Imaculada, Estrela do Mar, Rainha do Céu, Mãe de Deus. Nós a vemos em imagens acima do crescente lunar, coroada de estrelas; ela

acalenta seu filho Hórus, e a cruz aparece no dorso do trono onde ele se assenta sobre o joelho de sua mãe. A Virgem do Zodíaco é representada nos antigos desenhos como uma mãe aleitando uma criança – o protótipo de todas as Madonnas com seus Bebês divinos, mostrando a origem do símbolo. Devaki é igualmente figurada com o divino Krishna em seus braços, assim como Mylitta, ou Istar, da Babilônia, também com a onipresente coroa de estrelas, e com seu filho Tammuz sobre seu joelho. Mercúrio e Esculápio, Baco e Hércules, Perseu e os Dióscuros, Mitra e Zoroastro, foram todos de nascimento divino e humano.

A relação do solstício de inverno e Jesus também é significativa. O nascimento de Mitra era celebrado no solstício de inverno com grande júbilo, e Hórus também nascia nesta ocasião: “Seu nascimento é um dos maiores mistérios da religião (Egípcia). Imagens representando-o apareciam nas paredes dos templos... Ele era o filho da Deidade. Na época do Natal, ou aquele espelho de nosso festival, sua imagem era levada para fora do santuário com cerimônias especiais, assim como a imagem do Bambino ainda é levada para fora e exibida em Roma” (Bonwiok, *Egyptian Belief*, p. 157. Citado em Williamson, *The Great Law*, p. 26).

Sobre a fixação da data de 25 de dezembro como o nascimento de Jesus, Williamson diz o seguinte: “Todos os Cristãos sabem que 25 de dezembro agora é o festival convencionado para o nascimento de Jesus, mas poucos se dão conta que não foi sempre assim; diz-se que 136 datas diferentes forma fixadas por diferentes seitas Cristãs. Lightfoot o assinala em 15 de setembro, outros em fevereiro ou agosto, Epifânio menciona duas seitas, uma celebrando-o em junho, outra em julho. O assunto finalmente foi decidido pelo Papa Júlio I, em 337, e São Crisóstomo, em 390, diz: ‘Neste dia (25 de dezembro), o nascimento de Cristo foi também há pouco fixado em Roma, a fim de que enquanto os pagãos estivessem ocupados com seu suas cerimônias (as Brumálias, em honra a Baco), os Cristãos pudessem realizar seus ritos em paz’. Gibbon, em seu Declínio e Queda do Império Romano, escreve: ‘Os (Cristãos) Romanos, tão ignorantes como seus irmãos a respeito da data real de seu (de Cristo) nascimento, fixaram o festival solene em 25v de dezembro, nas Brumálias ou solstício de inverno, quando os Pagãos celebravam anualmente o nascimento do Sol’. King, em seu *Gnostics and Their Remains*, também diz: ‘O antigo festival fixado em 25 de dezembro em honra do nascimento do Invencível (O festival *Natalia Solis Invicti*, o nascimento do Sol Invencível), e celebrado com os grandes jogos no Circo, foi depois transferido para a comemoração do nascimento de Cristo, cuja data precisa muitos Padres confessam que desconhecem’, enquanto que nos dias de hoje Canon Farrar escreve que ‘todas as tentativas de descobrir o mês e dia da natividade são inúteis. Não existe nenhum dado que nos habilite a determiná-los sequer com exatidão aproximada’. Do que se disse fica aparente que o grande festival do solstício do inverno tem sido celebrado durante eras passadas, e em terras muito separadas, em honra do nascimento de um Deus, que quase invariavelmente é mencionado como um ‘Salvador’, e cuja mãe é dita ser uma virgem pura. As notáveis semelhanças, também, que têm sido citadas não só a respeito do nascimento mas também da vida de tantos destes Deuses Salvadores são de longe numerosas demais para serem tidas como mera coincidência” (Williamson, *The Great Law*, pp. 40-42 Os que desejam estudar este assunto sob o viés da Religião Comparada não podem fazer melhor senão ler *The Great Law*, cujo autor é um homem profundamente religioso e um Cristão).

No caso do Senhor Buda podemos ver como um mito se liga a um personagem histórico. A história de Sua vida é bem conhecida, e nos relatos indianos comuns a história do nascimento é simples e humana. Mas no relato chinês Ele nasce de uma Virgem, Mâyâdevi, o mito arcaico encontrado n’Ele um novo Herói.

Williamson também nos fala que fogos eram e são acesos em 25 de dezembro sobre as colinas entre os povos celtas, e eles ainda são conhecidos entre os highlanders irlandeses e escoceses como Bheil ou

Baaline, levando os fogos o nome de Bel, Bal ou Baal, sua antiga deidade, o Deus Sol, embora sejam acesos agora em honra de Cristo (Ibid., pp. 36-37).

Considerado corretamente, o festival Cristão deveria ter novos elementos de júbilo e sacralidade, quando os amantes de Cristo vêem nele a repetição de uma antiga solenidade, vêem-no se estendendo sobre todo o mundo, e longe, muito longe na obscura antigüidade; para que os sinos do Natal retinam através de toda a história humana e soem musicalmente de dentro da noite dos tempos. A marca da verdade é encontrada não na posse exclusiva, mas na aceitação universal.

A data da morte, como dito antes, não é fixa como a data de nascimento. A data da morte é calculada pelas posições relativas do Sol e da Lua no equinócio de primavera, variando em cada ano, e a data da morte de cada Herói Solar é encontrada para ser celebrada nesta conexão. O animal adotado como símbolo do Herói é o signo do Zodíaco no qual o Sol está no equinócio vernal desta era, e isto varia com a precessão dos equinócios. Oannes da Assíria tinha o signo de Peixes, e é figurado assim. Mitra cai em Touro, e portanto conduz um touro, e Osíris era adorado como Osíris-Ápis, ou Serápis, o Touro, O Merodach da Babilônia era adorado como um Touro, assim como Astarte da Síria. Quando o Sol está no signo de Áries, temos o Carneiro ou Cordeiro, o mesmo para Astarte e Júpiter Ammon, e é este mesmo animal que se tornou o símbolo de Jesus – O Cordeiro de Deus. O uso do Cordeiro como Seu símbolo, freqüentemente portando uma cruz, é comum nas esculturas das catacumbas. Sobre isto escreve Williamson: “No curso do tempo o Cordeiro foi representado na cruz, mas foi só no Sínodo de Constantinopla, realizado em 680, que foi ordenado que em vez do antigo símbolo, a figura de um *homem* estendido sobre uma cruz deveria ser representado. Este cânone foi ratificado pelo Papa Adriano I” (*The Great Law*, p. 116). O antiqüíssimo Peixe também é assinalado para Jesus, e assim Ele é figurado nas catacumbas.

A morte e ressurreição do Herói Solar no ou perto do equinócio vernal é tão disseminada como seu nascimento no solstício de inverno. Osíris foi morto por Tífon, e Ele é representado no círculo do horizonte, com os braços estendidos, como se crucificado – uma postura originalmente de bênção, e não de sofrimento. A morte de Tammuz era anualmente fixada no equinócio de primavera na Babilônia e na Síria, assim como Adônis na Síria e Grécia, e Àtis na Frígia, eram representados “como um homem estendido com um cordeiro aos pés” (Ibid., p. 68). A morte de Mitra era celebrada similarmente na Pérsia, e a de Baco e Dionísio – um e o mesmo – na Grécia. No México a mesma idéia reaparece, e como o usual, acompanhada da cruz.

Em todos estes casos a lamentação pela morte é imediatamente seguida pelo júbilo pela ressurreição, e a respeito disto é interessante notar que o nome Easter [Páscoa, em inglês – NT], é derivado de Ishtar, a mãe virgem do finado Tammuz (Ibid., p. 56).

Também é interessante notar que o luto precedente à morte no equinócio vernal – a moderna Quaresma – é encontrado no México, Egito, Babilônia, Assíria, Ásia Menor, em alguns casos exatamente de quarenta dias (Ibid., pp., 120-123).

Nos Pseudomistérios, a história do Deus Sol era dramatizada, e nos antigos Mistérios era vivida pelo Iniciado, e daí os “mitos” solares e os grandes fatos da Iniciação foram misturados. Daí quando o Mestre Cristo se tornou o Mestre dos Mistérios, as lendas dos antigos Heróis daqueles Mistérios se juntaram em Seu redor, e as histórias foram de novo recitadas a respeito do último dos Instrutores divinos representantes do Logos no Sol. Então o festival de Sua natividade se tornou a data imemorial de quando o Sol nasceu da Virgem, quando

o céu da meia-noite se enchia das hostes jubilosas dos seres celestiais, e

“Muito cedo, muito cedo, Cristo nasceu”.

À medida que a grande lenda do Sol se reuniu em Seu redor, o signo do Cordeiro se tornou o de Sua crucificação, como o signo da Virgem se tornou o de Seu nascimento. Vimos que o Touro era consagrado para Mitra assim como o Peixe para Oannes, e que o Cordeiro foi consagrado para Cristo, e pela mesma razão: era o signo do equinócio de primavera, no período da história em que Ele cruzou o grande círculo do horizonte, sendo “crucificado no espaço”.

Estes mitos Solares, sempre recorrentes através das idades, com um nome diferente para o seu Herói em cada nova aparição, não pode passar ignorado pelo estudante, embora ele possa natural e corretamente ser ignorado pelo devoto, e quando eles são usados como uma arma para mutilar ou destruir a majestática figura do Cristo, devem ser encarados, não se negando os fatos, mas entendendo o significado profundo das histórias, as verdades espirituais que as lendas expressam debaixo de um véu.

Por que estas lendas se misturaram com a história de Jesus, e se cristalizaram ao Seu redor, em Seu aspecto como personagem histórico? Elas são em verdade as histórias não de um indivíduo em particular chamado Jesus, mas do Cristo universal, de um homem que simbolizou um ser Divino, e que representou uma verdade fundamental na natureza, um Homem que cumpriu uma certa função e assumiu um posto especial em relação à humanidade, permanecendo em uma relação especial com a humanidade, renovada era após era, à medida que geração sucedia a geração, à medida que cada raça dava espaço a outra raça. Por isto Ele foi, como o foram todos, “o Filho do Homem”, um título peculiar e distintivo, o nome de uma função, e não o de um indivíduo. O Cristo do Mito Solar era o Cristo dos Mistérios, e descobrimos o segredo do Cristo mítico no Cristo místico.

## **CAPÍTULO VI**

### **O Cristo Místico**

Agora nos aproximamos daquele lado mais profundo da história do Cristo que lhe empresta a sua real ascendência sobre os corações dos homens. Nos aproximamos daquele vida perene que borbulha de uma fonte invisível, e assim batiza seu representante com seu lucente fluxo, aquilo que faz com que os corações humanos se agrupem em torno de Cristo, e sintam que poderiam mais prontamente rejeitar os fatos aparentes da história do que negar aquilo que eles intuitivamente ser uma verdade vital, essencial, da vida superior. Chegamos ao portal secreto dos Mistérios, e erguemos uma ponta do véu que esconde o santuário.

Vimos que, remontando à antigüidade o quanto pudermos, encontramos sempre reconhecida a existência de um ensinamento oculto, uma doutrina secreta, dada sob estritas condições para candidatos aprovados pelos Mestres da Sabedoria. Tais candidatos eram iniciados nos “Mistérios” – um nome que na antigüidade encobre, como vimos, tudo aquilo que eram mais espiritual na religião, tudo o que era mais profundo em filosofia, tudo o que era mais valioso na ciência. Todos os grandes Instrutores da antigüidade passaram pelos Mistérios e os maiores dentre aqueles eram os Hierofantes dos Mistérios; todos os que vieram ao mundo para falar dos mundos invisíveis passou através do portal da Iniciação e aprendeu o segredo dos Santos Seres de Seus próprios lábios; todos vieram com a mesma história, e os mitos solares são todos eles versões desta

história, idênticas em suas características essenciais, variando apenas em suas cores locais.

Esta história é primariamente a da descida do Logos na matéria, e o Deus Sol é adequadamente seu símbolo, uma vez que o Sol é Seu corpo, e Ele é freqüentemente descrito como “Aquele que reside no Sol”. Em um aspecto, o Cristo dos Mistérios é o Logos descendo à matéria, e o grande Mito Solar é a versão popular desta verdade sublime. Como nos casos anteriores, o Divino Instrutor, que trouxe a Sabedoria Antiga e a divulgou novamente no mundo, foi considerado como uma manifestação especial do Logos, e o Jesus das Igrejas gradualmente foi revestido com as histórias que pertenciam àquele grande Ser; assim Ele foi identificado, na nomenclatura Cristã, com a Segunda Pessoa da Trindade, o Logos ou Verbo de Deus (Veja-se com relação a isto a abertura do *Evangelho de João*, I, 1-5. O nome Logos, atribuído ao Logos manifesto, modelando a matéria – “todas as coisas foram feitas por Ele” – é de origem Platônica, e daí é derivada diretamente dos Mistérios; eras antes de Platão, Vâk, Voz, era o termo usado entre os Hindus), e os eventos principais recontados no mito do Deus Sol se tornaram os eventos principais da história de Jesus, considerado como a Deidade encarnada, o “Cristo mítico”. Assim como no macrocosmos, no cosmos, o Cristo dos Mistérios representa o Logos, a Segunda Pessoa da Trindade, igualmente no microcosmos, no homem, Ele representa o segundo aspecto do Espírito Divino no homem – por isso é chamado “o Cristo” no homem (Vide ante, pp. 106-107). O segundo aspecto do Cristo dos Mistérios então é a vida do Iniciado, a vida que lhe penetra na primeira grande Iniciação, na qual o Cristo nasce no homem, e depois da qual Ele se desenvolve no homem. Para tornar isto mais inteligível, devemos considerar as condições impostas ao candidato à Iniciação, e a natureza do Espírito no homem.

Somente seriam reconhecidos como candidatos aqueles que eram tão bons quanto os homens consideram ser bondoso, de acordo com a estrita medida da lei. Puro, santo, sem vileza, limpo do pecado, vivendo sem transgressões – estas eram algumas das frases empregadas para descrevê-los (Vide ante, p. 80-83). Também devia ser inteligente, com uma mente bem constituída e bem treinada (Vide ante, p. 73). A evolução conseguida no mundo vida após vida, desenvolvendo e dominando os poderes da mente, as emoções e o senso moral, aprendendo através das religiões exotéricas, praticando o cumprimento dos deveres, procurando ajudar e soerguer os outros – tudo isto pertence à vida usual de um homem em evolução. Quando tudo isto é feito, o homem se tornou um “homem bom”, o *Chrêstos* dos gregos, e assim ele deve ser antes que se torne *Christos*, o Ungido. Tendo completado a vida exotérica no bem, se torna um candidato à vida esotérica, e inicia a preparação para a Iniciação, que consiste no preenchimento de certos requisitos.

Estes requisitos assinalam os atributos que ele deve adquirir, e enquanto ele está trabalhando para criá-los, algumas vezes se diz que ele está trilhando a Senda Probacionária, a Senda que conduz à “Porta Estreita”, além da qual está a “Vereda Estreita”, ou a “Senda da Santidade”, o “Caminho da Cruz”. Não se espera que ele desenvolva estes atributos com perfeição, mas deve ter feito algum progresso em todos eles, antes que Cristo possa nascer nele. Ele deve preparar uma casa pura para aquela Criança Divina que há de se desenvolver nele.

O primeiro destes atributos – todos são mentais e morais – é a *Discriminação*; isto significa que o aspirante deve começar a separar em sua mente o Eterno do Temporário, o Real do Irreal, o verdadeiro do Falso, o Celeste do Terreno. “As coisas que são vistas são temporais”, diz o Apóstolo; “mas as coisas que não são vistas são eternas” (*II Coríntios*, IV, 18). Os homens estão constantemente vivendo sob o glamour do que é visível, e são cegos por ele para o que não é visto. O aspirante deve aprender a discriminar entre os dois, de modo que o que é irreal para o mundo possa se tornar real para ele, e o que é real para o mundo possa se tornar irreal para ele, pois só assim é possível “caminhar pela fé, e não pela visão” (*Ibid.*, V, 7). E assim

também um homem deve se tornar um daqueles de quem diz o Apóstolo serem “todos crescidos, mesmo aqueles que em virtude do uso tiveram seus sentidos exercitados a distinguir o bem do mal” (*Hebreus*, V, 14). A seguir, este senso de irrealidade deve suscitar nele um *Desgosto* para com o irreal e efêmero, as meras futilidades da vida, incapazes de satisfazer a fome, a não ser do suíno (*Lucas*, XV, 16). Este estágio é descrito na enfática linguagem de Jesus: “Se alguém vier a mim, e não odiar seu pai e mãe e esposa e filhos e irmãos e irmãs, sim, e sua própria vida, não pode ser meu discípulo” (*Ibid.*, XIV, 26). De fato uma “frase rude”, embora além deste rigor brote um amor mais profundo e verdadeiro, e esta etapa não pode ser contornada no caminho para a Porta Estreita. Então o aspirante deve aprender o *Controle dos pensamentos*, e isto conduzirá ao Controle das ações, sendo o pensamento, à visão interna, o mesmo que ação: “Quem quer que haja olhado para uma mulher com cobiça, já cometeu adultério com ela em seu coração” (*Mateus*, V, 28). Ele deve adquirir *Perseverança*, pois os que aspiram trilhar o “Caminho da Cruz” terão que enfrentar longos e amargos sofrimentos, e devem ser capazes de perseverar”, vendo Aquele que é invisível” (*Hebreus*, XI, 27). Ele deve acrescentar aos outros requisitos a *Tolerância*, se há de se tornar o filho d’Aquele que “fez Seu sol brilhar para o mau e para o bom, e enviou a chuva sobre o justo e sobre o injusto” (*Mateus*, V, 45), o discípulo d’Aquele que ordenou a Seus discípulos não proibir que um homem usasse Seu nome se não seguisse com eles (*Lucas*, IX, 49, 60). Mais ainda, ele deve adquirir a *Fé* para a qual nada é impossível (*Mateus*, XVII, 20), e o Equilíbrio que é descrito pelo Apóstolo (*II Coríntios*, VI, 8-10). Enfim, ele deve buscar somente “as coisas do alto” (*Colossenses*, III, 1) e desejar alcançar a visão e união com Deus (*Mateus*, V, 8; *João*, XVII, 21). Quando um homem desenvolveu estas qualidades em seu caráter ele é considerado apto para a Iniciação, e os Guardiães dos Mistérios lhe abrirão a Porta Estreita. Assim, e só assim, ele se torna um candidato preparado.

Porém, o Espírito no homem é o dom do Deus Supremo, e contém em si os três aspectos da vida divina – Inteligência, Amor, Vontade – sendo a Imagem de Deus. À medida que evolui, desenvolve primeiro o aspecto da Inteligência, desenvolve o intelecto, e esta evolução é realizada na vida comum no mundo. Tendo feito isto em um grau elevado, acompanhado de desenvolvimento moral, leva o homem em evolução à condição de candidato. O segundo aspecto do Espírito é o do Amor, e a sua evolução é a evolução do Cristo. Nos verdadeiros Mistérios esta evolução é levada a cabo – a vida do discípulo é o Drama do Mistério, e as grandes Iniciações assinalam seus estágios. Os Mistérios celebrados no plano físico costumavam ser representados dramaticamente, e as cerimônias em muitos aspectos seguiam “o padrão” sempre presente “no Monte”, pois eram as sombras, numa época decaída, das grandiosas Realidades espirituais no mundo espiritual.

O Cristo Místico, então, é dúplice – o Logos, a Segunda Pessoa da Trindade, descendo na matéria, e o Amor, ou segundo aspecto do Espírito Divino em desenvolvimento no homem. UM representa os processos cósmicos acontecidos no passado e é a raiz do Mito Solar; o outro representa um processo ocorrido no indivíduo, o estágio conclusivo de sua evolução humana, e acrescentava muitos detalhes ao Mito. Ambos contribuíram para a história do Evangelho, e juntos formam a Imagem do “Cristo Místico”.

Consideremos primeiro o Cristo cósmico, a Deidade envolta na matéria, a encarnação do Logos, o revestimento de Deus “na carne”.

Quando a matéria que vai formar nosso sistema solar é separada do infinito oceano de matéria que preenche o espaço, a Terceira Pessoa da Trindade – o Espírito Santo – derrama Sua vida nesta matéria para vivificá-la, para que logo possa assumir uma forma. Então ela é reunida, e lhe é dada uma forma pela vida do Logos, a Segunda Pessoa da Trindade, que Se sacrifica assumindo as limitações da matéria, se tornando o “Homem



celeste”, em cujo Corpo existem todas as formas, de cujo corpo todas as formas fazem parte. Esta era a história cósmica, apresentada dramaticamente nos Mistérios – os verdadeiros Mistérios que ocorriam no espaço, no plano físico eram representados por meios mágicos ou de outro modo, e em parte por atores.

Estes processos são muito nitidamente apresentados na Bíblia, quando o “Espírito de Deus se movia sobre a face das águas” na treva que “estava sobre a face do abismo” (*Gênesis*, I, 2-3), o grande abismo da matéria não tinha forma, era vazio, incipiente. A forma foi dada pelo Logos, o Verbo, de quem é escrito que “Todas as coisas foram feitas por Ele; e sem Ele nada do que existe foi feito” (*João*, I, 3). C.W.Leadbeater colocou bem: “O resultado desta primeira grande efusão (o ‘movimento’ do Espírito) é estimular aquela maravilhosa e gloriosa vitalidade que existe em toda a matéria (embora possa aos nossos olhos físicos parecer inerte), de modo que os átomos dos vários planos desenvolvem, quando eletrizados por ela, todos os tipos de atrações e repulsões previamente latentes, e entram em combinações de todos os tipos” (*The Christian Creed*, p. 29). Este é um livro valiosíssimo e extremamente fascinante, sobre o significado místico dos credos).

Somente quando esta obra do Espírito foi feita é que o Logos, o Cristo Místico, pode assumir a roupagem de matéria, entrando verdadeiramente no ventre da Virgem, o ventre da Matéria ainda virgem, improdutiva. Esta matéria havia sido vivificada pelo Espírito Santo, que, iluminando [*overshadowing*, no original – NT] a Virgem, derramou nela Sua vida, preparando-a assim para receber a vida do Segundo Logos, que tomou esta matéria como veículo para Suas energias. Isto foi a encarnação do Cristo, o revestir-se de carne – “Tu não rejeitaste o ventre da Virgem”.

Nas traduções latinas e em outras línguas do texto original grego do Credo de Nicéia, a frase que descreve esta etapa da descida alterou as preposições e deste modo mudou o seu sentido. No original consta “e encarnou *do* Espírito Santo e a Virgem Maria”, enquanto que a tradução reza: “e encarnou *pelo* Espírito Santo da Virgem Maria” (*The Christian Creed*, p. 42). O Cristo “não toma forma da matéria ‘Virgem’ apenas, mas de matéria que já está imbuída e pulsante da vida do Terceiro Logos (um nome do Espírito Santo), de modo que ambos vida e matéria O rodeiam como uma vestimenta” (*Ibid.*, p. 43).

Esta é a descida do Logos na matéria, descrita como o nascimento de Cristo a partir de uma Virgem, e isto, no Mito Solar, se torna o nascimento do Deus Sol quando o signo da Virgem se eleva.

Então sucedem os primeiros trabalhos do Logos na matéria, adequadamente tipificados no mito pela infância [*do Herói – NT*]. Diante da fragilidade da infância os Seus próprios poderes se curvam, atuando apenas levemente nas tenras formas que animam. A matéria aprisiona, parece como que quisera matar seu Rei infante, cuja glória é velada pelas limitações que Ele aceitou. Lentamente Ele a modela para altos fins, e chega à maturidade, e então Ele se estende sobre a cruz de matéria para que possa derramar a partir desta cruz todos os poderes de Sua vida doada. Este é o Logos de quem Platão disse estar como que figurado numa cruz sobre o universo; este é o Homem Celeste, pairando no espaço, com os braços estendidos a abençoar; este é o Cristo crucificado, cuja morte na cruz da matéria enche toda a matéria com Sua vida. Ele parece morto e é enterrado longe da vista de todos, mas se ergue novamente vestido da mesma matéria na qual pareceu morrer, e leva Seu corpo de matéria agora radiante para o céu, onde recebe o derramar da vida do Pai, e se torna o veículo da vida imortal do homem. Pois é a vida do Logos que forma a túnica da Alma no homem, e Ele a doa para que os homens possam viver através das eras e crescer até a medida de Sua própria estatura. Em verdade estamos revestidos d’Ele, primeiro materialmente e depois espiritualmente. Ele Se sacrifica para levar muitos filhos para a glória, e Ele está sempre conosco, e estará até a consumação dos

tempos.

A crucificação de Cristo, então, é parte do grande sacrifício cósmico, a representação alegórica disto nos Mistérios físicos, e o símbolo sagrado do homem crucificado no espaço, se materializaram numa morte real pela crucificação, e numa cruz sustentando a forma de um homem morto; então esta história, mas a história de um homem, foi associada ao Instrutor Divino, Jesus, e se tornou a história de Sua morte física, enquanto que o nascimento de uma Virgem, os perigos que o rodeavam na infância, a ressurreição e a ascensão, se tornaram incidentes de Sua vida humana. Os Mistérios desapareceram, mas suas grandiosas e épicas representações da obra cósmica do Logos rodearam e dignificaram a amada figura do Mestre da Judéia, e o Cristo cósmico dos Mistérios, mais os contornos da história de Jesus, se tornaram assim a Imagem central da Igreja Cristã.

Mas mesmo isso não é tudo, p último toque de fascínio é acrescentado à história de Cristo pelo fato de que existe um outro Cristo dos Mistérios, próximo e caro ao coração humano – o Cristo do Espírito Humano, o Cristo que existe em todos nós, nasce e vive, é crucificado, sobe dos mortos e ascende aos céus, em todo sofrimento e triunfante “Filho do Homem”.

A história de vida de todo Iniciado na verdade, nos Mistérios celestes, é contada em seus contornos principais na biografia Evangélica. Por esta razão, São Paulo fala, como vimos, do nascimento do Cristo no discípulo, e de Sua evolução e depois a chegada à plena estatura nele. Todo homem é um Cristo potencial, e o desdobramento da vida Crística em um homem segue o perfil da história Evangélica em seus incidentes principais, que já vimos serem universais, e não particulares.

Há cinco grandes Iniciações na vida de um Cristo, cada uma marcando uma etapa no desdobramento da Vida do Amor. Eles são dadas aqui, em sua forma ancestral, e a última assinala o triunfo final do Homem que evoluiu até a Divindade, que transcendeu a humanidade, e se tornou um Salvador do mundo.

Tracemos esta história de vida, sempre renovada na experiência espiritual, e vejamos o Iniciado vivendo a vida do Cristo.

Na primeira grande Iniciação o Cristo nasce no discípulo; é então que ele percebe, pela primeira vez, a efusão do Amor divino *em si mesmo*, e experimenta aquela maravilhosa mudança que o faz sentir ser uno com tudo o que vive. Este é o “Segundo Nascimento”, e neste nascimento os seres celestiais se rejubilam, pois ele nasce “no reino dos céus”, como um dos “pequenos”, como “uma criancinha” – estes nomes sempre são dados aos novos Iniciados. Este é o significado das palavras de Jesus, que um homem se torne uma criancinha para entra no Reino (*Mateus, XVIII, 3*). É dito significativamente em algum dos primeiros escritores Cristãos que Jesus nasceu “numa gruta” – o “estábulo” da narrativa Evangélica; a “Gruta da Iniciação” é uma antiga frase bem conhecida, e o Iniciado sempre nasce ali; sobre aquela gruta” onde jaz a criança”, brilha a “Estrela da Iniciação”, a Estrela sempre refulge no Oriente quando um Cristo Infante nasce. Toda criança assim é rodeada de perigos e ameaças, estranhos perigos que não ameaçam outros bebês, pois ele é ungido com o carisma do segundo nascimento e os Poderes das Trevas do mundo invisível sempre procuram impedir. A despeito de todas as provações, contudo, ele cresce até a maturidade, pois uma vez nascido, o Cristo jamais pode morrer, uma vez iniciado seu desenvolvimento, o Cristo jamais cai em sua evolução; sua formosa vida se expande e cresce, sempre crescendo em sabedoria e em natureza espiritual, até que chega ao tempo da segunda grande Iniciação, o Batismo do cristo pela Água do Espírito, que lhes dão os poderes necessários

para a Maestria, para aquele que deve ir e trabalhar no mundo como “o Filho bem-amado”.

Então desce sobre ele com largueza o Espírito divino, e a glória do Pai invisível derrama sua pura radiância nele; mas desta cena da unção ele é levado pelo Espírito para os ermos e mais uma vez é exposto ao ordálio de poderosas tentações. Pois agora os poderes do Espírito estão se desdobrando nele, e os Tenebrosos tentam desviá-lo de seu caminho através destes mesmos poderes, dizendo-lhe que os use para seu próprio socorro em vez de fiar-se em seu Pai com paciente confiança. Em seguida sucedem transições súbitas que testam sua força e fé, o sussurro do Tentador encarnado segue a voz do Pai, e as areias escaldantes do deserto queimam os pés anteriormente lavados nas frescas águas do rio santo. Vencedor destas tentações, ele passa para o mundo dos homens para usar em seu auxílio os poderes que ele não usaria para suas próprias necessidades, e aquele que não transformaria uma pedra em pão para aplacar sua própria fome alimenta, com poucos pães, “cinco mil homens, além de mulheres e crianças”.

Nesta vida de serviço constante chega um outro período de glória, quando ele ascende “em uma alta montanha afastada” – a sagrada Montanha da Iniciação. Lá ele é transfigurado e encontra alguns de seus grandes Predecessores, os Poderosos de antigamente que andaram onde ele está andando. Ele passa então para a terceira grande Iniciação, e então a sombra de sua Paixão, que se aproxima, se abate sobre ele, e ele intemorato dirige-se para Jerusalém – repelindo as vozes tentadoras de seus discípulos – Jerusalém, onde o espera o batismo do Espírito Santo e do Fogo. Após o Nascimento, o ataque de Herodes; depois do Batismo, a tentação no deserto; depois da Transfiguração, a preparação da última etapa do Caminho da Cruz. Assim, o triunfo é sempre seguido pelo ordálio, até que a meta seja atingida.

A vida do amor ainda cresce, sempre mais plena e mais perfeita, resplandecendo o Filho do Homem cada vez mais claramente como Filho de Deus, até que se aproxima o tempo da batalha final, e a quarta grande Iniciação o conduz em triunfo para dentro de Jerusalém, à vista do Getsêmani e do Calvário. Agora ele é o Cristo pronto para ser imolado, pronto para o sacrifício na cruz. Agora ele deve enfrentar a mais dura agonia no Jardim, onde até mesmo os seus escolhidos dormem enquanto ele se debate em sua angústia mortal, e por um momento ele ora para que a taça possa se afastar de seus lábios; mas a vontade poderosa triunfa e ele estende sua mão para tomar e beber, e em sua solidão chega-lhe um anjo e o conforta, como costumam fazer os anjos quando vêem um Filho do Homem curvando debaixo do peso da agonia. A bebida da amarga taça da traição, da deserção, da negação, o encontra à medida que ele avança, e sozinho entre seus inimigos escarnecendo ele se adianta para sua última e terrível provação. Abatido pela dor física, perfurado pelos cruéis espinhos da suspeita, despojado de seus belos trajes de pureza diante dos olhos do mundo, entregue nas mãos dos inimigos, aparentemente abandonado por deus e pelos homens, ele suporta pacientemente tudo o que lhe sucede, ansiando por ajuda em seu último transe. Deixado sozinho para sofrer, crucificado, para morrer para a vida da forma, para desistir de toda a vida que pertence ao mundo inferior, rodeado de inimigos triunfantes que lhe zombam, o derradeiro horror da grande escuridão o envolve, e na escuridão ele enfrenta todas as forças do mal; sua visão interna é fechada, ele sente-se sozinho, completamente sozinho, até que o grande coração, mergulhando no desespero, grita para o Pai que parece tê-lo abandonado, e a alma humana enfrenta, na mais absoluta solidão, a arrasadora agonia da derrota aparente. Porém, reunindo toda a força do “espírito invencível”, a vida inferior é entregue, sua morte é abraçada voluntariamente, o corpo de desejos é abandonado, e o Iniciado “desce ao Inferno”, para que nenhuma região do universo que ele deve ajudar permaneça desconhecida por ele, para que ninguém seja considerado abjeto demais para receber seu amor todo-abrangente. E então, emergindo das trevas, ele vê a luz mais uma vez, sente-se de novo o Filho, inseparável do Pai que é ele próprio, e passa para a vida que não conhece término, radiante na consciência da morte enfrentada e vencida, forte para ajudar ao máximo cada filho do homem, capaz de derramar sua

vida em cada alma em luta. Entre seus discípulos ele permanece por perto para ensinar, desvelando-lhes os Mistérios dos mundos espirituais, preparando-os para trilhar a vereda que ele trilhou, até que, terminada a vida terrena, ele ascenda ao Pai, e, na quinta grande Iniciação, se torne Mestre triunfante, um elo entre Deus e o homem.

Esta era a história vivida nos verdadeiros Mistérios de antigamente e de agora, e dramaticamente retratada em símbolos nos Mistérios do plano físico, metade velados, metade descobertos. Este é o Cristo dos Mistérios em Seu aspecto dual, Logos e homem, cósmico e individual. Haverá qualquer surpresa que esta história, vagamente pressentida mesmo quando desconhecida pelo místico, aninhe-se no coração e sirva como inspiração para todo nobre viver? O Cristo do coração humano, em sua maior parte, é Jesus, visto como o místico Cristo humano, lutando, sofrendo, morrendo, finalmente triunfando, o Homem em quem a humanidade é vista crucificada e ressurrecta, cuja vitória é a vitória prometida a cada um que, como Ele, é fiel através da morte e além dela – o Cristo que jamais pode ser esquecido enquanto nascer de novo e de novo na humanidade, enquanto o mundo precisar de Salvadores, e os Salvadores derem a Si mesmos pelos homens.

## CAPÍTULO VII

### A Expição dos Pecados

Agora passaremos a estudar certos aspectos da Vida Crística que aparecem entre as doutrinas do Cristianismo. Nos ensinamentos exotéricos eles aparecem associados apenas à Pessoa do Cristo; nos esotéricos eles são vistos como de fato pertencendo a Ele, uma vez que em sua forma primária e em seu significado mais pleno e mais profundo, formam parte das atividades do Logos, mas apenas secundariamente refletidos no Cristo, e portanto em cada Alma-Cristo que trilha o caminho da Cruz. Estudados desta forma serão vistos sendo profundamente verdadeiros, enquanto que em sua forma exotérica eles muitas vezes confundem a inteligência e tumultuam as emoções.

Entre eles salienta-se a doutrina da Expição dos Pecados; não apenas ela tem sido um ponto de intenso ataque daqueles de fora do círculo do Cristianismo, mas tem atormentado muitas consciências sensíveis dentro daquele círculo. Alguns dos pensadores mais profundamente Cristãos da última metade do século XIX foram torturados com dúvidas a respeito dos ensinamentos das igrejas sobre este assunto, e tentaram vê-lo e apresentá-lo de um modo que o suavizasse ou o explicasse diferentemente das noções mais cruas baseadas numa leitura não inteligente de alguns poucos textos profundamente místicos. Em parte alguma, talvez, mais do que em conexão com estes deveria ser mantida em mente a advertência de São Pedro: “Nosso amado irmão Paulo também, de acordo com a sabedoria que lhe foi dada, vos escreveu – bem como em todas as suas epístolas – falando nelas sobre estas coisas, nas quais existem algumas coisas difíceis de entender, e que são desvirtuadas por aqueles que não têm cultura ou equilíbrio, assim como o fazem às outras escrituras, para sua própria perdição” (*II Pedro*, III, 15-16). Pois os textos que falam da identidade do Cristo com Seus irmãos homens têm sido desvirtuados numa substituição legalizada d’Ele mesmo no lugar dos outros, e assim têm sido usados como uma saída para se escapar dos resultados do pecado, em vez de como uma inspiração à justiça.

O ensinamento geral na Igreja Primitiva sobre a doutrina da Expição foi que Cristo, como Representante da Humanidade, enfrentou e venceu Satanás, o representante dos Poderes Tenebrosos que têm a humanidade sob seu jugo, resgatou deles o escravo, e o libertou. Lentamente, á medida em que os escritores Cristãos

perderam contato com as verdades espirituais, e projetaram sua própria intolerância e acrimônia no Pai puro e amante dos ensinamentos de Cristo, eles O representaram como estando encolerizado contra o homem, e Cristo foi feito para salvar o homem da ira de Deus, em vez de salvá-lo da escravidão ao mal. Então se imiscuíram expressões legalizadas, materializando ainda mais a idéia espiritual, e o “esquema da redenção” foi delineado de modo forense. O selo foi apostado sobre o “esquema da redenção” por Anselmo, em seu grande livro *Cur Deus Homo*, e a doutrina que havia crescido lentamente na teologia da Cristandade daí por diante passou a levar o sinete da Igreja. Tanto Católicos Romanos como Protestantes, na época da Reforma, acreditaram no caráter vicarial e substitutivo da expiação empreendida por Cristo. Entre eles não há querela sobre este ponto. Prefiro deixar os vates Cristãos falar por si mesmos sobre o caráter da expiação. “Lutero ensina que ‘Cristo, real e efetivamente, sofre por toda a humanidade a ira de Deus, a maldição e a morte’. Flavel diz que ‘para a ira, para a ira de um Deus infinito sem mescla, para os próprios tormentos do inferno, Cristo foi enviado, e pela mão de seu próprio Pai’. A homilia Anglicana prega que ‘o pecado fez Deus sair dos céus para fazer a Si mesmo sentir os horrores e dores da morte’, e que o homem, sendo um agitador do inferno e um sócio do demônio, ‘foi salvo pela morte de seu filho bem-amado’; a ‘fúria de sua ira’, ‘sua ira furiosa’, somente poderia ser ‘pacificada’ por Jesus, ‘tão agradável que Ihe foi o sacrifício e a oblação da morte de seu filho’. Edwards, sendo lógico, viu que havia uma grosseira injustiça no pecado ser punido duas vezes, e as penas do inferno, o preço do pecado, sendo infligido duas vezes, primeiro em Jesus, o substituto da humanidade, e depois nos perdidos, uma porção da humanidade; assim ele, em comum com a maioria dos Calvinistas, sente-se compelido a restringir a expiação aos eleitos, e declarou que Cristo levou os pecados, não do mundo, mas dos eleitos; ele ‘sofre não pelo mundo, mas por aqueles que tu me deste’. Mas Edwards adere firmemente à crença na substituição, e rejeita a expiação universal pelas mesmas razões pelas quais ‘acreditar que Cristo morreu por todos é a maneira mais segura de provar que ele não morreu por ninguém, do modo como os Cristãos têm entendido isto’. Ele declara que ‘Deus impôs sua cólera devida, e Cristo padeceu as dores dos tormentos do inferno’ pelo pecado. Owens considera os sofrimentos de Cristo como ‘uma compensação plena e valiosa, junto à justiça de Deus, por todos os pecados’ dos eleitos, e diz que ele suportou ‘as mesmas punições que... eles mesmos deveriam suportar’ ” (A. Besant, *Essay on The Atonement*).

Para mostra que estas concepções eram ainda ensinadas autorizadamente nas igrejas, escrevi ainda: “Stroud faz Cristo beber ‘a taça da ira de Deus’. Jenkins diz que ‘Ele sofreu como um excluído, réprobo e esquecido de Deus’. Dwight considera que ele suportou ‘o ódio e o desprezo’ de Deus. O Bispo Jeune nos diz que ‘depois que o homem fez o pior, o pior ficou para que Cristo suportasse. Ele caiu nas mãos de seu pai’. O Arcebispo Thomas prega que ‘as nuvens da ira de Deus se ajuntaram sobre toda a raça humana: mas descarregaram-se apenas sobre Jesus’. Ele ‘se tornou uma maldição para nós e um vaso da ira’. Liddon ecoa o mesmo sentimento: ‘Os apóstolos ensinam que a humanidade é escrava, e que Cristo na cruz está pagando por sua salvação. Cristo crucificado é voluntariamente entregue e amaldiçoado’; ele fala mesmo da ‘quantidade precisa de ignomínia e dor necessária para a redenção’, e diz que a ‘divina vítima’ pagou mais do que era absolutamente necessário’ ” (Ibid.).

Estas são as concepções contra as quais o erudito e profundamente religioso Dr. MacLeod Campbell escreveu seu bem conhecido livro *On the Atonement*, um volume contendo muitos pensamentos verdadeiros e belos; F.D.Maurice e muitos outros homens Cristãos também têm tentado tirar de sobre o Cristianismo o peso de uma doutrina tão destrutiva para todas as idéias sobre as relações entre Deus e o homem.

Não obstante, quando olhamos para trás para os efeitos produzidos por esta doutrina, vemos que a fé nela, mesmo em sua forma legal – e para nós cruamente exotérica – está ligada a alguns dos mais altos desenvolvimentos da conduta Cristã, e que alguns dos mais nobres exemplos da maturidade Cristã tiraram

dela sua força, sua inspiração e seu conforto. Seria injusto não reconhecer este fato. E sempre que analisamos um fato que nos parece espantoso e incongruente, fazemos bem em meditar sobre este fato, e tentar entendê-lo. Pois se esta doutrina não contivesse nada além do que é visto pelos seus oponentes dentro e fora das igrejas, se em seu verdadeiro sentido fosse tão repelente à consciência e ao intelecto como o imaginam muitos pensadores Cristãos, então possivelmente não teria exercido um fascínio tão poderoso sobre as mentes e corações dos homens, nem poderia ter sido a base de muitas auto-entregas heróicas, ou de tocantes e patéticos exemplos de auto-sacrifício no serviço do homem. Deve haver algo mais nela do que jaz na sua superfície, algum cerne de vida oculto que tem alimentado aqueles que dela retiraram sua inspiração. Ao estudarmos esta doutrina como um dos Mistérios Menores, devemos ver a vida oculta que estes nobres seres absorveram inconscientemente, estas almas que estavam tão sintonizadas com aquela vida que a forma sob a qual ela se velou não as repeliu.

Quando passamos a estudá-la como um dos Mistérios Menores, devemos sentir que para seu entendimento é necessário algum desenvolvimento espiritual, alguma abertura da visão interior. Compreendê-la requer que seu espírito deva estar parcialmente desenvolvido na vida, e somente aqueles que conhecem de modo prático algo do significado da auto-entrega serão capazes de captar um lampejo do que está implicado no ensinamento esotérico desta doutrina, como uma manifestação típica da Lei do Sacrifício. Só podemos entendê-la aplicada ao Cristo quando a vemos como uma manifestação especial da Lei universal, um reflexo aqui embaixo do Modelo no alto, mostrando-nos em uma vida humana concreta o que significa sacrifício.

A Lei do Sacrifício estrutura nosso sistema e todos os sistemas, e sobre ela são construídos todos os universos. Ela está na raiz da evolução, e isto por si a torna inteligível. Na doutrina da Expição ele toma uma forma concreta em associação com homens que atingiram certo estágio no desenvolvimento espiritual, o estágio que os capacita perceberem sua unidade com a humanidade, e se tornar, no sentido mais profundamente verdadeiro, Salvadores dos homens.

Todas as grandes religiões do mundo declararam que o universo começa por um ato de sacrifício e incorporaram a idéia do sacrifício em seus ritos mais solenes. No Hinduísmo é dito que o alvorecer da manifestação deu-se por um sacrifício (*Bṛhadâraṇyakopaniṣat*, I, I, 1), a humanidade emana [da Deidade] com sacrifício (*Bhagavad-Gita*, III, 10) e é a Deidade que sacrifica-Se a Si mesma (*Bṛhadâraṇyakopaniṣat*, I, II, 7); o objetivo do sacrifício é a manifestação; Ele não pode tornar-Se manifesto a menos que um ato de sacrifício seja executado, e desde que nada pode se manifestar antes que Ele se manifeste (*Mundakopaniṣat*, II, II, 10), o ato de sacrifício é chamado de “a aurora” da criação.

Na religião de Zoroastro foi ensinado que na Existência ilimitável, incognoscível, inominável, o sacrifício foi executado e apareceu assim a Deidade manifesta; Ahura-Mazda nasceu de um ato de sacrifício (Hang, *Essays on the Parsis*, pp. 12-14).

Na religião Cristã a mesma idéia é indicada na frase: “o Cordeiro morto desde a fundação do mundo” (*Apocalipse*, XIII, 8), morto na origem das coisas. Estas palavras só podem se referir à importante verdade de que não pode haver nenhuma fundação de um mundo antes que a Deidade tenha feito um ato de sacrifício. Este ato é explicado como Ela limitando-Se a fim de tornar-Se manifesta. “A Lei do Sacrifício poderia talvez ser chamada com mais verdade de A Lei do Amor e da Vida, pois em todo o universo, desde o mais alto até o mais baixo, ela é a causa da manifestação e da vida” (W. Williamson, *The Great Law*, p. 406).

“Mas se estudarmos este mundo físico, como sendo o material mais à mão, vemos que toda a vida nele, todo o crescimento, todo o progresso, seja das unidades ou dos agregados, depende de um contínuo sacrifício e da resistência à dor. O Mineral é sacrificado ao vegetal, o vegetal ao animal, ambos ao homem, os homens aos homens, e todas as formas superiores se desfazem, e reforçam novamente, com seus constituintes, o reino mais inferior. É uma contínua seqüência de sacrifícios desde o mais baixo até o mais alto, e o próprio sinal do progresso é o sacrifício passar de involuntário e imposto a voluntário e auto-escolhido, e aqueles que são reconhecidos com os maiores pelo intelecto humano e os mais amados pelo coração humano são os sofredores supremos, aquelas almas heróicas que padeceram, perseveraram, e morreram para que a raça pudesse aproveitar de suas penas. Se o mundo é obra do Logos, e a lei do progresso mundial no todo e nas partes é o sacrifício, então a Lei do Sacrifício deve apontar para algo na própria natureza do Logos, deve ter sua raiz na própria Natureza Divina. UM pensamento um pouco mais à frente nos mostrará que se há de existir um mundo, enfim um universo, isto só pode acontecer porque a Existência Única condicionou-Se e assim tornou possível a manifestação, e que o próprio Logos é o Deus autolimitado; limitado para tornar-Se manifesto; manifesto para levar um universo à existência; tal autolimitação e manifestação só podem ser um supremo ato de sacrifício, a não admira que em todo o mundo isto deva mostrar sua marca de nascença, e que a Lei do Sacrifício deva ser a lei da existência, a lei das vidas derivadas disto.

“Além disso, já que é um ato de sacrifício a fim de que os indivíduos possam vir à existência para compartilhar da felicidade Divina, é verdadeiramente um ato vicarial – um ato feito em favor de outros; daí o fato já notado de que o progresso é marcado pelo sacrifício se tornando voluntário e auto-escolhido, e percebemos que a humanidade atinge sua perfeição no homem que se doa pelos homens, e pelo seu próprio sofrimento adquire algo altamente proveitoso para a raça.

“Aqui, nas mais altas regiões, está a verdade mais recôndita do sacrifício vicarial, e por mais que possa ser degradado e distorcido, esta verdade espiritual interna é indestrutível, eterna, e a fonte de onde flui a energia espiritual que, de muitas formas e maneiras, redime o mundo do mal e o torna a casa de Deus” (A. Besant, *Nineteenth Century*, junho de 1895, *The Atonement*).

Quando o Logos sai do “seio do Pai” naquele “Dia” em que se diz que Ele é “engendrado” (*Hebreus*, I, 5), a aurora do Dia da Criação, da Manifestação, quando através d’Ele Deus “fez os mundos” (*Hebreus*, I, 2), Ele por Sua própria vontade limita a Si mesmo, fazendo como que uma esfera encapsulando a Vida Divina, surgindo como um radiante orbe de Deidade, a Divina Substância, Espírito dentro e limitação, ou Matéria, por fora. Este é o véu de matéria que torna possível o nascimento do Logos, Maria, ou Mãe do Mundo, necessário para a manifestação do Eterno no tempo, para que a Deidade possa manifestar-Se para a construção dos mundos.

Esta circunscrição, esta autolimitação, é o ato de sacrifício, uma ação voluntária empreendida por amor, para que outras vidas possam nascer de Si. Esta manifestação tem sido considerada como uma morte, pois, em comparação com a vida inimaginável de Deus em Si mesmo, tal circunscrição na matéria pode verdadeiramente ser chamada de morte. Ela tem sido considerada, como vimos, como uma crucificação na matéria, e assim tem sido representada, sendo a verdadeira origem do símbolo da cruz, seja em sua forma grega, onde se representa a vivificação da matéria pelo Espírito Santo, seja em sua forma latina, onde se representa o Homem Celeste, o Cristo superno” (C.W. Leadbeater, *The Christian Creed*, pp. 54-56).

“Seguindo o simbolismo da cruz latina, ou crucifixo, para dentro da noite dos séculos passados, os

investigadores esperavam que a figura desaparecesse, deixando apenas, supunham eles, o emblema da cruz mais antigo. Como se comprovou, o inverso é o que foi verificado, e eles se admiraram de descobrir que a certa altura a cruz desapareceu, deixando apenas a figura com os braços erguidos. Já não havia nenhum pensamento de dor ou tristeza associado a tal figura, embora ainda falasse de sacrifício; mas antes aparecia como símbolo da mais pura alegria que o mundo pode conceber – a alegria de dar livremente – pois ele tipifica o Homem Divino pairando no espaço com os braços erguidos em bênção, espalhando seus dons para toda a humanidade, derramando livremente de Si mesmo em todas as direções, descendo para dentro daquele ‘denso mar de matéria, para ser limitado, apertado e confinado lá, a fim de que através desta descida nós possamos vir a ser’ (C.W. Leadbeater, *The Christian Creed*, pp. 56-57).

Este sacrifício é perpétuo, pois em todas as formas neste universo de infinita diversidade esta vida está embutida, e é seu próprio coração, o “Coração do Silêncio” do ritual Egípcio, o “Deus Oculto”. Este sacrifício é o segredo da evolução. A Vida Divina, encasulada dentro de uma forma, sempre pressiona para fora, de modo que a forma possa se expandir, mas pressiona gentilmente, evitando que a forma possa romper antes que tenha alcançado seu limite máximo de expansão. Com paciência e tato e discrição infinitos, o Ser Divino mantém a pressão constante que expande, sem aplicar uma força que poderia destruir. Em todas as formas, no mineral, no vegetal, no animal, no homem, esta energia expansiva do Logos age sem cessar. Esta é a força evolucionária, a vida que se alça dentro das formas, a energia expansiva que a ciência vislumbra mas não sabe de onde vem. O botânico fala de uma energia dentro da planta, que a faz crescer sempre para cima; ele não sabe como, não sabe por que, mas ele lhe dá um nome – *vis a fronte* – porque ele a encontra lá, ou antes encontra os seus resultados. Do mesmo modo que na vida vegetal, igualmente nas outras formas, fazendo-as mais e mais expressivas da vida que está dentro delas. Quando o limite de cada forma é atingido e ela não pode crescer mais, de modo que nada mais possa ser ganho através dela pela alma no interior – aquele germe de Si mesmo que o Logos está cultivando – então Ele retira Sua energia, e a forma se desintegra – o que chamamos de morte e decomposição. Mas a alma está com Ele, e Ele modela para ela uma outra forma, e a morte da forma é o nascimento da alma numa vida mais plena. Se olharmos com o olho do Espírito em vez de com os olhos da carne, não deveríamos chorar sobre uma forma, que é um cadáver devolvendo os materiais de que foi feito, mas deveríamos nos alegrar pela vida estar passando para uma forma mais nobre, para neste processo imutável expandir os poderes ainda latentes em si.

Através deste sacrifício perpétuo do Logos é que toda a vida existe; é a vida pela qual o universo está sempre em devir. Esta vida é Única, mas se encarna em miríades de formas, sempre levando-as juntas e vencendo sua resistência. Assim há uma Unificação [no original *At-one-ment*, jogo de palavras impossível de traduzir, associando *Atonement*, ‘expição ou sacrifício’, e *At-one-ment*, ‘tornar-um-só’ – NT], uma força unificante, pela qual as vidas separadas gradualmente se tornam conscientes de sua unidade, trabalhando para desenvolver em cada uma a autoconsciência, que finalmente deverá conhecer a si mesma uma com todas as outras, e, em sua raiz, Uma só e divina.

Este é o sacrifício primário e perene, e será visto que constitui um derramamento de Vida dirigido pelo Amor, um derramamento voluntário e jucundo do Eu para a criação de outros Eus. Esta é “a alegria de meu Senhor” (*Mateus*, XXV, 21, 23, 31-45) no qual entra o servo fiel, seguido de modo significativo pela declaração de que Ele estava faminto, sedento, nu, doente, um estrangeiro numa prisão, tanto nos filhos dos homens auxiliados como nos desamparados. Para o Espírito livre, dar-Se é uma alegria, e Ele sente Sua vida de modo mais penetrante na medida em que mais Se doa. E quando mais dá, mais cresce, pois a lei do crescimento é que ele aumente quando se expande, e não quando se retira – cresce no dar, e não no tirar. O sacrifício, então, é motivo de alegria o Logos doar-Se para criar um mundo, e, vendo o trabalho de Sua alma, fica



satisfeito. (*Isaías*, LIII, 11).

Mas a palavra sacrifício passou a ser associada com sofrimento, e em todos os ritos religiosos de sacrifício existe algum sofrimento, mesmo que seja apenas uma perda trivial para aquele que sacrifica. É conveniente entendermos como ocorreu esta mudança, de modo que quando a palavra “sacrifício” é usada, a conotação instintiva é de dor.

A explicação é encontrada quando deixamos a Vida manifesta e observamos as formas em que ela está corporificada, e consideramos o sacrifício do ponto de vista das formas. Enquanto que a vida da Vida é dar, a vida ou persistência da forma é tomar, pois a forma se desgasta à medida em que é usada, diminui à medida em que persiste. Se a forma deve continuar, ela deve retirar material novo de fora de si mesma a fim de reparar suas perdas, senão se gasta e se desfaz. A forma deve coletar, manter, construir em si mesma o que recolheu, doutro modo não pode persistir; e a lei do crescimento da forma é tomar e assimilar daquilo que o universo maior oferece. Quando a consciência se identifica com a forma, considerando a forma como seu eu, o sacrifício assume um aspecto doloroso; dar, entregar, perder o que foi adquirido, é sentido como minar a persistência da forma, e assim a Lei do Sacrifício se torna uma lei de dor em vez de uma lei de júbilo.

O homem tem de aprender pela constante dissolução das formas, e a dor envolvida no descarte serve para que ele não se identifique com as formas efêmeras e mutáveis, mas sim com a vida em crescimento perene, e esta lição lhe é ensinada não apenas pela natureza externa, mas pelas lições deliberadas dos Instrutores que lhe deram as religiões.

Podemos detectar nas religiões do mundo quatro estágios de instrução na Lei do Sacrifício. Primeiro, o homem é ensinado a sacrificar parte de suas posses materiais a fim de conseguir prosperidade material, e são feitos sacrifícios em caridade para com os homens e em oferendas a Deidades, como podemos ler nas escrituras dos Hindus, dos Zoroastrianos, dos Hebreus, e de fato no mundo todo. O homem abria mão de algo valorizado a fim de assegurar a prosperidade futura para si mesmo, sua família, sua comunidade, sua nação. Ele sacrificava no presente para ganhar no futuro. Em segundo lugar, veio uma lição um pouco mais difícil de aprender; em vez de prosperidade física e bens materiais, o fruto a ser ganho pelo sacrifício seria a felicidade celeste. O Céu deveria ser ganho, a felicidade deveria ser desfrutada no outro lado da morte – esta era a recompensa pelos sacrifícios feitos durante a vida vivida na Terra.

Era dado um considerável passo adiante quando um homem aprendia a desistir das coisas pelas quais seu corpo ansiava em prol de um bem distante que ele não podia ver nem demonstrar. Ele aprendia a entregar o visível em troca do invisível, e ao fazer isto subia na escala do ser, pois tão grande é o fascínio do visível e do tangível que um homem ser capaz de desistir disto por amor a um mundo invisível no qual acredita significa ele ter adquirido muita força e que deu um grande passo em direção à percepção daquele mundo invisível. Repetidamente suportou-se o martírio, enfrentou-se o vilipêndio, o homem aprendeu a permanecer só, suportando tudo o que sua raça pudesse despejar-lhe em cima em termos de sofrimento, miséria e vergonha, olhando o que está além da tumba. Na verdade, ainda existe um desejo de glória celeste, mas não é coisa pouca ser capaz de ficar sozinho sobre a Terra fiando-se só na companhia espiritual, firmando-se na vida interior enquanto tudo na exterior é tortura.

A terceira lição vem quando um homem, vendo-se parte de uma vida maior, deseja sacrificar-se pelo bem do todo, e assim se torna forte o bastante para reconhecer que o sacrifício é correto, que uma parte, um

fragmento, uma unidade no total da vida, deve se subordinar ao todo, subordinar o fragmento à totalidade. Então ele aprendeu a fazer o bem, sem ser afetado pelos resultados disto em sua própria pessoa, aprendeu a cumprir o dever, sem desejar o resultado para si, aprendeu a perseverar porque a perseverança estava correta não porque seria coroada, aprendeu a dar porque os dons eram devidos à humanidade e não porque seriam compensados pelo Senhor. A alma heróica assim treinada estava pronta então para a quarta lição: a de que o sacrifício de tudo o que constitui o fragmento separado deve ser oferecido porque o Espírito não está na verdade separado, mas é parte da Vida divina, e não conhece diferença, não sente separação, o homem se doa como parte da Vida Universal, e na expressão desta Vida ele compartilha da alegria de seu Senhor.

É nos três primeiros estágios que encontramos o aspecto sofrido do sacrifício. O primeiro importa apenas pequenos sofrimentos; no segundo a vida física e tudo o que a Terra tem a oferecer deve ser sacrificado; o terceiro é o grande período de teste, de provação, de crescimento e evolução da alma humana. Pois neste estágio o dever pode exigir tudo aquilo em que a vida parece consistir, e o homem, ainda identificado *em sentimento* com a forma, embora se conheça *teoricamente* transcendente, descobre que é exigido dele tudo o que ele sente ser vida, e pergunta: “Se eu entregar tudo, o que restará?” Parece que a própria consciência haveria de cessar com esta entrega, pois deve abrir mão de tudo o que percebe, e não vê nada para agarrar-se no outro lado. Uma convicção sobrepujante, uma voz imperiosa, insta-o para que entregue sua própria vida. Se ele recua, deve continuar na vida de sensação, na vida de intelecto, na vida do mundo, mas á medida que desfruta das alegrias a que não ousou renunciar, encontra uma constante insatisfação, uma fome constante, uma constante mágoa e falta de prazer no mundo, e ele percebe a verdade do ditado de Cristo, de que “aquele que deseja manter sua vida, a perderá” (*Mateus*, XVI, 25), e que a vida que ele amava e queria preservar, enfim, está perdida. Mas se ele arrisca tudo obedecendo a voz que lhe fala, se ele desiste de sua vida, ao perdê-la, encontra-se na vida eterna (*João*, XII, 25), e descobre que a vida que ele entregou só era uma morte em vida, que tudo o que ele entregou foi só a ilusão, e que ele encontrou agora a realidade. Nesta escolha o metal de que é feita a alma é testado, e somente o ouro puro sai da fornalha ardente, ali onde a vida foi entregue, mas onde a vida foi ganha. E então se segue a feliz descoberta de que a vida que foi ganha assim foi ganha para todos, não para o eu separado, descobre que o abandono do eu separado significou a realização do Eu no homem, e a renúncia ao limite que só ele parecia tornar a vida possível significou derramar-se em miríades de formas, numa vividez e plenitude sequer sonhada, “o poder de uma vida infinita” (*Hebreus*, VII, 16).

Este é um esboço da Lei do Sacrifício, baseado no sacrifício primordial do Logos, o Sacrifício de que todos os outros sacrifícios são reflexos.

Vimos como o homem Jesus, o discípulo Hebreu, abandonou Seu corpo em alegre entrega para que uma Vida superior pudesse descer e se encarnar no forma que Ele sacrificou voluntariamente, e como por este ato de sacrifício Ele se tornou um Cristo de plena estatura, para ser o Guardião do Cristianismo, e derramar Sua vida na grande religião fundada pelo poderoso Ser com quem o sacrifício o identificou. Vimos a Alma-Crística passando através das grandes iniciações – nascida como uma criancinha, descendo ao rio das tristezas do mundo, com as águas com as quais ele deve ser batizado para seu ministério ativo, transfigurado no Monte, conduzido à cena de seu último combate, e triunfando sobre a morte. Agora temos que ver em que sentido ele é um expiador, como na vida-Crística a Lei do Sacrifício encontra uma expressão perfeita.

O início do que pode ser chamado o ministério do Cristo que chegou à maturidade está naquela intensa e permanente simpatia com as tristezas do mundo, o que é tipificado pela descida ao rio. Deste tempo em diante a vida pode ser resumida na frase “Ele foi fazendo o bem”, pois aqueles que sacrificam sua vida

separada para serem canais da Vida divina não podem ter interesse neste mundo exceto o de ajudar os outros. Ele aprende a se identificar com a consciência de todos em seu redor, aprende a sentir como eles sentem, a pensar como eles pensam, apreciar o que eles apreciam, a sofrer como eles sofrem, e assim ele leva para sua vida desperta diária aquele mesmo senso de unidade com os outros que ele experimenta nos domínios superiores do ser. Ele deve desenvolver uma simpatia que vibre em perfeita harmonia com o múltiplo acorde da vida humana, para que possa ligar em si as vidas humanas e divinas, e se tornar um mediador entre o Céu e a Terra.

Agora o poder está manifesto nele, pois o Espírito descansa sobre ele, e ele começa a se evidenciar aos olhos dos homens como um dos que são capazes de ajudar seus irmãos mais jovens a trilharem o caminho da vida. À medida em que se juntam ao seu redor, eles sentem o poder que emana dele, a Vida divina no legítimo Filho do Altíssimo. As almas que estão famintas lhe acorrem e ele as alimenta com o pão da vida; os doentes pelo pecado se aproximam, e ele os cura com a palavra viva que sana a doença e restabelece a inteireza da alma; os cegos pela ignorância se ajuntam perto dele, e ele abre seus olhos com a luz da sabedoria. É a marca mais característica em seu ministério que os mais inferiores e os mais pobres, os mais desesperados e os mais degradados, não sintam nenhuma barreira de separação quando se aproximam dele, sintam, à medida em que se aglomeram à sua volta, as suas boas-vindas, e não sua repulsa, pois ele irradia um amor que entende e que por isso jamais deseja repelir. Por mais baixo que a alma possa estar, nunca sente a Alma-Crística como estando acima de si, mas antes como estando ao seu lado, caminhando com pés humanos no chão que elas mesmas estão caminhando; porém, como cheio de um estranho poder soerguidor que as põe de pé novamente e as enche também de um novo impulso e fresca inspiração.

Assim ele vive e trabalha, um verdadeiro Salvador dos homens, até que chegue o tempo em que ele deve aprender uma outra lição, perdendo por um período aquela consciência daquela Vida divina da qual a sua se tornou cada vez mais a expressão. E esta lição é que o verdadeiro centro da Vida divina reside no interior e não no exterior. O Eu tem seu centro dentro de cada alma humana – verdadeiramente Ele é “o centro em toda a parte”, pois Cristo está *dentro* de tudo, e Deus está em Cristo – e nenhuma vida corporificada, nada “fora do Eterno” (*Light in the Path*, § 8) “pode ajudá-lo em sua mais extrema necessidade. Ele tem de aprender que a verdadeira unidade do Pai e do Filho deve ser encontrada dentro e não fora, e esta lição só pode ser aprendida no mais extremo isolamento, quando ele se sente esquecido pelo Deus fora de si mesmo. À medida que esta prova se aproxima, ele clama pelos que lhe estão mais perto para que vigiem com ele nesta hora de escuridão; e então, pela ruptura de todas as simpatias humanas, pelo fraquejar de todos os amores humanos, ele se encontra arremessado de volta à vida do Espírito divino, e pede a seu Pai, sentindo-se em união consciente com Ele, que faça a taça passar. Tendo ficado totalmente só, exceto por aquele Auxiliador divino, ele é digno de enfrentar o seu último ordálio, onde o Deus externo a si se desvanece, e só resta o Deus interior. “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”, ecoa o amargo apelo do amor desorientado e do temor. A última solidão se abate sobre ele, e ele se sente esquecido e solitário. Porém jamais o Pai esteve mais perto do Filho do que no momento em que a Alma-Crística se sente abandonado, pois quando ele toca a maior profundidade da aflição a hora do seu triunfo começa a despontar. Pois agora ele aprende que ele mesmo deve se tornar o Deus a quem ele chama, e ao sentir a última dor da separação ele finalmente encontra a unidade eterna, ele sente que a fonte da vida está dentro de si mesmo, e se torna eterno.

Ninguém pode se tornar um Salvador pleno dos homens nem simpatizar perfeitamente com todos os sofrimentos humanos a menos que tenha enfrentado e vencido a dor e o medo e a morte sozinho, salvo pela ajuda que tem do Deus interior. É fácil sofrer quando existe uma consciência ininterrupta entre o mais elevado e mais baixo; antes, não há sofrimento enquanto esta consciência permanece intacta, pois a luz do superior

torna impossível a treva inferior, e a dor não é dor quando suportada diante do sorriso de Deus. Existe um sofrimento que os homens têm de enfrentar, quando a treva está na consciência humana e nem um brilho de luz a atravessa; ele deve conhecer a dor do desespero sentido pela alma humana quando há apenas sombras de todos os lados, quando a consciência vacilante não consegue encontrar uma só mão para apertar. Todo Filho do Homem desce a esta escuridão, antes que se erga triunfante; esta é a mais amarga experiência pela qual todo Cristo passa, antes que seja “capaz de levar a salvação a termo para todos eles” (*Hebreus*, VII, 25) que procuram o Divino através dele.

Um tal ser se tornou verdadeiramente divino, um Salvador de homens, e ele assume o trabalho do mundo para o qual tudo aquilo foi uma preparação. Nele devem penetrar todas as forças que trabalham contra o homem, a fim de que elas possam ser transformadas em forças que ajudam. Assim ele se torna um dos centros da Paz do mundo, que transmutam as forças de combate que de outra forma poderiam aniquilar o homem. Pois os Cristos do mundo são estes centros de Paz para onde afluem todas as forças conflitantes, para serem transformadas lá dentro e então derramadas de volta como forças que trabalham para a harmonia. Parte dos sofrimentos do Cristo que ainda não está perfeito reside nesta harmonização das forças discordes do mundo. Embora um Filho, ele ainda aprende pelo sofrimento e assim é “tornado perfeito” (*Hebreus*, V, 8-9). A humanidade estaria ainda mais cheia de combates e tomada de conflitos não fosse pelos Cristos-discípulos vivendo em seu meio, e harmonizando muitas das forças conflitantes em paz.

Quando se diz que o Cristo sofre “pelos homens”, que Sua força substitui sua fraqueza, Sua pureza substitui seus pecados, Sua sabedoria substitui sua ignorância, se diz uma verdade, pois o Cristo se torna uno com os homens para que eles compartilhem com Ele, e Ele com eles. Não há nenhuma substituição deles por Ele, mas o que acontece é Ele levar as suas vidas para a Sua, e derramar a Sua vida na deles. Pois, tendo se alçado até os planos da unidade, Ele é capaz de compartilhar tudo o que adquiriu, de dar tudo o que ganhou. Ficando acima do plano de separatividade e olhando para baixo, para as almas ainda imersas na separatividade. Ele pode alcançar a todas, embora elas não possam alcançar umas às outras. A água pode correr de cima para muitas pipas, estando elas abertas para o reservatório enquanto permanecem fechadas umas para as outras, e assim Ele pode enviar Sua vida para cada alma. Só é preciso uma condição para que um Cristo possa compartilhar Sua força com um irmão mais jovem: que na vida individual a consciência humana se abra para o divino, se mostre receptiva para com a vida ofertada, e tome o dom livremente derramado. Pois Deus é tão reverente para com aquele Espírito que é Ele mesmo no homem que Ele não derramará um fluxo de força e vida a menos que aquela alma o deseje receber. Deve haver a abertura embaixo, assim como um eflúvio de cima, a receptividade da natureza inferior, assim como a prontidão do superior para dar. Este é o elo entre Cristo e o homem, isto é o que as igrejas chamam de o “derramamento da graça divina”, isto é o que se quer dizer com a “fé” necessária para tornar a graça eficaz. Como Giordano Bruno uma vez colocou – a alma humana tem janelas, e pode deixar estas janelas fechadas. O sol lá fora está brilhando, a luz é imutável; deixe as janelas serem abertas e a luz do sol há de entrar. A luz de Deus está batendo nas janelas de cada alma humana, e quando as janelas são descerradas, a alma se torna iluminada. Não há mudança em Deus, mas há uma mudança no homem, e a vontade humana não pode ser forçada, senão a Vida divina nele teria sua devida evolução bloqueada.

Assim, em cada Cristo que surge a humanidade é elevada a um passo mais alto, e por Sua sabedoria a ignorância do mundo é diminuída. Cada homem se torna menos fraco por causa da Sua força, que se derrama sobre a humanidade e penetra na alma individual. Desta doutrina, vista estreitamente, e assim mal interpretada, nasceu a idéia da Expição vicária como uma transação legal entre Deus e o homem, na qual Jesus assumiu o lugar do pecador. Não foi entendido que Aquele que atingira tal altitude se tornara

verdadeiramente uno com todos os Seus irmãos; a identidade de natureza foi mal tomada como uma substituição pessoal, e assim a verdade espiritual foi perdida na rudimentaridade de uma troca judicial.

“Então ele passa a conhecer o seu lugar no mundo, a sua função na natureza – e ser um Salvador e fazer expiação pelos pecados do povo. Ele está no Coração mais interno do mundo, no Santo dos Santos, como Sumo Sacerdote da Humanidade. Ele é uno com todos os seus irmãos, não através de uma substituição vicária, mas através da unidade de uma vida comum. Alguém é pecador? Ele é pecador nele, para que sua pureza possa purgá-lo. Há alguém triste? Nele ele é o homem das tristezas; todo coração partido parte o seu, em cada coração lancinado o seu também é lancinado. Alguém rejubila? Nele ele também rejubila. Alguém deseja? Nele ele sente a carência, para que possa saciá-la com sua total satisfação. Ele tem tudo, e porque é dele, é de todos. Ele é perfeito, então todos são perfeitos com ele. Ele é forte; quem então pode ser fraco, já que ele está em todos? Ele subiu até seu alto lugar para que pudesse dar a todos abaixo de si, e ele vive a fim de que todos possam partilhar de sua vida. Ele ergue todo o mundo consigo quando se ergue, o caminho fica mais fácil para todos os homens porque ele o trilhou.

“Todo filho do homem pode se tornar um Filho de Deus assim, um Salvador do mundo. Em cada Filho destes “Deus está manifesto na carne” (*I Timóteo*, III, 16), a expiação que auxilia toda a humanidade, o poder vivo que renova todas as coisas. Só uma coisa é necessária para trazer este poder à atividade em qualquer alma individual: a alma deve abrir a porta e deixá-Lo entrar. Mesmo Ele, em tudo presente, não pode forçar Seu caminho contra a vontade de Seu irmão, a vontade humana deverá poder manter-se tanto contra Deus como contra o homem, e pela lei da evolução ela deve associar-se voluntariamente com a ação divina, e não ser quebrada numa submissão compulsória. Que a vontade abra a porta e a vida inundará a alma. Enquanto a porta estiver fechada a vida só gentilmente emitirá através dela sua indescritível fragrância, para que a doçura de tal fragrância possa conquistar, pois a barreira não pode ser vencida pela força.

“Isto é, em parte, ser um Cristo; mas como a pena mortal poderá espelhar o imortal, ou as palavras mortais falar do que está além do poder de dizer? A língua não pode falar, a mente não iluminada não pode entender aquele mistério do Filho que se tornou uno com o Pai, carregando em Seu seio os filhos dos homens” (Annie Besant, *Theosophical Review*, dezembro de 1898, pp. 344-346).

Aqueles que vão se preparar para se elevar a uma tal vida no futuro devem começar mesmo já a trilhar na vida inferior a senda da Sombra da Cruz. Nem deveriam duvidar de seu poder de subir, pois duvidar disto seria duvidar do Deus em seu interior. “Tende fé em vós mesmos”, é uma das lições que vem da visão superior do homem, pois aquela fé é na realidade fé no Deus interior. Existe um modo pelo qual a sombra da vida Crística possa recair sobre a vida comum dos homens, e é fazendo todo ato como sacrifício, não pelo que irá resultar para o que o executa, mas pelo que trará para os outros, e, na vida diária comum de pequenos deveres, ações pequenas, interesses estreitos, através da mudança dos motivos, e assim mudando tudo. Nada na vida externa precisa necessariamente ser alterado, em qualquer vida pode ser ofertado um sacrifício, Deus pode ser servido em qualquer ambiente. Desenvolver a espiritualidade é assinalado não pelo que o homem faz, mas pelo modo que o faz; a oportunidade de crescimento reside não nas circunstâncias, mas na atitude do homem para com elas. “E em verdade este símbolo da cruz pode ser para nós uma pedra de toque para distinguir o bem do mal em muitas das dificuldades da vida. ‘Só aquelas ações através das quais brilhe a luz da cruz são dignas da vida do discípulo’, diz um verso em um livro de preceitos ocultos, e isto é interpretado como que tudo o que o aspirante faz deveria ser dinamizado pelo fervor do amor auto-sacrificante. O mesmo pensamento aparece em um verso mais adiante: ‘Quando alguém entra na senda,

coloca seu coração sobre a cruz; quando a cruz e o coração se tornarem um só, então ele atingiu a meta'. Assim, talvez, possamos medir nosso progresso observando se o que domina em nossas vidas é o egoísmo ou o auto-sacrifício" (C.W.Leadbeater, *The Christian Creed*, pp. 61-62).

Toda vida que começa a se modelar deste modo está preparando a gruta onde o Cristo Infante deverá nascer, e a vida se tornará uma constante unificação [*at-one-ment*, no original; novamente se reproduz o jogo de palavras citado antes entre *atonement* e *at-one-ment* – NT], trazendo o divino mais e mais para dentro do humano. Toda vida semelhante de desenvolverá na vida de um "Filho bem-amado" e terá em si a glória do Cristo. Todos os homens podem trabalhar nesta direção fazendo de cada ato e de cada poder um sacrifício, até que o ouro seja separado da escória, e só reste o minério puro.

## CAPÍTULO VIII

### Ressurreição e Ascensão

As doutrinas da Ressurreição e da Ascensão de Cristo também formam parte dos Mistérios Menores, sendo partes integrais do "Mito Solar" e da história de vida do Cristo no homem.

A respeito do próprio Cristo elas têm sua base histórica nos fatos de Ele ter continuado a ensinar Seus apóstolos depois de Sua morte física, em Suas aparições nos Grandes Mistérios como Hierofante depois que Sua instrução direta cessou, até que Jesus assumiu Seu lugar. Nas lendas míticas a ressurreição do herói e sua glorificação invariavelmente formam a conclusão de suas história de morte, e nos Mistérios, o corpo do candidato sempre era lançado em um transe semelhante à morte, durante o qual ele, como uma alma liberta, viajava pelo mundo invisível, retornando e revivendo o corpo depois de três dias. E na história de vida de um indivíduo que está se tornando um Cristo, veremos, à medida que estudarmos, que os dramas da Ressurreição e da Ascensão se repetem.

Mas antes que possamos seguir esta história inteligentemente, devemos dominar o básico a respeito da constituição humana, e entender os corpos natural e espiritual do homem. "Existe um corpo natural, e existe um corpo espiritual" (*I Coríntios*, XV, 44).

Ainda existem pessoas incultas que consideram o homem como uma mera dualidade, feito de "alma" e "corpo". Estas pessoas usam as palavras "alma" e "espírito" como sinônimos, e falam indiferentemente "alma e corpo" ou "espírito e corpo", querendo dizer que o homem é composto de dois constituintes, um dos quais perece na morte, enquanto que o outro sobrevive. Para os simples e ignorantes esta divisão tosca é suficiente, mas ela não vai nos capacitar a entender os mistérios da Ressurreição e da Ascensão.

Todo Cristão que fez mesmo um estudo superficial da constituição humana reconhece nela três constituintes – Espírito, Alma e Corpo. Esta divisão é boa, embora necessite de subdivisões adicionais para o estudo mais aprofundado, e foi usada por São Paulo em sua oração para que "vossos espíritos e almas e corpos sejam preservados irreprováveis" (*I Tessalonicenses*, V, 23). Esta divisão tríplice é aceita na Teologia Cristã.

O Espírito é na realidade uma Trindade, o reflexo e imagem da Trindade Suprema, e isto estudaremos no capítulo seguinte, "A Trindade". O homem real, o imortal, é o Espírito, a Trindade no homem. Ela é vida e consciência, e a ela pertence o corpo espiritual, cada aspecto da Trindade tendo seu próprio Corpo. A Alma é

dual, e compreende a mente e a natureza emocional, com seus invólucros apropriados. E o corpo é o instrumento material do espírito e da Alma. De um ponto de vista Cristão sobre o homem ele seria um ser dodécuplo, com seis modificações perfazendo o homem espiritual, e seis outras o homem natural; de acordo com outro ponto de vista, ele seria divisível em quatorze partes, sete modificações da consciência e sete tipos de forma correspondentes. Esta concepção é praticamente idêntica àquela estudada nos Mistérios, e usualmente é chamada de sétupla, porque existem realmente sete divisões, cada uma sendo dupla, com um aspecto vida e um aspecto forma.

Estas divisões e subdivisões deixam o de mente simples um pouco confusos e perplexos, e é por isso que Orígenes e Clemente, como vimos antes, enfatizaram tanto a necessidade de inteligência de parte de todos os que quisessem se tornar Gnósticos. Enfim, aqueles que as considerarem problemáticas podem deixá-las de lado, sem tirá-las dos estudantes dedicados, que as consideram não só iluminadoras, mas absolutamente necessárias para qualquer entendimento dos Mistérios da Vida e do Homem.

A palavra Corpo significa um veículo de consciência, ou um instrumento de consciência, aquilo onde a consciência é levada como num carro, ou aquilo que a consciência usa para entrar em contato com o mundo externo, como um mecânico usa uma ferramenta. Ou, podemos compará-lo a um vaso onde está contida a consciência, assim como uma jarra contém líquido. Ele é uma forma usada por uma vida, e não sabemos nada da consciência salvo quando ligada a estas formas. A forma pode ser de materiais mais refinados ou sutis, pode ser tão diáfana que só nos damos conta da vida em seu interior; mas a forma ainda está lá, e é composta de Matéria. Pode ser tão densa que oculta a vida interna, e só ficamos conscientes da forma; ainda assim a vida está lá, e é composta do oposto da Matéria – o Espírito. O estudante deve estudar e repassar este fato fundamental – a dualidade de toda existência manifesta, a inseparável coexistência de Espírito e Matéria tanto em um grão de pó como no Logos, o Deus manifesto. A idéia deve se tornar parte dele, doutra forma ele deve abandonar os estudos dos Mistérios Menores. O Cristo, como Deus e Homem, só demonstra em escala cósmica o mesmo fato dual que é repetido em toda parte na natureza. Tudo no universo é formado em cima desta dualidade original.

O homem tem um “corpo natural”, e ele é constituído de quatro porções diferentes e separadas, e é sujeito à morte. Duas delas são compostas de matéria física, e jamais se separam completamente entre si até a morte, embora uma separação parcial possa ser causada pela anestesia ou por doença. Estas duas devem ser classificadas juntas como sendo o Corpo Físico. Neste o homem desempenha suas atividades conscientes enquanto está acordado; falando tecnicamente, ele é o veículo da consciência no mundo físico.

A terceira porção é o seu Corpo de Desejos, chamado assim porque a natureza sentimental e passional do homem encontra nele seu veículo especial. Durante o sono o homem deixa o corpo físico, e desenvolve suas atividades conscientes neste outro, que atua no mundo invisível mais próximo da nossa Terra visível. Ele é portanto seu veículo de consciência no mais baixo dos mundos suprafísicos, que também é o primeiro mundo para o qual o homem passa ao morrer.

A quarta porção é o Corpo Mental, assim chamado porque a natureza intelectual do homem, até onde lida com o concreto, atua nele. Ele é o veículo da consciência no segundo dos mundos suprafísicos, que também é o segundo, ou mundo celeste inferior, ao qual o homem passa depois da morte, quando liberto do mundo mencionado no parágrafo anterior.

Esta quatro porções de sua forma, constituídas do corpo físico dual, do corpo de desejos e do corpo mental, formam o corpo natural de que fala São Paulo.

Esta análise científica caiu fora do ensino Cristão usual, o qual é vago e confuso neste ponto. Não que as igrejas jamais o tenham possuído; ao contrário, este conhecimento da constituição do homem formava parte dos ensinamentos dos Mistérios Menores; a divisão simples em Espírito, Alma e Corpo era exotérica, a primeira e mais rudimentar divisão dada como fundamento. A subdivisão a respeito do “Corpo” era feita no curso da instrução posterior, como preliminar ao treinamento pelo qual o Instrutor habilitava o discípulo a separar um veículo de outro, e usar cada um como veículo de consciência em seu domínio apropriado.

Esta concepção deveria ser bem compreendida. Se um homem deseja viajar na Terra sólida, ele usa como seu veículo um carro ou trem. Se ele quer viajar sobre os líquidos mares, toma um navio. Se quer viajar no ar, ele muda seu veículo e usa um avião. Ele é o mesmo homem em todas as ocasiões, mas está usando três veículos diferentes, de acordo com o tipo de matéria em que deseja viajar. A analogia é primária e inadequada, mas não é enganosa. Quando um homem está ocupado no mundo físico, seu veículo é o corpo físico, e sua consciência atua em e através deste corpo. Quando ele passa para o mundo além do físico, durante o sono ou na morte, seu veículo é o corpo de desejos, e ele deve aprender a usá-lo conscientemente, assim como ele usa o físico conscientemente. Ele já o usa inconscientemente todos os dias de sua vida quando está sentindo e desejando, assim como em cada noite de sua vida. Quando ele vai para o mundo celeste depois da morte, seu veículo é o corpo mental, e este ele também está usando diariamente quando pensa, e não haveria nenhum pensamento no cérebro se eles não existissem no corpo mental.

O homem tem além disso um “corpo espiritual”. Este é feito de três porções separáveis, cada uma pertencendo a, e separado de, cada uma das três Pessoas na Trindade do espírito humano. São Paulo fala de ter sido “levado até o terceiro céu”, e de lá ter ouvido “palavras impronunciáveis que não é lícito a um homem pronunciar” (*II Coríntios*, XII, 2-4). Estas diferentes regiões dos mundos invisíveis supernos são conhecidas pelos Iniciados, e eles sabem muito bem que aqueles que passam além do primeiro céu precisam do corpo verdadeiramente espiritual como veículo, e que de acordo com o seu desenvolvimento poderão entrar em um céu ou noutro.

A mais baixa destas três divisões é usualmente chamada de Corpo Causal, por uma razão de que só será totalmente assimilada por aqueles que estudaram o ensinamento sobre a Reencarnação – ensinada na Igreja Primitiva – e por aqueles que entenderem que a evolução humana precisa de muitas vidas sucessivas sobre a Terra, antes que a alma germinal do selvagem se torne a alma aperfeiçoada do Cristo, e então, se torne “perfeito como seu Pai no céu é perfeito” (*Mateus*, V, 48). É um corpo que perdura de vida para vida, e no qual está armazenada toda a memória do passado. Dele procedem as causas que constroem os corpos inferiores. Ele é o receptáculo da experiência humana, a casa do tesouro na qual é guardado tudo o que reunimos em nossas vidas, é a séde da Consciência, o possuidor da Vontade.

A segunda das três divisões do corpo espiritual é mencionada por São Paulo nas significativas palavras: “Temos uma morada feita por Deus, uma casa que não foi feita pelas mãos, eterna, nos céus” (*II Coríntios*, V, 1). Este é o Corpo de Bem-aventurança, o corpo glorificado do Cristo, o “Corpo da Ressurreição”. Não é um corpo “feito pelas mãos”, mas é obra da consciência nos veículos inferiores; não é formado pela experiência, nem construído por materiais reunidos pelo homem em sua longa peregrinação. É um corpo que pertence à vida Crística, a vida da Iniciação, ao desabrochar divino no homem; é construído por Deus, pela atividade do



Espírito, e cresce durante todo o ciclo de vida ou vidas do Iniciado, atingindo sua perfeição só na “Ressurreição”.

A terceira divisão do corpo espiritual é a fina película de matéria sutil que distingue o Espírito individual como um Ser, embora permita a interpenetração de todos por todos, e seja assim a expressão da unidade fundamental. No dia em que o próprio Filho for “sujeito Àquele que sujeitou todas as coisas, para que Deus possa ser tudo em todos” (*I Coríntios*, XV, 28), este corpo será transcendido, mas para nós ele permanece como a mais alta divisão do corpo espiritual, no qual ascendemos até o Pai, e nos unificamos a Ele.

O Cristianismo sempre reconheceu a existência de três mundos, pelos quais passa o homem: primeiro, o mundo físico; segundo, um estado indeterminado ao qual passa por ocasião da morte; terceiro, o mundo celeste. Todos os Cristãos educados acreditam nestes três mundos; só o inculto imagina que um homem passe de seu leito de morte diretamente para o estado final de beatitude. Mas existe algumas diferenças de opinião a respeito da natureza do mundo intermediário. Os Católicos Romanos o chamam de Purgatório, e crêem que toda alma passe a ele, exceto a do Santo, o homem que atingiu a perfeição, ou a do homem que morra em “pecado mortal”. A grande massa da humanidade passa para uma região purificadora, onde o homem permanece por um período variável de acordo com os pecados que cometeu, só saindo dele para o mundo celeste quando se tornou puro. As várias comunidades que são chamadas de Protestantes variam em seus ensinamentos a respeito de detalhes, e principalmente repudiam a idéia de purificação *post-mortem*, mas em linhas gerais eles concordam que haja um estado intermédio, algumas vezes chamado de “Paraíso”, ou de “período de espera”. O mundo celeste é quase universalmente considerado, no Cristianismo, um estado final, sem alguma idéia muito definida ou genérica sobre sua natureza, ou sobre a condição progressiva ou estacionária daqueles que o alcançam. No Cristianismo primitivo este céu era considerado, como o é realmente, uma etapa no progresso da alma, sendo ensinadas muito geralmente a preexistência da alma e a reencarnação. O resultado era (considerar-se) que o estado celeste fosse uma condição temporária, embora geralmente muito prolongada, durando “uma era” – como falado no grego do Novo Testamento, terminando a era com a volta do homem para o próximo estágio de sua vida e progresso contínuos – e não durando “eternamente”, como se fala na má tradução da versão inglesa autorizada [e mesmo das portuguesas – NT] (esta má tradução foi algo natural, uma vez que foi realizada no século XVII, e toda idéia da preexistência da alma e de sua evolução há muito tempo havia desaparecido da Cristandade, exceto nos ensinamentos de poucas seitas consideradas como heréticas e perseguidas pela Igreja Católica Romana).

A fim de completar o esboço necessário para a compreensão da Ressurreição e da Ascensão, devemos agora averiguar como estes vários corpos se desenvolvem na evolução superior.

O corpo físico está em um estado de constante fluxo, suas partículas infinitesimais estão sendo continuamente renovadas, de modo que ele está sempre em construção; e como ele se compõe daquilo que comemos, dos líquidos que bebemos, do ar que respiramos e de partículas de nosso ambiente físico, seja de coisas ou pessoas, podemos progressivamente purificá-lo escolhendo bem seus componentes, e assim tornando-o um veículo sempre mais puro através do qual agiremos, receptivo a vibrações mais sutis, responsivo a desejos mais puros, a pensamentos mais nobres e elevados. Por esta razão todos os que aspiravam chegar aos Mistérios eram submetidos a regras de dieta, abluções, etc, e se desejava que fossem muito cuidadosos sobre as pessoas com que se associavam e os lugares aonde iam.

O corpo de desejos também muda de modo semelhante, mas os seus materiais são expelidos e atraídos pelo

movimento dos desejos, dos sentimentos, paixões e emoções. Se estes forem grosseiros, os materiais acrescentados ao corpo de desejos serão também grosseiros, enquanto que se forem purificados, o corpo de desejos se tornará sutil e muito sensível às influências superiores. À medida em que um homem domine sua natureza inferior e se torne altruísta em seus desejos, sentimentos e emoções, à medida em que tornar seu amor pelos que o cercam menos egoísta e exigente, ele estará purificando seu veículo superior de consciência; o resultado é que quando fora do corpo durante o sono ele tem experiências mais elevadas, puras e instrutivas, e quando abandona seu corpo físico pela morte ele passa rapidamente pelo estado intermédio, e o corpo de desejos se desintegra com grande rapidez, e não o atrasa em sua jornada para diante.

O corpo mental está similarmente sendo construído neste caso pelos pensamentos, ele será o veículo da consciência no mundo celeste, mas está sendo construído agora pelas aspirações, pela imaginação, razão, julgamento, faculdades artísticas, pelo uso de todos os poderes mentais. Do modo como o homem o tiver feito deverá usá-lo, e a duração e riqueza de seu estado celeste depende do tipo de corpo mental que construiu em sua vida terrena.

Quando um homem entra na evolução superior, este corpo inicia uma atividade independente deste lado da morte, e ele gradualmente se torna consciente de sua vida celeste, mesmo em meio ao tumulto da existência humana. Então ele se torna “o Filho do homem que está no céu” (*João*, III, 13) que pode falar com a autoridade do conhecimento das coisas celestes. Quando um homem começa a viver a vida do Filho, tendo passado pela Senda de Santidade, ele vive no Céu enquanto ainda permanece na Terra, passando a possuir e usar conscientemente este corpo celestial. E porquanto o Céu não esteja longe de nós, mas nos rodeia de todos os lados, e só estamos afastados dele por nossa incapacidade de sentir suas vibrações e não por sua ausência; porquanto estas vibrações estejam atuando em nós todos os momentos de nossas vidas, tudo o que é necessário para estar no Céu é se tornar consciente das suas vibrações. Nós nos tornamos conscientes delas com a vitalização, organização e evolução deste corpo celestial, o qual, sendo construído de materiais celestiais, só responde às vibrações de matéria do mundo celeste. Por isso o “Filho do homem” está sempre no Céu. Mas sabemos que “Filho do homem” é um termo aplicado ao Iniciado, e não ao Cristo ressurrecto e glorificado, mas ao Filho que ainda está “sendo tornado perfeito” (*Hebreus*, V, 9).

Durante os estágios da evolução que conduzem para e incluem a Senda Probacionária, a primeira divisão do corpo espiritual – o Corpo Causal – se desenvolve rapidamente, e capacita o homem, após a morte, ascender ao segundo Céu. depois do Segundo Nascimento, o nascimento do Cristo no homem, começa a construção do Corpo de Bem-aventurança “nos Céus”. Este é o corpo do Cristo, desenvolvendo-se durante os dias de Seu serviço na Terra, e, à medida em que se desenvolve. A consciência do “Filho de Deus” se torna mais e mais acentuada, e a união vindoura com o Pai ilumina o Espírito que desabrocha.

Nos Mistérios Cristãos – assim como nos antigos Egípcios, Caldeus e outros – havia um simbolismo exterior que expressava os estágios pelos quais o homem estava passando. Ele era levado para a Câmara da Iniciação, e era estendido no chão com seus braços abertos, algumas vezes sobre uma cruz de madeira, algumas vezes apenas sobre o chão de pedra, numa postura de crucificado. Então ele era tocado com o tirsó no coração – a “lança” da crucificação – e, deixando o corpo, passava para os mundos além, caindo o corpo em um profundo transe, a morte do crucificado. O corpo era colocado em um sarcófago de pedra e deixado lá, guardado cuidadosamente. Enquanto isso o próprio homem estava pela primeira vez explorando as regiões obscuras chamadas de “o coração da Terra”, e depois ia até a montanha celeste, onde era colocado em seu Corpo de Bem-aventurança aperfeiçoado, agora plenamente organizado como veículo de consciência. Neste

corpo ele voltava ao corpo de carne, para reanimá-lo. A cruz que sustentava aquele corpo, ou o corpo rígido e em transe, se não fora usada uma cruz, era tirado do sarcófago e colocado em uma rampa com a face para o leste, pronto para o nascimento do sol no terceiro dia. No momento em que os raios do sol tocavam sua face, o Cristo, o Iniciado perfeito ou Mestre, entrava novamente no corpo de carne, glorificando-o com o corpo de beatitude que estava usando, mudando o corpo de carne através de seu contato com o corpo de beatitude, dando-lhe novas propriedades, novos poderes, novas capacidades, transmutando-o à Sua própria semelhança. Esta era a Ressurreição do Cristo, e depois disto o próprio corpo de carne era modificado, e assumia uma outra natureza.

Este é o motivo de o sol ter sido sempre tomado como símbolo do Cristo ressurecto, e o porquê de, nos hinos pascais, haver constante referência ao nascer do Sol da Justiça. O mesmo é escrito sobre o Cristo triunfante: “Eu sou aquele que vivia e morreu; mas vêde, eu vivo para sempre, amém; e tenho as chaves do inferno e da morte” (*Apocalipse*, I, 18). Todos os poderes dos mundos inferiores foram dominados pelo Filho, que triunfou gloriosamente; a morte já não tem poder sobre Ele, “Ele tem a vida e a morte em Sua mão poderosa” (H.P. Blavatsky, *The Voice of the Silence*, p. 90, 5ª ed.). Ele é o Cristo ressuscitado, o Cristo triunfante.

A Ascensão do Cristo era o Mistério da terceira porção do corpo espiritual, a investidura de uma Túnica de Glória, preparatória para a união do Filho com o Pai, quando o Espírito adentrava novamente a glória que tinha "antes que o mundo existisse" (*Apocalipse*, XVII, 5). Então o Espírito trino se tornava uno, sabia-se eterno, e encontrava o Deus oculto. Isto é o que é desenhado da doutrina da Ascensão, até onde interessa ao indivíduo.

A Ascensão para a Humanidade será quando toda a raça tiver atingido a condição Crística, o estado de Filho, e quando o Filho se tornar uno com o Pai, e Deus for tudo em todos. Esta é a meta, prefigurada no triunfo do Iniciado, mas atingida somente quando a raça humana estiver perfeita, e quando "a grande órfã Humanidade" já não for mais órfã, mas reconhecer-se conscientemente como Filha de Deus.

Estudando assim as doutrinas da Expição, da Ressurreição e da Ascensão, chegamos às verdades desveladas correlatas existentes nos Mistérios Menores, e começamos a entender a plena verdade do ensino apostólico de que Cristo não foi uma personalidade única, mas "as primícias dentre os que dormem" (*I Coríntios*, XV, 20), e que todo homem há de se tornar um Cristo. Tampouco o Cristo era considerado um Salvador externo, por cuja reputada justiça os homens se veriam livres da ira divina. Era corrente na Igreja o ensino glorioso e inspirador de que Ele era apenas os primeiros frutos da humanidade, o modelo que todo homem deveria reproduzir em si mesmo, a vida que todos deveria partilhar. Os Iniciados sempre forma considerados como alguns destes primeiros frutos, a promessa de uma raça tornada perfeita. Para os primeiros Cristãos, Cristo era o símbolo vivente de sua própria divindade, o fruto glorioso da semente que traziam em seu próprio coração. O ensinamento Cristão nos Mistérios Menores era não o de sermos salvos por um Cristo externo, mas sermos glorificados em um Cristo interior. A etapa do discipulado devia dar lugar à da Filiação. A vida do Filho devia ser vivida entre os homens até que fosse encerrada pela Ressurreição, e o Cristo glorificado se tornasse um dos Salvadores Perfeitos do mundo.

Um Evangelho bem maior do que o dos dias de hoje! Colocado ao lado do grandioso ideal do cristianismo esotérico, o ensinamento exotérico das igrejas parece realmente estreito e pobre.

## CAPÍTULO IX

## A Trindade

Todo estudo frutífero sobre a Existência Divina deve iniciar da afirmação de que ela é Única. Todos os sábios assim a proclamaram; todas as religiões assim a afirmaram; todas as filosofias assim a estabelecem - "Uma, sem outra" (*Chhândogyopanishat*, VI, II, 17). "Ouve, oh Israel!" gritou Moisés, "O Senhor nosso Deus é Um só" (*Deuteronômio*, VI, 4). "Para nós só existe um Deus" (*I Coríntios*, VIII, 6), declara São Paulo. "Não existe outro Deus além de Deus", afirma o fundador do Islã, e faz desta frase o símbolo de sua fé. Uma única Existência ilimitada, conhecida em sua completude apenas por Si mesma [deste ponto em diante a autora faz uso da designação *It* para Deus, o pronome pessoal neutro do inglês, que não tem correspondente em português, onde só temos *Ele* ou *Ela*. Por isso continuamos a usar *Ele* ou *Ela*, conforme a frase se construa empregando o masculino Deus ou o feminino Divindade ou Deidade - NT]. Ela é a Treva Eterna, de onde nasce a Luz.

Mas como Deus Manifesto, o Uno aparece como Trino. Uma Trindade de Seres Divinos, Unos como Deus, Três como Poderes manifestos. Isto também sempre foi declarado, e esta verdade é tão vital em sua relação com o homem e sua evolução que ele sempre forma uma parte essencial nos Mistérios Menores.

Entre os Hebreus, em consequência de suas tendências antropomorfizantes, a doutrina foi mantida em segredo, mas os Rabbis estudavam e adoravam o Ancião dos Dias, de quem veio a Sabedoria, de quem veio o Entendimento - Kether, Chokmah, Binah, estes três formavam a Suprema Trindade, o raio do Uno fora do tempo. O *Livro da Sabedoria de Salomão* se refere a este ensinamento, fazendo da Sabedoria um Ser. "De acordo com Maurice, 'O primeiro Sefhira, denominado Kether, a Coroa, Kadmon, a Pura Luz, e En Soph, o Infinito, é o Pai onipotente do universo [um erro: En ou Ain Soph não faz parte da Trindade, mas é a Existência Una, manifesta nos Três; tampouco Kadmon, ou Adam Kadmon, é um dos Sefhira, mas sim sua totalidade]... O segundo é Chokmah, a quem já provamos suficientemente, tanto com os escritos sacros como com os Rabínicos, ser a Sabedoria criativa. O terceiro é Binah, ou Inteligência celeste, de onde os Egípcios têm seu Cneph, e Platão seu Nous Demiurgos. Ele é o Espírito Santo que... penetra, anima e governa este Universo ilimitado" (Citado em Williamson, *The Great Law*, pp. 201-202).

A continuidade desta doutrina no ensinamento Cristão é indicada pelo Deão Milman em sua *History of Christianity*. Ele diz: "Este Ser (a Palavra, o Verbo ou a Sabedoria) era mais ou menos enfaticamente personalizado, de acordo com as noções mais populares ou mais filosóficas, mais materiais ou mais abstratas prevalecentes na época ou povo em questão. Este era a doutrina desde o Ganges, ou mesmo as margens do Rio Amarelo, até o Ilissus; foi o princípio fundamental da religião e filosofia Indianas; foi a base do Zoroastrianismo; era puro Platonismo; foi o Judaísmo Platônico da Escola de Alexandria. Muitas passagens excelentes podem ser retiradas de Filóstrato sobre a impossibilidade de o Ser auto-existente antes de todos possa ser conhecido pelos sentidos humanos; e mesmo na Palestina, sem dúvida, João Batista e o próprio Nosso Senhor não propagaram nenhuma doutrina nova, mas antes o sentimento comum dos mais iluminados, quando declararam 'que nenhum homem jamais viu a Deus'. Em conformidade com este princípio, os Judeus, na interpretação das antigas Escrituras, em vez de uma comunicação direta e sensível com a grande Deidade única, interpuseram um ou mais seres intermediários como canais de comunicação. De acordo com uma tradição acreditada, citada por Santo Estêvão, a lei era dada 'através dos anjos'; de acordo com outra, este ofício era delegado a um único anjo, algumas vezes chamado de Anjo da Lei (*Gálatas*, III, 19); em outras, de Metatron. Mas o representante mais comum de Deus ante os sentidos e mente humanos era Memra, ou a Palavra Divina; e é notável que o mesmo vocativo seja encontrado nos sistemas Indiano, Persa, Platônico e

Alexandrino. Este termo já havia sido aplicado ao Messias pelos Targumistas, os primeiros comentadores Judeus das Escrituras; nem é preciso observar o modo como foi santificado pela sua introdução no esquema Cristão" (H.H.Milman, *The History os Christianity*, 1867, pp. 10-12).

Como disse o erudito Deão, a idéia da Palavra era universal, e formava parte da idéia de uma Trindade. Entre os Hindus, os filósofos falam do Brahma manifesto como Sat-Chit-Ananda - Existência-Inteligência e Beatitude. Popularmente, Deus é uma Trindade: Shiva, o Início e o Fim; Vishnu, o Preservador; e Brahmâ, o Criador do Universo. A fé Zoroastriana apresenta uma Trindade semelhante: Ahuramazdao, o Grande Ser, o Primeiro; depois os "gêmeos", a Segunda Pessoa dual - pois a Segunda Pessoa numa Trindade sempre é dual, degradada em nossos dias em uma oposição entre Deus e Diabo - e a Sabedoria Universal, Armaiti. No Budismo do Norte encontramos Amitabhâ, a Luz ilimitada; Avalokiteshvara, a fonte das encarnações, e a Mente Universal, Mandjusri. No Budismo do Sul a idéia de Deus se desvaneceu, mas com significativa tenacidade a triplicidade reaparece como aquilo onde os Budistas procuram seu refúgio - o Buddha, o Dharma (a Doutrina) e o Sangha (a Ordem). Mas mesmo o Buda às vezes é adorado como uma Trindade; em uma pedra em Buddha Gaya está inscrita uma saudação a Ele como sendo uma encarnação do Um Eterno, e é dito: "Om! Tu és Brahma, Vishnu e Mahesha (Shiva)... Eu Te adoro, Tu que és celebrado com milhares de nomes e sob várias formas, como Buda, o Deus da Misericórdia" (*Asiatic Researches*, I, 285).

Em religiões extintas é encontrada a mesma idéia de uma Trindade. No Egito ela dominava todo o culto religioso. "Temos uma inscrição hieroglífica no Museu Britânico tão antiga como o reino de Senechus do século VIII aC, mostrando que a doutrina da Trindade na Unidade já formava parte de sua religião" (S.Sharpe, *Egyptian Mythology and Egyptian Christology*, p. 14). Ela é verdadeira mesmo para uma data mais antiga. Rá, Osiris e Hórus formavam uma Trindade largamente cultuada; Osiris, Ísis e Hórus eram adorados em Abydos; outros nomes foram dados em cidades diferentes, e o triângulo é freqüentemente usado como símbolo do Deus Triuno. A idéia que subjaz a estas Trindades, seja o nome que tiverem, é demonstrada em uma passagem citada de Marutho, na qual um oráculo, censurando o orgulho de Alexandre o Grande, fala: "Primeiro Deus, depois a Palavra, e com Eles o Espírito" (Williamson, *The Great Law*, p. 196).

Na Caldéia, Anu, Ea e Bel eram a Trindade Suprema, sendo Anu a Origem de tudo, Ea a sabedoria, e Bel o Espírito criativo. Sobre a China, Williamson assinala: "Na antiga China os imperadores costumavam sacrificar cada terceiro ano 'Àquele que é um em três'. Existe um ditado chinês que diz: 'Pois é uma pessoa mas tem três formas'... No elevado sistema conhecido na China como Taoísmo, também figura uma Trindade: "A Razão Eterna produziu o Um, o Um produziu o Dois, o Dois produziu o Três, e o Três produziu todas as coisas', o que, como Le Compte se adianta para dizer, parece mostrar que eles tinham alguma conhecimento da 'Trindade' " (loc. cit., pp. 208-209).

Na doutrina Cristã sobre a Trindade encontramos uma completa concordância com outros credos sobre as funções das três Pessoas Divinas, derivando o termo Pessoa de Persona, máscara, aquilo que encobre algo, a máscara da Existência Única, Sua Auto-revelação sob uma forma. O Pai é a Origem e Fim de tudo; o Filho é dual em Sua natureza, e é o Verbo, ou Sabedoria; o Espírito Santo é a inteligência criativa, aquele que velando sobre o caos de matéria primordial a organiza em materiais dos quais as formas podem ser construídas.

É esta identidade de funções sob tão variados nomes que demonstra que aqui temos não uma mera semelhança externa, mas a expressão de uma verdade interna. Existe alguma coisa da qual esta triplicidade é

uma manifestação, alguma coisa que pode ser detectada na natureza e na evolução, e a qual, sendo reconhecida, torna inteligível o crescimento do homem, os estágios de sua vida em evolução. Além disso, descobrimos que na linguagem universal do simbolismo as Pessoas são distinguidas por certos emblemas, e podem ser reconhecidas por eles sob diversas formas e nomes.

Mas existe um outro ponto que deve ser lembrado antes que deixemos as declarações exotéricas sobre a Trindade - que em conexão com todas estas Trindades há uma quarta manifestação fundamental, o Poder de Deus, e isto tem sempre uma forma feminina. No Hinduísmo cada Pessoa na Trindade tem Seu Poder manifesto, o Um e os seis aspectos constituindo o Sete sagrado. Em muitas das Trindades aparece uma forma feminina, sempre então ligada à Segunda Pessoa, e então temos o sagrado Quaternário.

Vejamos agora a verdade interna.

O Um se torna manifesto como o Primeiro Ser, o Senhor Auto-existente, a Raiz de tudo, o Pai Supremo; a palavra Vontade, ou Poder, parece melhor expressar esta Auto-revelação primária, pois antes que haja uma Vontade de manifestar não pode haver manifestação alguma, e antes que esta Vontade se manifeste o impulso carece de desdobramento posterior. Pode-se dizer do universo que está enraizado na Vontade divina. Então segue-se o segundo aspecto do Um - a Sabedoria; o Poder é guiado pela Sabedoria, e daí é que está escrito que "sem Ela nada do que existe poderia existir" (*João*, I, 3). A Sabedoria é dual em sua natureza, como logo veremos. Quando os aspectos de Vontade e Sabedoria são desvelados, deve seguir-se um terceiro aspecto para torná-los efetivos - a Inteligência Criativa, a mente divina em Ação. Um profeta Judeu escreve: "Ele fez a Terra por Seu poder, Ele estabeleceu o mundo por Sua Sabedoria, e estendeu os Céus por Seu Entendimento" (*Jeremias*, II, 15), sendo bem clara a referência às três funções. Estes Três são inseparáveis, indivisíveis, três aspectos do Uno. Suas funções podem ser analisadas em separado, a bem da clareza, mas não podem ser desvinculadas entre si. Cada uma é necessária às outras, e cada uma está presente nas outras. No Primeiro Ser, a Vontade, Poder, é vista como predominante, como característica, mas a Sabedoria e Ação Criativa também estão presentes; no Segundo Ser, a Sabedoria é vista predominar, mas o Poder e a Ação Criativa não obstante lhe são inerentes; no Terceiro Ser, a Ação criativa é vista como predominante, mas o Poder e a Sabedoria também serão vistos. E embora estas palavras Primeiro, Segundo e Terceiro sejam usadas porque os Seres se manifestam no Tempo, a fim de Se autodesdobrarem, mesmo assim na Eternidade elas são vistas como interdependentes e co-iguais, "Nenhuma é maior ou menor que Outra" (*Credo de Atanásio*).

Esta Trindade é o Eu divino, o Espírito divino, o deus manifesto, Ele que "era, é e será" (*Apocalipse*, IV, 8), e Ela é a raiz da triplicidade fundamental na vida, na consciência.

Mas vimos que há uma Quarta Pessoa, ou em algumas religiões uma segunda Trindade, feminina, a Mãe. É Aquela que torna a manifestação possível, Aquela que eternamente no Uno é a raiz da limitação e da divisão, e que, quando manifesta, é chamada de Matéria. Ela é o Não-Eu divino, a Matéria divina, a natureza manifesta. Considerada no Uno, Ela é o Quarto, que torna possível a atividade dos Três, como Campo para Suas atuações por virtude de Sua infinita divisibilidade, ao mesmo tempo a "Donzela do Senhor" (*Lucas*, I, 38) e Sua Mãe, dando de Sua substância para formar Seu Corpo, o universo, quando infusa de Seu poder (*Ibid.*, 35). Considerada cuidadosamente Ela também é vista como uma triplicidade, existindo em três aspectos separados, sem os quais Ela não poderia existir. São eles: Estabilidade (inércia ou resistência), Movimento, e Ritmo; estas são chamadas as qualidades fundamentais da matéria. Só elas tornam efetivo o Espírito, e

portanto têm sido consideradas como um reflexo dos Poderes da Trindade. A Estabilidade ou Inércia provê uma base, um fulcro para a alavanca; o Movimento então se torna manifesto, mas só poderia produzir caos; então é imposto o Ritmo, e eis a Matéria em vibração, capaz de ser modelada e conformada. Quando as três qualidades estão em equilíbrio existe a Una, a Matéria Virgem, improdutiva. Quando o Poder do Altíssimo Se Lhe infunde, e o alento do Espírito paira sobre Ela, as qualidades são postas fora do equilíbrio e Ela se torna a divina Mãe dos mundos.

A primeira interação é entre Ela e a Terceira Pessoa da Trindade; por Sua ação Ela se torna capaz de dar nascimento à forma. Então se desvela a Segunda Pessoa, que Se reveste dos materiais assim disponíveis, e se torna o Mediador, unindo em Sua própria Pessoa o Espírito e a Matéria, o Arquétipo de todas as formas. Só através d'Ele a Primeira Pessoa se desvela, como o Pai de todos os Espíritos.

Agora é possível ver o porquê da Segunda Pessoa da Trindade ser sempre dual; Ela é o Uno que Se reveste na Matéria, onde as duas metades da Deidade aparecem juntas, mas não como unidade. Daí que Ela também é Sabedoria, pois a Sabedoria do lado do Espírito é a Razão Pura que se conhece como Um Eu e conhece todas as coisas neste Eu, e do lado da Matéria é o Amor, agregando a infinita diversidade de formas, e fazendo de cada forma uma unidade e não um mero amontoado de partículas - o princípio da atração que mantém os mundos e tudo neles em uma ordem e equilíbrio perfeitos. Esta é a Sabedoria dita como "poderosa e gentilmente ordenando todas as coisas" (*Sabedoria*, VIII, 1), que sustenta e preserva o universo.

Nos símbolos mundiais, encontrados em todas as religiões, o Ponto - aquilo que só possui posição - tem sido tomado como um símbolo da Primeira pessoa da Trindade. Sobre este símbolo São Clemente de Alexandria assinala que se abstrairmos as propriedades de um corpo, depois sua profundidade, depois sua largura, depois sua altura, "o ponto que restar é uma unidade, por assim dizer, tendo só posição, e se dele abstrairmos sua posição, termos uma concepção de unidade" (Clement of Alexandria, *Stromata*, livro V, cap. II - *A.-N.C.Libr.*, vol. IV). O Ponto como que se irradia da Escuridão infinita como um Ponto de Luz, o centro de um futuro universo, uma Unidade, onde tudo existe não-separado; a matéria da qual será formado o universo, o campo de Sua obra, é marcado pela vibração para cá e para lá do Ponto em todas as direções, formando uma vasta esfera, limitada pela Sua Vontade, Seu Poder. Esta é a criação "da Terra pelo Seu Poder", mencionada por Jeremias (Vide ante, p.226). Assim o símbolo pleno é o Ponto dentro de uma esfera, representado usualmente como um Ponto dentro de um círculo. A Segunda Pessoa é representada por uma Linha, o diâmetro deste círculo, uma única vibração completa do Ponto, e esta Linha está igualmente em todas as direções dentro da esfera; esta Linha dividindo o círculo em duas metades significa ainda Sua dualidade; aquilo que n'Ele é Espírito e Matéria - uma unidade na Primeira Pessoa - aqui se torna visivelmente um par, embora em estado de união. A Terceira Pessoa é representada por uma Cruz formada por dois diâmetros dentro do círculo em ângulo reto entre si. Esta é a Cruz Grega (vide ante, pp. 177-178).

Quando a Trindade é representada como uma Unidade é usado o Triângulo, seja inscrito em um círculo, seja livre. O universo é simbolizado por dois triângulos entrelaçados, a Trindade do Espírito com seu triângulo apontando para cima, a Trindade da Matéria com sua ponta virada para baixo, e se se empregam cores, o primeiro é branco, amarelo, dourado ou da cor da chama, e o segundo é negro, ou em algum tom escuro.

O processo cósmico agora pode ser acompanhado prontamente. O Um se tornou Dois, e o Dois, Três, e a Trindade se desvela. A Matéria do universo é selecionada e espera a ação do Espírito. Isto se dá "no início" do Gênesis, quando "Deus criou o Céu e a Terra" (*Gênesis*, I, 1), uma declaração elucidada mais adiante

pelas frases repetidas de que Ele "lançou as fundações da Terra" (*Jó*, XXXVIII, 4; *Zacarias*, XI, 1; etc). Temos aqui a delimitação do material, mas ainda um mero caos, "sem forma e vazio" (*Gênesis*, I, 2).

Nisto inicia a ação da Inteligência Criativa, o Espírito Santo, que "se movia sobre a face das águas" (*Gênesis*, I, 2), o vasto oceano da matéria. Assim esta foi Sua primeira atividade, embora ocorresse através da Terceira Pessoa - um ponto de grande importância.

Nos Mistérios esta atividade era demonstrada em seus detalhes como a preparação da matéria do universo, a formação dos átomos, a reunião deles em agregados, e o agrupamento destes em elementos, e estes ainda em compostos gasosos, líquidos e sólidos. Esta atividade inclui não só o tipo de matéria chamada física, mas também os estados sutis de matéria nos mundos invisíveis. Depois, como "Espírito do Entendimento", Ele concebeu as formas em que a matéria preparada haveria de ser moldada, não construindo as formas, mas, pela ação da Inteligência Criativa, produzindo as idéias delas, seus protótipos celestes, como são muitas vezes chamadas. Esta é a atividade descrita quando se diz que Ele "estendeu os Céus através de Seu Entendimento" (vide ante, p. 226).

A atividade da Segunda Pessoa segue à da Terceira. Por virtude de Sua sabedoria, Ele "estabeleceu o mundo" (*Ibid.*), construindo todos os globos e todas as coisas sobre eles, "todas as coisas foram feitas por Ele" (*João*, I, 3). Ele é a Vida organizadora dos mundos, e todos os seres têm sua raiz n'Ele (*Bhagavad-Gita*, IX, 4). A vida do Filho assim manifesta na matéria preparada pelo Espírito Santo - novamente o grande "Mito" da encarnação - é a vida que constrói, preserva e mantém todas as formas, pois Ele é o Amor, o poder de atração, que dá coesão às formas, possibilitando-lhes crescer sem desorganizar-se, é o Preservador, o Sustentador, o Salvador. Este é o motivo de tudo dever estar sujeito ao Filho (*I Coríntios*, XV, 27-28), tudo deve se reunir n'Ele, e o motivo de nenhum homem vir ao Pai senão através d'Ele (*João*, XIV, 6).

Pois o trabalho da Primeira Pessoa segue o da Segunda, assim como o da Segunda segue o da Terceira. Ele é chamado de "Pai dos Espíritos" (*Hebreus*, XII, 9), de "Deus dos Espíritos de toda carne" (*Números*, XVI, 22), e d'Ele é o dom do Espírito divino, do verdadeiro Eu no homem. O Espírito humano é a Vida derramada do Pai num vaso preparado pelo Filho, a partir de materiais vivificados pelo Espírito. E este Espírito no homem, provindo do Pai - de onde veio o Filho e o Espírito Santo - é uma Unidade como Ele mesmo, com os três aspectos em Um, e o homem é verdadeiramente assim feito "à nossa imagem e semelhança" (*Gênesis*, I, 26), e é capaz de se tornar "perfeito como vosso Pai no céu é perfeito" (*Mateus*, V, 48).

Este é o processo cósmico, e na evolução humana ele é reprisado: "assim em cima como embaixo".

A Trindade do espírito no homem, sendo à semelhança divina, deve mostrar as características divinas, e assim encontramos nela o Poder, o qual, seja em sua forma superior de Vontade ou em sua forma inferior de Desejo, dá o impulso a esta evolução. Encontramos também nela a Sabedoria, a Razão Pura que tem o Amor como sua expressão no mundo das formas, e enfim a Inteligência, ou Mente, a energia formadora ativa. E no homem também vemos que a manifestação delas em sua evolução é da terceira para a segunda, e da segunda para a primeira. A massa da humanidade esta desenvolvendo a mente, evoluindo a inteligência, e podemos ver sua ação separativa em toda parte, como que isolando os átomos humanos e desenvolvendo cada um diversamente, de modo que eles possam ser materiais adequados para a formação de uma Humanidade divina. A raça só chegou até este ponto, e ainda estamos trabalhando nele.



Quando estudamos uma pequena minoria de nossa raça, vemos que o segundo aspecto do Espírito divino no homem está aparecendo, e falamos dele na Cristandade como sendo o Cristo no homem. Sua evolução está, como já vimos, além da primeira das Grandes Iniciações, e Sabedoria e Amor são as marcas do Iniciado, fulgindo mais e mais à medida em que ele desenvolve este aspecto do Espírito. Aqui também é verdade que "nenhum homem vem ao Pai senão através de Mim", pois somente quando a vida do Filho está chegando à completude ele pode orar: "Agora, oh Pai, glorifica-me Tu com Teu próprio Eu, com a glória que eu tinha conTigo antes que o mundo existisse" (*João*, XVII, 5). Então o Filho ascende para o Pai e se torna uno com Ele na glória divina; Ele manifesta a auto-existência, a existência inerente em sua natureza divina, desabrochada de sua semente, pois "assim como o Pai tem vida em Si mesmo, também deu ao Filho ter vida em Si mesmo" (*Ibid.*, V, 26). Ele se torna um Centro de autoconsciência vivente dentro da Vida de Deus, um centro capaz de existir como tal, já não limitado pelas estreitezas de sua vida anterior, expandindo-se até a consciência divina, embora ainda mantendo a identidade de sua vida intacta, um Centro vivo e ígneo dentro da Chama divina.

Nesta evolução agora jaz a possibilidade de encarnações divinas no futuro, assim como sua evolução no passado tornou possíveis encarnações divinas neste nosso próprio mundo. Estes Centros viventes não perdem Sua identidade, nem a memória de Seu passado, nem nada do que tenham experimentado na longa escalada para cima; e um tal Ser Autoconsciente pode vir do Seio do Pai e revelar-Se para o auxílio do mundo. Ele manteve em Si mesmo a união do Espírito e da Matéria, a dualidade da Segunda Pessoa - todas as encarnações divinas em todas as religiões são portanto relacionadas à Segunda Pessoa da Trindade - e deste modo pode rapidamente revestir-Se (de matéria) para manifestação física, e tornar-Se novamente Homem. Ele manteve esta natureza de Mediador, e assim ele é um elo entre as Trindades Celeste e Terrestre; Ele tem sido sempre chamado de "Deus conosco" (*Mateus*, I, 22).

Um tal Ser, o fruto glorioso de um universo passado, pode vira o mundo presente com toda a perfeição de Sua Sabedoria e Amor Divinos, com toda a memória de Seu passado, capaz em virtude desta memória de ser o perfeito Auxiliar de todos os Seres vivos, conhecendo cada estágio porque Ele o viveu, capaz de ajudar em todos os locais porque já experimentou tudo. "Quem sofreu Ele mesmo a tentação, é capaz de socorrer os que são tentados" (*Hebreus*, II, 18).

É na humanidade por trás d'Ele que reside esta possibilidade da encarnação divina; Ele desce, tendo antes subido, a fim de ajudar os outros a subir a escadaria. E à medida em que entendemos estas verdades, e algo do significado da Trindade, acima e abaixo, o que antes era só um dogma tosco e obscuro se torna uma verdade viva e vivificante. Só através da existência da Trindade no homem é que se torna inteligível a evolução humana, e vemos agora como o homem evolui a vida do intelecto e depois a vida do Cristo. O misticismo está baseado neste fato e em nossa esperança certa de havemos de conhecer Deus. Os Sábios ensinaram assim, e à medida que trilhamos a senda que eles indicam, podemos verificar que seu testemunho é verdadeiro.

## **CAPÍTULO X**

### **A Oração**

(Boa parte deste capítulo já foi publicado pela autora em um trabalho anterior, *Some Problems of Life*).

O que é algumas vezes chamado de "o espírito moderno" é excessivamente antagônico à oração, falhando em ver qualquer nexos causal entre a petição e a ocorrência de um evento, ao contrário do espírito religioso, fortemente ligado a ela, e que encontra sua própria vida na oração. Mas mesmo o homem religioso às vezes se sente desconfortável a respeito do mecanismo da oração; estaria ele ensinando ao Todo-sábio, estaria solicitando benefícios do Todo-bondade, estaria ele alterando a Vontade d'Aquele "em quem não há variação, nem sombra de desvio"? (*Tiago*, I, 17). Embora ele encontre em sua própria experiência e na de outros a "resposta às preces" - uma seqüência definida de pedido e atendimento.

Muitas pessoas não se referem a experiências subjetivas, mas a fatos concretos do chamado mundo objetivo. Um homem reza por dinheiro, e no correio lhe vem a quantia requerida; uma mulher reza por comida, e alguma comida lhe é entregue na porta. Em conexão a atos de caridade, existe uma plethora de evidências de ajuda conseguida em casos de necessidades urgentes quando solicitada em preces, e da pronta e generosa resposta. Por outro lado, também há uma abundância de evidência de preces deixadas sem atendimento; de famintos definindo de fome até a morte, de crianças roubadas dos braços de suas mães pelas doenças, a despeito dos mais passionais apelos a Deus.

E não é tudo. Há muitos fatos nesta experiência que são estranhos e confusos. Uma prece que talvez seja trivial encontra uma resposta, enquanto que outra a respeito de um assunto importante falha; um pequeno problema é aliviado, enquanto que uma oração proferida para salvar um ser apaixonadamente amado não tem resposta. Parece quase impossível para o estudante comum descobrir a lei de acordo com a qual uma oração é ou não eficaz.

A primeira coisa necessária ao buscarmos entender esta lei é analisar a própria oração, pois a palavra empregada para abranger várias atividades da consciência, e as orações não podem ser abordadas como se formassem um todo simples. Existem preces que são pedidos para vantagens definitivamente mundanas, para o suprimento de necessidades físicas - orações por comida, roupa, dinheiro, emprego, sucesso nos negócios, recuperação de doenças, etc. Estas podem ser agrupadas como Classe A. Depois temos as preces por ajuda em dificuldades morais ou intelectuais e para o crescimento espiritual - para a superação de tentações, para fortalecimento, para discernimento, por iluminação. estas podem ser agrupadas como Classe B. Enfim, há as preces que não pedem nada, que consistem em meditação e adoração da perfeição divina, na intensa aspiração de união com deus - o êxtase do místico, a meditação do sábio, o raptado do santo. Esta é a verdadeira "comunhão entre o Divino e o humano", quando o homem derrama-se em amor e veneração por AQUILO que é inerentemente atraente, que compele o amor do coração. Estas chamaremos de Classe C.

Nos mundos invisíveis existem muitos tipos de inteligências que entram em relacionamento com o homem, uma verdadeira escada de Jacó, por onde os Anjos sobem e descem, e acima de todos fica o próprio Senhor (*Gênesis*, XXVIII, 12-13). Algumas destas Inteligências são grandes Poderes espirituais, outras são seres excessivamente limitados, inferiores ao homem em consciência. Este lado oculto da natureza - sobre o qual logo falaremos no Capítulo XII - é um fato reconhecido por todas as religiões. O mundo está todo cheio de coisas vivas, invisíveis aos olhos de carne. Os mundos invisíveis interpenetram o visível, e multidões de seres inteligentes se amontoam à nossa volta de todos os lados. Alguns deles são acessíveis a solicitações humanas, e outras são submissíveis à vontade humana. O Cristianismo reconhece a existência das classes superiores de Inteligências sob o nome genérico de Anjos, e ensina que eles são espíritos ministrantes, "enviados para ministra" (*Hebreus*, I 14), mas qual é seu ministério, qual a natureza de seu trabalho, qual sua relação com os seres humanos, tudo isto fazia parte das instruções dadas nos Mistérios Menores, assim como a verdadeira comunicação com eles era efetuada nos Maiores, mas nos dias modernos estas verdades

caíram na obscuridade, exceto o pouco que é ensinado nas comunhões Grega e Romana. Pois para a Protestante o "Ministério dos Anjos" é pouco mais que uma frase. Além disso, o próprio homem é um constante criador de seres invisíveis, pois as vibrações de seus pensamentos e desejos cria formas de matéria sutil cuja única vida é o pensamento ou desejo que os anima; assim ele cria um exército de servos invisíveis, que se movem nos mundos invisíveis procurando atender à sua vontade. Ainda, naqueles mundos existem auxiliares humanos, que enquanto seus corpos físicos estão dormindo trabalham em seus corpos sutis, cujo ouvido atento pode ouvir um grito por socorro. E coroando tudo há a onipresente e onisciente Vida do próprio Deus, potente e responsiva em todos os pontos de Seu reino, Ele, sem cujo conhecimento nem um pardal cai ao solo (*Mateus*, X, 29), nem uma criatura muda freme de alegria ou dor, nem uma criança ri ou soluça - esta Vida e Amor todo-penetrante, todo-abrangente, todo-sustentadora, na qual vivemos e nos movemos (*Atos*, XVII, 28). Assim como nada que pode dar prazer ou dor pode afetar o corpo humano sem que nervos sensórios levem a mensagem de seu impacto até os centros cerebrais, e assim como lá daqueles centros vibra uma resposta que acolhe ou repele, do mesmo modo, toda vibração no universo, que é Seu corpo, toca a consciência de Deus, e provoca uma ação responsiva. Células nervosas, feixes nervosos e fibras musculares podem ser os agentes da sensação e do movimento, mas é o *homem* que sente e age; igualmente miríades de inteligências podem ser os agentes, mas é Deus que as conhece e responde. Nada pode ser pequeno o bastante para não afetar aquela delicada consciência onipresente, e nada pode ser vasto o bastante para transcendê-la. Somos tão limitados que a própria *idéia* de uma consciência todo-abrangente assim nos dá vertigem e confunde; talvez uma mosca pudesse ficar igualmente perplexa se tentasse avaliar a consciência de Pitágoras. O Professor Huxley, em uma passagem notável, imaginou a possibilidade da existência de seres ascendendo tão alto em inteligência, a consciência sempre em expansão, e atingindo um estágio tão acima do humano como o humano está acima do besouro (T.H.Huxley, *Essays on Some Controverted Questions*, p. 36). Isto não é um vôo de imaginação científica, mas a descrição de um fato. Existe um Ser cuja consciência está presente em cada ponto de Seu universo, e portanto pode ser afetado de todos os pontos. Esta consciência não é apenas vasta em seu campo, mas é ainda inconcebivelmente aguda, não diminuída em sua capacidade de responder por que se estende em uma vasta área em todas as direções, mas sendo mais responsiva do que uma consciência mais limitada, mais perfeita em entendimento do que uma mais restrita. Longe de ser o caso de que quanto mais exaltado Ser mais difícil seria alcançar Sua consciência, mas o exato inverso é a verdade. Quanto mais exaltado o Ser, mais facilmente Sua consciência é afetada.

Mas esta Vida todo-penetrante está em toda parte usando como canais todas as vidas corporificadas a que deu origem, e qualquer uma delas pode ser usada como um agente daquela Vontade onisciente. A fim de que esta Vontade possa se expressar no mundo externo, deve ser encontrado um meio de expressão, e estes seres, em proporção à sua receptividade, oferecem os canais necessários, e se tornam os obreiros intermediários entre um ponto e outro do cosmos. Eles agem como os nervos motores de Seu corpo, e executam a ação requerida.

Analisemos as classes em que dividimos as orações, e vejamos os métodos pelos quais elas podem ser atendidas.

Quando um homem faz uma prece da Classe A existem vários meios pelos quais sua prece pode ser atendida. Um tal homem é simples em sua natureza, com uma concepção de Deus natural, o que é inevitável em seu grau de evolução; ele considera Deus como provedor de suas próprias necessidades, em contato íntimo e imediato com suas necessidades diárias, e ele se volta para Ele por seu pão diário tão naturalmente como uma criança se voltaria para seu pai ou mãe. Um exemplo típico é o caso de George Müller, de Bristol,

antes de ser conhecido pelo mundo como filantropo, quando estava começando seu trabalho caritativo, e estava sem amigos e sem dinheiro. Ele orava por comida para as crianças que não tinham recursos exceto sua bondade, e sempre vinha dinheiro suficiente para as necessidades imediatas. O que acontecia? Sua prece era um desejo forte e enérgico, e aquele desejo criava uma forma, da qual ele era a vida e a energia dirigente. esta criatura viva a vibrante só possuía uma idéia, a idéia que a animava - é preciso ajuda, é preciso comida - e ela vasculha o mundo invisível, procurando. Um homem caridoso deseja dar ajuda aos necessitados, está à procura de uma oportunidade de dar. Assim como o ímã atrai o ferro, igualmente assim uma pessoa funciona para uma forma de desejo como aquela, e a forma é atraída para ela. Ela desperta no cérebro da pessoa uma vibração idêntica à sua - George Müller, seu orfanato, suas necessidades - e ela vê o canal para seu impulso caridoso, assina um cheque, e o envia. Muito naturalmente, George Müller diria que Deus inspirou ao coração daquele indivíduo dar a ajuda necessária. No sentido mais profundo das palavras, assim é, uma vez que não existe vida ou energia em Seu universo que não provenha de Deus; mas o agente intermediário, de acordo com as leis divinas, é a forma de desejo criada pela oração.

O resultado poderia ser obtido igualmente bem através de um deliberado exercício da vontade, sem qualquer oração, por uma pessoa que entende o mecanismo envolvido e o modo de colocá-lo em operação. Um homem destes pensaria claramente no que necessita, atrairia para si o tipo de matéria sutil mais adequada ao seu propósito, para revestir o pensamento, e por um deliberado exercício da vontade a enviaria ou para uma pessoa definida para apresentar sua vontade, ou para vasculhar as redondezas e ser atraída por uma pessoa caritativamente disposta. Aqui não existe prece, mas um exercício consciente da vontade e do conhecimento.

No caso da maioria das pessoas, contudo, ignorante das forças dos mundos invisíveis e desabitadas a exercitar suas vontades, e sem a concentração da mente e o ardente desejo que são necessários para uma ação bem-sucedida, são muito mais facilmente atraídas pela oração do que por um deliberado esforço mental para aplicar sua própria força. Elas duvidariam de seu poder, mesmo se entendessem a teoria, e a dúvida é fatal ao exercício da vontade. Que a pessoa não entenda o mecanismo que aciona não afeta em nada o resultado. Uma criança que estende sua mão e pega um objeto não precisa entender nada do trabalho dos músculos, nem das alterações elétricas e químicas desencadeadas nos músculos e nervos pelo movimento, nem precisa calcular elaboradamente a distância do objeto medindo o ângulo feito pelos eixos ópticos; ela quer pegar a coisa que deseja, e o aparato do seu corpo obedece sua vontade embora ela sequer saiba de sua existência. Assim se passa com o homem que reza, desconhecedor da força criativa de seu pensamento, da criatura viva que enviou para cumprir sua ordem. Ele age inconscientemente como a criança, e como a criança obtém o que quer. Em ambos os casos Deus é igualmente o Agente primordial, vindo d'Ele todo o poder; em ambos os casos o verdadeiro trabalho é feito pelo aparato provido por Suas leis.

Mas este não é o único modo pelo qual uma prece desta classe é respondida. Alguém temporariamente fora do corpo físico e trabalhando nos mundos invisíveis, ou um Anjo que passa, podem ouvir o grito por socorro, e podem então colocar no cérebro de alguma pessoa caridosa o pensamento de enviar a ajuda requerida. "pensei em Fulano esta manhã", dirá uma pessoa assim. "Arrisco dizer que um cheque lhe seria útil". Muitas preces são atendidas desta forma, e o elo entre a necessidade e o ser que a atende é alguma inteligência invisível. Isto é parte do ministério dos Anjos inferiores, e assim eles suprirão necessidades pessoais, e igualmente levarão ajuda a empreendimentos caridosos.

A falha na prece desta classe é devida a uma outra causa oculta. Todos os homens contraíram débitos que devem ser pagos; seus pensamentos errôneos, seus desejos impróprios e ações erradas construíram obstáculos em seu caminho, e às vezes até mesmo o tolhem como se estivesse dentro dos muros de uma

prisão. Um débito de mal é pago com sofrimento, um homem deve suportar as conseqüências dos erros que fez. Um homem condenado a morrer de fome pelas suas próprias más ações no passado pode bradar suas preces contra este destino em vão. A forma de desejo que ele criou irá procriar mas não vai encontrar, ela será bloqueada e desfeita pela corrente do mal passado. Aqui, como em tudo, estamos vivendo em um reino de lei, e forças podem ser modificadas ou inteiramente frustradas pela atuação de outras forças com que entram em contato. Duas forças exatamente similares poderiam ser aplicadas para duas bolas exatamente iguais; em um dos casos, uma força poderia ser aplicada na bola, e ela poderia alcançar a marca desejada; no outro, uma segunda força poderia atingir a bola e deixá-la completamente fora de curso. Do mesmo modo com duas preces similares; uma pode ir até seu objetivo desimpedida e produzir seu efeito; a outra poderia ser desviada pelas forças muito mais poderosas de um erro passado. Uma prece é atendida, a outra, não; mas em ambos os casos o resultado segue a lei.

Consideremos as orações da Classe B, por ajuda em dificuldades morais e intelectuais têm um resultado duplo; atuam diretamente para atrair a ajuda, e reincidem na pessoa que ora. Elas atraem a atenção dos Anjos, ou dos discípulos trabalhando fora do corpo, que estão sempre procurando ajudar a mente desolada, lançando na consciência cerebral conselho, encorajamento, iluminação, dando assim uma resposta à prece do modo mais direto. "E Ele ajoelhou-Se e rezou... e apareceu um Anjo do céu, confortando-O" (*Lucas, XXII, 42-43*). São sugeridas idéias que clareiam uma dificuldade intelectual, ou lançam luz sobre algum obscuro problema moral, ou é derramado o mais doce conforto sobre o coração sofrido, suavizando suas perturbações e acalmando suas ansiedades. E na verdade, se mesmo nenhum Anjo estiver passando, aquele grito, o grito do sofrimento alcançaria o "Coração Oculto do Céu", e um mensageiro seria enviado para levar conforto, algum Anjo, sempre pronto a voar célere ao sentir o impulso, trazendo a vontade divina de ajudar.

Há também o que é chamado às vezes de resposta subjetiva a tais orações, a reação da prece sobre quem a profere. Sua oração coloca seu coração e mente em atitude receptiva, e isso pacifica sua natureza inferior, e assim permite à força e poder iluminador do superior fluir desimpedida. As correntes de energia que normalmente fluem para baixo, ou para fora, do Homem Interno, são, como regra, dirigidas para o mundo externo, e são usadas nos assuntos comuns da vida pela consciência cerebral, para o desempenho de suas atividades diárias. Mas quando esta consciência cerebral afasta-se do mundo externo, e fechando suas portas externas, dirige seu olhar para dentro, quando deliberadamente fecha-se para o externo e abre-se para o interno, então se torna um vaso capaz de receber e guardar, em vez de ser apenas um canal entre os mundos interior e exterior. No silêncio obtido pela cessação dos ruídos das atividades externas, a "voz ainda fraca" do Espírito pode se fazer ouvir. e a atenção concentrada da mente expectante lhe permite captar o suave sussurro do seu Eu Interno.

A ajuda vem ainda mais nítida de fora e de dentro quando a prece é por iluminação espiritual, por crescimento espiritual. Não apenas todos os auxiliares, angélicos e humanos, avidamente procuram estimular o progresso espiritual, colhendo cada oportunidade oferecida pela alma aspirante, mas o anelo por tal crescimento libera energia de um tipo elevado, e o anelo espiritual suscita uma resposta do reino espiritual. Mais uma vez a lei de vibração simpática se impõe, e a nota de elevada aspiração é respondida por uma nota de seu próprio tipo, pela liberação de energia de seu próprio tipo, por uma vibração sincrônica consigo mesma. A Vida divina está sempre pressionando de cima contra os limites que a tolhem, e quando a força ascendente encontra aqueles limites a partir de baixo, a parede de separação é derrubada, e a Vida divina enche a Alma. Quando um homem sente o influxo de vida espiritual, ele grita: "Minha prece foi atendida, e Deus mandou Seu Espírito ao meu coração". Assim é em verdade, embora ele raramente entenda que aquele Espírito está sempre procurando entrar, mas aquele que O procura não O recebe (*João, I, 11*). "Ouvi, eu estou à porta e bato: se

algum homem ouve minha voz e abre a porta, eu entro" (*Apocalipse*, III, 20).

O princípio geral a respeito de todas as preces desta classe é que a resposta virá, da vida mais vasta de dentro e de fora, na exata proporção da submissão da personalidade e da intensidade da aspiração ascendente. Nós separamos a nós mesmos. Se acabássemos com a separação e nos fizéssemos unos com o maior, teríamos aquela luz e vida e força fluindo dentro de nós. Quando a vontade separada é desviada de seus próprios objetivos e se dispõe a servir os propósitos divinos, então a força do Divino se derrama. À medida em que um homem luta contra a corrente, ele faz pequeno progresso; mas quando nada a favor, é levado com toda a força da correnteza. Em todo departamento da Natureza as energias divinas estão atuando, e tudo que um homem faz ele o faz por meio das energias que estão atuando na linha ao longo da qual ele deseja agir; suas maiores conquistas são realizadas não por suas próprias energias, mas pela habilidade com que ele seleciona e combina as forças que o auxiliam, e neutraliza as que se opõe a ele com aquelas que lhe são favoráveis. Forças que nos carregariam como folhas no vento se tornam nossos mais eficazes servidores quando trabalhamos com elas. Então admira que na prece, assim como em tudo mais, as energias divinas se associem com o homem que, pela oração, procura trabalhar como parte do Divino?

A forma mais elevada de prece da Classe B imerge quase imperceptivelmente na Classe C, onde a prece perde seu caráter peticional e se torna ou uma meditação sobre, ou uma adoração a Deus. Meditação é a constante fixação tranqüila da mente em Deus, por onde a mente inferior é aquietada e logo deixada vacante, para que o Espírito, escapando dela, erga-se em contemplação da Perfeição divina, e reflita em si mesmo a imagem divina. "A meditação é a prece silenciosa ou não pronunciada, ou como Platão expressou: 'a ardente sintonização da Alma em direção ao Divino; não para pedir qualquer bem em particular (como no sentido comum da prece), mas pelo bem em si, pelo Bem Supremo Universal' " (H.P.Blavatsky, *Key to Theosophy*, p. 10)

Esta é a oração que, pela liberação do Espírito, é o meio de união entre homem e Deus. Pela atuação das leis do pensamento um homem se torna o que ele pensa, e quando ele medita nas perfeições divinas ele gradualmente reproduz em si mesmo aquilo onde sua mente se fixa. Uma tal mente, moldada sobre o superior e não sobre o inferior, não pode prender o Espírito, e o Espírito livre, ascendendo á sua fonte, abandona a prece na união e deixa a separatividade para trás.

O culto também, o raptó de adoração de onde está ausente todo o pedido, e que procura derramar-se em puro amor pelo Perfeito, embora fracamente percebido, é um meio - o mais fácil - de unir-se a Deus. Aqui a consciência, limitada pelo cérebro, contempla em êxtase mudo a imagem que cria d'Aquele que se sabe estar além da imaginação, e muitas vezes, raptado na intensidade de seu amor além dos limites do intelecto, o homem como um Espírito liberto voa para o alto até os reinos onde estes limites são transcendidos, e sente e sabe muito mais do que em seu retorno ele poderá contar em palavras ou cingir numa forma.

Assim o Místico contempla a Visão Beatífica; assim o Sábio descansa na calma da Sabedoria que está além do conhecimento; assim o Santo alcança a pureza onde Deus é visto. Tal prece irradia o adorador, e da montanha de tão elevada comunhão desce até os planos da Terra, com a própria carne brilhando com a glória superna, translúcida à chama que arde no interior. Feliz daqueles que conhecem a realidade que nenhuma palavra pode expressar àqueles que não a conhecem. Aqueles cujos olhos viram "o Rei em Sua formosura" (*Isaías*, XXXIII, 17) lembrarão, e vão entender.

Quando a prece é entendida assim, sua perene necessidade para todos os que acreditam na religião ficará patente, e vemos por quê esta prática tem sido tão advogada por todos os que estudam a vida superior. Pois a oração do estudante dos Mistérios Menores deveria ser dos tipo reunidos na Classe B, e ele deveria tentar se elevar até à pura meditação e adoração da última classe, evitando todos os tipos inferiores. É útil para ele neste ponto o ensinamento de Jâmblico, pois ele diz que a oração "produz uma sagrada e indissolúvel união com os Deuses", e então passa a dar alguns detalhes interessantes sobre a prece, como considerada pelo Ocultista praticante. "Pois é em si uma coisa digna de ser conhecida, e torna mais perfeita a ciência a respeito dos Deuses. Digo, portanto, que a primeira espécie de oração é Coletiva; ela também é a que guia o contato com e o conhecimento da divindade. A segunda espécie é o vínculo da Comunhão consensual, desencadeando, antes que a energia da fala, os dons concedidos pelos Deuses, e aperfeiçoando o todo de nossas operações antes do que nossas concepções intelectuais. E a terceira e mais perfeita espécie de oração é o selo da União inefável com as divindades, em quem ela estabelece todo o poder e autoridade da prece, e faz com que a alma repouse nos Deuses, como num porto infalível. Mas destes três tipos, onde todas as proporções divinas estão incluídas, a adoração suplicante não só concede a amizade dos deuses, mas supernamente oferece-nos três frutos, como se fossem os Pomos de ouro das Hespérides. O primeiro pertence à iluminação; o segundo à uma comunhão de operações, mas através da energia do terceiro recebemos um plenitude de fogo divino... Nenhuma operação, contudo, em assuntos sagrados pode ser bem-sucedida sem a intervenção da prece. Enfim, o contínuo exercício da prece nutre o vigor de nosso intelecto, e torna o receptáculo da alma muito mais capaz para as comunicações dos Deuses. Do mesmo modo é a chave divina que abre ao homem a intimidade com os Deuses; acostuma-nos aos esplêndidos rios de luz superna; em breve espaço de tempo aperfeiçoa nossos mais recônditos recessos, e os dispõe para o abraço e contato inefáveis dos Deuses; e não desiste antes que nos leve ao topo de tudo. Gradual e silenciosamente direciona para cima os modos de nossa alma, desviando-a de tudo o que é alheio à natureza divina, e reveste-nos das perfeições dos Deuses. Além disso, produz uma indissolúvel comunhão e amizade com a divindade, alimenta uma amor divino, e inflama a parte divina da alma. O que quer que haja de oposto e contrário na natureza da alma, ele o expia e purifica; expelle o que quer que seja inclinado à geração e não retém nada das escórias da mortalidade em seu espírito esplêndido e etéreo; aperfeiçoa uma esperança e fé positivas a respeito da recepção da luz divina e, em uma palavra, torna aqueles por quem é empregada os familiares da casa dos Deuses" (*On the Mysteries*, seq., V, cap. 26).

Deste estudo e prática surge um resultado inevitável, à medida em que um homem comece a entender e à medida que um panorama maior da vida se desdobre diante dele. Ele vê que pelo conhecimento sua força é muito aumentada, que há forças ao seu redor que ele pode entender e controlar, e que o seu poder está na proporção de seu conhecimento. Então ele aprende que a Divindade está escondida em si mesmo, e que nada que é passageiro pode satisfazer o Deus interior; que somente a união com o Uno, o Perfeito, pode aplacar seus desejos, e então gradualmente nasce dentro dele a vontade de alinhar-se com o Divino; ele cessa de procurar com veemência as circunstâncias passageiras, e de lançar causas novas na corrente de efeitos. Ele se reconhece como um agente antes do que como um ator, um canal antes do que uma fonte, um servo antes do que um mestre, e procura descobrir o propósito divino e trabalhar em harmonia com ele.

Quando um homem atingiu este ponto, ele se elevou acima de toda prece, exceto daquela que é meditação e adoração; ele já não tem nada pelo que pedir, neste ou em qualquer outro mundo; ele permanece em uma serenidade constante, procurando apenas servir a Deus. Este é o estado da Filiação, onde a vontade do Filho é una à vontade do Pai, onde é feita uma calma entrega, "Eis, eu venho para cumprir Tua vontade. Agrada-me fazê-lo; sim, Tua lei está em meu coração" (*Salmo XI*, 7-8). Então toda prece é vista como sendo desnecessária; todo o pedido é sentido como impertinência; nada pode ser desejado pois ainda não estará

nos propósitos daquela Vontade, e tudo será trazido à manifestação ativa à medida em que os agentes daquela Vontade se aperfeiçoarem no trabalho.

## CAPÍTULO XI

### O Perdão dos Pecados

"Eu creio... no perdão dos pecados". "Eu reconheço um batismo para a remissão dos pecados". As palavras saem facilmente da boca dos adorantes em toda igreja Cristã em todo o mundo, quando repetem os familiares credos dos Apóstolos e o Niceno. Entre os ditos de Jesus recortem amiúde as palavras: "Teus pecados te são perdoados", e é digno de nota que esta frase constantemente acompanhe o exercício de Seus poderes curadores, e a libertação de moléstias físicas e morais é assinalada como simultânea. de fato, em uma ocasião Ele indicou a cura de um parálítico como sinal de que Ele tinha direito de declarar a um homem que seus pecados haviam sido perdoados (*Lucas, V, 18-26*). Assim também foi dito a respeito de uma mulher: "Seus pecados, que são muitos, são perdoados, pois ela amou muito" (*Lucas, VII, 47*). No famoso tratado Gnóstico *Pistis Sophia*, o próprio propósito dos Mistérios é dito ser a remissão dos pecados. "Eles deve ter sido pecadores, devem ter caído em todos os pecados e iniquidades do mundo, dos quais tenho vos falado, não obstante, se se converterem e se arrependerem, e tiverem feito a renúncia que eu acabei de descrever, dai-os aos mistérios do reino da luz; não mais os oculteis deles. Foi por causa do pecado que eu trouxe estes mistérios ao mundo, para a remissão de todos os pecados que eles tiverem cometido desde o início. Por isso eu vos disse antes: 'Eu não vim para chamar os justos'. Mas por isso eu trouxe os mistérios, para que os pecados de todos os homens sejam remidos, e eles sejam levados para o reino da luz. Pois estes mistérios são a dádiva do primeiro mistério da destruição dos pecados e iniquidades de todos os pecadores" (G.R.S. Mead, loc. cit., livro II, §§ 260-261).

Nestes Mistérios a remissão dos pecados se dá pelo batismo, como no reconhecimento do Credo Niceno. Jesus diz: "Ouvi novamente, para que eu possa falar-vos a palavra da verdade, de que tipo é o mistério do batismo que resgata dos pecados... Quando um homem recebeu os mistérios do batismo, aqueles mistérios se tornam um fogo poderoso, excessivamente impetuoso, sábio, que queima todos os pecados; eles entram na alma ocultamente e devoram todos os pecados que a falsificação espiritual implantou nela". E depois de descrever mais o processo de purificação, Jesus acrescenta: "Este é o modo pelo qual os mistérios do batismo resgatam do pecado e de toda a iniquidade" (G.R.S.Mead, loc. cit., livro II, §§ 299-300).

De uma forma ou outra o "perdão dos pecados" aparece na maioria, senão em todas as religiões; e onde quer que haja este consenso de opiniões, podemos seguramente concluir, de acordo com os princípios já apresentados, que por trás existe algum fato da natureza. Acima de tudo, há uma resposta na natureza humana a esta idéia de que os pecados são perdoados; percebemos que uma pessoa sofre com a consciência de um mal cometido, e quando se limpam de seu passado e se livram das agitações do remorso, prosseguem com o coração alegre e os olhos resplandecentes, embora antes estivessem anuviados pelas trevas. Eles sentem como se um peso tivesse sido tirado de cima deles, um casaca removido. A sensação do pecado "desapareceu, e com ela o tormento da dor". Eles conhecem a primavera da alma, a palavra do poder que renova todas as coisas. Uma canção de agradecimento ressoa como efusão natural do coração, chega o tempo do canto dos pássaros, sentem "a alegria entre os Anjos". Esta experiência comum confunde uma pessoa quando passa por ela, ou a observa em outrem, e ela começa a se perguntar o que de fato ocorreu, o que produziu a mudança na consciência, cujos efeitos são tão manifestos.



Os pensadores modernos, que assimilaram integralmente a idéia das leis imutáveis por trás de todos os fenômenos, e que estudaram a atuação destas leis, são imediatamente inclinados a rejeitar toda e qualquer teoria de perdão dos pecados como sendo inconsistente com esta verdade fundamental, assim como o cientista, imbuído da idéia da inviolabilidade da lei, repele todo pensamento que é inconsistente com ela. E ambos estão certos em se basear na infalível ação da lei, pois a lei é apenas uma expressão da Natureza divina, na qual não existe variabilidade, nem sombra de desvio. Qualquer concepção sobre o perdão dos pecados que possamos adotar não deve contrapor-se com esta idéia fundamental, tão necessária para a ética como para a ciência física. "A base ficaria fora do todo" se não pudéssemos nos fiar seguramente nos eternos braços da Boa Lei.

Prosseguindo em nossas investigações, somos confrontados com o fato de que os próprios Instrutores que são os que mais insistem na invariável ação da lei são também os que proclamam enfaticamente o perdão dos pecados. Certa vez Jesus disse: "De toda palavra vã que o homem pronunciar, deverá prestar contas no dia do juízo" (*Mateus*, XII, 36), e em outra: "Filho, ânimo, teus pecados te são perdoados" (*Ibid.*, IX, 2). Também no *Bhagavad-Gita* lemos constantemente das obrigações da ação, que "o mundo é obrigado pela ação" (*loc. cit.*, III, 9) e que um homem "recuperou as características de seu corpo antigo" (*Ibid.*, VI, 43) e ainda é dito que "mesmo se o maior pecador me adorar, com coração indiviso, também ele deve ser contado entre os justos" (*Ibid.*, IX, 30). Pareceria então que o que quer que se tencione significar nas Escrituras do mundo com a frase "o perdão dos pecados", isto não foi imaginado, por Aqueles que conhecem melhor a lei, para contradizer a seqüência inviolável de causa e efeito.

Se examinarmos mesmo a idéia mais crua do perdão dos pecados existente em nossos dias, descobrimos que o seu crente não quer dizer com ela que vá escapar das conseqüências dos pecados neste mundo; o bêbado, cujos pecados são perdoados no arrependimento, ainda é visto sofrer com os nervos abalados, digestão desequilibrada e com a falta de confiança demonstrada pelos outros em relação a ele. As declarações feitas a respeito do perdão, quando examinadas, são averiguadas se referir em última análise às relações entre o pecador arrependido e Deus, e às penalidades post-mortem associadas ao pecado não perdoado, dentro do credo do indivíduo, e não para escapar das conseqüências mundanas do pecado. A perda da fé na reencarnação e de uma visão sadia sobre a continuidade da vida, seja passada neste ou nos dois próximos mundo (*vide cap. VIII*) trouxe consigo várias incongruências e declarações indefensáveis, entre elas a blasfema e terrível idéia da tortura eterna da alma humana por pecados cometidos durante o breve período de uma vida passada na Terra. A fim de fugir deste pesadelo, os teólogos postularam um perdão que salvaria o pecador de seu terrível encarceramento no inferno eterno. Jamais se imaginou que ele livrasse a pessoa das conseqüências naturais dos maus atos neste mundo - exceto nas comunidades Protestantes modernas - nem foi estabelecido para libertá-la de prolongados sofrimentos purgatoriais, o resultado direto do pecado, depois da morte do corpo físico. A lei mantinha seu curso, tanto neste mundo como no purgatório, e em cada mundo a tristeza seguia as rodas do pecado, assim como as rodas seguem seu eixo. Era apenas a tortura eterna - que existia somente na imaginação turva do crente - que era anulada pelo perdão dos pecados, e podemos ir longe o bastante para sugerir que o dogmático, tendo postulado um inferno eterno como o resultado monstruoso de erros passageiros, sentiu-se compelido a providenciar uma via de escape para um destino incrível e injusto, e portanto postulou um perdão incrível e injusto. Esquemas elaborados pela especulação humana, sem levar em conta os fatos da vida, são propensos a abandonar o especulador em pântanos mentais, de onde ele só pode se safar se apontar sua mira para uma direção completamente oposta. Um inferno eterno supérfluo foi contrabalançado por um perdão supérfluo, e assim as escalas da justiça foram emparelhadas novamente. Deixando estas aberrações dos não iluminados, voltemos ao reino do

fato e da razão correta.

Quando um homem cometeu uma ação má ele ligou-se a uma tristeza, pois a planta que nasce da semente do mal é sempre a tristeza. Pode ser dito, mesmo com mais precisão, que o pecado e a tristeza são os dois lados de um mesmo ato, e não dois eventos separados. Assim como todo objeto tem dois lados, um dos quais fica oculto atrás, fora da visão, enquanto o outro está virado para a frente e à vista, igualmente cada ato tem dois lados, que não podem ser vistos ao mesmo tempo neste mundo físico. Em outras palavras, o bem e a felicidade, o mal e a tristeza, são vistos como os dois lados da mesma coisa. Isto é o que se chama karma - um termo conveniente e agora largamente empregado, originalmente Sânscrito, expressando esta conexão ou identidade, significando literalmente "ação" - e o sofrimento é chamado como o resultado kármico do erro. O resultado, o "outro lado" pode não se seguir imediatamente, pode mesmo não se desencadear nesta encarnação atual, mas cedo ou tarde aparecerá e abraçará o pecador com seus braços de dor. Porém um resultado no mundo físico, um efeito experimentado através de nossa consciência física, é a culminação de uma causa desencadeada no passado; é o fruto colhido; nele uma força particular se torna manifesta e se exaure. Esta força esteve atuando fora, sobre a mente, antes que aparecesse no corpo. Sua manifestação aguda, seu aparecimento no mundo físico é o sinal da completude de seu curso (Esta é a causa da doçura e paciência amiúde percebida no doente que é de natureza muito pura. Ele aprendeu a lição do sofrimento, e não criam mais mau karma com a impaciência debaixo do resultado do karma ruim passado, o qual então se exaure). Se em tal momento o pecador, tendo esgotado o karma de seu pecado, entra em contato com um Sábio que possa ver o passado e o presente, o visível e o invisível, este Sábio poderá discernir a terminação do karma em questão, e tendo-se completado a sentença, pode declarar livre o cativo. Este exemplo parece ter sido dado na história do homem paralítico já citada, um caso típico de muitos outros. Uma disfunção física é a última expressão do mal cometido no passado; a ação mental e moral se completa, e o sofredor é levado - por intermédio de algum Anjo, como administrador da lei - à presença de um Ser capaz de liberar a doença física pela infusão de uma energia superior. Primeiro, o Iniciado declara que os pecados do homem foram perdoados, e então justifica esta percepção com a palavra de autoridade: "Ergue-te, toma teu leito, e vai para casa". Se nenhum Ser como Jesus estivesse presente ali, a doença passaria sob o toque restaurador da Natureza, sob uma força aplicada por inteligências angélicas invisíveis, que levam a cabo neste mundo as atuações da lei kármica; quando um grande Ser está atuando, esta força é de um poder mais impositivo, e as vibrações físicas são de imediato sintonizadas na harmonia que é saúde. Todo perdão dos pecados como este podem ser chamados de declaratórios; o karma é esgotado, e um "conhecedor do karma" declara o fato. A declaração traz um alívio à mente, semelhante ao alívio experimentado por um prisioneiro quando é dada a ordem de sua libertação, sendo esta ordem tão parte da lei como a sentença original; mas o alívio do homem que sabe assim da exaustão de um karma ruim é mais agudo, pois o próprio homem não poderia definir o termo de sua ação.

É notável que estas declarações de perdão são constantemente acopladas à declaração de que o sofredor demonstrou "fé", e que sem isto nada poderia ser feito, isto é, o verdadeiro agente do final do karma é o próprio pecador. No caso da "mulher que era pecadora", as duas declarações são conjugadas: "Teus pecados te são perdoados... Tua fé te salvou; ide em paz" (*Lucas*, VII, 48-50). Esta "fé", é o despertar no homem de sua própria essência divina, procurando o oceano divino de uma essência semelhante á sua, e quando isso irrompe através da natureza inferior que o contém - assim como a água irrompe através dos torrões de terra que a recobrem - o poder assim liberado atua em toda a natureza, trazendo-a à harmonia consigo mesma. O homem só se torna cômico disto quando a crosta kármica de mal é rompida por sua força, e aquela feliz consciência de um poder dentro de si mesmo, até então desconhecido, afirmando-se assim que o mau karma se esgota, é um grande fator na alegria, alívio e nova força que seguem ao sentimos que os pecados "foram

perdoados", e que seus resultados são coisa ultrapassada.

E isto nos traz ao cerne do assunto - as mudanças que se efetuam na natureza interna de um homem, não reconhecidas por aquela parte de sua consciência que atua nos limites de seu cérebro, até que subitamente se impõe contra estes limites, vinda de aparentemente lugar nenhum, irrompendo "do nada", derramando-se de uma fonte desconhecida. Não admira que um homem, atônito com seu influxo - não sabendo nada dos mistérios de sua própria natureza, nada do "Deus interno" que é verdadeiramente ele mesmo - imagina vir de fora o que de fato vem de dentro, e, inconsciente de sua própria Divindade, imagina apenas Divindades no mundo externo a si mesmo. E esta concepção errônea é a mais fácil, porque o toque final, a vibração que destrói a concha aprisionadora, é freqüentemente a resposta da Divindade dentro de outro homem, ou dentro de algum ser super-humano, respondendo ao insistente apelo da Divindade aprisionada em si mesmo; ele às vezes reconhece a ajuda fraternal, mas não reconhece que ele mesmo, o grito de sua natureza interna, é que a chamou. Assim como uma explicação de alguém mais sábio do que nós pode tornar uma dificuldade intelectual clara em nossa mente, embora seja sempre nossa própria mente que, assim auxiliada, compreende a solução; assim como uma palavra encorajadora de alguém mais puro do que nós mesmos pode estimular-nos a um esforço moral que imaginássemos além de nosso poder, embora seja sempre nossa própria força que opere; do mesmo modo um Espírito mais elevado que o nosso, alguém mais consciente de sua própria Divindade, pode nos ajudar a desdobrar nossa própria energia divina, embora seja este mesmo desdobramento o que nos eleva a um plano superior. Somos todos obrigados por laços de ajuda fraterna para com aqueles acima de nós, e por que deveríamos nós, que tão amiúde nos encontramos em condições de ajudar em seu desenvolvimento almas menos avançadas do que nós mesmos, hesitaremos em admitir que podemos receber ajuda similar d'Aqueles acima de nós, e que nosso progresso pode ser tornado muito mais rápido com Sua ajuda?

Porém entre as mudanças que ocorrem na natureza interna de um homem, desconhecidas de sua consciência inferior, estão aquelas que tem a ver com o desenvolvimento de sua vontade. O Ego, vislumbrando seu passado, avaliando seu resultado, sofrendo por seus erros, determina uma mudança de atitude, uma mudança de atividade. Enquanto seu veículo inferior está sujeito a seus impulsos anteriores, jogando-se me linhas de ação que o levam a colisões frontais com a lei, o Ego determina um curso oposto de conduta. Até então o Ego havia voltado sua face desejosa para o animal, os prazeres do mundo inferior o mantiveram acorrentado. Mas agora ele volta sua face para a verdadeira meta da evolução, e determina-se a trabalhar por alegrias mais elevadas. Ele vê que todo o mundo está evoluindo, e que se ele se colocar contra esta poderosa corrente ela o arrojará de lado, ferindo-o gravemente no processo; ele vê que se ele se colocar a favor dela, ela o levará em seu seio e o deixará no céu desejado.

Então ele resolve mudar de vida, e volta decididamente sobre seus passos, e mira o outro caminho. O Primeiro resultado do esforço de voltar sua natureza inferior para o curso alterado é muita aflição e perturbações. Os hábitos formados sob os impactos de antigas concepções resiste bravamente aos impulsos que fluem das novas, e se ergue um acerbo conflito. Gradualmente a consciência que opera no cérebro aceita a decisão feita nos planos superiores e então "se torna consciente do pecado" pelo próprio reconhecimento da lei. A sensação de erro se aprofunda, e o remorso se apodera da mente; são feitos esforços espasmódicos em direção à melhora, e, frustrados por antigos hábitos, falham repetidamente, até que o homem, assolado pela dor do passado, pelo desespero do presente, é jogado em um acabrunhamento desesperançado. Enfim, o sofrimento sempre crescente extrai do Ego um grito por socorro, respondido pelas profundezas internas de sua própria natureza, pelo Deus que está tanto dentro como fora dele, a Vida de sua vida.

Mas esta mudança de atividade significa que ele desvia sua face das sombras, que ele volta seu rosto para a luz. A luz esteve sempre lá, mas ele lhe dava as costas; agora ele vê o sol, e sua radiância encoraja seus olhos, e inunda seu ser de deleite. Seu coração estava fechado; agora ele se escancara, e o oceano de vida aflui, com maré cheia, inundando-o de alegria. Onda após onda de vida nova o ergue, e a felicidade da aurora o rodeia. Ele vê seu passado como passado, porque sua vontade se firmou a seguir um caminho superior, e ele pouco se amofina com os sofrimentos que o passado ainda pode lhe impor, uma vez que ele sabe que doravante não prosseguirá com tão amargo legado. Esta sensação de paz, de alegria, de liberdade, é o sentimento descrito como o resultado do perdão dos pecados. Os obstáculos erguidos pela natureza inferior entre o Deus interno e o Deus externo são derrubados, e aquela natureza mal reconhece que a mudança é em si mesma e não na Alma superior. Como uma criança, tendo largado da mão materna orientadora e escondido seu rosto contra a parede, pode fantasiar a si mesma sozinha e esquecida, até que, voltando-se com um grito, se encontra entre os braços protetores da mãe que jamais esteve mais do que um braço longe, do mesmo modo um homem rejeita com seu voluntarismo os braços escudantes da divina Mãe dos mundos, só para descobrir, quando volta seu rosto, que jamais esteve fora de seu escudo protetor, e que onde quer que possa ir aquele amor guardião ainda está em seu redor.

A chave para esta mudança no homem, que acarreta o "perdão", é dada no verso do *Bhagavad-Gita* já citado em parte: "Mesmo se o maior dos pecadores me adorar, com o coração indiviso, ele deve ser contado entre os justos, pois decidiu-se corretamente". Desta resolução correta segue-se o inevitável resultado: "Logo ele se torna obediente e se encaminha para a paz" (loc. cit., IX, 31). A essência do pecado está na asserção da vontade da parte contra a vontade do todo, do humano contra o Divino. Quando isto é alterado, quando o Ego coloca sua vontade separada em união com a vontade que trabalha para a evolução, então, no mundo onde querer é realizar, no mundo onde os efeitos são vistos tão presentes como as causas, o homem "é contado entre os justos"; os efeitos nos planos inferiores deve se seguir inevitavelmente; "logo ele se torna obediente" na ação, tendo já se tornado obediente na vontade. Aqui nós julgamos pelas ações, as folhas mortas do passado; lá eles julgam pelas vontades, as sementes germinantes do futuro. Por isso Cristo sempre diz para os homens no mundo inferior: "Não julgueis" (*Mateus*, VII, 1).

Mesmo depois de a nova direção ser definitivamente seguida, e se tornado o hábito normal da vida, sobrevêm tempos de falha, mencionados no *Pistis Sophia*, quando Jesus é perguntado se um homem poderia novamente ser admitido nos Mistérios, depois de ter fracassado, se ele se arrepender. A resposta de Jesus é afirmativa, mas assinala que chega uma hora em que a readmissão está além do poder de tudo, exceto do Mistério mais elevado, que sempre perdoa. "Amen, amen, digo-vos, quem receber os mistérios do primeiro mistério, e então der as costas e transgredir até doze vezes, e então se arrepender doze vezes, oferecendo preces nos mistérios do primeiro mistério, será perdoado. Mas se ele transgredir mais de doze vezes, se der as costas e transgredir, não mais será perdoado de modo que possa voltar ao seu mistério, qualquer que seja. Para ele não há meios de arrependimento a menos que tenha recebido os mistérios do inefável, que tem compaixão todas as vezes e perdoa eternamente os pecados (loc. cit., livro II, § 305). Estas recuperações depois de falhas, nas quais "os pecados são perdoados", ocorrem na vida humana, especialmente nas fases mais elevadas da evolução. É oferecida uma oportunidade ao homem que, se aproveitada, lhe abriria novas possibilidades de crescimento. Se ele falha em aproveitá-la, é deslocado da posição que havia conseguido e que lhe possibilitara a oportunidade. Por algum tempo, para ele é bloqueado o progresso; ele deve dirigir todos os seus esforços redobrados para trilhar novamente o chão que já trilhou, para reconquistá-lo e garantir que pise em segurança onde antes escorregou. Só quando ele consegue isto ele ouvirá a gentil Voz a dizer-lhe que o passado está esgotado, a fraqueza se transformou em força, e que o portão está novamente aberto para ele passar. Aqui também o "perdão" é apenas a declaração, por uma autoridade capacitada, a respeito

do real estado das coisas, a abertura da porta para o competente, e seu fechamento para o incompetente. Onde ocorreu um fracasso, com seu conseqüente sofrimento, esta declaração seria sentida como um "batismo para a remissão dos pecados", readmitindo o aspirante em um privilégio perdido por seus próprios atos; isto sem dúvida daria margem a sentimentos de alegria e paz, a um alívio do peso da tristeza, a um sentimento de que as cadeias do passado enfim se soltaram dos pés.

Uma verdade permanece, que jamais deveria ser esquecida: que estamos vivendo em meio a um oceano de luz, amor, felicidade, que nos rodeia todo o tempo, a Vida de Deus. Assim como o sol enche a Terra com sua radiância, igualmente aquela Luz ilumina tudo, só que aquele Sol jamais se põe em nenhuma parte dela. Nós bloqueamos aquela luz de nossa consciência por nosso egoísmo, nossa falta de sentimentos, nossa impureza, nossa intolerância, mas ela brilha sobre nós sempre imutável, banhando-nos de todos os lados, pressionando contra nossas paredes autoconstruídas com persistência gentil e poderosa. Quando a alma derruba estas paredes isolantes, a luz entra, e a alma encontra-se inundada de luz solar, respirando o bendito ar do Céu. "Pois o Filho do homem está no Céu", embora não o saibamos, e sua brisa refresca suas sobancelhas se ele as descobrir ao seu sopro. Deus sempre respeita a individualidade humana, e não entrará em sua consciência antes que esta consciência se abra em boas-vindas; "Ouvi, eu estou à porta e bato" (*Apocalipse*, III, 20) é a atitude de toda Inteligência espiritual com relação à alma humana em desenvolvimento; esta espera de a porta se abrir não está baseada em falta de simpatia, mas em uma profunda sabedoria.

O homem não deve ser compelido; ele deve ser livre. Ele não é um escravo, mas um Deus em formação, e o crescimento não pode ser forçado, mas deve ser desejado a partir de dentro. Somente quando a vontade concorda, como ensina Giordano Bruno, Deus irá influenciar o homem, embora Ele esteja "presente em toda parte, e pronto para vir em auxílio de quem quer que se volte para Ele através de um ato de inteligência, e que se ofereça sem reservas com o amor da vontade" (Giordano Bruno, *The heroic enthusiasts*, vol. I, p. 133; trad. por L. Williamson). "A potência divina que existe em tudo não oferece nem recusa, exceto através da assimilação ou rejeição de alguém" (Ibid., vol II, pp. 27-28). "Mas entra rapidamente, como a luz solar, e se faz presente para quem quer que se volte para ela e se abra... as janelas são abertas, e o sol entra num instante, e neste caso ocorre de modo semelhante" (Ibid., pp. 102-103).

A sensação do "perdão", assim, é o sentimento que enche o coração de alegria quando a vontade é sintonizada na harmonia com o Divino, quando, tendo a alma aberto suas janelas, o brilho solar do amor e luz e felicidade penetra, quando a parte sente sua unidade com o todo, e a Vida Única vibra em cada veia. Esta é a nobre verdade que dá vitalidade até mesmo à mais crua concepção do "perdão dos pecados", que a torna muitas vezes, a despeito de sua incompletude intelectual, uma inspiração para uma vida pura espiritual. E esta é a verdade, como apresentada nos Mistérios Menores.

## CAPÍTULO XII

### Os Sacramentos

Em todas as religiões existem certos cerimoniais, ou ritos, que são considerados de importância vital pelos crentes na religião, e que são acreditados como conferidores de certos benefícios àqueles que tomam parte neles. A palavra Sacramento, ou algum termo equivalente, tem sido aplicada a estes cerimoniais, e eles têm sempre o mesmo caráter. Tem sido feito pouca exposição de sua natureza e significado, mas este é outro dos

assuntos explicados antigamente nos Mistérios Menores.

A característica peculiar de um Sacramento reside em duas de suas propriedades. Primeiro, há a cerimônia exotérica, que é uma alegoria figurada, uma representação de algo através de ações e materiais - não uma alegoria verbal, um ensinamento dado em palavras veiculando uma verdade, mas uma representação encenada, sendo determinadas coisas materiais usadas de um modo específico. O objetivo, na escolha destes materiais, e buscado nas cerimônias que são acompanhadas de sua manipulação, é representar, como numa pintura, alguma verdade que se deseja imprimir nas mentes das pessoas presentes. Esta é a primeira e mais óbvia propriedade de um Sacramento, diferenciando-o de outras formas de culto e meditação. Ele apela para aqueles que, sem estas imagens, falhariam em captar uma verdade sutil, e lhes mostra de uma forma vívida e plástica a verdade que de outro modo lhes escaparia. Todo Sacramento, quando é estudado, deveria ser tomado sob o ponto de vista de que é uma alegoria figurada; depois, as coisas essenciais a ser estudadas serão: os objetos materiais que entram na alegoria, o método pelo qual são empregados, e o significado que o todo é planejado para veicular.

A segunda propriedade característica de um Sacramento pertence aos fatos dos mundos invisíveis, e é estudada pela ciência oculta. A pessoa que oficia no Sacramento deveria possuir este conhecimento, pois um pouco, embora não todo, do poder operativo do Sacramento depende do conhecimento do oficiante. Um Sacramento liga o mundo material com as regiões sutis e invisíveis às quais este mundo está relacionado; é um elo entre o visível e o invisível. E não só é um elo entre este mundo e outros mundos, mas também é um método pelo qual as energias do mundo invisível são transmutadas em ação no físico, e um método real de mudar energias de um tipo em energias de outro tipo, como literalmente na célula galvânica as energias químicas são transformadas em elétricas. A essência de todas as energias é uma e a mesma, seja nos mundos visível ou invisível; mas as energias diferem de acordo com os graus de matéria através dos quais se manifestam. Um Sacramento serve como um tipo de encruzilhada na qual tem lugar a alquimia espiritual. Uma energia colocada nesta encruzilhada e sujeita a certas manipulações segue adiante diferente em expressão. Assim uma energia de um tipo sutil, pertencendo a uma das regiões superiores do universo, pode ser trazida a uma relação direta com as pessoas vivendo no mundo físico, e pode ser posta a afetá-las no mundo físico, assim como em sua própria região; o Sacramento forma a última ponte do invisível ao visível, e possibilita às energias serem diretamente aplicadas naqueles que preenchem os requisitos necessários e tomam parte no Sacramento.

Os Sacramentos da Igreja Cristã perderam muito de sua dignidade e do reconhecimento de seu poder oculto entre aqueles que se separaram da Igreja Católica Romana na época da "Reforma". A separação prévia entre Ocidente e Oriente, deixando de um lado a Igreja Ortodoxa Grega e de outro a Igreja Romana, de modo algum afetou a fé nos Sacramentos. Eles permaneceram nas duas grandes comunidades como elos reconhecidos entre o visível e o invisível, e santificam a vida do fiel do berço até a tumba. Os Sete Sacramentos do Cristianismo cobrem toda a vida, desde as boas-vindas do Batismo até o adeus da Extrema-Unção. Eles foram estabelecidos por Ocultistas, por homens que conheciam os mundos invisíveis; e os materiais usados, as palavras ditas, os sinais feitos, foram todos deliberadamente escolhidos e arranjados com o intuito de produzir certos resultados.

No tempo da Reforma, as Igrejas separatistas que se livraram do jugo de Roma não foram guiadas por Ocultistas, mas por homens comuns do mundo, alguns bons e outros maus, mas todos profundamente ignorantes dos fatos dos mundos invisíveis, e conscientes apenas da casca externa do Cristianismo, seus dogmas literais e culto exotérico. A conseqüência disto foi que os Sacramentos perderam seu lugar supremo

no culto Cristão, e na maioria das comunidades Protestantes foram reduzidos a dois, o Batismo e a Eucaristia.

A natureza sacramental dos outros não foi negada explicitamente nas mais importantes das Igrejas dissidentes, mas os dois foram separados dos cinco como sendo universalmente obrigatórios, nos quais todo membro deveria tomar parte a fim de ser reconhecido como um membro pleno.

A definição geral de Sacramento é dada muito precisamente, a não ser por algumas palavras supérfluas, "ordenadas pelo próprio Cristo", no Catecismo da Igreja da Inglaterra, e mesmo estas palavras poderiam ser mantidas se se desse o sentido místico à palavra "Cristo". Lá se diz que um Sacramento é "Um sinal externo e visível de uma graça interna e invisível dada a nós, ordenada pelo próprio Cristo, como um meio pelo qual a recebemos e como uma súplica para que a mesma nos seja confirmada daí em diante"

Nesta definição temos registradas as duas características de um Sacramento como apresentamos antes. O "sinal externo e visível" é a alegoria figurada, e a frase "um meio pelo qual recebemos a graça interna e espiritual" cobre a segunda propriedade. Esta última frase deveria ser cuidadosamente notada por aqueles membros das Igrejas Protestantes que consideram os Sacramentos como meras fórmulas e cerimônias externas. Pois ela afirma nitidamente que o Sacramento é realmente um meio por onde a graça é veiculada, implicando assim que sem ele a graça não se transmite do mesmo modo do mundo espiritual ao físico. É o reconhecimento nítido de um Sacramento em seu segundo aspecto, o de um meio por onde os poderes espirituais são trazidos à atividade na Terra.

A fim de entendermos um sacramento, é necessário que reconheçamos definitivamente a evidência de um lado oculto ou invisível na Natureza; isto é falado a respeito do lado vida da Natureza, o lado consciência, mais precisamente a mente *na* Natureza. Por trás de toda ação sacramental existe a crença de que o mundo invisível exerce uma poderosa influência sobre o visível, e para entendermos um Sacramento devemos entender algo sobre as Inteligências invisíveis que administram a Natureza. Vimos, ao estudarmos a doutrina da Trindade, que o Espírito se manifesta como o Eu trino, e que o campo para Sua manifestação é a Matéria, o lado forma da Natureza, freqüentemente considerado, e com razão, como a própria Natureza. Temos de estudar estes dois aspectos, o lado da vida e o lado da forma, a fim de entendermos um Sacramento.

Estendendo-se entre a Trindade e a humanidade existem muitos graus e hierarquias de seres invisíveis; os mais elevados são os Sete Espíritos de Deus, os Sete Fogos, ou Chamas, que ficam diante do trono de Deus (*Apocalipse*, IV, 5). Cada um deles está à testa de uma vasta hoste de Inteligências, que compartilham de Sua natureza e agem debaixo de Suas ordens; estas Inteligências também são graduadas, e existem os Tronos, as Potestades, os Principados, as Dominações, os Arcanjos e Anjos, de quem se encontra menção nos escritos dos Padres Cristãos, que eram, versados nos Mistérios. Assim, existem sete grandes hostes destes Seres, e eles representam em sua inteligência a Mente Divina na Natureza. Eles são encontrados em todas as regiões, e animam as energias da Natureza. Do ponto de vista do ocultismo não existe nenhuma força ou matéria mortas. Tanto força como matéria são vivas e ativas, e uma energia ou grupo de energias é o véu de uma Inteligência, de uma Consciência, que tem aquela energia como sua expressão externa, e a matéria na qual a energia se move fornece uma forma que a Inteligência guia ou anima. A menos que um homem possa olhar a Natureza desta forma todo ensinamento esotérico lhe será como um livro fechado. Sem estas Vidas angélicas, estas incontáveis Inteligências invisíveis, estas Consciências que animam a força e a matéria (a frase "força e matéria" é usada como na ciência. Mas força é uma das propriedades da matéria, aquela chamada de Movimento. Vide ante, p. 228), a qual é a Natureza, a própria Natureza permaneceria não

só ininteligível, mas também fora de relação tanto com a Vida divina que se move dentro e em torno dela, como com as vidas humanas que estão se desenvolvendo em seu meio. Estes inumeráveis Anjos unem os mundos; eles mesmos estão evoluindo enquanto ajudam na evolução de seres inferiores a si mesmos, e é lançada uma nova luz sobre a evolução quando vemos que os homens formam graus nestas hierarquias de seres inteligentes. Estes Anjos são os "Filhos de Deus" de uma geração anterior à nossa, e que "gritaram de alegria" (Jó, XXXVIII, 7) quando foram lançadas as fundações da Terra em meio ao coro das Estrelas da Manhã.

Outros seres estão abaixo de nós na evolução - animais, plantas, minerais e vidas elementais - assim como os Anjos estão acima de nós; e à medida que estudamos, desponta sobre nós uma concepção de uma vasta Roda da Vida, de incontáveis existências, inter-relacionadas e necessárias umas para as outras, tendo o homem, como uma inteligência viva, seu próprio lugar nesta Roda. A Roda está sempre girando pela Vontade divina, e as Inteligências vivas que a constituem aprendem a cooperar com aquela Vontade, e se na ação daquelas Inteligências houvesse qualquer interrupção ou falha devido à negligência ou oposição, então a Roda emperra, rodando lentamente, e a carruagem da evolução dos mundos anda só pesadamente em seu caminho.

Estas inumeráveis vidas, acima e abaixo do homem, entram em contato com a consciência humana de maneiras muito definidas, entre elas os sons e as cores. Cada som tem uma forma no mundo invisível, e a combinação de sons cria formas complicadas (Para informação sobre as formas criadas por notas musicais consulte-se qualquer livro de ciência a respeito de Som, e também o livro ilustrado de Watts-Hughes, *Voice Figures*). Na matéria sutil daqueles mundos todos os sons são acompanhados de cores, de modo que eles dão origem a formas multifacetadas, em muitos casos extremamente belas. As vibrações dispostas no mundo invisível quando é tocada uma nota estabelecem vibrações nos mundos invisíveis, cada uma com seu caráter específico, e capaz de produzir determinados efeitos. Na comunicação com inteligências subumanas associadas ao mundo invisível inferior e ao físico, e controlando-as e dirigindo-as, os sons podem ser usados para produzir os resultados desejados, assim como uma linguagem feita de sons definidos é usada aqui. E na comunicação com Inteligências superiores são úteis certos sons, a fim de criar uma atmosfera harmoniosa, adequada para as suas atividades, e que tornam nossos próprios corpos sutis receptivos às suas influências.

Este efeito sobre os corpos sutis é uma parte importantíssima do uso oculto dos sons. Estes corpos, assim como o físico, estão em contínuo movimento vibratório, cujas vibrações se alteram ao menor pensamento ou desejo. Estas vibrações irregulares mutantes oferecem um obstáculo à qualquer nova vibração vinda de fora, e, a fim de tornar os corpos suscetíveis às influências superiores, são usados sons que reduzem as vibrações irregulares para um ritmo regular, semelhante em sua natureza ao ritmo da Inteligência que se deseja contatar. O objetivo de toda frase repetida freqüentemente é produzir isto, assim como um músico toca a mesma nota muitas vezes até que todos os instrumentos estejam afinados. Os corpos sutis devem ser afinados na nota do Ser procurado, se Sua influência há de encontrar um caminho livre através da natureza do adorador, e isto sempre foi feito pelo uso de sons. Daí que a música sempre formou uma parte integral do culto, e certas cadências definidas forma preservadas com cuidado, transmitidas de idade em idade.

Em todas as religiões existem sons de um caráter peculiar, chamados de "Palavras de Poder", consistindo de frases em uma língua particular cantada de uma forma especial; cada religião possui um estoque de tais frases, seqüências especiais de sons, agora chamadas muito genericamente de "mantras", que é o nome que se lhes dá no Oriente, onde a ciência dos mantras tem sido muito estudada e elaborada. Não é necessário que um mantra - uma seqüência de sons arranjada de um modo particular para produzir um resultado definido



- deva estar em qualquer linguagem em especial. Qualquer língua pode ser usada para este propósito, embora algumas sejam mais adequadas que outras, desde que a pessoa que cria os mantras possua o conhecimento oculto necessário. Há centenas de mantras na língua Sânscrita, feitos por Ocultistas do passado, que estavam familiarizados com as leis dos mundos invisíveis. Estes mantras foram transmitidos de geração em geração, palavras definidas em uma seqüência definida cantadas em um modo definido. O efeito do canto é criar vibrações, e com isso formas, nos mundos físico e superfísico, e de acordo com o conhecimento e pureza do cantor o seu canto será capaz de afetar um ou outro mundo. Se seu conhecimento for vasto e profundo, se sua vontade for forte e seu coração for puro, quase não há limite para os poderes que ele poderá exercer ao usar um destes antigos mantras.

Como se disse, não é necessário que se use uma língua em especial. Eles podem ser em Sânscrito, ou em qualquer uma das línguas do mundo, nas quais homens de conhecimento os compuseram.

Esta é a razão pela qual, na Igreja Católica Romana, a língua latina é sempre usada em atos de culto importantes. Aqui ela não é usada como uma língua morta, uma língua "incompreendida pelo povo", mas como uma força viva nos mundos invisíveis. Não é usada para esconder conhecimento do povo, mas a fim de que certas vibrações possam ser estabelecidas nos mundos invisíveis que não podem sê-lo nas línguas comuns da Europa, a menos que um grande Ocultista compusesse nelas as seqüências de som necessárias. Traduzir um mantra é mudá-lo de uma "Palavra de Poder" para uma frase comum; o som sendo mudado, outras formas são criadas.

Algumas combinações de palavras latinas, com a música associada a elas no culto Cristão, provoca os mais notáveis efeitos nos mundos suprafísicos, e qualquer um que seja sensível ficará consciente de efeitos peculiares causados pelo canto de algumas das frases mais sagradas, especialmente na Missa. Efeitos vibratórios podem ser sentidos por qualquer um que se sente quieto e receptivo à medida que algumas destas frases são pronunciadas pelo sacerdote ou pelos coralistas. E ao mesmo tempo são provocados efeitos nos mundos superiores afetando diretamente os corpos sutis dos adoradores do modo acima descrito, e também chamando Inteligências naqueles mundos com um significado tão definido como as palavras endereçadas de uma pessoa para outra no plano físico, seja sob forma de prece, seja, em alguns casos, como um comando. Os sons, provocando fulgurantes formas ativas, voam através dos mundos, afetando a consciência das Inteligências que neles residem, e levando algumas delas a desempenhar os serviços definidos requeridos por aqueles que estão tomando parte no ofício da igreja.

Tais mantras formam uma parte essencial de todo Sacramento.

A outra parte essencial do Sacramento, em sua forma externa e visível, são certos gestos. Eles são chamados Sinais, Signos ou Selos - as três palavras significando o mesmo em um Sacramento. Cada sinal tem seu próprio significado especial, e marca a direção imposta sobre as forças invisíveis com as quais o oficiante está trabalhando, seja partindo de si mesmo, seja veiculadas através dele. Em qualquer caso, os sinais são necessários para produzir os resultados desejados, e constituem uma porção essencial no rito sacramental. Um tal sinal é chamado de "Sinal de Poder", assim como o mantra é uma "Palavra de Poder".

É interessante ler nas obras ocultas do passado referências a estes fatos, tão verdadeiras agora como antes. No *Livro dos Mortos Egípcio* é descrita a jornada post-mortem da Alma, e vemos como ela é parada e questionada em várias etapas desta viagem. Ela é parada e questionada pelos Guardiães do portão de cada

mundo sucessivo, e a Alma não pode passar através do Portão de seguir seu caminho a menos que saiba duas coisas: deve dizer uma palavra, a Palavra de Poder; deve fazer um sinal, o Sinal de Poder. Quando aquela Palavra é dita e aquele Sinal é feito, caem os ferrolhos do Portão, e os Guardiães se afastam para deixar a Alma passar. Um relato semelhante é dado no grande Evangelho Místico *Pistis Sophia*, mencionado antes (v. ante, pp. 118, 119 e 260). Aqui a passagem através dos mundos não é a de uma Alma liberta do corpo pela morte, mas a de uma que voluntariamente o deixou no curso da Iniciação. Existem grandes Poderes, os Poderes da Natureza, que bloqueiam seu caminho, e até que o Iniciado diga a Palavra e faça o Sinal, eles não deixarão que passe através dos portões de seus domínios. Este duplo conhecimento, então, era necessário - falar a Palavra de Poder, fazer o Sinal de Poder. Sem isso o progresso era bloqueado, e sem isso um Sacramento não é Sacramento.

Além disso, em todos os Sacramentos é, ou deveria ser, usado algum material físico (No Sacramento da Penitência as cinzas agora são omitidas, exceto em ocasiões especiais, mas não obstante elas formam parte do rito). Ele é sempre um símbolo daquilo que vai ser ganho com o Sacramento, a ponta para a natureza da "graça interior e espiritual" recebida através dele. Ele é também o meio material de veiculação da graça, não simbolicamente, mas de fato, e uma mudança sutil neste material o adapta para elevados fins.

Mas um objeto físico consiste de partículas sólidas, líquidas e gasosas, nas quais um químico o poderia separar para análise, e além do éter, que interpenetra o material mais grosseiro. Neste éter atuam energias magnéticas. Está, além disso, conectado a contrapartes de matéria sutil, nas quais atuam energias mais sutis que a magnética, mas semelhantes a ela em sua natureza e ainda mais poderosas.

Quando um objeto é magnetizado é efetuada uma mudança em sua porção etérica, os movimentos de onda são alterados e organizados, e obrigados a acompanhar os movimentos de onda do éter do magnetizador; ele assim passa a compartilhar de sua natureza, e as partículas mais densas do objeto, influenciadas pelo éter, lentamente mudam seus padrões de vibração. Se o magnetizador tem o poder de afetar também as contrapartes sutis ele as faz vibrar também em consonância à sua própria vibração.

Este é o segredo das curas magnéticas; as vibrações irregulares da pessoa doente são postas em concordância com as vibrações saudáveis do operador, tão definidamente como um objeto irregularmente oscilante pode ser posto a oscilar com regularidade com golpes regulares e repetidos. Um médico magnetizará a água e assim curará seu paciente. Ele magnetizará uma roupa, e a roupa, colocada no lugar da dor, curará. Ele usará um ímã poderoso, ou uma corrente galvânica, e restaurará a energia de um nervo. Em todos os casos o éter é posto em movimento, e com isso as partículas físicas mais densas serão afetadas.

Um resultado similar ocorre quando os materiais usados em um Sacramento são submetidos à Palavra de Poder e ao Sinal de Poder. São causadas mudanças magnéticas no éter da substância física, e as contrapartes sutis são afetadas de acordo com o conhecimento, pureza e devoção do celebrante que as magnetiza - ou, no termo religioso, os consagra. Além disso, a Palavra e o Sinal de Poder atraem à celebração os Anjos especialmente relacionados aos materiais usados e à natureza do ato executado, e eles concedem sua poderosa ajuda, derramando suas próprias energias magnéticas nas contrapartes sutis, e mesmo no éter físico, reforçando assim as energias do celebrante. Ninguém que conheça os poderes do magnetismo poderá duvidar das possibilidades de mudança nos objetos materiais como aqui apresentamos. E se um homem de ciência, que possa não ter fé no invisível, tem o poder de impregnar água com sua própria energia vital para que ela cure uma moléstia física, por que o poder de uma natureza *similar* mas superior

deveria ser negado àqueles de vida santa, de caráter nobre, de conhecimento do invisível? Aqueles que são capazes de sentir as formas superiores de magnetismo sabem muito bem que os objetos consagrados variam muito em seu poder, e que a diferença magnética é devida à variação no conhecimento, pureza e espiritualidade do sacerdote que os consagra. Alguns negam todo magnetismo vital, e rejeitariam igualmente a água benta da religião e a água magnetizada da ciência médica. Eles são coerentes, mas ignorantes. Mas os que admitem a utilidade de uma, e riem da outra, demonstram-se não sábios, mas preconceituosos, não instruídos, mas bitolados, e provam que sua falta de fé na religião limita sua inteligência, predispondo-os a rejeitar da mão da religião o que eles aceitam da mão da ciência. Acrescentaremos um pouco mais a este assunto dos "objetos sagrados" em geral no capítulo XIV.

Vemos assim que a parte exterior de um sacramento é de enorme importância. Mudanças reais são feitas nos materiais usados. Eles são transformados em veículos de energias mais elevadas do que aquelas que lhes pertencem naturalmente; pessoas que se aproximem deles, que os toquem, terão seus próprios corpos etéricos e sutis afetados pelo seu potente magnetismo, e serão postos em condições muito receptivas para com as influências superiores, sendo sintonizados em concordância com os exaltados Seres associados à Palavra e ao Sinal usados na consagração. Seres pertencendo ao mundo invisível estarão presentes durante o rito sacramental, derramando suas influências benignas e graciosas; e do mesmo modo todos os que forem dignos participantes na cerimônia - suficientemente puros e devotos para serem sintonizados pelas vibrações produzidas - verão suas emoções purificadas e estimuladas, sua espiritualidade avivada, e seus corações cheios de paz, por entrarem em tal contato estreito com as realidades invisíveis.

## CAPÍTULO XIII

### Os Sacramentos - Continuação

Agora temos que aplicar estes princípios gerais a exemplos concretos, para vermos como eles explicam e justificam os ritos sacramentais encontrados em todas as religiões.

Será suficiente se tomarmos três exemplos dentre os Sete Sacramentos usados na Igreja Católica. Dois são reconhecidos como obrigatórios por todos os Cristãos, embora certos Protestantes extremistas neguem seu caráter sacramental, dando-lhes um valor declaratório e mnemônico apenas, em vez de sacramental; mas mesmo entre eles o coração da verdadeira devoção ganha algo da bênção sacramental que a cabeça nega. O terceiro não é reconhecido nem nominalmente como um Sacramento pelas Igrejas Protestantes, embora ele apresente os sinais essenciais de um Sacramento, como apresentado na definição do já citado Catecismo da Igreja da Inglaterra. O primeiro é o do Batismo; o segundo o da Eucaristia; o terceiro é o do Matrimônio. A colocação do Matrimônio fora da dignidade de Sacramento tem degradado muito seu elevado ideal, e tem levado a muito do afrouxamento de seu laço, o que os homens esclarecidos deploram.

O Sacramento do Batismo é encontrado em todas as religiões, não só na entrada na vida terrena, mas mais geralmente como uma cerimônia de purificação. A cerimônia que admite o recém-nascido - ou o adulto - numa religião tem um borrifar de água como parte essencial do rito, e isto era tão universal nos dias de antanho como o é hoje. O Rev. Dr. Giles assinala: "A idéia de se usar água como emblema da purificação espiritual é tão óbvia que não nos surpreendemos da antigüidade deste rito. O Dr. Hyde, em seu tratado sobre a *Religion of the Ancient Persians*, cap. XXXIV, p. 406, conta-nos que ele prevaleceu entre aquele povo. Eles não usam a circuncisão para as suas crianças, mas apenas o batismo, ou lavagem para a purificação da alma. Eles

levam a criança ao sacerdote no templo, e colocam-na defronte ao sol e ao fogo, e quando a cerimônia se encerra eles olham para a criança como estando mais sagrada do que antes. Lord diz que eles trazem a água para este propósito na casca do Azevinho; esta árvore é de fato o Haum dos Magos, do qual falamos antes em outra ocasião. Algumas vezes também isto é feito de outra forma, imergindo a criança em uma grande recipiente com água, como nos conta Tavernier. Depois desta lavagem, ou batismo, o sacerdote impõe á criança o nome dado pelos pais" (*Christian Records*, p. 129). Poucas semanas depois do nascimento de uma criança Hindu se celebra uma cerimônia, parte da qual consiste em borrifar a criança com água - tal borrifamento entra em todo o culto Hindu. Willimason cita autoridades confirmando a prática do Batismo no Egito, Pérsia, Tibete, Mongólia, México, Peru, Grécia, Roma, Escandinávia e entre os Druidas (*The Great Law*, pp. 161-166). Algumas das preces citadas são muito belas: "Eu rezo para que esta água celestial, azul e azul clara, possa entrar em teu corpo e ali viver. Eu rezo para que ela possa destruir em ti todas as coisas malignas e adversas que te foram dadas antes do início do mundo". "Oh criança, recebe a água do Senhor do mundo, o qual é a nossa vida: ela é para limpar e para purificar; possam estas gotas remover o pecado que te foi imposto antes da criação do mundo, uma vez que todos nós estamos sob o seu jugo".

Tertuliano menciona o mesmo uso geral do Batismo entre as nações não-Cristãs em uma passagem já citada, e outros Padres da Igreja também se referem a isto.

Na maioria das comunidades religiosas uma forma menor do Batismo acompanha todas as cerimônias, sendo usada água como símbolo de purificação, sendo a idéia de que nenhum homem deveria entrar no culto antes que purificasse seu coração e consciência, sendo que a lavagem externa simbolizava a lustração interior. Nas Igrejas Grega e Romana é colocado um pequeno receptáculo para água benta perto de cada porta, e todo fiel que entra toca nela, fazendo com ela em si mesmo o sinal da cruz antes de seguir em direção ao altar. Sobre isto Robert Taylor assinala: "As fontes batismais em nossas igrejas Protestantes, e não precisamos dizer mais especificamente as pequenas cisternas na entrada de nossas capelas Católicas, não são imitações, mas uma continuação jamais interrompida da mesma *acqua minaria*, ou *amula*, que o erudito Montfaucon, em sua *Antiquities*, demonstra terem sido vasos de água santificada, que eram colocados pelos pagãos na entrada de seus templos para borrifarem a si mesmos ao entrarem naqueles edifícios sagrados" (*Diegesis*, p. 219).

Seja no Batismo da recepção inicial na Igreja, ou nestas lustrações menores, o agente material empregado é a água, o grande fluido limpador na Natureza, e portanto o melhor símbolo para a purificação. Sobre esta água é pronunciado um mantra, no ritual inglês representado pela oração "Santifica esta água para a mística limpeza do pecado", concluindo com a fórmula "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amen". Esta é a Palavra de Poder, e ela é acompanhada pelo Sinal de Poder, o Sinal da Cruz executado sobre a superfície da água.

A Palavra e o Sinal dão à água, como se explicou antes, uma propriedade que antes ela não possuía, e corretamente é chamada de "água benta". Os poderes das trevas não se aproximam dela; borrifada sobre o corpo dá uma sensação de paz, e transmite nova vida espiritual. Quando uma criança é batizada, a energia espiritual dada pela água pela Palavra e pelo Sinal fortalecem a vida espiritual na criança, e então a Palavra de Poder é dita novamente, desta vez sobre a criança, e o Sinal é traçado sobre sua testa, e nos seus corpos sutis são sentidas as vibrações, e os apelos para que seja guardada a vida assim santificada ecoam nos mundos invisíveis; pois este Sinal é ao mesmo tempo purificador e protetor - purificador pela vida que é derramada através dele, protetor pelas vibrações que suscita nos corpos sutis. Estas vibrações formam um muro protetor contra os ataques de influências hostis nos mundos invisíveis, e toda a vez que a Palavra é pronunciada e feito o Sinal, a energia é renovada, as vibrações são reforçadas, ambas sendo reconhecidas

como potentes nos mundos invisíveis, e trazendo auxílio para o operador.

Na Igreja primitiva, o Batismo era precedido de uma preparação muito cuidadosa, sendo aqueles admitidos à Igreja principalmente conversos de outros credos. Um converso passava por três estágios definidos de instrução, ficando em cada estágio até que tivesse dominado seus ensinamentos, e então era admitido na Igreja pelo Batismo. Sé depois que lhe era ensinado o Credo, que não se encontrava por escrito, nem mesmo era repetido na presença dos não-crentes; Isto seria então como um sinal de reconhecimento, e como uma prova da posição do homem que era capaz de recitá-lo, mostrando que ele era um membro batizado da Igreja. O quão verdadeiramente naqueles dias se acreditava na graça veiculada pelo Batismo é demonstrado pelo costume que se propagou do Batismo no leito de morte. Acreditando na realidade do Batismo, homens e mulheres, que não queriam abandonar seus prazeres ou manter suas vidas livres de mancha, protelavam o rito do Batismo até que a mão da Morte estava sobre eles, de modo que poderiam se beneficiar da graça sacramental e passar pelo portão da Morte puros e limpos, cheios de energia espiritual. Contra este abuso lutaram alguns Padres da Igreja, e com eficácia. Existe uma original história contada por um deles, acho que por Santo Atanásio, que era um homem de uma verve cáustica, não avesso ao uso do humor para fazer seus ouvintes entenderem a ocasional tolice ou perversidade de seu comportamento. Ele contou à sua congregação que ele havia tido uma visão, e que havia ido até a porta do céu, onde estava São Pedro como Porteiro. Ele não deu nem um sorriso de boas-vindas ao visitante, mas demonstrou declarado aborrecimento. "Atanásio", disse ele, "por que está sempre me enviando estas sacolas vazias, cuidadosamente seladas, com nada por dentro?" Este é um dos penetrantes ditados que encontramos na antigüidade Cristã, quando estas coisas eram reais para os homens Cristãos, e não meras formalidades, como hoje em dia tão amiúde se tornaram.

O costume do Batismo infantil gradualmente cresceu na Igreja, e daí a instrução que antigamente precedia o Batismo passou a ser a preparação da Confirmação, quando a mente e a inteligência despertas se erguem e confirmam as promessas batismais. A recepção do infante na Igreja é vista como sendo efetuada corretamente quando a vida do homem é reconhecida como ocorrendo nos três mundos, e quando o Espírito e a Alma que vieram habitar o corpo recém-nascido são sabidos não estarem mais em um estado de inconsciência e desinteligência, mas sim conscientes, inteligentes e potentes nos mundos invisíveis. É correto e justo que o "Homem Oculto no coração (*I Pedro*, III, 4) deva ser bem acolhido ao novo estágio de sua peregrinação, e que as mais auxiliadoras influências devam ser levadas a atuar no veículo que ele há de habitar, e que ele tem de moldar para seu serviço. Se os olhos dos homens estivessem abertos, como estavam os do antigo servo de Eliseu, eles ainda veriam os cavalos e as carruagens de fogo reunidas na montanha onde estava o profeta do Senhor (*II Reis*, VI, 17).

Passamos ao segundo dos Sacramentos selecionados para estudo, o do Sacrifício da Eucaristia, um símbolo do Sacrifício eterno já explanado, o sacrifício diário da Igreja Católica por todo o mundo espelhando o Sacrifício eterno pelo qual os mundos são feitos, e pelo qual são eternamente mantidos. Deve ser oferecido diariamente, assim como o seu arquétipo existe perpetuamente, e naquele ato os homens tomam parte na operação da Lei do Sacrifício, identificam-se com ele, reconhecem sua natureza obrigatória e unificante, e se associam voluntariamente nele em sua atuação nos mundos; nesta identificação, é necessário compartilhar da parte material do Sacramento, a fim de a identificação ser completa, mas muitos dos benefícios também podem ser compartilhados, e a influência que se espalha para os mundos pode ser aumentada, se os adorantes devotos se associarem ao ato mentalmente, embora não fisicamente.

Esta grande função do culto Cristão perde sua força e significado quando é considerada nada mais que uma mera comemoração de um sacrifício passado, como uma alegoria figurada sem uma verdade profunda que o anime, como uma partilha do pão e do vinho sem uma participação no Sacrifício eterno. Vê-la assim é torná-la uma mera concha, uma imagem morte em vez de uma realidade viva. "A taça de bênção que bendizemos, não é a comunhão do sangue de Cristo?", pergunta o Apóstolo. "O pão que dividimos, não é a comunhão do corpo de Cristo?" (*I Coríntios*, X, 16). E ele prossegue para assinalar que todos os que comem de um sacrifício se tornam partícipes de uma natureza comum, e são reunidos num só corpo, que está unido a e participa da natureza do Ser que está presente no sacrifício. Aqui está envolvido um fato do mundo invisível, e ele fala com a autoridade do conhecimento. Seres invisíveis derramam sua essência nos materiais usados em qualquer rito sacramental, e aqueles que compartilham destes materiais - que são assimilados pelo corpo e passam a fazer parte de seus constituintes - são por isso unidos àqueles cuja essência está neles, e todos compartilham de uma mesma natureza. Isto é verdade até mesmo quando tomamos comida normal da mão de outrem - parte de sua natureza, de seu magnetismo vital, se mistura aos nossos; quão mais verdadeiro então quando a comida foi solene e intencionalmente impregnada com magnetismo superior, que afetará os corpos sutis assim como o físico. Se entendermos o significado e uso da Eucaristia devemos compreender estes fatos dos mundos invisíveis, e deveremos ver nela um elo entre o terreno e o celeste, bem como um ato de adoração universal, uma co-operação, uma associação, com a Lei do Sacrifício, senão ela perde grande parte de sua significância.

O emprego do pão e do vinho como materiais para este Sacramento - como o uso da água no sacramento do Batismo - é de uso muito antigo e geral. Os persas ofereciam pão e vinho para Mitra, e oferendas similares eram feitas no Tibete e na Tartária. Jeremias fala dos bolos e bebidas oferecidos à Rainha dos Céus pelos judeus no Egito, quando tomavam parte no culto Egípcio (*Jeremias*, XLIV). No Gênesis lemos que Melquisedec, o Rei-Iniciado, usou pão e vinho na bênção de Abraão (*Gênesis*, XIV, 18-19). Nos vários Mistérios gregos eram usados o pão e o vinho, e Williamson menciona seu uso também entre os mexicanos, os peruanos e os Druidas (*The Great Law*, pp. 177, 181, 185).

O pão permanece como o símbolo geral para a comida que constrói o corpo, e o vinho como símbolo do sangue, considerado como o fluido vital, "pois a vida da carne está no sangue" (*Levítico*, XVII, 11). Daí que membros de uma mesma família são ditos ser do mesmo sangue, e ser do sangue de alguém é ser seu parente. Daí também as antigas cerimônias do "pacto de sangue"; quando um estrangeiro era feito parte de uma família ou de uma tribo, algumas gotas de sangue de um membro eram infundidas em suas veias, ou ele as bebia - usualmente misturadas na água - e daí em diante ele era considerado como um membro nato da família ou tribo, como sendo do seu sangue. De modo similar, na Eucaristia os adoradores participam do pão, simbolizando o corpo, a natureza, de Cristo, e do vinho, simbolizando o sangue, a vida do Cristo, e se tornando parte da Sua família, unos com Ele.

A Palavra de Poder é a fórmula "Este é o Meu Corpo", "Este é o Meu Sangue". Isto é o que produz a mudança que logo analisaremos, e transforma os materiais em veículos para energias espirituais. O Sinal de Poder é a mão estendida sobre o pão e o vinho, e o Sinal da Cruz deveria ser feito sobre eles, embora isto não o seja sempre entre os Protestantes. Esta é são as partes externas essenciais do Sacramento da Eucaristia.

É importante entendermos a mudança que tem lugar neste Sacramento, pois ela é mais do que a magnetização previamente explicada, embora ela também ocorra. Temos aqui um exemplo particular de uma lei geral.

Pelo ocultista, uma coisa física é considerada como a expressão última, física, de uma verdade invisível. Tudo é uma expressão física de um pensamento. Um objeto não passa de uma idéia externalizada e densificada. Todos os objetos no mundo são idéias Divinas expressas na matéria física. Sendo assim, a realidade do objeto não está em sua forma exterior, mas em sua vida interna, na idéia que o modelou numa expressão de si mesma. Nos mundos superiores, sendo a matéria ali muito sutil e plástica, ela conforma-se rapidamente à idéia, e muda de forma quando o pensamento muda. À medida que a matéria se torna mais densa, mais pesada, ela muda mais lentamente, até que no mundo físico as mudanças estão em seu ponto mais lento, em consequência da resistência da matéria de que o mundo físico é composto. Mas demos tempo suficiente e mesmo esta matéria pesada muda sob a pressão da idéia animante, como pode ser visto pela gravação no rosto das expressões dos pensamentos e emoções habituais.

Esta é a verdade que subjaz àquilo que é chamado de doutrina da Transubstanciação, tão extraordinariamente mal-entendida pelos Protestantes comuns. Mas este é o destino das verdades ocultas quando são apresentadas ao ignorante. A "substância" que é alterada é a idéia que faz uma coisa ser o que é; "pão" não é meramente farinha e água; a idéia que governa a mistura, a manipulação da farinha e da água, esta é a "substância" que o faz ser "pão", e a farinha e água são o que se chama tecnicamente de "acidentes", os arranjos de matéria que são forma à idéia. Com uma idéia, ou substância, diferente, a farinha e a água tomariam uma forma diferente, como o fazem quando são assimiladas pelo corpo. Assim também os químicos descobriram que o mesmo tipo e o mesmo número de átomos químicos pode ser arranjado em diferentes maneiras e se tornar assim coisas inteiramente distintas em suas propriedades, embora os materiais não tenham sido mudados; estes "compostos isométricos" estão entre as descobertas mais interessantes da química moderna; o arranjo de átomos similares sob idéias diferentes produz corpos diferentes.

O que, então, é esta mudança de substância nos materiais usados na Eucaristia? A idéia que faz o objeto foi mudada; em seu estado normal o pão e o vinho são alimentos, expressivos das idéias divinas de objetos nutritivos, objetos adequados à construção dos corpos. A Idéia nova é a da natureza e vida de Cristo, adequada para a construção da natureza e vida espirituais do homem. esta é a mudança de substância; o objeto permanece inalterado em seus "acidentes", seu material físico, mas a matéria sutil associada a ele mudou sob a pressão da idéia alterada, e por esta mudança novas propriedades são lhe comunicadas. Elas afetam os corpos sutis dos participantes, e os sintonizam na natureza e vida do Cristo. Da "dignidade" do participante depende a extensão em que ele poderá ser sintonizado.

O participante indigno, sujeito ao mesmo processo, afetado adversamente por ele, pois sua natureza, resistindo à pressão, é forçada e rendida por forças a que não é capaz de responder, assim como um objeto pode ser despedaçado por vibrações que é incapaz de reproduzir.

O participante digno, então, se torna uno com o Sacrifício, com o Cristo, e assim se torna sintonizado e uno com a Vida divina, a qual é o Pai de Cristo. Pois que o ato do Sacrifício no lado da forma é a entrega da vida que separa dos outros para se tornar parte de uma Vida comum, é o oferecimento de um canal separado como um canal da Vida única, de modo que naquela entrega o sacrificador se torna uno com deus. É a entrega do próprio inferior para se tornar parte do superior, é a entrega do corpo como um instrumento da vontade separada para se tornar um instrumento da Vontade divina, é a apresentação dos "corpos (dos homens) como um sacrifício vivo, santo, aceitável por Deus" (*I Romanos*, XII, 1). Deste modo tem sido ensinado verdadeiramente na Igreja que aqueles que corretamente tomam parte na Eucaristia desfrutam de

uma participação na vida Crística derramada para os homens. A transmutação do inferior no superior é o objetivo deste Sacramento, assim como de todos. A mudança da força inferior por sua união com a superior é o que é buscado por aqueles que nela participam; e aqueles que conhecem a verdade interna, e compreendem o fato da vida superior, podem, em qualquer religião, através de seus sacramentos, entrar em contato mais pleno e completo com a Vida divina que sustém os mundos, se eles levam ao rito a atitude receptiva, o ato de fé, o coração aberto, que são necessários para a possibilidade do Sacramento ser realizado.

O sacramento do Matrimônio apresenta as marcas de um Sacramento tão clara e definitivamente como o Batismo e a Eucaristia. Tanto os sinais externos como a graça interna estão presentes aqui. O material é o Anel - o círculo que é símbolo do eterno. A Palavra de Poder é a antiga fórmula "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo". O Sinal de Poder é a união das mãos, simbolizando a união das vidas. Isto constitui os elementos exteriores do Sacramento.

A graça interior é a união de mente com mente, de coração com coração, que torna possível a união do espírito, sem a qual o Matrimônio não é Matrimônio, mas uma temporária conjunção de corpos. O dar e o receber do anel, a pronúncia da fórmula, a união das mãos, formam uma alegoria figurada; se a graça interna não for recebida, se os participantes não se abrirem a ela com o desejo de união de todas suas naturezas, para eles o Sacramento perde suas propriedades benéficas, e se torna uma mera formalidade.

Mas o Matrimônio tem um significado ainda mais profundo; as religiões a uma só voz o têm proclamado ser a imagem na Terra da união entre o terreno e o celeste, a união entre Deus e o homem. E mesmo aqui seu significado não se esgotou, pois ele é a imagem da relação entre o Espírito e a Matéria, entre a Trindade e o Universo. Tão profundo e abrangente é o significado da união de um homem e uma mulher no Matrimônio.

Daí que o homem representa o Espírito, a Trindade da Vida, e a mulher representa a Matéria, a Trindade do material formativo. Um dá vida, a outra a recebe e nutre. Eles são complementares entre si, duas metades inseparáveis de um todo, não existindo separados. Como Espírito implica em Matéria e Matéria em espírito, assim o esposo implica a esposa e a esposa o esposo. Como a Existência abstrata se manifesta em dois aspectos, como a dualidade de Espírito e Matéria, nenhum independente do outro, mas cada um vindo à manifestação com o outro, também a humanidade se manifesta em dois aspectos - esposo e esposa, nenhum deles capaz de existir separado, e aparecem juntos. Eles não são dois, mas um, uma unidade dual. Deus e o Universo são espelhados no Matrimônio; igualmente unidos são esposo e esposa.

Foi dito acima que o Matrimônio é também uma imagem da união entre Deus e o homem, entre o Espírito universal e os Espíritos individualizados. Este simbolismo é usado em todas as grandes Escrituras do mundo - Hindu, Hebraica, Cristã. E tem sido estendido ao tomarmos o espírito individualizado como uma Nação ou uma Igreja, uma coleção de Espíritos reunidos em uma unidade. Assim Isaías declarou a Israel: "Teu Mestre é teu esposo; O Senhor dos Exércitos é Seu nome... Assim como o noivo se regozija com a noiva, assim teu Deus se regozija contigo" (*Isaías*, LXII, 5). Também São Paulo escreveu que o mistério do Matrimônio representava Cristo e a Igreja. (*Efésios*, V, 23-28).

Se pensarmos Espírito e Matéria como latentes, não-manifestos, então não vemos nenhuma produção; manifestos juntos, há evolução. Do mesmo modo, quando as metades da humanidade não se manifestam como marido e mulher, não ocorre a produção de nova vida. Mais ainda, eles deveriam estar unidos para que



possa haver um crescimento na vida de cada um, uma evolução mais ágil, um progresso mais rápido, pela metade que cada um pode dar ao outro, cada um suprindo o que falta no outro. Os dois devem ser fundidos num só, desenvolvendo as possibilidades espirituais do homem. E eles também figuram o Homem perfeito, em cuja natureza Espírito e Matéria estão completamente desenvolvidas e equilibradas, o Homem divino que une em Sua própria pessoa marido e mulher, os elementos masculino e feminino na natureza, como "Deus e Homem são um só Cristo" (*Credo de Atanásio*).

Aqueles que estudarem assim o Sacramento do Matrimônio entenderão o porquê de as religiões terem sempre considerado o Matrimônio como indissolúvel, e têm pensado que é melhor que alguns poucos pares mal-combinados devam sofrer por alguns anos do que o ideal do verdadeiro Matrimônio ser rebaixado permanentemente para todos. Uma nação deve escolher se irá adotar como seu um ideal espiritual ou um laço terreno no Matrimônio, a busca de uma unidade espiritual, ou considerá-lo uma mera união física. Um é a idéia religiosa do Matrimônio como um Sacramento; o outro é um contrato comum e rescindível. O estudante dos Mistérios Menores deve sempre ver nele um rito Sacramental.

## CAPÍTULO XIV

### Revelação

Todas as religiões conhecidas por nós são custódias de Livros Sagrados, e apelam a estes livros para a decisão sobre questões controversas. Eles sempre contêm os ensinamentos dados pelo Fundador da religião, ou por instrutores posteriores considerados possuidores de conhecimento supra-humano. Mesmo quando uma religião dá origem a muitas seitas dissidentes, cada seita adotará o Cânon Sagrado, e colocará sobre as suas palavras a interpretação que melhor se adequar à sua doutrina peculiar. Por mais longe que possam estar separados na fé o Católico Romano e o Protestante extremista, ambos apelam à mesma *Bíblia*. Por mais distantes que possam estar o Vedantino filosófico e o mais iletrado Vallabhacharya, ambos consideram os mesmos *Vedas* como supremos. Por mais ferrenhamente opostos entre si que possam ser os Shias e os Sunnis, ambos consideram sagrado o mesmo *Corão*. Controvérsias e querelas podem surgir em torno do significado dos textos, mas o Livro em si, em todos os casos, é visto com a mais profunda reverência. E assim deve ser; pois todos livros deste tipo contêm fragmentos da Revelação, selecionados por Um dos Grandes Seres a quem foi confiado; um tal fragmento é corporificado no que aqui embaixo chamamos de uma Revelação, ou uma Escritura, e parte do mundo se rejubila nele como num tesouro de enorme valor. O fragmento é escolhido de acordo com as necessidades do tempo, a capacidade das pessoas a quem é dado, o tipo de raça que se almeja instruir. Ele é dado geralmente de uma forma peculiar, na qual a história externa, ou lenda, ou canção, ou salmo, ou profecia, aparece para o leitor superficial ou ignorante como tudo o que há; mas neles são escondidos profundos significados, algumas vezes em números, outras em palavras construídas em um plano oculto - uma cifra, de fato - às vezes em símbolos, reconhecíveis pelo instruído, às vezes como alegorias escritas como se fossem história, e de muitos outros modos. Estes Livros, na verdade, têm algo do caráter sacramental em seu redor, uma forma externa e uma verdade interna. Só quem pode explicar estes significados ocultos são os que foram treinados pelos que já são versados neles; daí o ditado de São Pedro de que "nenhuma profecia da Escritura é de interpretação exclusiva" (*II Pedro*, I, 20). As elaboradas explicações dos textos da Bíblia, que abundam em volumes de literatura Patrística, parecem fantasiosas e forçadas para a mente moderna comum. O jogo com números, com letras, as interpretações aparentemente fantásticas de parágrafos que, ao lermos, constituem declarações comuns históricas de um caráter singelo, exasperam o leitor moderno, que demanda que estes fatos sejam apresentados clara e

coerentemente, e acima de tudo, exige sentir um chão sólido debaixo de seus pés. Ele absolutamente declina de seguir o vago místico aonde o que lhe parece ser um pântano incerto, em uma perseguição selvagem de fogos-fátuos tremeluzentes, que aparecem e desaparecem de acordo com caprichos confusos e irracionais. Porém estes homens que escreveram estes textos eram homens de intelecto brilhante e de juízo tranqüilo, os mestres-construtores da Igreja. E para aqueles que os lerem corretamente eles serão cheios de sugestões e indicações, e apontam muitas veredas obscuras que podem conduzir à meta do conhecimento, e que de outro modo seria perdido.

Vimos sempre que Orígenes, um dos homens mais sábios que já houve, e versado em conhecimento oculto, ensina que as Escrituras são tríplices, consistindo de um Corpo, de uma Alma e de um espírito. Ele diz que o Corpo das Escrituras é feito das palavras externas das histórias e lendas, e não hesita em dizer que elas não são literalmente verdadeiras, mas que são apenas narrativas para a instrução do ignorante. Ele vai ainda mais longe e assinala que são feitas declarações nestes livros que obviamente são falsas, a fim de que as evidentes contradições que existem na superfície possam estimular as pessoas a indagar o real significado destas relações impossíveis. Ele diz que enquanto os homens são ignorantes o Corpo lhes basta; ele transmite conhecimento, dá instrução, e eles não percebem as contradições e impossibilidades envolvidas nas declarações literais, e portanto isso não os perturba. À medida que a mente cresce e o intelecto se desenvolve, estas contradições e impossibilidades chamam a atenção, e confundem o estudante; então ele é estimulado a procura por um significado mais profundo, e começa a encontrar a Alma das Escrituras. Esta Alma é a recompensa do estudante inteligente, e ele escapa das peias da letra que mata (*II Coríntios*, III, 6). O Espírito das Escrituras só pode ser visto pelo homem espiritualmente iluminado; só aqueles em quem o Espírito está evoluído podem entender o significado espiritual: "As coisas de Deus não conhecidas por ninguém exceto pelo Espírito de Deus... coisas de que também falamos, não nas palavras que a sabedoria humana ensina, mas as ensinadas pelo Espírito Santo" (*I Coríntios*, II, 11-13).

A razão para este método de Revelação não precisa ser buscada longe; é o único meio de fazer um conhecimento ser acessível a mentes em diferentes estágios de evolução, e assim treinam não apenas aqueles a quem é imediatamente dada, mas também aqueles que, mais tarde, terão progredido além daqueles a quem a Revelação foi primeiramente feita. O homem é progressivo; o significado exterior dado há muito tempo para homens subdesenvolvidos há de ser necessariamente limitado, e a menos que algo mais profundo e mais pleno do que este significado externo esteja embutido nelas, o valor das Escrituras pereceria depois de passados poucos milênios. Enquanto que por este método de significados superpostos lhes é dado um valor perene, e homens evoluídos podem encontrar nelas tesouros ocultos, até o dia em que, possuindo o todo, já não precisem da parte.

Assim, as Bíblias do mundo são fragmentos - fragmentos da Revelação, e portanto são descritas corretamente como Revelação.

O significado mais profundo da palavra descreve a massa de ensinamentos confiada aos homens pela grande Fraternidade de Instrutores espirituais; estes ensinamentos são corporificados em livros, escritos em símbolos, e neles é dado um relato das leis cósmicas, dos princípios onde o cosmos é fundado, dos métodos pelos quais evolui, de todos os seres que o compõem, de seu passado, seu presente, seu futuro; isto é a Revelação. Este é o tesouro inestimável que os Guardiães da humanidade possuem, e do qual selecionam, de tempos em tempos, fragmentos para formar as Bíblias do mundo.

Em terceiro lugar, a Revelação mais alta, plena e melhor é a Auto-revelação da Deidade no cosmos, o desvelamento de atributo após atributo, poder após poder, beleza após beleza, em todas as formas que em sua totalidade compõem o universo. Ela mostra Seu esplendor no sol, Sua infinitude nos campos estrelados do espaço, Sua força nas montanhas, Sua pureza nos picos nevados e no ar translúcido, Sua energia nas vagas do oceano, Sua beleza na queda de uma cachoeira dentro de um lago claro e suave, na floresta fria e sombria, na planície iluminada pelo sol, Seu destemor no herói, Sua paciência no santo, Sua ternura no amor materno, Seu cuidado protetor no pai e no rei, Sua sabedoria no filósofo, Seu conhecimento no cientista, Seu poder de cura no médico, Sua justiça no juiz, Sua riqueza no comerciante, Seu poder instrutor no sacerdote, Sua indústria no artesão. Ela sussurra para nós na brisa, sorri para nós no brilho do sol, censura-nos na doença, nos estimula, ora com o sucesso e ora com o fracasso. Em toda parte e em tudo Ela nos dá vislumbres de Si mesma para nos fazer amá-La, e Se esconde para que possamos aprender a ficar sós. Reconhecer a Deidade em toda parte é a verdadeira Sabedoria; amá-La em toda parte é o verdadeiro Desejo; servi-La em toda parte é a verdadeira Ação. Esta Auto-revelação de Deus é a mais alta Revelação; todas as outras são subsidiárias e parciais.

O homem inspirado é um a quem veio algo desta Revelação pela ação direta do Espírito universal sobre o Espírito individual que é Sua prole, a qual sentiu a iluminadora influência do Espírito sobre o Espírito. Nenhum homem conhece a verdade, de modo que não pode perdê-la, nenhum homem conhece a verdade, de modo que não pode duvidar dela, antes que a Revelação tenha lhe vindo como se estivesse sozinho sobre a Terra, até que o Divino fora tenha falado ao Divino dentro, no templo do coração humano, e o homem assim conheça por si mesmo e não através de outrem.

Em um grau menor o homem é inspirado quando alguém maior que ele estimula dentro dele poderes que normalmente estão inativos, usando temporariamente seu corpo como veículo. Um tal homem iluminado, no momento de sua inspiração, pode falar de coisas que estão além de seu conhecimento, e proferir verdades até então insuspeitas. Verdades às vezes são desveladas assim através de um canal humano para o auxílio do mundo, e algum Ser maior que o que fala envia Sua vida para o veículo humano, e saem verdades dos lábios humanos; ou um grande instrutor fala com grandeza ainda maior do que o usual, tendo o Anjo do Senhor tocado seus lábios com fogo (*Isaías*, VI, 6-7). Estes são os Profetas da raça, que em certos períodos falaram com convicção irresistível, com percepção clara, com uma compreensão completa das necessidades espirituais do homem. Então as palavras vivem com vida imortal, e o que fala é em verdade um mensageiro de Deus. O homem que teve conhecimento desta forma jamais pode perder por completo a memória do conhecimento, e ele leva em seu coração uma certeza que jamais pode desaparecer inteiramente. A luz pode se desvanecer e as trevas cobri-lo; o fulgor do céu pode se apagar e as nuvens podem cercá-lo; ameaças, dúvidas, desafios podem assaltá-lo, mas dentro de si mesmo, seu coração aninha o Segredo da Paz - ele sabe, ou sabe que soube.

Esta lembrança da verdadeira inspiração, da realidade da vida oculta, foi posta em belas e verdadeiras palavras por Frederick Myers, em se afamado poema *São Paulo*. O apóstolo fala de sua própria experiência, e tenta dar expressão articulada ao que ele recorda; ele é retratado como incapaz de reproduzir inteiramente seu conhecimento, embora ele conheça e sua certeza não vacile:

"Então, mesmo eu, sedento de Sua inspiração

eu, que falei com Ele, de novo esqueço;

Sim, muitos dias suspirando e com desejo,

Ofereço a Deus paciência e sofrimento.

Então, pelo quase lamento de minha confissão,

Então por meio da angústia e da paixão de minha prece,

De repente sobressalta-me a surpresa de Sua posse,

Agita-me e me toca, e eis o Senhor.

Ah, se uma pena pudesse escrever em seu cálamo

Mene e Mene em meio às chamas,

Pensem se alguma memória poderia depois

Retratar completamente o que sucedeu ao par?

Ah, se algum estranho trovão inteligível

Cantasse à Terra o segredo de uma estrela

Mal compreenderíamos, pelo terror e pela maravilha,

Fragmentos da história que ecoaram tão longe!

Mal reúno as palavras de Sua revelação,

Mal O ouço, e menos entendo.

Só o poder que em mim ecoa

Vive em meus lábios, e move minha mão

Quem haja sentido o Espírito do Altíssimo

Não pode confundí-Lo, nem duvidar, nem negar;

Sim, numa só voz, oh mundo,

embora o negues,

Fica do Seu lado, pois ali estou.

Antes que o mundo duvide de poder recuperá-la

Derrama-se na chuva e murmura do pó;

Antes que ele, em quem a grande concepção

Incita sua alma a apressar-se para Deus.

Não, embora ali pudesses te afastar de sua glória,

Cego, atormentado, enlouquecido e solitário,

Mesmo sobre a cruz ele afirmaria sua história,

Sim, e até no Inferno sussurraria, 'eu conheci' ".

Aqueles que de alguma forma perceberam que Deus está à sua volta, neles, e em tudo, serão capazes de entender como um lugar ou um objeto pode se tornar "sagrado" por uma leve objetivação desta Presença perene e universal, de modo que se tornam capazes de sentir-Lo aqueles que normalmente não sentem a Sua onipresença. Isto é feito geralmente por algum homem altamente avançado, em quem a Divindade interior está largamente desenvolvida, e cujos corpos sutis portanto são responsivos às vibrações mais sutis da consciência. Através de ou a partir de um tal homem, energias espirituais podem ser derramadas, e elas se unirão ao seu magnetismo vital puro. Ele então pode derramá-los sobre qualquer objeto, e seus corpos de éter e de matéria mais sutil serão sintonizados nas suas vibrações, como se explicou antes, e com isso a Divindade interior pode se manifestar com mais facilidade. Estes objetos se tornam "magnetizados", e, se isso for feito de maneira poderosa, o próprio objeto se tornará um centro magnético, capaz por sua vez de magnetizar os que se aproximarem dele. Assim um corpo eletrificado por um maquinismo elétrico afetará outros corpos por perto de onde estiver colocado.

Um objeto tornado "sagrado" desta forma é um acessório muito útil para a prece e a meditação. Os corpos sutis daquele que adora são afinados nas suas elevadas vibrações, e a pessoa se aquieta, acalma e pacifica sem esforço de sua parte. Ela é posta em uma condição na qual a prece e a meditação ficam fáceis e proveitosas em vez de difíceis e estéreis, e um exercício árduo se torna deleitoso. Se o objeto for uma representação de alguma Pessoa sagrada - um Crucifixo, uma Madonna, um Anjo, um Santo - há um ganho adicional. O Ser representado, se seu magnetismo tiver sido introduzido na imagem pela Palavra e Sinal de Poder apropriados, pode reforçar aquele magnetismo com leve dispêndio de energia espiritual, e pode assim influenciar o devoto, ou mesmo mostrar-se através da imagem, o que de outra forma poderia não ser possível. Pois no mundo espiritual é observada a economia de forças, e preferivelmente será gasta uma pequena quantidade de energia onde uma grande quantidade seria evitada.

Podemos fazer uma aplicação das mesmas leis ocultas para explicar o uso de todos os objetos consagrados - relíquias, amuletos, etc. Todos são objetos magnetizados, mais ou menos poderosos, ou inúteis, de acordo

com o conhecimento, pureza e espiritualidade da pessoa que os magnetiza.

Lugares também podem ser tornado sagrados, por algum santo viver neles, cujo magnetismo puro irradiante deles sintoniza toda a atmosfera em vibrações pacificadoras. Às vezes homens santos, ou Seres dos mundos superiores, magnetizam diretamente certo local, como no caso mencionado no *Quarto Evangelho*, onde um Anjo veio em certa estação e tocou a água, dando-lhe qualidades curativas (*João*, V, 4). Em tais lugares até mesmo homens decididamente mundanos sentirão a influência bendita, e temporariamente serão suavizados e inclinados a coisas superiores. A Vida divina em cada homem está sempre tentando subjugar a forma e moldá-la numa expressão de si mesma e é fácil ver como esta Vida será auxiliada se a forma for posta em uma vibração simpática à de um Ser mais altamente evoluído, sendo os seus esforços ajudados por um poder maior. O reconhecimento externo deste efeito é uma sensação de tranqüilidade, calma e paz; a mente abandona seu burburinho incessante, e o coração sua ansiedade. Qualquer um que se observe descobrirá que certos locais são mais calmantes e inclinam à meditação, ao pensamento religioso e ao culto do que outros. Em uma sala, num edifício, onde tem havido grande quantidade de pensamentos mundanos, de conversa frívola, da mera azáfama da vida terrena comum, é muito mais difícil sossegar a mente e concentra o pensamento do que em um lugar onde o pensamento religioso foi exercitado ano após ano, século após século; lá as mentes se acalmam e devagarinho se tranqüilizam, e o que exigiria sérios esforços no primeiro lugar é feito sem dificuldade no segundo.

Esta é a razão para os lugares de peregrinação, dos retiros isolados temporários; o homem se volta para dentro para buscar a Deus em si mesmo, e é auxiliado pela atmosfera criada pela mente de outros, que antes dele buscaram o mesmo no mesmo local. Pois em um lugar destes não há somente a magnetização produzida por um único santo, ou pela visitação de algum grande Ser do mundo invisível; cada pessoa que visita o local com o coração cheio de reverência e devoção, e está sintonizada nestas vibrações, reforça aquelas vibrações com a sua própria vida, e deixa o local melhor do que ele era quando entrou. A energia magnética se dispersa lentamente, e um objeto sagrado ou local se torna gradualmente desmagnetizado se for posto de lado ou abandonado. Ele se torna mais magnetizado quando é usado ou freqüentado. Mas a presença do zombeteiro ignorante prejudica estes objetos e locais, estabelecendo vibrações antagônicas que enfraquecem aquelas lá existentes. Assim como uma onda de som pode ser bloqueada por uma outra que a anula, com o resultado de silêncio, da mesma forma as vibrações de zombaria enfraquecem ou extinguem as vibrações daqueles que são reverentes e amorosos. O efeito produzido, é claro, irá variar com a força relativa das vibrações, mas o maldoso não pode deixar de sofrer conseqüências, pois as leis da vibração são as mesmas nos mundos superiores e no físico, e vibrações de pensamentos são a expressão de energias reais.

A razão e o efeito de se consagrar igrejas, capelas, cemitérios, agora ficará aparente. O ato de consagração não é meramente a destinação pública de um local para um propósito especial; é a magnetização do local para o benefício de todos os que o freqüentam. Pois os mundos visíveis e invisíveis são inter-relacionados, entremesclados, e os invisíveis podem servir melhor o visível através de onde as energias invisíveis podem ser veiculadas.

## POSFÁCIO

Chegamos ao fim de um livro pequeno que aborda um vasto assunto, e que só levantou uma ponta do Véu que esconde a Virgem da Verdade Eterna dos olhos descuidosos dos homens. Mal vimos a barra de sua túnica, ornada de ouro, ricamente debruada de pérolas. Mas mesmo assim, à medida que ondula

suavemente, emana fragrâncias celestiais - o perfume do sândalo e da rosa dos mundos mais felizes do que o nosso. Como seria a glória inimaginável se o Véu fosse levantado e víssemos o esplendor da Face da Mãe divina, e em Seus braços a Criança que é a própria Verdade? Diante daquela Criança até o Serafim vela seu rosto; quem então dentre os mortais poderá olhar para Ele e viver?

Porém uma vez que no homem reside o Seu próprio Eu, quem impedirá a passagem pelo Véu, e a visão a descoberto "da glória do Senhor"? Da Gruta até o mais alto Céu; este é o caminho do Verbo feito Carne, conhecido como o Caminho da Cruz. Os que compartilham da humanidade compartilham também da Divindade, e podem andar onde já Ele já andou. "Aquilo que És, também sou".

## PAZ A TODOS OS SERES



Envie uma correspondência para: [mailto:contato\\_em\\_portugues@theosophical.ws](mailto:contato_em_portugues@theosophical.ws)

Este livro é uma publicação da

Canadian Theosophical Association  
(uma associação regional da Sociedade Teosófica em Adyar, Índia)  
902 - 10 Laurelcrest Street ,  
Brampton, On. Canada L6S 5Y3

Fone: 905-455-7325

Fax: 905-455-76529385

e-mail: [info@theosophical.ca](mailto:info@theosophical.ca)

website: <http://www.theosophical.ca>



BRAZIL-1920 - [ Member of the Inter-American Theosophical Federation ]

Mr Ricardo Lindemann, Section General Secretary

Sociedade Teosofica no Brazil, SGAS Quadra 603, No.20

CEP 70200-630 Brasilia (DF), Brazil

Magazine: Theosophia

e-mail: [theosofia@stb.org.br](mailto:theosofia@stb.org.br)

<http://www.stb.org.br/>

---

